

# SERMOENS

VARIOS

DO PADRE

## ANTONIO DE SÁ

da Companhia de Jesus

OFFERECIDOS

A O

ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR



# MARQUEZ DE MARIALVA

Conselheiro de Guerra, Gentilhomem da Câmara de Sua Magestade, seu Estribeiro mór, e Mestre de Campo General junto á sua Real pessoa, com o governo das Armas desta Corte, e Província da Extremadura, &c.

P O R

## MANOEL DA CONCEIÇÃO.

### LISBOA.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES  
Impressor do Emin. Senhor Card. Patriarca.

M. DCC. L.

*Com todas as licenças necessárias.*

A custa de Manoel da Conceição, Livreiro do Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca. Vendese na sua loja na rua direita do Loreto.

# ESTAMPA

30111

AS HISTÓRICAS

ESTAMPA



5/15  
10

ESTAMPA

ESTAMPA

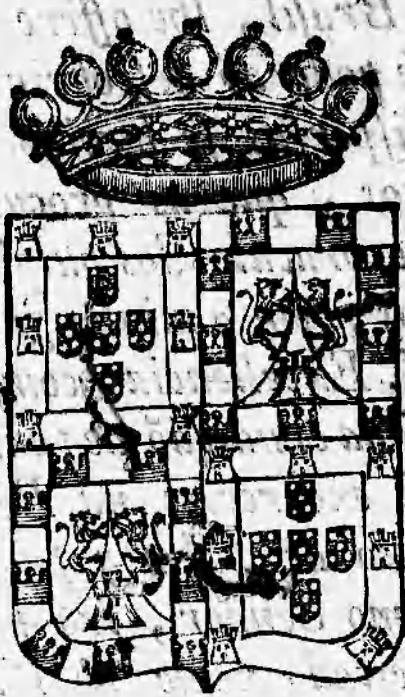
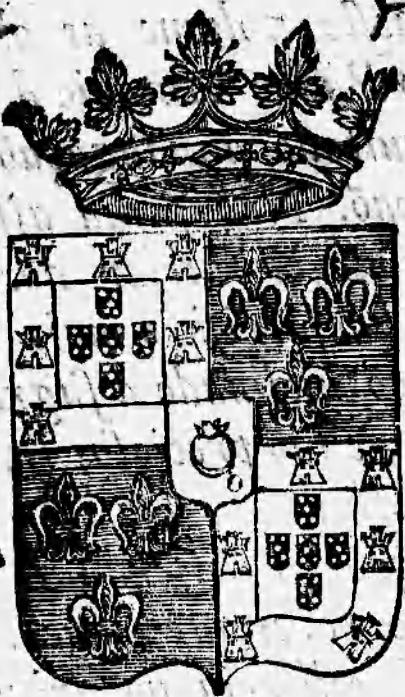
ESTAMPA

ESTAMPA

ESTAMPA

ESTAMPA

ESTAMPA



ILLUST<sup>mo.</sup> E EXCEL<sup>mo.</sup> SENHOR



PARA demonstraçao do meu agradecimento do muito, que devo a V. Excellencia, e gloria do mayor Orador Euangelico, que produ-

§

zio

zio o Brasil, lhe offereço neste volume as obras, que se poderaõ descobrir do Padre Antonio de Sá, que dispersas se haviaõ occultado á indagaçao dos eruditos, que as procuravaõ. Não podia aspirar àquelle oraculo dos pulpitos mayor tutelar dos seus escritos, nem a minha gratidão sacrificio mais aceito a V. Excellencia, comp taõ inclinado á sagrada, profana erudiçao de tantos, e taõ preciosos livros, que se enobrecem na Bibliotheca do seu Palacio. Debaixo de taõ alta protecção quem será, Excelentíssimo Senhor, taõ pouco reverente, que lendo o respeitado nome de V. Excellencia no principio deste volume, se não dedique a louvar o meu estuão, e o meu zelo, com que reimprimindo as obras de homem taõ insigne, lhe dou segunda, e mais permanente vida, pois renascido nesta nova edição lhe resuscito a sua memoria, que sempre se conserva melhor nos escritos, que nas tradiçoes? Já V. Excellencia tinha convocado o seu nome no Templo da gloria pelas façanhas, e proezas militares, com que admirou o Alentejo, os Reynos de Castella, Valença, e outras Províncias de Hespanha, em que pelejando debaixo das ordens de seu exelso povo Senhor Marquez de Angua, comunicou á sua espada o valor, que a convenceu em fulminante rayo para prostrar os inimigos da nossa Coroa, deixando com o seu invencivel braço as nossas vitorias immortalizadas. Já o seu incomparável nome adquirirá

novô esplendor no Palacio dos Soberanos de Portugal, em que tem assistido, depois que declarada a paz, se acabaraõ os horrores de Marte, e onde triunfa a sua benevolencia, e agrado para se fazer taõ amado a todos os que tem a honra de o procurar, que chegou V. Excellencia a merecer o publico affecto dos Principes, satisfaçao dos iguaes, e o applauso de toda a Corte, e Reyno, que por diversas vezes, mas com pura verdade, naõ cessão em formar elogios á sua ingenita ~~affabilidade~~ para ouvir, e generosa condiçao para proteger aos que no seu amparo se consideraõ felices, e bem despacchados. Porém assim bavia de ser Excellentissimo Senhor, porque de outro modo naõ se podiaõ manifestar as circunstancias de sua grande qualidade. Obrando, como admira a mesma inveja, bem mostra V. Excellencia o real sangue Portuguez, e Castelano, que lhe anima as veyas, que naõ só lhe daõ a mais alta nobreza, mas os mayores incentivos para obrar na Corte, e na Campanha, como descendente de tantas, e taõ esclarecidas testas coroadas. Innumeraveis acçoens civis, e militares, com que tem illustrado a sua vida, naõ saõ mais que effeitos daquelle sangue que sempre lhe está influindo illustres paixoes para se fazer o melhor retrato daquelles soberanos, de que traz com a origem a obrigação de ser bum dos heroes da nossa patria. A sombra de taõ grande Patrono correrá,

como desejo, o volume dos Sermoens do P. Antônio  
de Sá com taõ prospera fortuna, como lhe está au-  
gurando o nome de V. Excellencia. Com elle não  
haverá censura, que offenda, mas elogios, que o  
enobreçaõ, e a V. Excellencia deverá esta felicida-  
de aquelle Varaõ o mayor Astro do Firmamento Ora-  
torio de Portugal, em quanto além do proprio me-  
recimento o autorizar a grandeza de V. Excel-  
lencia, que Deos guarde os annos mais dilatados  
para tambem se dilatar a gloria da sua familiã, do  
serviço da Coroa, e satisfazer aos ardentes votos  
da minha obediente fidelidade.

Beja as maõs de V. Excellencia

seu menor criado

Manoel da Conceição.

PRO

# PROLOGO.

## A O L E I T O R.



GRANDE fama , que mereceo o Padre Antonio de Sá , benemerito filho da sagrada Companhia de Jesus , māy fecundissima de doutissimos filhos em todo o mundo , me obrigou a continuar lha com a nova impressão das suas obras. Estas Te reduziaõ aos Sermoens , q̄ offereço aos doutos , porque a sua raridade os fazia invisiveis. Prégou este Padre , como se lê nestes Sermoens , porque na agudeza dos conceitos não houve em Portugal quem o excedesse , e na delicadeza do juizo , e discricão ninguem o igualou. Desta verdade se rá juiz quem fallar desapaixonado , e sem preocupaçao , a que neste tempo por ignorancia da nossa lingua , e affectaçao da Franceza se chama prejuizo , confundindo o damno , que he prejuizo , com o engano do entendimento , que he preoccupaçao. Não foy o Padre Antonio de Sá das quelles Prégadores , que se vendem caros! para au-

augmento da esmola, circunstancia de que estao  
livres os Padres da Companhia, para ate nisto  
mostrararem os seus Prégadores a diferença aos ou-  
tros, que se naõ alugaõ, senaõ a quem mais dá. Ser-  
via aos seus amigos, que o convidavaõ sem mais  
interesse, que o de os servir, deixando sempre  
para a Communidade o agradecimento do seu tra-  
balho, que algumas vezes ou se dissimula, ou  
esquece. Destes Sermoens, que se reimprimem,  
prégou todas as sextas feiras da Quaresma, que  
mas encommendo hum homem de negocio seu  
amigo, e dellas naõ deo á luz senaõ a sexta fei-  
ra dos inimigos. Prégou as tardes da Quareima  
na Freguezia da Magdalena, que andaõ insertas  
no terceiro tomo dos Sermões do Bispo de Mar-  
tyria. Mas hum accaso deo a conhecer esta ver-  
dade. Hum Prégador naõ jubilado, mas antigo  
no officio, e que chegava a distinguir o estylo de  
alguns Prégadores, como os Mestres Pintores co-  
nhecem a maneira dos Pintores, casualmente co-  
meçou a ler huma destas tardes: a poucas regras  
reparou na diferença de hum estylo mais eleva-  
do, mais sublime, e mais delicado, que o do  
Bispo de Martyria, de que logo se acabou de de-  
senganar, lendo hum sermão no principio do to-  
mo, que sem duvida era do Bispo. Ficou pér-  
plexo sem achar modo de se livrar desta confu-  
saõ. Lembroulhe, que vivia hum homem de gran-

de

de memoria , e que se creara naquellas Freguezias , e buscando-o lhe deo conta da sua duvida. Reparou bem , lhe disse elle ; essas Tardes ouvi eu na Magdalena ao Padre Sá , e se lhe pediraõ para se haverem de imprimir. Deo-as , Atendo- as já correntes com todas as licenças Domingos Carneiro livreiro na rua nova , no mesmo tempo ordenava outro livreiro Antonio Leite Pereira o terceiro tomo dos Sermoens do Bispo de Martyria ; e como lhe faltavaõ sermoens para fazer hum volume igual ao primeiro , e ao segundo , pedio os do Padre Antonio de Sá a Domingos Carneiro para com elles fazer o volume do Bispo de Martyria . Fez a vontade ao seu vizinho sem reparar no dāmno , que fazia á opiniaõ de ambos. Aqui tens impresso quarta vez o sermaõ do Desaggravio da Senhora das Maravilhas , em que o desordenado do exordio he hum milagre da arte , e por muitos que leas , naõ lhe ha de achar semelhante. O Sermaõ dos Passos tem sido o thesouro , de que se tem aproveitado muitos Prédadores , no que se lhes deve gabar a bondade da eleiçāo , porque o naõ ha melhor.

Quando o Padre Antonio de Sá se achava no mais elevado gráo da estimaçāo , e muito mais do seu merecimento foy convidado para pregar na Capella Real , no Agosto de 1663. os annos del Rey D. Affonso VI. Costumaõ ser politicos aquell-

aquellos Sermoens, e a occasião, e o lugar lhe  
lembrou hum texto, que parecendo inventado  
para prova do seu pensamento, foy mal ouvido,  
e peyor aceito por alguns Cortezoens, que taõ  
feamende o representaraõ a El Rey, que se lhe  
ordenou que sahisse da Corte: naõ se perturbou  
com esta noticia o grande coraçao do Padre An-  
tonio de Sá, porque dos homens daquella esfera  
todo o mundo he patria, ainda que tinha desfa-  
sete sermoens encommendados: mandou logo sa-  
ber te havia navio, que estivesse de partida para  
alguma das Conquistas, mas avisaraõo, que no  
Porto estava hum tomado carga para a Bahia.  
Deixou o Collegio de Santo Antaõ, aonde vi-  
via, deixou Lisboa, fez jornada para o Porto, e  
desta Cidade para o Brasil, aonde tornou a ler  
no Collegio da Bahia letras humanas, e dous an-  
nos Theologia, até que, desprezando todos os  
applausos, que se lhe deviaõ tanto pela Cadeira,  
como pelo Pulpito, se dedicou á conversão dos  
barbaros habitadores dos certoens do Rio de Ja-  
neiro sua patria, em que o trabalho, e a debili-  
dade da natureza o trasladaraõ felizmente para a  
eternidade, que merecia pelas suas virtudes. Des-  
te grande homem saõ os Sermoens, que te offe-  
reço novamente impressos, para que te aprovem  
tes da sua liçaõ, que facilmente naõ acharás ou-  
tra, que tambem te instrua, e que melhor po-  
fas

fas imitar. O Abbade de Sever. Diogo Barboza Machado no primeiro tomo da Bibliotheca Lusitana compoz este

# ELOGIO DO PADRE ANTONIO DE SÁ.

**O** Padre Antonio de Sá, nasceo na Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro a 26. de Julho de 1627. e na Cidade da Bahia Cabeça da America Portugueza sendo de tenra idade fe alistou na Companhia de Jesus em o anno de 1639. de cuja Māy foy benemerito filho. A viveza do juizo competindo com a tenacidade da memoria, felizmente conspiraraõ, para que ou cultivando as Musas amenas, ou severas, fosse julgado pelos Mestres, e condiscipulos por milagre dos engenhos. Com a mesma agilidade, com que voou ao cume do Panarzo, e colheu as flores da eloquencia, penetrou, sendolhe conductoras a Filosofia, e Theologia, o sanctuario das Escrituras, haõ havendo nellas mysterio recondito, que naõ fosse patente á sua aguda investigaõ. Ornado com estes singulares dotes, nos quaes excedia a todos os mayores talentos

tos da sua idade, passou a Portugal, donde por  
ordem dos superiores assistiu a alguns annos em  
Roma com a occupaçao de escrever as cartas pa-  
ra a Provincia do Brasil. Restituido ao Reyno co-  
meçou a exercitar o ministerio de Orador Euan-  
gelico, tendo por theatro a Corte de Lisboa, e  
por ouvintes aos seus Monarcas, e toda a nobre-  
za, que pendentes da sua elegante energia, com  
o silencio mais eloquente, que a voz, o acclama-  
vao por Principe da Oratoria Ecclesiastica. O or-  
ator das palavras mais filho da natureza, que da  
arte, a viveza das acçoes reguladas pela vehe-  
mencia do espirito, a expressao da voz clara,  
e sonora, a delicadeza dos discursos sempre soli-  
da, a profundidade dos textos nunca impercepti-  
vel, e a novidade das ideas inimitavel concilia-  
rao. tales aplausos ao seu sublime engenho, que  
chegou a brilhar com toda a intensao na presen-  
ça do primeiro Astro da esfera concionatoria o  
grande Vieira, que muitas vezes affirmou não  
ser sensivel a sua ausencia, quando tinha por sub-  
stituto a Antonio de Sá. Toda esta fama mere-  
cida pelo seu insigne talento desprezou aeroica-  
mente, voltando para a patria, onde querendo  
a Religiao, que deixasse herdeiros da sua pro-  
funda sciencia, o mandou ler letras humanas, que  
já tinha ensinado, sendo Mestre da primeira em  
o Collegio da Bahia, onde dictou dous annos

Theo-

Theologia, de cujas faculdades tantos forão os discípulos, quantos os Mestres, que ouviraõ a sua doutrina. Rénunciando os applausos, que lhe resultavaõ da Cadeira, e do Pulpito, se dedicou á conversaõ dos barbaros, que habitavaõ pelos certoens do Rio de Janeiro, em cujo apostolico ministerio adquirio mayor gloria seu nome na America, do que tinha alcançado na Europa. Como era de compleiçaõ delicada, ainda que naõ fosse de idade provecta, se foy atenuando de for- te com o trabalho das Misloens, que prostradas as forças para as proseguiir, havendo sido Reitor do Collegio da Capitania do Espírito Santo tres annos, se restituio ao Collegio do Rio de Janeiro, onde acometido da ultima enfermidade se fortificou com os Sacramentos, e abraçado com hum crucifixo entre amorosos colloquios pedio fervorosamente, que se os seus peccados merecessem a condenaçaõ eterna, naõ permittisse que blasfemasse do seu santo nome, e acabando de pro- nunciar estas palavras placidamente espirou ao ~~de Janeiro de 1678.~~ com 60. annos de idade, e 39. de Religiao. De muitos Sermoens, que pré- gou, dignissimos todos de luz publica, sómente a lograraõ os seguintes.

*Sermoens que se contém neste livro.*

**S**ermaõ do dia de Cinza pag. 1.  
Sermaõ na primeira sexta feira da Quaresma pag. 21.  
Sermaõ na quartã Dominga da Quaresma , pag. 35.  
Sermaõ dos Passos pag. 56.  
Sermaõ da Conceiçao da Virgem Maria pag. 70.  
Sermaõ do desacato de nossa Senhora das Maravilhas , pag. 83.  
Sermaõ do glorioso S. Joseph pag. 102.  
Sermaõ do Apostolo S. Thomé , p. 121.  
Sermaõ no dia dos annos del Rey D. Áffonso VI. pag. 146.  
Sermaõ prégado á Justiça na santa Sé da Bahia , pag. 159.  
Oraçaõ funebre nas exequias da Sere-  
nissima Rainha de Portugal D. Luiza  
Francisca de Gusmaõ , pag. 189.  
Tardes das Domingas da Quaresm pag. 288.  
De Venerabili Patre Joanne de Almei-  
da Oratio pag. 289.

SER-



# SERMAÓ DO DIA DE CINZA

Prégado na Capella Real anno de 1669.

*Convertimini ad me in toto corde vestro.* Joel. 3.

*Nolite thesaurizare vobis thesauros in terra.* Matth. 8.

*Memento homo, quia pulvis es, & in pulverem revertaris.* Genes. 5.



MELHOR da terra , e o melhor do Ceo temos  
hoje cuidadosamente empenhado na mudança de  
nossas vidas , muito Alto , e muito Poderoso Rey,  
e Senhor nosso : está empenhado Deos , está em-  
penhado Christo , está empenhada a Igreja : em-  
penhado Deos , pedindo a nossos coraçoens huma  
resoluta conversaõ dos erros da culpa para os acertos da graça:  
*Convertimini ad me in toto corde vestro.* Empenhado Christo ,  
persuadindo a nossas vontades hum generoso desapego dos bens  
da terra pelos bens do Ceo : *Nolite thesaurizare.* Empenhada  
ultimamente a Igreja intimando á nossa memoria desenganos do  
que somos agora , e do que havemos de ser depois : *Memento  
homo, quia pulvis es, & in pulverem revertaris.*

De todo este taõ qualificado empenho se conclue naõ só-  
mente a importancia grande de nossa reduçaõ , senão tambem



27

a idéa verdadeira de nossa penitencia. Para huma alma ser, como deve, penitente, ha de desfazer com o arrependimento o que fez com a culpa. A culpa, conforme ensinaõ os Theologos, he huma aversaõ de Deos, e hu na conversaõ ás creaturas; o arrependimento pelo contrario ha de ser huma aversaõ das creaturas, e huma conversaõ a Deos, de sorte que se para haver almas peccadoras ha apartar de Deos, e converter ás creaturas, para haver almas perfeitamente arrepentidas ha de haver apartar das creaturas, e converter a Deos: a conversaõ a Deos temos em suas palavras: *Convertimini ad me*: a aversaõ das creaturas temos nas palavras de Christo: *Nolite thesaurizare vobis in terra*. Porém he taõ difficultoso acabar comnosco esta aversaõ, e esta conversaõ, que sobre a pedir Deos, e sobre a pedir Christo, quem a podera pedir, que mais nos obrigasse? Jungou a Igreja que era necessario rendernos com razoens a razaõ para nos persuadir a vontade a huma perfeita penitencia, pois nos exhorta o melhor do Ceo, Deos, e Christo: as razoens, ou porques dessa penitencia nos aponta o melhor da terra a Igreja: *Memento homo &c.* Homem pelo que es, lembrete de ouvir a Christo, e aborrecer ao mundo: *Nolite thesaurizare in terra*. Homem pelo que has de ser, lembrete de ouvir a Deos, e reduzirte á sua graça: *Convertimini ad me*. Estas razoens proporei com todo o desengano á razaõ, para que ella se renda, e a vontade se persuada. Assisti com vossa graça a vostro ministro, eterno Arbitro do mundo, hoje, e algum dia, disponde minhas palavras, animai minhas vozes, inflamai meus afectos, e movei aos que me ouvem.

Quem cuidara que a Igreja nos occupasse com lembranças da terra a memoria, quando Christo pertende que lancemos da vontade o amor da terra? Parece que nos haviaõ mandar esquecer para que deixassemos de amar. O esquecimento he morte da affeição; quem quer amar, lembraõse; quem se dece, não quer amar. Pois se Christo manda que aborrecemos, como exhorta a Igreja a que nos lembremos? Porque se he necessario esquecer para não amar, aqui he necessario lembrar para esquecer. Lembraõse os homens, e amão muito ao mundo, porque o não conhecem, e não conhecem os homens o que he o mundo, porque nada se lembraõ do que saõ: lembremse de si, que logo

logo se esqueceráõ do mundo : da falta ; que temos do conhecimento proprio , nasce o engano , com que procedemos no amor alheyo. O homem he a melhor de todas as criaturas corporaes, pois como sera possivel, que se engane com o mundo , quem se desenganar consigo ? Attenta pois a Igreja a conseguir de nós a desestima das cousas da terra , que aconselha hoje a nossas vontades Christo , nos traz á memoria a terra de nosso ser , para que á vista do que somos possamos inferir o que he o mundo , e se o amamos por ignorado , desprezallo por conhecido.

*Memento homo , quia pulvis es :* Lembrate homem , porque es pó : assim diz aos Monarchas mais soberanos , assim diz aos vassallos mais humildes ; nenhuma distinção faz de homens a homens : taõ homem , e taõ pó chama aos que reinaõ , como aos que servem , porque nisto que toca ao ser , naõ ha diferença nem ainda do ceptro ao cajado , tudo he cinza com mais ou menos precioso disfarce : hum Rey he cinza cuberta de purpura , hum pastor he cinza cuberta de sayal ; só a vaidade dos tempos pode introduzir desigualdades nas apparencias da pompa , na realidade do ser naõ ha fortuna , que possa emendar as desigualdades da natureza .

Sonhava Joseph o Vizo-reinado do Egypto , e sonhava assim : *Putabam nos ligare manipulos in agro , & quasi consurgere manipulum meum :* Imaginava eu , diz Joseph , que estavamos no campo enfeixando as paveas , e que se levantava , e punha em pé o meu feixe , e que os vossos postos a roda com demonstração de reverentes o adoravaõ . Naõ vi eu sonho mais verdadeiro , que este : as paveas de Joseph estavão adoradas , as paveas de seus irmãos adoravaõ , mas tudo eraõ paveas . O feixe de Joseph estava levantado , os feixes de seus irmãos estavaõ abatidos , mas tudo era feixe , havia diferença na fortuna , mas naõ havia excesso na natureza , de feixe a feixe , e de paveas a paveas se faziaõ os desequios , e nestas igualdades sonhadas do campo se mostravaõ a Joseph as felicidades futuras do paço . Verseha daqui a tempos Joseph collocado no trono , verá a seus irmãos profstrados diante de si por terra ; mas entenda Joseph , que passa no paço o que passava no campo , e que humas paveas adorão outras , bastará o solio para o pôr mais alto , mas naõ bastaráõ as adoraçõens de todo o Egypto para o distinguir do ser dos que o adoraõ .

A ij

Josephs

## Sermaõ

Josephs adorados, naõ vos desvaneça a altura : a terra , que está no cume dos montes , naõ he melhor na substancia , do que a outra , que está na profundidade dos valles ; por mais que vos sublimasse a sorte , quando muito sois terra sobre monte , naõ vos engane a humildade , em que vedes a outros , e a grandeza , em que vos vedes a vós , porque nem os outros por humildes tem mais de terra , nem vós por grandes tendes de terra menos . Desengano he este , que attendeo cuidadosa a providencia divina logo na creaçao do primeiro homem .

Entrega Deos a Adaõ o senhorio do mundo : *Dominamini  
piscibus maris , & volatilibus cœli.* E no mesmo tempo lhe encõmenda a cultura do Paraíso : *Posuit eum in Paradiso , ut operaretur* : naõ ha hoje extremos mais distantes , que Principe , e lavrador , e naõ havia cousa entaõ mais escusada , que o exercicio da lavdura , porque o Paraíso acabava de sahir cabalmente perfeito das maõs de Deos : pois para que era fazer sem necessidade lavrador , a quem tinha feito Principe , ou para que foy fazer Principe a quem havia de fazer lavrador ? Porque importava muito que fosse ambas as cousas Adaõ : creavale ~~Adaõ~~ para progenitor dos homens todos , entre estes havia de haver depois alguns muito prezados de grandes , outros muito desprezados de pequenos , pois seja Adaõ no mesmo tempo lavrador , e Principe , para que entendaõ os vindouros , que saõ igualmente filhos de Adaõ os que vivem no paço , e os que trabalhaõ no campo : foy desgraça da soberba humana naõ haver mais que hum Adaõ ; quando muito poderão dizer os grandes , que elles saõ filhos de Adaõ como Principe , e que os outros saõ filhos de Adaõ como lavrador ; porém naõ podem negar que saõ todos filhos do mesmo Adaõ .

Saõ os homens como os rios : os rios todos tem por fonte o mar , huns com o curso das aguas perdem de todo o labor de sal , outros por mais terra , que corraõ sempre levão saloas as aguas : huns lá vaõ brotar nos montes muito ruidosos , e muito claros , outros cá manaõ nos valles muito calados , e muito turvos : este hontem era desconhecido aborto de huma tosca penha , e hoje naõ ha campanha para margem de seu caudaloso fundo , aquelle hoje he desprezo da menor herva , e era hontem terror do maior tronco : isto mesmo succede nos homens , todos tem por origem

gem a terra, huns com o curso dos tempos vem a parecer o que naõ foraõ, outros por mais que os tempos corraõ, sempre o que foraõ parecem; huns vivem muito respeitados nos cumes da soberania, outros andaõ muito invilecidos pelos baixos da pobreza: este como Saul cabia hontem em huma cabana, e hoje he pouco palacio para sua vaidade o mundo: aquelle como Nabucoco assiste hoje entre feras no campo, e era hontem assombro de Monarchas em Babilonia. Mas entre toda esta variedade, assim como nos rios ou corraõ doces, ou salgados, ou brotem claros, ou turvos, ou sejaõ grandes ou pequenos, tudo he agua do mar, da mesma maneira nos homens ou passem a ser mais, ou naõ passem do seu menos, ou sejaõ illustres, ou humildes, ou habitem palacios, ou cabanas, tudo he terra, tudo cinza, tudo pó: *Memento &c.*

Daqui se deixa agora entender a muita razaõ, com que a Igreja nos exhorta á lembrança da terra de nosso ser, quando Christo intenta, que deponhamos do coraçaõ os cuidados da terra, porque se o homem, creatura, em cuja formaçao desde a maõ ao engenho, e desde o engenho ao cuidado se occupou todo Deos, ie o homem, para que trabalhaõ luzidamente os Ceos, que por elle voa o Sol, por elle corre a Lua, por elle naõ socegaõ os planetas, por elle influem os astros; se o homem, em cujo obsequio se cansaõ os elementos, pois o fogo por obedecerlhe atado a hum lenho se consume, o ar por assistir á sua respiraçao espira, a agua por servir ás suas commodidades se arrasta, e se despenha, a terra por attender á sua recreaçao, e sustento se rompe em flores, e se desentranha em frutos, se o homem, se esta creatura taõ singularmente privilegiada, naõ he mais que hum pouco de barro; que seraõ as outras; que seraõ as demais cousas do mundo, se a melhor he esta? Naõ ha duvida, que para concluir o pouco valor das cousas do mundo, bastava considerar por comparaçao á nossa vileza; porém vivemos taõ enganados com elle, que naõ quero deixar esta verdade pente de huma consequencia: discorramos brevemente por ellas, e veremos a desestima, que merecem.

Que saõ as grandezas de mayor nome no mundo, se naõ grandezas de nome? A David lembra Deos o beneficio da Monarchia, a que o levantara, e diz assim: *Feci tibi nomen grande*

David adverte que te fiz hum grande nome; pois dar hum Reino naõ he mais, que dar hum nome? Fazer a David grande Principe naõ era mais, que fazer a David hum nome grande. Alli vereis como naõ saõ mais que nome as grandezas maiores do mundo, a distinção toda, que havia entre David Monarcha, e David pastor, era hum nome: David sem nome era David pastor, David com nome era David Monarcha: ainda naõ disse bem, David com nome grande era David Monarcha, David com menos nome era David pastor: para Christo fazer de hum pescador Pontifice, que cuidais que fez? Mudouhe o nome: *Beatus es Simon: Tu es Petrus, & super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam.* Chamou Pedro, a quem se chamava Simão, e para passat da rede á mitra naõ houve mister mais, que passar de Simão a Pedro. Julgai agora se ha mais que nome nas Magestades da terra, pois entre a barca de Simão, e a cadeira de Pedro naõ havia mais diferença, que ser Pedro, ou ser Simão.

Que he a gloria, senão hum deixar de ser? Entre Elias Profeta vivo, e Moysés Profeta morto appareceo Christo no Thabor, porque entre a vida, e a morte, entre o ser, e naõ ser se alterna neste mundo toda a gloria. Que saõ as honras, senão apparatusas tramoyas da fortuna, que na roda de sua inconstancia se levanta hoje, e pô de despenhar-se á manhã? Para emprego primeiro do rayo se altea entre as arvores o cedro, para despique certo das tempestades se aparta da terra o monte: ao cume dos tronos Reaes subiraõ magestosamente soberanos para cahir infamemente precipitados, Valeriano em hum cativeiro, Cresso em huma fogueira, Dionisio em huma escola, Jugurta em hum carcere, Vitelio em hum cadasallo, Bajasseto em huma gaiola, e Aureliano em hum punhal.

Que he a privança, senão luz de estrella? O mesmo Sol, que a illustra, esse mesmo dentro em poucas horas o eclipsa: hoje estais como Amaõ favorecido á meta Real de ~~Aero~~, e á manhã apparecereis prezo infame de huma forca.

Que saõ os despachos, senão hum sim de patrocinados, e hum naõ de benemeritos? Ou haveis de pertender arrimado ao favor alheyo, ou naõ vos ha de valer o merecimento proprio. Daquelle animal chamado por sua luzente variedade Stellio, diz Salamão, que fazendo das paredes arrimo para subir, habitanos

nos palacios dos Monarchas: *Stellio manibus nititur, & moratur in domibus Regum*: ditoso animal! Que a Aguaia occupára o alto dos edificios mais soberbos, sua agilidade o merece, e sua generosidade o pede; porém que o Stellio animal sem azas chegue a lograr o posto mais superior dos palacios! Como pode subir á tanta altura, se naõ voa? Porque se naõ voa, arrimase: *Manibus nititur*. E mais lhe importa o arrimo, que lhe poderaõ importar os voos: a aguaia com todas suas azas acharseha remontada em hum bosque, e o Stellio fiado no seu arrimo verseha nos melhores cumes. Quem quizer altearse muito, ainda que voe menos, procure arrimarse mais.

Que saõ os postos, senaõ subidas, cujos degraos se vencem a quedas? Quando o demonio offereceo as dignidades mais luzzidas a Christo: *Ego omnia tibi dabo*; logo meteo por condicão, que havia de cahir ajoelhado diante delle: *Si cadens adoraveris me*; que sem cahir, naõ ha levantar no mundo custosos altos, a que se naõ pôde chegar sem quedas. Haveis de cahir diante do Principe, haveis de cahir diante do privado, haveis de cahir diante dos Ministros, e quando pertendeis avantajarvos a outros, andais humilde beijando a maõ a muitos, e o peyor he que muitas vezes, depois de tanto cahir, esles mesmos, que adorastes, em lugar de vos darem a maõ para que subais, vos daõ de maõ para que naõ chegueis, e elles ficaõ tantas vezes adorados, e vós cahidos por huma vez.

Que saõ os aplausos da fama, senaõ reclamo de odios? Naõ ha trombetas de boni succeso, que naõ tenha de batalha os ecos: o sonido, que fez a funda de David pelas ruas de Jerusalém, occasionou repetidas lançadas a David no palacio de Saul, mais felizmente atirara, senaõ soara tanto o tiro, que naõ ha trovaõ sem rasgo da nuvem, que a deo.

Que he a prosperidade, senaõ hum temporal a popa? Ou haveis de reuher as vellas, ou haveis de correr fortuna, que tanto ameaça o naufragio com a tempestade á popa, como com a proa na tempestade.

Que he a formosura, senaõ huma caveira bem encarnada? Mudarfeha com os annos, ou desapparecerá com a morte aquella exterior figura, e naõ vds levará entaõ os olhos isto, que agora tanto vos cativa os coraçoens: este naufragio de Tiberdades en-

ganadas, a que vulgarmente chamaõ todos gentileza, he a coufa mais fragil, que ha no mundo, porque tem contra si dous forçoso contrarios, a que naõ pôde fugir, a morte, e o tempo; ou se apreste a morte, ou se dilate a vida, nunca permanece a formofura. Sempre reparei nos nomes, com que na Escritura se appellidaõ as mulheres de mais estima do parecer: huma das formofuras mais celebres nas divinas letras foy a de Thamar, a de Susanna, e a de Edissa, por outro nome Esther. E que quer dizer Thamar, que quer dizer Susanna, que quer dizer Edissa? Edissa quer dizer murta, Susanna quer dizer lirio, Thamar quer dizer palma; pois a mayor belleza com nomes de arvores, e flores? Sim, para que entendamos a pouca consistencia da mayor belleza: toda a graça das flores he breve, toda a louçania das arvores he caduca, a graça das flores he de poucas horas, a louçania das arvores he de poucos meses, hum veraõ veste as arvores, hum inverno as despoia, a manhã abre as flores, a tarde as murcha: tal a formosura humana, ou acaba como as flores, ou se muda como as arvores, ao golpe da morte he flor, que acaba ao curso dos annos, he arvore, que se muda, naõ ha remedio, ou acabar, ou mudar: aquellas, que vosla cegueira chama estrellas vivas, cedo le veraõ eclipsadas, ou desluzidas: aquella, que vosla lisonja intitula animada neve, cedo se verá desfeita, ou sem alma: aquella, que voslo engano imagina partida rosa, cedo se verá murcha, ou descolorada: aquella finalmente, que noslo affecto applaude Ceo com alma, cedo se yerá sem luz, sem cor, sem ser, sem formosura.

Que he o amor, senaõ hum inferno com fogo sem eternidade? He muito para ver hum destes finos, que a seu trabalho certa seu divertimento, como o inquieta o temor, como o tyranizaõ os zelos, como o sobrealta a difficultade, como o assusta o desdem, como o lastima a ausencia, que ternuras, que rendimentos, que lagrimas, que tristezas, suspira o coracaõ, arde a vontade, pena o entendimento, já espira, já se queja, já adora, já se indigna, em fim todo vive dentro de si para o tormento, e todo anda fóra de si para o socego: ha maior inferno que este? E quantas vezes depois de tanto tropel de ancias vem a experimenter occasiaõ de ultima desgraça, o que imaginava termo de suas maiores venturas! Digaõno hum Amnon, hum Sichem, e hum Samiaõ, o amor de Amnon com Thamar parou em huma lancha,

ça, o amor de Sichem com Dina rematouse em hum punhal, o amor de Samsaô com Dalida, para que fizesse melhor a figura, custoulhe os olhos. E que se veja taõ adorado no mundo este ídolo! Para que trazes arco, e settas, tyranno enganador, se haõ de servir tuas settas para ferir o coraçõ; e naõ para defender os feridos? Com razaõ te fingiraõ sempre minino, porque armas na maõ de hum minino poderão ferir, mas naõ podem defender; e que me renda taõ facilmente ás tuas armas? Que me cegue de hum minino? Que me fie de hum cego? Grande cegueira minha em te estimar, mas grande sem razaõ tua em me ferir.

Que saõ os gostos, senaõ cilada dos pezares? Naõ ha favo nesta vida, onde o dislabor da cera naõ seja prato dos labores do mel: na doçura de hum pomo comeraõ noslos primeiros pays o veneno da mortalidade; o dia, em que creou Deos a luz do Ceo, fez nuvens, que o podeſsem escurecer, e quando mais florid, e fecunda creou a terra, já lhe tinha preventidos os espinhos, que a podeſsem afear, que naõ ha dia de alegria sem sua nuvem, nem flor de contentamento sem seu espinho.

Que saõ os deleites, senaõ remansos enlodados, onde chegais sequiolo a satisfazervos, e por mais que bebeis, manchais os beiços, e naõ matais a sede? Converteo Deos a mulher de Loth naquella estatua de sal, e quer Origenes, que fosse para symbolo dos deleites desta vida, e para tal estatua naõ havia melhor materia: meteis huma pedra de sal na boca, deixailha fazer em agua, idela depois beberendo, e tragando, que securas naõ vos faz, que sede vos naõ causa; eis aqui os deleites do nosso mundo, agua de sal, tudo he beber, e tudo he sede, vosla experencia o diga.

Que saõ as riquezas, senaõ mares do Oceano, que para encher as nossas prayas, vasa nas alheas? Com as galas de Esau entrou Jacob a receber a bençaõ de seu pay Isaac: *Vestibus Esau valde bona induit eum*, e naõ podera entrar com as suas galas Jacob? Mas era o morgado de Esau, e como hia Jacob a levarlhe o morgado, levoulhe tambem os vestidos, porque naõ ha enriquecer Jacob sem despir a Esau: todas as abundancias desta vida saõ despojos, se a alguns sobeja, he porque se despojaõ outros: naõ tivera Jehu trono, em que se coroar, se naõ ficaraõ muitos sem capa com que se cobrir.

Que

Que saõ as amizades, senaõ lisonjas da herva do Sol? Todo o dia, que arde este planeta famoso, anda em perpetuo circulo bebendolhe os semblantes; porém em se pondo pela tarde a luz, deixa cahir folhas, e flor para o lado, em que a achaõ as sombras; naõ ha de ordinario amigo, que naõ postais aflomarvos a elle, como fazeis á janella para ver o tempo que corre. Com a casa de David, diz o texto sagrado, que fizera Jonathas os concertos de sua amizade: *Pepigit fædus cum domo David*: se os Jonathas saõ amigos com os olhos na casa, quem haverá que seja amigo com os olhos em David? Por isto nas desgraças dos Davís venmos faltar tanto os Jonathas; saõ amizades contratadas com a fortuna da casa, se a casa corre fortuna, quebrouse o contrato, e não ha Jonathas para David.

Que he finalmente a Corte, senaõ huma roda arrebatada, onde atados de Ieus desejos volteaõ os Cortesaõs miseravelmente alegres? Oh roda de Lisboa, que de atados levas, que cuidados de montar arriba, que embaraços de cahir abaixo, que presfas ao valer, que desfares ao cahir! Que precipicio nos appetites, que quedas na cubica, que despenhos na inveja, que ruido ás esperenças, que porfia aos favores, que queixa ás infortunios, que tormento aos desenganos! Rodaõ lisongeiros, voltaõ ambiciosos, sobe aquelle, baixa este, trabalhaõ todos, ri-se o mundo, e anda a roda.

Eis aqui o mundo, eis aqui as melhores prendas do mundo: e que isto nos prenda as vontades, que isto nos enfeitice os coraçãons, que se desvele o soberbo por taes grandezas, o desvanecido por tal gloria, o ambicioso por taes honras, o palaciano por tal privança, o requerente por taes despachos, o cortezaõ por taes poitos, o presumido por tal fama, o invejoso por tal prosperidade, o divertido por tal formosura, o affeiçoados por tal amor, o delicioso por taes gostos, o lascivo por taes deleites, o cubiçoso por taes riquezas, e todos por taes amizades, por tal Corte, e por tal mundo: *Nolie thesaurizare vobis thesauros in terra*. Acabemos já de entender, que naõ saõ os bens da terra para trocarmos por elles o Ceo: para nos comprar o Ceo a seu Eterno Pay incarnou, e morreo o Eterno Verbo; se a vida de Deos he o preço justo de noſta bemaventurança, como vendemos tão barato o que val taõ caro? Ou havemos de dizer contra

contra os dictames da Fé, que Deos andou imprudente na compra, ou havemos de confeitar, que procedemos muito sem juizo na venda.

Nem nos embarace chamar Christo thesouros aos bens da terra: naõ lhe chama assim porque o sejaõ, senaõ porque nosa cegueira assim o cuida. Reparem na d versidade mysteriola de suas palavras; quando falla nos bens da terra, naõ diz, que naõ enthesouremos, senaõ que naõ queiramos enthesourar: *Nolite thesaurizare*: quando falla dos bens do Ceo, naõ diz, que queiramos enthesourar, senaõ que enthesouremos: *Thesaurizate*: pois se faz caso da vontade nos bens da terra, porque naõ faz caso da vontade nos bens do Ceo? Porque naõ diz, querei enthesourar no Ceo, assim como diz, naõ queirais enthesouar na terra? Porque quiz mostrar a diferença, que vay da terra ao Ceo; naõ solicita a vontade para os thesouros do Ceo, porque os bens do Ceo naõ dependem da nossa vontade para ter thesouros, desafeiçoa expressamente a vontade para os thesouros da terra, porque os bens da terra naõ tem mais de thesouros, do que aquillo, que nós lhe pomos de vontade; porque nós cegamente o queremos, por illo to elles parecem thesouros, naõ queiramos nós, que logo naõ sejaõ thesouros os bens da terra, a naõ querer nos admoesta Christo: *Nolite*; e para que a razaõ obrigue a vontade, insta o conhecimento dos nadas do mundo desde o conhecimento da vileza de noso ser: *Memento homo, quia pulvis es.*

*Et in pulverem reverteris.* A segunda razaõ de nosa conversaõ a Deos funda a Igreja na fragilidade de nossas vidas, avisanos de que havemos de ser mortos, para que saibamos buscar a Deos como mortaes; mas he muito para reparar, que se encõmenda á memoria este aviso: *Memento*: a morte de cada hum de nós ainda ha de ser, o objecto da memoria he o que já foy, ninguem se lembra propriamente de cousas futuras, senaõ de cousas passadas; pois se a nossa morte ainda ha de vir, como se faz objecto da memoria? Para que nos desenganemos que ha de vir a nosa morte, naõ ha cousa mais certa que o passado, e na morte he taõ infallivel o futuro, que para se conhecer ainda quando futura, ha de ser por acto de memoria como já passada: *Memento*: em todos os outros bens, e males deste mundo ha seus acaſos: nasce hum minino, acaſo cresce, acaſo naõ cresce, acaſo

acaso fará rico, acaso pobre, acaso humilde, acaso honrado: dis-  
correi por todas as causas, de tudo podeis dizer, acaso terá,  
acaso não será, só na morte, por mais casos, que haja, não ha  
nenhum acaso: por ventura podeis afirmar desse minino, acaso  
morrerá, acaso não morrerá? Desde que nasceu começo a en-  
fermar, e tão de morte, que só com a vida acabará o achaque,  
porque traz o achaque na mesma vida.

Ninguem nasce tão vivo, que não venha mortal; as manti-  
lhas do berço são fiança das mortalhas do tumulo: andaõ sem-  
pre entre si de batalha estes dous grandes Capitaens, a morte, e  
a natureza, a natureza a produzir, e a morte a segar; com esta  
diferença porém, que he mais igual a morte em segar, do que  
a natureza em produzir: a natureza com fazer os homens todos  
do mesmo ser, não faz a todos da mesma fortuna, gera a uns  
ricos, a outros pobres, a este faz senhor, áquelle servo: a  
morte não anda com estas distinções, com igual respeito piza  
os palacios, e as cabanas, e se não perdoa ao sitio de hum vul-  
gar, não lhe escapa o throno de hum Monarca. Eleito Saul  
em Príncipe, deolhe Samuel por sinal de sua boa fortuna, que  
voltando acharia dous homens junto ao sepulcro de Rachel:  
*Hoc tibi signum, cum abieris, invenies duos viros juxta sepul-  
chrum Rachel*: estranho sinal para hum Príncipe novamente  
eleito; das mortalhas de hum defunto ha de inferir Saul as ven-  
das de Monarca? Para saber quem vay para o paço, ha de enca-  
minhar primeiro os passos a hum sepulchro? Isto he mandallo a  
reynar, ou a morrer? he mandallo a desenganar que tambem ha  
de morrer quem reyna: o lavrador em tempo da sega igualmen-  
te corta as mais altas, e mais baixas espigas, huma fouce sega-  
dora he instrumento da morte, resolvaõse as searas humanas,  
que altas, ou baixas a todas ha de alcançar o golpe. O throno  
de Jehu em sua exaltação a Rey de Israel foy assentado, con-  
forme o Caldeo, em hum relogio, armonia toda de rodas, e  
de estrondos, que por mais estrondos que faça a vida Real, he  
vida de roda, que se soa sempre, he, porque nunca pára: era re-  
logio de Sol, que tem as horas sómente pintadas, porque nem  
ainda no paço ha segurança de horas verdadeiras de vida.

Ora a mim já me parece, que a vida mais soberana não só  
he tão frágil como todas, senão mais caduca que nenhuma:  
todos

todos os homens saõ mortaes, porém o mais senhor mais mortal que todos: abrame o caminho a este sentimento huma consequencia notavel de Tertulliano. Considera elle a Christo no Pretorio de Pilatos acclamado Rey pelos soldados: *Ave Rex*, e confirmado na dignidade pelo Presidente: *Ecce Rex vester*; exclama estranhamente, e profundo: *Redemptorem habemus*, já naõ ha que recear, já temos Redemptor; que dizeis Africano grande? Christo entaõ ha de ser Redemptor, quando der a vida pelos homens; pois como o segurais Redemptor, quando o vedes Rey? Porque este reynar he profecia indubitavel de que ha de remir: naõ ha Christo de remir o mundo morrendo? Pois se está coroado, Redemptor tem o mundo, porque naõ pôde faltar morte, onde ha coroa: a natureza humana deo a Christo capacidade para morrer, porém a dignidade afiancou-lhe a morte para remir, a natureza fello mortal, a dignidade segurou o morto: *Ecce Rex vester: Redemptorem habemus: summa fortuna* he sunmo perigo: a luz quando enche toda a roda, entaõ pôde padecer o eclipse: quando os grandes naõ houvessem de acabar por humanos, houveraõ de acabar por grandes: tanta antipathia tem a grandeza com a vida, que as mesmas adoraçoes da Magestade saõ fataes disposiçoes para a ruina, que illustre desengano nas ruinas do insensivel.

Adoraraõ os Hebreos aquelle bezerro escandaloso formado do ouro de suas joyas, e sentido Moysés de ver o metal indignamente adorado, lança-o no fogo, e diz o texto que se defizera em pó, e em cinza: *Arripiens vitulum combusit, & contrivit usque ad pulverem*: naõ sei se notais a difficuldade: que se desfaça o ouro no fogo? No fogo, que acrisola, e naõ destroe os metaes? Notavel successo por certo, e no presente caso mais notavel. Duas vezes foy este mesmo ouro ao fogo, da primeira conservouse, e sahio idolo, da segunda consumiose, e ficou cinza: pois valhame Deos, se este ouro naõ podia antes consumirse no fogo, que o fez agora capaz de se destruir nelle? Quem o tornou caduco, se naõ era fragil? Tornou-o caduco quem o fez adorado; na primeira occasiao entrou este ouro no fogo com qualidades sómente de metal, na segunda entrou com respeitos de adorado no fogo, e se bem naõ podia desfazer-se por metal, pode por adorado desfazer-se. Ah adorados do mundo, as adoraçoes

çõens vos desvanecem, e naõ advertis que tambem as adoraçõens vos mataõ: se os metaes depois de adorados encontraõ seu ultimo damno, onde primeiro achavaõ seu mayor lustre, que succederá nos adorados, que naõ saõ metaes?

Contra os outros armase a morte, porque saõ homens, contra os grandes armase a morte, porque saõ homens, e porque saõ grandes, por duas partes os combate, pelo ser, e pela dignidade, singularmente o disse David em humas palavras muito vulgares: *Ego dixi: Dii estis vos, & filii excelsi omnes*; Senhores do mundo, vós sereis Vice-Deoses na terra, e filhos de progenitores muito illustres: *Vos autem sicut homines morienni, & sicut unus de Principibus cadetis*; porém tabei que haveis de morrer como homens, e acabar como Principes: reparo que distingue duas mortes o Real Profeta, morte como homens: *Sicut homines*, e morte como Principes: *Sicut unus de Principibus*: logo quem for juntamente homem, e Principe, he mortal duas vezes, mortal por homem, e mortal por Principe: assim excede na mortalidade, quem assim excede na grandeza, tanto ha de morrer de Principe, como de homem, por duas partes o busca a morte, pela fragilidade da natureza: *Sicut homines*, e pela soberania do estado: *Sicut unus de Principibus*.

Nem pareça que fiz atégora mais mortaes aos grandes sem fundamento, tendo razaõ para o sentir assim, e a meu juizo he grande razaõ: Deos creou a Adaõ immortal, fezse depois Adaõ mortal porque peccou, e peccou porque quiz ser muito soberano: *Eritis sicut Dii*: de maneira que nossa mortalidade, se bem advertirmos, teve causa, e teve occasião; teve causa na culpa, porque naõ fora Adaõ mortal, se naõ peccara; teve occasião na grandeza, porque naõ peccara Adaõ, se naõ quizera ser muito grande; vamos a nós agora: nos outros homens tem a mortalidade causa, porque todos nascemos culpados, nos grandes tem a mortalidade causa, e juntamente occasião, porque nascem culpados, e nascem grandes: pois quem duvida, que de algum modo fica mais mortal aquelle, em que a morte acha causa, e occasião de mortalidade, do que aquelle, em que a morte acha sómente causa? E comparando entre si a causa com a occasião, mais arriscada anda a vida pela occasião, do que pela causa, mais lle para recear a morte pelo estado soberano, do que pela

pela natureza culpada. Acab, quando vinha contra elle o de Syria, para resguardar melhor a vida, depondo a magestade de Rey, entrou de disfarce na batalha: Sisara, quando recebeo a rota de Barac, para fugir melhor á morte, deixando as insignias de General, se meteo na tropa dos apeados, de sorte que os senhores, quando nos perigos querem assegurar a vida, depoem o magestoso, e ficaõ só no humano, como que encarece nelles mais a morte pelo que tem de divinos, do que pelo que tem de homens: hase a morte comnosco, como nós com as flores, naõ ha homem, que pasleando por hum prado, ou sahindo a hum jardim, naõ tope com os olhos naquellea flor, que sobre as outras se levanta, e naõ estenda logo a maõ, e a corte, ou porque se soffre taõ mal a soberba, que ainda em ~~representaçao~~ aborrece, ou porque se levanta taõ mal a desigualdade, que ainda entre flores naõ he sofrivel: a flores compara David os homens: *Sicut flos agri, sic florebit*, e a morte como tão amiga de abater soberbas, anda com a mira nas eminencias, e assim corta vidas, como nós cortamos flores.

Com toda esta igualdade, que a morte guarda no golpe, commette grandes desigualdades no tempo: he desigual, porque naõ faz distinçao de pessoas, he desigual, porque naõ faz diferença de idades, a hum tira a vida nos annos maduros da velhice, a outros nos annos verdes da mocidade: como a morte em matar naõ segue a desigualdade da natureza em produzir, da mesma maneira naõ guarda com os annos o que a natureza observa com o anno: no anno ha Primavera para brotarem as flores, e ha Outono para se colherem os fructos; nos annos o mesmo veraõ da vida he o inverno da morte: espada, e settas attribuio á morte David: *Gladium suum vibravit, arcum suum tetendit, & in eo paravit vas a mortis.* E a que fim esta diferença de armas na morte? Porque se arma contra toda a diferença de annos: *Gladius vicinos, arcus remotos petit, sic nullus eximitur*, disle o insigne Expositor dos Psalmos de minha Religiao sagrada: A espada he arma, que serve para o perto, a setta he arma que serve para o longe: no juizo de nossa cegueira as idades tem seus longes, e seus pertos, a velhice parecenos que anda muito perto da sepultura, a mocidade pelo contrario parecenos que está muito longe do tumulo; pois que faz a morte?

Arma-

Armaſe de espada , e settas , settas para os longes da mocidade ; espada para os pertos da velhice : ninguem se confie nos annos , que para todos ha arma ; se fois velho , estais perto , e ha espada ; se fois moço , estareis embora longe , mas ha settas : desde as primeiras quatro vidas que houve , se costumou a estas desigualdades a morte : vivia Adaõ , vivia Eva , vivia Caim , e vivia Abel , os mais annos eraõ de Adaõ , os menos annos eraõ de Abel , houve a morte de fazer a primeira experientia de seu poder , e Abel foy o alvo de seus tiros , de forte que quando a morte quiz aprender a tirar vidas , fez o ensayo na menor idade , e primeiro que os velhos soube o mundo , que eraõ mortaes os moços , seria semrazaõ deste tyranno , mas naõ ha duvida que he de enganar as noſſas confianças .

E já se a morte esperara annos determinados para começar a tyrania de ſeu imperio , tivera a vida ſeus annos , porém começa tanto ante tempo , ou tanto a todo o tempo mata , que nenhum instante de ſeu fica á vida : paſſado o instante do nascimento , naõ ha instante algum , em que naõ poſſa morrer o homem , acaba de nacer neste instante presente , e pôde logo morrer no futuro , e ſe o primeiro instante he do nascimento , e todos os instantes ſeguintes ſão da morte , entre o nacer , e o morrer ſe reparte todo o tempo ; vivemos ſim , mas á merce da morte vivemos : naõ ſão annos da vida os annos de noſſa vida , depoſita-os a morte como ſeus , e pede quando quer o depoſito : vidro ſe chama na Escritura sagrada á natureza humana ; assim entendem alguns aquillo de Job , quando diſle , que nem o ouro mais fino , nem o vidro mais fino ſe podia comparar com a ſabedoria divina : *Non adæquabitur ei aurum, vel vitrum.* No ouro ſe significaõ os Anjos , no vidro ſe ſymbolizaõ os homens : lançai agora os olhos a huma tenda de vidros , onde ſe pozeraõ al-guns ha muitos annos , e outros ha poucos dias : pergunto , qual delles vos parece que quebrará primeiro , o que ſe poz ha annos , e está já taõ cuberto de pó , que naõ ſe vê ſua claridade , ou o que ſe poz ainda hontem taõ formoso , e transparente ? He cer- to que tanto risco corre hum , como o outro , e taõ pouca segu- rança tem este . como aquelle , porque ſão ambos da mesma maſſa , taõ fragil huma , como a outra . Pois toda esta machina eſpaçosa do mundo ſe huma tenda , os homens ſão os vidros , huns

huns mais crystallinos, outros mais escuros, huns mais bem lavrados, outros com galantaria, huns grandes, outros pequenos, huns estaõ muito altos, outros muito baixos, alguns entraraõ nesta tenda ha noventa annos, outros setenta, outros ha quarenta, outros ha vinte, outros hontem, e alguns hoje: entre tanta variedade onde será mayor o perigo? Qual será o primeiro, que estale, e quebre? He verdade que tanto se pôde temer os que entraraõ hoje, como os que ha noventa annos entraõ, e aquelle estalará primeiro, a quem primeiro fizer tiro a morte. Oh vida! Oh vidro!

Mas que fendo esta a fragilidade da vida, vivamos com tanto descuido da morte! Mas que fendo esta a certeza da morte, vivamos com tanto engano da vida! Que naõ tendo a viña de seu hum instante, gastemos os dias, os mezes, os annos como se naõ foraõ da morte! Oh resolvamonus já ~~algum dia~~ ouvir a Deos, que taõ amorosamente nos chama: *Converti mini ad me in toto corde vestro*: e todo o thesouro da sabedoria divina para conseguir a conversaõ de huma alma naõ ha remedio mais efficaz, que a lembrança da morte, por isto Christo deo a Judas por desesperado, e reprobo, quando na cea entre a practica da morte, e sepultura de Christo o vio sahir a concertar a venda: *Ad sepulturam dixit, neque hinc compunctus est*: esta memoria aviva hoje a Igreja, porque naõ conseguira Deos a conversaõ, que nos pede?

Se temos fé, e cremos que naõ ha perdaõ de peccados sem arrependimento do peccador, necessariamente nos havemos de arrepender algum dia; pois se ha de ser algum dia, porque naõ será hoje? Se ha de ser depois, porque naõ será logo? Ou o peccado he bem, ou he mal: se he bem, para que vos haveis de arrepender nunca? Deixaivos morrer em peccado, se he mal, e por isto determinais arrependerdeos depois: naõ he pouca cordura multiplicar o numero das culpas para dobrar as causas do arrependimento? Naõ he pouca consideraçao peccar mais para ter mais de que arrepender? Que queirais sacrificar o melhor dos annos ao mundo, e que naõ vos pejeis de reservar as reliquias da vida para Deos? Que intenteis começar a viver bem naquelles annos, onde muitos naõ chegaraõ, e outros acabaõ de viver? Comprais huma quinta, e desejaõ que seja

boa, fazeis huma galla, e procurais que naõ seja má: todas as vostas cousas, ainda as de menos substancia, pertendeis que sejaõ boas, e muito boas; e que segurança tendes de que a vida vos durará até esse tempo, para o qual guardais vossa penitencia? Quem vos esperou até hoje, naõ vos promette nem o dia de a manhã: quantos viraõ nascer o Sol, que o naõ tornaraõ a ver posto? E quantos o viraõ pôr, que o naõ tornaraõ a ver nascido? Naõ poderá ser cada qual de nós hum destes? Antes que se acabe esta hora, naõ poderá cada qual de nós acabar aqui a vida? E se succedesse? Mas quero que vivais estes annos, que falsamente vos prometteis, e por onde vos consta, que entaõ vos habeis de arrepender? Se agora vos parece taõ arduo dar de mão aos vícios, que será depois quando com o costume estiver a natureza mais depravada, e a graça mais distante? Nunca viites huma avezinha, que tendo o corpo todo livre, e solto, está com tudo preza por huma unha? Bate as azas para voar, e naõ pôde; arremeçase aos ares para fugir, e naõ acaba; pois que te detem avezinha triste, naõ tens o corpo solto, naõ tens as azas livres? Porque naõ voas, porque naõ foges? Quem te prende, quem te enlaça? Huma unha. Ah peccadores, a culpa he prizaõ da alma, se vos achais agora taõ impedidos, quando saõ os laços menos, como esperais desembaraçarvos, quando forem mais os laços? Se a muitos retarda hoje huma só unha preza, como confiaõ soltar se quando estiver enlaçado todo o corpo? Ahi naõ ha conversaõ de peccador sem vocaçao de Deos; senaõ acodis a Deos, quando vos chama, quem vos assegrou, que vos havia de acodir, quando vós chamardes? Aquelas cinco virgens loucas do Euanghelio naõ se preveniraõ, quando Deos as buscou, chamaraõ depois huma, e outra vez: *Domine, Domine*; e Deos naõ lhes acodio: *Nescio vos*; porque naõ temereis, que diga Deos que vos naõ conhece, quando vós chamardes, pois vós o naõ quereis conhêcer, quando elle vos chama?

E se he desacerto guardar a penitencia para o tempo futuro, reservalla para a hora da morte, que será? O arrependimento da hora da morte mais he arrependimento dos peccados, do que arrenedimento do peccador: quem se arrepende na vida, como se arrepende em tempo, que pôde peccar, elle he o que

que deixa os peccados : quem se arrepende na morte , como se arrepende , quando já naõ espera ter tempo para offendere , os peccados saõ os que propriamente o deixaõ a elle , e se o perdaõ segue o arrependimento , onde os peccados seraõ os arrependidos , como esperaõ os peccadores ser os perdoados ? Em todo o livro das Escrituras de Deos , diz Bernardo , naõ se lê , que se salvaste outro peccador na hora da morte , senaõ o bom Ladrão ; e que em 6872. annos naõ se saiba de certo , que na hora da morte houvesse mais que hum peccador arrependido verdadeiramente , e que esperem tantos arrependerse na hora da morte ? Se na bateria de huma Cidade pozesse o General pena de morte a hum artilheiro , se naõ empregasse alguma balla na muralha fronteira , naõ procederia como homens ~~rein~~ quizo aquelle , que deixando tanto espaço de parede , em que lograr o tiro , e salvar a vida , fosse pôr a mira na ponta ~~ultima~~ <sup>ultim</sup> levantada torre , onde qualquer coufa , que rebrevesse , ou delvesse , perde o golpe , e aventura tudo ? Pois que consideraõ he a nossa , que tendo o muro da vida para acertar este tiro , em que nos vay naõ menos , que huma eternidade de gloria , ou huma eternidade de pena , aceitamos taõ confiadamente ao ultimo ponto nôssoa conversaõ ? Isto he querer zombar de Deos ; e de Deos , diz Paulo , naõ se zomba : *Deus non irridetur : quemcumque seminaverit homo, hæc & metet* : semear peccados toda a vida , e esperar colher frutos de graça na morte : *Deus non irridetur* : comprar o inferno a preço de tantas culpas , e no fim da vida querer a gloria : *Deus non irridetur* : desprezar a Deos tantos annos por servir a nosso appetites , e na ultima hora buscar a Deos como amigo : *Deus non irridetur* : naõ se zomba assim de Deos : *Quicumque seminaverit homo, hæc & metet* : quem semear ofensas na vida , ha de recolher tormentos na morte . Nem recorrais á grandeza da misericordia divina , que essas confiaõs tem hõje a muitos no inferno : he verdade , que a misericordia de Deos he muito grande , e sem limite , nem condição alguma ; mas isto he para quem faz della motivo para se arrepender , e naõ para quem toma della occasião para peccar ; antes naõ vi mayor indicio da Justiça divina , do que a permissaõ de semelhantes esperanças na divina misericordia ; e se naõ , dizeme : Com estas esperanças que fazeis , ~~tomate~~ <sup>anate</sup> a penitencia ,

tencia , e multiplicar os peccados ? Pois deixavos Deos esperar em sua misericordia para peccar , e naõ vos parece , que he castigo severissimo de sua justiça ? Na outra vida hase de medir a pena para a culpa ; deixar augmentar as culpas he querer augmentar as penas ; e naõ julgais , que he castigo da Justiça divina ? Diz Jeremias , que ella se parece com hum arco : *Tetendit arcum suum* . E porqne se compara mais ao arco , que a outra arma ? Porque *in arcu* , diz Jeronymo , *quanto longius trahitur chorda , tanto eo distractior exit sagitta* : no arco quanto mais ao largo se estira a corda , tanto com mais violencia se despede a setta : andai agora a retardar a penitencia de confiados na misericordia , e no fim vereis se foy justiça : a divina Justiça he arco ; deſde o primeiro peccado ~~illorū~~ , que commettemos , se embebeo nelle a setta de noſſo supplicio , e se a corda se for estirando por vinte , por trintay por cincuenta , por setenta , e por mais annos , com que furia ranha no cabo a setta ?

Ora , fieis , conhecida a vileza do mundo á vista da baixeza de nosſo ſer : *Memento homo , quia pulvis es* , e reconhecida a importancia de nosſa conversaõ á vista da fragilidade de nosſas vi- das : *Et in pulverem reverteris* , naõ permittamos , que em tanto danmo de nosſas almas se malogre o conſelho de Christo , e a vocaçao de Deos : Deos chamanos á ſua graça : *Convertimini ad me* : e que mayor felicidade , que viver na graça de Deos ? Christo aconſelhanos , que deponhamos os affeçtos da terra : *Nolite theſaurizare in terra* . E que ha na terra , que nos mereça juſta- mente os affeçtos ? A Deos poſis com os coraçōens , ao Ceo com as ancias , alli tendes grandezas ſem vaidade , honras ſem baixos , privança ſem receyo , despachos ſem dependencia , poſtos ſem desdouro , fama ſem inveja , prosperidade ſem perigo , formo- ſura ſem eclipse , e ſem mudança , amor ſem tormento , e ſem ruina , goſtos ſem pezar , deleites ſem ſede , riquezas ſem li- mitaçao , amizade ſem lifonja , Corte ſem voltas , e gloria ſem fim : *Quam mihi , & vobis p̄fetare dignetur Dominus omnipotens* , *¶*

SER.

# SERMAO.

NA PRIMEIRA SEXTA FEIRA  
DA  
QUARESMA

Prégado na Freguezia de S. Juliaõ anno de 1674.

*Ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros, ut sitis filii patris vestri, qui in Cælis est. Matth. 5.*



NTRE todas as cousas do mundo, que nollos olhos vem, ou nollos entendimentos alcançaõ, o mayor milagre, e o mais notavel he verdadeiramente o homem: Oriente do Ceo, e da terra, com termo da eternidade, e do tempo, vinculo do Creador, e da creatura, na vida semelhante ás plantas, no sentido igual aos animaes, no entendimento companheiro dos Anjos, na magestade quasi hum segundo Deos, composto de duas naturezas tão diversas, e tão adversas, como são o espirito, e a carne, das quaes huma he celestial, e outra terrena, huma he caduca, e outra immortal, huma he imagem de Deos, e outra semelhança dos brutos: o espirito o faz pio, a carne o faz impio, o espirito o levanta ao Ceo, a carne o abate ao inferno, o espirito o reforma em Deos, a carne transforma em animal. Ha mayor milagre que o homem? Pois ainda ha outro mayor milagre. A unica admiraçao, a maravilha unica entre todos os homens he o Christão verdadeiro: he feliçissimo, porque espera em premio o Ceo, he infelicissimo, porque está em desterro na terra: he fortissimo, porque vence ao demonio, he fraquissimo porque ás vezes o vence a carne: he animosissimo, porque não teme a morte, he pusillanime, porque o afflige a vida: he nobilissimo, porque he Irmão de Christo, he vilissimo.

vilissimo, porque he fabula do mundo: he prudentissimo, porque sabe o caminho da salvação: he fidelissimo, porque ciê, e naõ vê: he todo sollicito, porque nunca ama o descanço: he todo descuidado, porque se deixa reger em tudo de Christo: padece continuos combates de fóra, e gosa continua paz de dentro, morre na vida, e vive na morte, todas as cousas ama por Christo, e naõ ama a si mesmo por Christo, naõ o desvanece a fortuna, nem o entristece a desgraça, no mesmo tempo deseja morrer, e no mesmo tempo deseja viver; morrer para estar com Christo, e viver para servir a Christo.

Naõ vos parece, que he milagrosoa coufa, Christaos? Milagre da natureza he ser homem, milagre da graça he ser Christão, e quanto he maior a graça, que a natureza, tanto he superior o Christão a todos os homens. Pois á vista deste prodigo de graça, ainda ha outro prodigo maior, e qual será? He aquelle Christão, que chega a executar o que hoje ordena Christo aquelle Christão, que ama a quem o naõ ama: *Diligite inimicos vestros*: aquelle Christão, que faz bem a quem lhe faz mal: *Benefacite his, qui oderunt vos*: aquelle Christão, que roga a Deos por quem o persegue a elle: *Orate pro persequentibus vos*: esse he o milagre dos milagres, naõ excedem tanto as plantas ás pedras, nem os homens aos animaes, nem o Christão aos outros homens, quanto sem comparação excede aos outros Christaos aquelle Christão, que chegou a perdoar hum aggravo: as plantas excedem ás pedras pela perfeição da vida, os animaes excedem ás plantas pela perfeição do sentido, os homens excedem aos animaes pela perfeição do entendimento, o Christão excede aos outros homens pela perfeição da graça, o Christão, que perdoa aggravos, excede aos outros Christaos pela imitação perfeita de Deos: *Estote perfecti, sicut & Pater vester cœlestis est*. E quanto Deos he maior, que a graça, e que a natureza, tanto o Christão, que perdoa, he maior que o homem prodigo da natureza, e que o Christão prodigo da graça: ser homem he milagre da natureza; mas sem as excellencias de perfeita imitação de Deos: sef Christão, que perdoa aggravos, he milagre da perfeita imitação de Deos, sobre que naõ ha mais excellencia, que por isto S. Chrysostomo chamou ao perdaõ dos inimigos *ultima coroa de todos os bens: Ultimam coronam bonorum.*

norum. A esta gloria mayor, a esta mayor perfeiçao pois determino affeicioar hoje noslas vontades a recuzir noslos entendimentos; para isto descubro no thema tres razoens muito efficazes; devemos amar aos inimigos por amor do proximo, por amor proprio, e por amor divino, mais claro devemos amar inimigos, por amor delles, por amor de nós, e por amor de Christo.

A V E M A R I A.

**Q**uem cuidará, que podesse haver em quem me aborreça razaõ alguma, para que lhe perdoasse? Pois sim, sua razaõ ha, e he a primeira, porque devemos perdoar a noslos inimigos por amor delles. Naõ reparais, que sendo este Euângelh dirigido a persuadirnos o perdaõ dos inimigos, naõ se acha em todo elle memoria alguma expresa de perdaõ: diz Christo, que os amemos: *Diligite*, diz que lhe façamos bem: *Benefacite*, diz que roguemos por elles: *Orate*; mas naõ diz, que lhe perdoemos. Sabeis porque? Porque nos inimigos naõ ha tanto que perdoar, como ha muito de que compadecer: claro está, que quando Christo manda, que os amemos, que lhe façamos bem, que roguemos por elles, alli nos manda que lhe perdoemos; porém naõ manda claramente perdoar, senão amar, rogar, fazer bem, porque perdoar absolutamente he perdaõ de quem remite o agravo; porém perdoar rogando, perdoar fazendo bem, he perdaõ de quem remite o agravo, e juntamente se compadece do perdaõ: a sorte dos inimigos he tanto para compadecida, que de pura lastima lhes devemos os aggravatedos o perdaõ. As injurias mais saõ matéria de compaixaõ, que de vingança; hum inimigo he tanto mais para objecto de lagrimas, que de rigores, que naõ só merece hum perdaõ, que remita offensas, senão hum perdaõ, que mostre lastimas: fundase esta lastima, e compaixaõ, que devemos ter de noslos inimigos, na causa, e origem de sua inimizade, porque ahi naõ ha odio, que naõ seja filho da inveja, a desigualdade das prendas occasiona a diferença nos animos; ninguem houvera aborrecido, se ninguem houvera melhor. Agora vejamos isto brevemente, para que conhecendo por invejoso a todo o inimigo nos salvamos em que nos merece mais compadecidos, do que vingados.

Primeiramente faz inimigos a graça, nem ha mister mais razaõ para ser muito perseguido, que o ser mais ajustado; ou havéis de deixar a virtude propria, ou haveis de experimentar o aborrecimento alheyo. A primeira morte, que houve no mundo, foy a de hum justo, porque se a morte no juizo de Deos foy castigo da culpa, na desordem dos homens foy primeira pena da santidade; se Abel fizera vida menos perfeita, elle tivera mais annos de vida; mas quiz proceder bem, quando Caim procedia mal, e ainda que seja irmão, naõ ha Caim, que sofra os melhores costumes de Abel; como a bondade alheya seja ofensa da malicia propria, naõ respira o coraçao do peccador, senão arde sua indignação contra o justo; por isto Isaac, querendo reparar com Esaú a benção, que lhe furtara, Jacob lhe disle: *Vives in gladio.* Esaú vivirás na espada; pois na espada viveſe? Com ella se pôde peleijar, mas viver nella? Os Esaús sim vivem na espada; para os outros he arma, com que peleijão, para os Esaús he alento, de que vivem, porque como naõ podem ver a Jacob, respirão nas esperanças de que poderão naõ o ver, e tanto se consolaõ em velo viver, em quanto esperão, que o haõ de matar. Trabalhosa cousa he viver bem entre gente, que vive mal, porque vos naõ haõ de faltar ou Caim, ou Esaú.

Faz inimigos a natureza, ou resplandeçais estremado nos dotes da alma, ou nas qualidades do corpo: quanto tiveres de luzes, tanto podeis promettervos de rayos, nunca vereis estrela, cujo resplendor chegue á terra sem vir tropeçando em muitas sombras. O Sol por este Zodiaco, por onde faz seu ardente curso, vay dispensando luzes, ameaçado já das tempestades de hum Aquario, já dos encontros de hum Carneiro, já das pontas de hum Touro, já das unhas de hum Cancer, já das garras de hum Leão, já dos dentes de hum Scorpiao, já dos tiros de hum Sagitario, já dos golpes de hum Capricornio; naõ ha remedio, ou naõ haveis de luzir Sol, ou haveis de ter paciencia, porque vos naõ haõ de faltar tempestades, que vos afoguem, encontros, que vos offendão, pontas, que vos persigaõ, unhas, que vos rasguem, garras, que vos despedacem, dentes, que vos mordaõ, tiros, que vos molestem, e golpes, que vos firaõ. Aquella mulher do Apocalypse, o mesmo foy o parecer monstro de resplandores,

res, que ver armado em sua ruina o monstro das escuridades: *Mulier amicta Sole, & Draco stetit ante mulierem*: brava temida de Dragaõ? Em que te offendeo este prodigo luzido, para te representar irritado? Mas luzia muito, e tanto luzimento seu naõ podia deixar de provocar em opposiçao tuas trevas. Luzes, dispor ao soffrimento, que vos haõ de perseguir; mas consolar, luzes, que vos haõ de perseguir sombras.

Faz inimigos a forte, e bastaõ ainda fortunas sonhadas para grangear inimizades verdadeiras. Sonhada era a magestade de Nabuco naquella estatua, chimera prodigiosa de metaes; mas logo vejo despedida em damno ultimo de tanto metal, e de tanta grandeza huma pequena pedra, que sem maõs se arrancou de hum monte: que contra hum afortynado quem me nos maõs tem, esse tem ordinariamente mais maõ. Em sonhos se vio Joseph mayor que seus irmaõs, e custouine a relaçao do sonhado huma escravidaõ verdadeira; he bém verdade que passar Joseph tanto apressado do campo ao Ceo, acharse na primeira noite adorado de paveas, e introduzirſe logo na outra adorado dos astros, sua apparencia fazia elcandalo; hontem mayor que humas paveas, e hoje mais que as estrellas, mais que a Lua, e mais que o Sol, hontem escaçamente levantado das mesmas palhas, e hoje já desprezando as mayores luzes; bem parece que merecia inimigos este mais voo que subida de Joseph; porém se tudo era sonho, que culpa tem Joseph em sonhar, a grandeza sonhada, e Joseph vendido? O Viso-Rey nada em sonhos, e o cativeiro em realidade, he tyranna execuçao do aborrecimento humano; mas assim se offendem os homens das excellencias alheyas, que nem por sonhos, merecem ser suas.

Faz inimigos o aplauso, a mayor opiniao, e mayor nome: e a estimaçao mayor he hum vinculo de contradicoens, hum despertador de odios para crucificar a Christo; que crimes imaginais allegaraõ os Fariseos: *Ecce totus mundus post eum vadit?* Que era hum homem tal que todo o mundo hia a poz elle; ha crime como esse? Se Christo andara obsequioso a traz do mundo se andara vendendo lisonjas para comprar estimaçao, muito justo fora que o perseguissem; mas se o mundo se vay a poz Christo, sem que elle nem com obsequios, nem com lisonjas a per-

a pertende, persiguase quando muito o mundo, que estima; porém Christo o estiñado, o seguido, em que razaõ cabe isto? Claro está que naõ cabe em alguma razaõ: mas se sois estimado, sois applaudido; pois seja como for, ainda que naõ compreis o aplauso com lisonjas, ainda que naõ soliciteis a estimação com obsequios, e o que mais he, ainda que sejais filho de Deos, vos haveis de ver aborrecido, e naõ faltaráõ homens farisaicamente arrojados, que vos ponhaõ em huma Cruz; e se vossa doutrina he o motivo de vossa estimação, para vos diminuirem a estimação elles vos desfarão na doutrina, elles vos trocarão as palavras, elles vos perverterão o sentido, elles dirão que fallais do templo, quando fallais do corpo: *Hic dixit: Possum destruere templum Dei*, elles dirão que dizeis huma blasfemia, quando dizeis huma verdade: *Scindens vestimenta sua, blasphemavit*, elles dirão, que fallais em Elias, quando fallais em Deos: *Elias vocat iste*. Com estes encargos se lograõ os aplausos do mundo; mas melhor he ser Christo, que Fariseo.

Faz finalmente inimigos o beneficio, que dos obrigados se fizeraõ sempre os desagradecidos; a quantos levantastes da terra, como faz o Sol aos vapores, que depois se vos pozeraõ nuvens? Aquelles recolhestes a vosso amparo necessitados, como faz a nuvem á exhalacão em seu seyo, que depois vos descompozeraõ rayos: o mesmo foy em Deos fazer favores, que crear inimigos; se Deos naõ levantara a Adaõ de barro, naõ tivera homens que o aggravasse; se Deos naõ tirara a Lucifer do nada, naõ tivera diabos, que o aborrecesse; dentro de huma hora levantou a Adaõ de barro a homem, e de homem a senhor: naõ eraõ bem corridas as tres, quando já estava inimigo de Deos Adaõ: em hum momento tirou a Lucifer do nada a Anjo, e naõ eraõ muitos passados, quando já estava feito demonio Lucifer: regulouse a pressa da inimizade pelo excesso do favor: no homem, que foy menos favorecido, esperou a inimizade por horas, no Anjo, que foy mais avantajado, chegou por momentos a inimizade: quem cuidais que introduziu o arrependimento no mundo, os beneficios mal pagos, o primeiro arrependimento que houve, o arrependido de fazer merce, foy Deos: *Penituit eum quod hominem fecisset*; assim se haviaõ de pagar elles no mundo, que quando o arrependimento se devera achar

Só nos que nzeilem mal; pelo primeiro que rez bem, começou o arrependimento. Se o dar naõ obrigara, menos ingratos houvera; mas como o bemfeitor em tudo o que me dá, me obriga, e em tudo o que obriga, se me avantaja, por naõ conhecer vantagens alheyas nego obrigaçõens proprias, e offendo inimigo, a quem devera corresponder affeiçoad.

De todo este discurso pois se segue que quantas inimizades ha no mundo, todas saõ parto infame de inveja: estai certo que ninguem vos persegira, senaõ vos invejara ou as precedencias na graça, ou as excellencias na natureza, ou os excessos na fortuna, ou os extremos na estimaçāo, ou as vantagens no beneficio. Saõ os inimigos, como as aranhas, que das flores fazem o feu veneno, saõ como o Fenix, que morre entre os cheiros, e aromas. Mortificada ficas desta vez, ave prodigiosa; mas naõ morrerás tu entre as fragancias? Ninguem mais descubertamente vos louva, que aquelle, que menos ocultamente vos aborrece; a valentia de seu odio he hum pregaõ de voslos merecimentos; se o inimigo naõ achara em vós as flores de muitas prendas, elle tivera menos de que fazer peçonhas para vos molestar; senaõ sentira em vós o cheiro de muitas vantagens, elle se matara menos em vos persegir. Pois isto naõ merece mais compaixaõ, ou lastima, do que rigor, e vingança: que haja homem taõ desgraçado, que ande a vingar sua dor na luz alheya: que vos persiguaõ, porque naõ vos igualem, que vos aborreçaõ, porque sois melhor, certo que naõ pôde haver coufa mais justa para huma compaixaõ. Pois por islo naõ diz Christo absolutamente, que perdoemos aos inimigos, senaõ que os amemos, que lhe façamos bem, e que roguemos por elles, porque na verda de tudo nos merece seu odio: *Diligite inimicos*; porque he justo que naõ aborreçais a quem com tormento seu pública excellencias voslas: *Benefacite*, fazeilhe bem, porque he justo, que vos compadeçais de quem, i.e. vos ofende, he, que lhe doe. *Orate*, rogai por elles, porque he justo, que vos lastimeis de quem, se vos faz mal, he, porque busca no vosso mal o remedio para o seu.

A segunda razaõ, que ha para que perdoemos a nossos inimigos, he por amor de nós, porque entaõ ~~procedemos~~ mais amigos de nosso bem, quando menos mal queremos a nossos inimigos.

inimigos: o motivo principal de nossa vingança he sempre o appetite da honra, por isto somos vingativos, porque desejamos ser honrados, e pela estimação de honrados deviamos nós despir o animo de vingativos: *Orate pro persequentibus vos*, diz Christo, *ut sitis filii Patris vestri, qui in Cælis est*. Perdoai as offensas, para que sejais filhos de vosso Pay, que está nos Ceos, de maneira que ser filho de Deos, ou naõ ser filho de Deos, he a diferença, que ha entre a vingança, e o perdaõ; se perdoamos, temos Deos por filhos; se nos vingamos, naõ temos a Deos por Pay. Diga agora o mundo, que accão mais honrola, se o perdaõ, se a vingança? Se Christo quiz, ou pôde enganarnos? Bem podéra ser que a vingança seja mais honrola, que o perdaõ; porém se cremos, como devemos crer, que Christo nem quiz, nem pôde enganarnos, naõ se pôde negar que o perdaõ he tanto mais honroso, que a vingança, quanto he mais honrado o ser filho de Deos, certo que para entendermos o muito que vai do vingar ao perdoar, naõ he necessario mais argumento, nem mais evidencia; e senão dizeime, que homem de juizo, tendo em sua maõ adoptar estes, ou aquelles por filhos, adoptara aos que fossem infames, e naõ aos que fossem honrados? Pois o que naõ fizera hum homem de juizo, pôde considerar-se acaso, que o faça Deos? Claro está que naõ; pois se Deos diz que saõ seus filhos os que perdoaõ, e que naõ saõ seus filhos os que se vingaõ, como elle naõ houvesse de querer ser Pay dos infames, que se segue, senão que os que perdoaõ, esles saõ os honrados. Terrivel consequencia para os vingativos; mas verdadeira.

Taõ honrados ficaõ os offendidos, quando perdoaõ suas offensas, que naõ saõ filhos de Deos na esfera de humanos; mas saõ filhos de Deos com privilegio de divinos. Remitir offensas he virtude divina, o mesmo he hum agravo remitido, que huma humanidade divinizada; se vos vingais, tervoshaõ embora por muito homem; mas se perdoais, tendes de Deos muito. *Blasphemamur, & obsecramus*, diz aquelle grande amante de seus inimigos Paulo, somos blasfemados; e com que razão pô le chamar o Apostolo blasfemias ás injurias, que he faziaõ? A blasfemia como observa Santo Agostinho, he aquella injuria, que tem pôr objecto a Deos, aquella palavra de menos

ref-

respeito, que se diz contra Deos; ella se chama blasfemia, as outras, que se dizem contra os homens, chamaõse injurias, ou afrontas. Como diz S. Paulo, que as suas injurias saõ blasfemias: *Blasphemamur?* Diz que saõ blasfemias, porque diz naõ eraõ injurias vingadas, senaõ injurias perdoadas: *Et obsecramus:* o sofrimento intitulou como divinas as que eraõ offendidas humanas, os inimigos afrontavaõ a Paulo, e Paulo afrontado rogava a Deos pelos inimigos, e homem, que naõ vinga afrontas, homem, que perdoa calumnias, naõ se diz injuriado, como homem, dizte blasfemado como Deos: naõ se chamaõ injurias seus aggravos, chamaõse blasfemias: *Blasphemamur, & obsecramus.*

Assim honra, assim authoriza, assim engrandece na verdade infallivel de Christo, e no juizo sincero de S. Paulo afronta generosamente perdoada; e que sendo isto assim, naõ vejamos hoje no mundo aggravados, que sejaõ filhos de Deos, naõ vejamos offendidos, que sejaõ blasfemados, que todos vivamos cegamente persuadidos em que a opiniao de honrados consiste na demonstraõ de vingativos! Pois desenganemse nossas imaginaõens erradas, que naõ ha mayor offensa da authoridade propria, do que a vingança das propias offensas, e os inimigos souberaõ bem aborrecernos; o motivo de seu odio naõ houvera de ser o nosso aggravo, senaõ a nosla vingança, naõ havia de offendernos por nos offendere: por nos vingarmos haviaõ de offendernos; e isto porque? Porque se o intimo do odio he desluzirnos, entaõ ficamos desluzidos, quando estamos vingados em materia de offensas; perde-se o credito muito ás avessas do que se cuida, cuidamos que se perde o credito pelo aggravo, e naõ he assim, porque o descomedimento do outro, que ou de invejoso, ou de naturalmente ruim me offende, nunca pôde ser menoscabo de minha estimaõ; e se naõ digamos q[ue] Deos tem a magestade muito diminuida, porque he dos homens muitas vezes aggravado: cuidamos que se alcança pela vingança o credito, e naõ he assim, porque naõ ha credito, que naõ vá perdido.

Dizia Abisai a David no dia de sua afliumpçaõ ao Reyno Israel, que vingasse na vida de Semei ás injustas, e repetidas afrontas, que tinha recebido de sua protetiva lingua; e que

lhe responderia David? *An ignoro hodie me factum regem?* Por ventura ignoro eu, que estou hoje feito Rey? Pois David, que resposta he esta? Dizvos Abisai que vingueis os agravos, que recebestes, e respondeis que naõ ignorais a pessoa que sois? Sim: com o conhecimento do que era, responde David á vingança, que lhe propunhaõ: ou David naõ se ha de conhecer para se vingar, ou naõ se ha de vingar huma vez que se conhecer; porque se conservaõ mal juntas vingança, e authoridade, que só pôde empenharse em vingativo, quem se desconhecer autorizado: a vingança de agravos he huma transformaõ de qualidades. O homem, que se vinga, já naõ he o homem que fora, por isto ha de entregar o que he ao esquecimento: para resolver a vingarse com a vontade, ha de ignorarse antes para se vingar depois: este he o engano dos vingativos, o imaginarem que entaõ tem mais na memoria sua nobreza, quando soffrem menos no peito huma offensa, sendo que David por isto naõ vingava suas offensas, porque lhe faltava o esquecimento de sua nobreza. Assentem consigo os que se gloriaõ de nobres, que vingados, saõ taõ outros do que eraõ, que devem começar a desconhecerse desde que intentarem vingarse: a razão de tudo isto he, porque a vingança naõ he empreza de animos soberanos; he execuçaõ sempre de homens humildes. Saõ extremos taõ distantes a vingança, e a nobreza, que ainda a voz da vingança he indigna de peitos nobres; a nobreza nisto de offensas nem ha de ter maõs, nem ha de ter vozes, nem ha de ter maõs vingadoras, nem se lhe haõ de ouvir vozes vingativas.

Matou Caim a seu irmão Abel, e o sangue do morto clamou: *Vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra.* Santo Ambrosio explicando estas palavras: *Clamat ad me de terra,* diz que mostrara Deos, que o sangue de Abel, que lhe pedia a vozes vingança; naõ era o que ficara nas veyas, mas o que se derramara na terra: *Vox sanguinis accusat, quem ipse fudisti,* de sorte que as vozes da vingança eraõ sómente dadas pelo sangue, que se derramou na terra; e porque as naõ dava tambem o sangue, que ficou nas veyas? Tanto de Abel era este, como aquelle sangue; pois se hum clama vingativo, porque naõ clamou outro? Porque na sangue, a que toca a voz de vingança, e ha sangue,

## *da primeira sexta feira da Quaresma.*

31

sangue, a que a voz da vingança não toca: o sangue, que ficou, era sangue puro de Abel, sem que perdesse a nobreza propriia de suas veyas: o sangue, que se derramou, era sangue, que estava misturado com a terra, não conservava a nobreza, que possuia nas veyas de Abel, tinha já sua mistura; pois por isto calle aquelle, e por isto clame este, porque vozes de vingança não se achaõ em sangue, que he todo puro, e achaõse em sangue, que não he de todo limpo: vejaõ agora os vingativos de que casta pôde dizerse, que he o seu sangue, se do que ficou a Abel nas veyas, se do que se lhe derramou na terra? Vejaõ como pôde a execuçao da vingança ser conservaõ da nobreza; quando só na vileza se achaõ ainda as veyas da vingança? Lastima grande em verdade, que acertemos menos em conservarnos honrados, quando levamos mais nos olhos a honra: no perdaõ, fieis, consiste a conservaõ da qualidade, quereis conservar aquillo, que sois, não vingueis; perdeai offensas.

Muito pondera Santo Agostinho, que não dissesse Christo: *Vós, que sois filhos de Deos, amai aos inimigos, senaõ: Diligitte, ut sitis: Amai aos inimigos, para que sejais filhos de Deos, e tem razão: os Christaõs pelo bautismo todos ficamos filhos de Deos, nesta occasião com os Christaõs fallava; pois se já somos filhos de Deos, como diz que perdoemos para o sermos? Porque quiz mostrarnos, que o meyo unico para conservar o que somos, que he perdoar as injurias, que recebemos: sois vós Christaõ; sois já filho de Deos: pois diligite, ut sitis, para que sejais isto mesmo que já sois, perdoai os aggravos; porque se os não perdoardes, não ficareis, como sois, filhos de Deos: sois vós honrados, sois nobres: pois diligite, ut sitis, para que sejais isto mesmo que já sois, não vingueis as afrontas; porque se as vingardes, não ficareis, como sois, nobres. Eisaqui como a vingança destroe o que somos, e eisaqui como o que somos se conserva no perdaõ: bem é logo, que por amor de nós perdoemos a nossos inimigos, para que não percamos o que somos ou a beneficio da natureza, ou o que he mais, a favores da graça: Diligit inimicos vestros, ut sitis filii Patris vestri, qui in Cœlis est.*

A terceira razão, e a mais efficaz, que ha para perdoarmos a nossos inimigos, he por amor de Christo; porque he preceito

ceito seu, em que elle para nos obrigar a observallo, interpoz a authoridade toda de sua pessoa: *Audistis, quia dictum est ab antiquis: Diliges proximum tuum.* Ouvido havereis, homens, que se disse aos antigos, aos da era, e seculo, que já passou, que amassem a seu amigo, e ao inimigo aborrecessem: *Ego autem dico vobis;* porém eu que sou Mestre do mundo: *Ego: eu,* que desci do Ceo á terra a declarar as Escrituras: *Ego: eu,* que sou Expositor da Ley divina, e reformador das tradições humanas: *Ego: eu,* que sou Senhor das vinganças, para que vós naõ sejais juizes de vossos agravos: *Ego: eu,* que sou desde a eternidade unigenito Filho de Deos, e tomei em tempo vossa natureza para merecervos em huma Cruz o perdão de vossas culpas: *Ego dico vobis: Diligite inimicos vestros:* Eu vos digo que ameis a quem vos aborrece, e perdoai a quem vos offende, honrareis a quem vos infama, e favoreceréis a quem vos persegue; já que atégora para terdes odio seguiastes as leys erradas do mundo, daqui por diante, segui a doutrina verdadeira de hum Deos homem, que vos prohíbe o aborrecimento, e vos encommenda o amor. Em hum preceito de tanto empenho divino, que razão pôde haver, para que falte a correspondencia humana? Se he gosto declarado de Deos, que amemos os inimigos, naõ he devido, que façamos a Deos o gosto? Quantos agravos gasta o tempo, quantas injurias doura o interesse, quantas afrontas poem em esquecimento a dependencia; pois o que acaba com nosco a dependencia, o interesse, e o tempo, naõ acabará o respeito, que devemos ter a Deos?

No Psalmo 147. escreve David o summo cuidado, com que a natureza insensível obedece ao Senhor, e cada huma obediencia sua vem a ser vergonha noſſa. Manda Deos, diz, sua palavra ao mundo: *Emittit eloquium suum terræ,* em hum instante se corre palavra entre todas as criaturas para lhe obedecerem rendidas, ainda em couro, á sua qualidade contrarias: *Velociter currit sermo ejus.* Vay correndo a divina palavra, chega á nevoa, e se lhe manda Deos, que aquente, como se fora lá; contra seu intenso rigor, como se fora lá, aquenta a neve: *Dat nivem sicut lanam;* e que nos mande Deos, homens que amemos a quem nos aborrece: *Diligite inimicos vestros,* e que nós os naõ amemos, que naõ tire Deos o menor calor da neve fria

fria de noitas inimizades, ah homens mais que a neve, a Deos indignamente oppostos! Da neve passa a divina palavra á nevoa, e se lhe manda Deos, que seque, como se fora cinza, seca a nevoa: *Et nebulam sicut cinerem spargit;* e que nos mande Deos, homens, que favoreçamos a quem nos persegue: *Orate pro persequentibus vos*, e que os naõ favoreçamos, que naõ tire Deos o melhor agrado da nevoa espessa de nossas indignaçoens! Oh homens mais, que a nevoa, a Deos injustamente ingratos! Da neve passa a divina palavra ao crystal, e se lhe manda Deos, que se faça como paõ em bocados contra sua nativa dureza; se desfaz em bocados de paõ o crystal: *Mittit crystallum suum sicut bucellas*; e que nos mande Deos, homens, que façamos bem, a quem nos quer mal: *Benefacite his, qui oderunt vos*, e que naõ lhe façamos bem, e que naõ tire Deos o menor beneficio do crystal duro de nossas iras! Do crystal passa a divina palavra ao elemento do ar, e se lhe manda Deos, que com humilhão pro resolva de novo em aguas, nuvens, crystaes, e nevoas, sem repugnancia alguma se resolve logo em agua, nuvens, nevoas, crystaes: *Liquefaciet ea, flabit spiritus ejus, & fluent aquæ.* E que nos mande Deos, homens, que perdoemos a quem nos ofende: *Orate pro calumniantibus vos*, e que naõ lhe perdoemos, que naõ tire Deos a menor brandura do gelo por tantos annos congelado de nossos odios! Oh homens mais que tudo a Deos obstinadamente repugnantes!

Naõ sei verdadeiramente, que juizo se deve formar de nosla fé, e de noslos juizos: he possivel que naõ queiramos executar a vontade divina por seguir a opiniao falsa de duelistas blasfemos, que tem introduzido por materia de estado no mundo, que se perde a honra, se senaõ vinga o agravo! Isto naõ he materia de estado, he erro, he blasfemia, he heresia. Jesus Christo ordena, que perdoemos as injurias, Jesus Christo prohíbe, que vinguemos offensas. Pois dizeime: Em guardar hum preceito de Christo pôde nunca perderse a honra? Tal está a nosla, ou a vossa Christandade, que corre deshonra a guarda da Ley de Christo: sei eu que de Cesar disse com grande aplauso dos ouvintes Cicero: *Quod nihil oblivisci soleret, nisi injurias*: que de tudo se lembrava, senaõ dos agravos: se foy ouvor, assim obraya Cesar; se foy lisonja, moitrou Cicero, que

assim era bem que obrasse, e que quando entre Gentios se aprovava, e se applaudia o esquecimento dos agravos, hoje entre Christãos se reprova, e se condena, que se receba com geral desestimação no lume de nossa fé, o que tinha particulares acclamaçoens na cegueira da idolatria, que a mesma obra, quando a fazia Cesar, fosse gloria, e quando a manda Deos, seja infamia. Por ventura tinha Cesar mais authoridade para engrandecer obrando o esquecimento das offensas, do que Deos tem magestade para acreditar obrando, e mandando o esquecimento das afrontas? Certo, que nem em boa Christandade, nem em bom juizo poderão achar a isto resposta noslas resoluçoens vingativas, e quero que a desistencia da vingança fosse deshonra de vossa pessoa; e será bem, que por não seres desestimado, vós que sois homem, desestimeis a Deos? Ah! não ha vingar agravos, sem offendere a Deos, que prohibio apertadamente vingallos; pois cabe em alguma luz de razaão, que desprezeis vós a Deos; porque vos não despreze a vós o mundo? Sois mais dignos de honras, que Deos? Val mais o vosso credito, que o seu respeito, para que á custa do seu respeito repareis as faltas do vosso credito? Se he cosa indigna, que vos offenda outro homem, e por isto vos vingais, não he cosa muito mais indigna, que vós offendais a Deos, para que por isto vos vingueis? Todo hum Deos se atravessa entre vós, e vosso inimigo, e não ha vingança, que possa lograr o golpe no inimigo, sem cortar primeiro pela Magestade de Deos; e que por Deos vos arrojeis a executar a vingança, que ha de ficar offendido, e gravemente offendido, porque vós fiqueis desaggravado! Ah offendido Senhor, e tão indignamente offendido, que inobedientes homens creastes! Ah desprezado Jesus Christo, e tão injustamente desprezado, que ingratas almas remistes! Ah homens, que pareceis homens sem almas, ah almas, que não pareceis almas de homens! Se Deos vos perdoa as offensas que lhe fazeis, por amor de vós, que lho pedis, porque não perdoareis os agravos, que vos fazem, por amor de Deos, que vós lo manda? Se Jesus Christo sofreu por amor de vós opprobrios, blasfemias, bofetadas, prizoens, açoutes, espinhos, Cruz, cravos, lança; porque não sofrereis por amor de Jesus Christo huma palavra?

# SERMAO

## DA QUARTA DOMINGA

## DA

# QUARESMA

Prégado na Capella Real anno de 1660.

A V E M A R I A.

*Fugit iterum in montem ipse solus. Joan. 6.*



R A N D E Euangelho assim para o politico, como para o sagrado, assim para a corte, como para o espirito: o exordio será cortesaõ, espiritual o discurso. Lastimado Jesu Christo da morte do Bautista atravesou hum pedaço de mar de Galilea, e seguia-o huma numeroſa multidaõ de gente, naõ rendida ás muitas prendas de Christo; mas porque Christo era rendoso a suas vidas, que assim foraõ sempre os sequitos do mundo: naõ estima os merecimentos, senaõ os interesses, naõ adora as pesloas, adora as dependencias. Desbarata Moysés aquelle idolo, que o povo em sua ausencia substituio por guia, e he couſa digna de reparo, que ninguem estorve a Moysés o destroço. E pois, pouco ha tanta adoração, e agora tanto desprezo? Sim, que como faltava Moysés, julgaraõ que necessitavaõ de idolo para guia; agora naõ he necessaria guia, porque Moysés voltou do monte, e como cessou a dependencia, cessou tambem a idolatria; acabouse o cortejo, porque se acabou o interesse. Poz Christo os olhos na turba, e o mesmo foy vella necessitada, que tratar de remedialla cuidadoso: *Cum vidisset turbam, dixit ad Philippum.* Esta deve ser a qualidade dos olhos de hum Principe, equivocar tanto o remedio com a vista, que

C ij

naõ

naõ se distinga a vista do remedio: ha de trazer a liberalidade nos olhos, que seria pouca fidalguia de hum Monarcha conhecer a necessidade; e naõ franquear o alivio.

Aquelle Cordeiro, que vio S. Joaõ, diz que tinha sete olhos, e que eraõ outras tantas dadivas, que repartia em beneficio do mundo: *Vidi agnum habentem oculos septem, qui sunt septem Spiritus Dei missi in omnem terram.* Notavel dizer! E se eraõ olhos, como podiaõ ser dadivas? Porque eraõ olhos de hum cordeiro posto em o throno: *In medio throni agnum stantem:* e quem occupa os thronos magestosos, ha de trazer as dadivas nos olhos: o mesmo ha de ser despregar os olhos para ver, que repartirem as maõs favores para aliviar: tudo o que hum favor suppoem de tempo na vista, leva de menos no agradõ, e por isto naõ haõ de ser no Principe duas acçoens diversas o beneficiar, e o ver, ha de fazer gala de que sejaõ nelle huma mesma coufa o ver, e o beneficiar.

Perguntou o Senhor a Filipe, onde se poderia comprar paõ para aquella gente: *Dixit ad Philippum: Unde ememus panes, ut manducent hi?* E porque o naõ perguntou a Pedro, que era o mayor do Apostolado? Ou a Joaõ, que era o mais entendido? Ou a Judas, a quem como procurador pertenciaõ as compras? Sabem porque? Porque Judas era traidor, Joaõ era valido; e Pedro era poderoso; e nos conselhos nem se haõ de admittir validos, porque votaõ com affeição, nem traidores, porque votaõ com odio, nem poderosos, porque votaõ com insolencia: haõse de admittir experimentados, como querem todos que fosse na presente materia Filipe: naõ ha de ser conselheiro, nem quem ama, nem quem aborrece, nem quem pôde, senão quem sabe: soffrase embora que tenha a traiçao as rendas, a valia, o favor, o poder, os titulos; mas tenhaõ as experiencias o conselho, que he sem razão notavel, que votem os grandes, porque tem as dignidades, os privados, porque tem a graca, os mal affectos, porque tem as riquezas, e naõ votem os pequenos, que tem as experiencias, porque saõ pequenos.

A Filipe perguntou Christo, e á consulta chamou tentação o Euangeliita: *Tentans eum:* que na verdade he grande tentação para hum ministro qualquer pergunta do superior, porque ou ha de lisonjear mentindo, ou ha de desgostar verdadeiro.

No

No conselho, que El Rey Achab fez sobre a guerra, que queria dar aos moradores de Galaad, houve quatrocentos lisongeiros, que por se accommodarem ao gosto do Rey, disserão que seria o sucesso prospero: houve hum Micheas verdadeiro, que disse seria infausto o sucesso: e que se seguiu? Seguiose que os quatrocentos lisongeiros mentiraõ, porque se perdeo Achab; e Micheas desgostou, porque se contrapoz á vontade do Rey: naõ ha remedio, ou haveis de mentir, se servis á lisonja, ou haveis de desgostar, se attendeis á verdade. Mas entre mentir, e desgostar, melhor he desgostar, do que mentir, porque com a mentira perdese tal vez hum Reyno, e com a verdade desgostase quando muito hum Rey, e menos he desgostar hum Rey, do que perderse hum Reyno, porque na perda perdese o Reyno, e perde o Rey, como se vio no mesmo Achab; no desgosto de hum Rey persevera o Rey, e persevera o Reyno.

Filippe difficultou a acção, André achou o arbitrio para o sustento, mas tambem desconfiou: *Quid hæc inter tantos?* E entre as desconfianças de André, e as dificuldades de Philippe se dilatava o despacho dos pobres. Que de Andrés, e de Filipes deve haver hoje no mundo! Já cheguei a reparar, qual seria a causa, porque vemos tantas causas dilatadas nos tribunaes? E pareciame (naõ sei se me engano) que era, porque em alguns ministros tudo devem ser maõs sem dedos. Daquelle ministro, que firmou a sentença na causa del Rey Balthazar, diz o texto, que se naõ viraõ mais que três dedos sem maõ: *Apparuerunt tres digitæ hominis scribentis*: quem vio já mais dedos sem maõ? Mas era ministro de Deos, e estes só tem dedos para firmar a sentença, e naõ tem maõs para receber do sentenciado. Pois se bastaõ tres dedos sem maõ para despachar huma causa, onde vemos taõ poucas causas despachadas, que havemos de imaginar, senão que tudo taõ maõs sem dedos? Paciencia, Fieis, que bem sabeis que naõ ha chegar ao tribunal do juizo, sem primeiro deixar tudo nas maõs da morte.

Cinco paens, e douz peixes tem aqui hum moço, diz André, e querem alguns que esta provisão fosse da despesa dos mesmos discípulos. Valhame Deos, Christo falto de provimento? *Unde ememus panes?* E os discípulos providos: *Est puer unus hic?* Isto he o que acontece commumente no mundo: naõ ha



valido necessitado, ainda quando está necessitado o Príncipe, por mais que faite á cabeça, sempre sobeja aos lados.

E a razão, ou sem razão disto achava eu que era, porque os validos não tratão de conservar os interesses reais á custa de suas particulares commodidades, antes conservaõ suas particulares commodidades á custa dos interesses reais. Tres açafates de pão sonhava hum criado de Faraó que trazia sobre sua cabeça: hum delles pertencia ao Rey, e era o que vinha de sima, os dous aos ministros, e eraõ os que vinhaõ de baixo; acodiraõ importunas aves ao sustento, e em qual vos parece que se cevariaõ? No do Príncipe: *In uno, quod erat excelsius, portare me omnes cibos, avesque comedere ex eo.* E porque não comiaõ as aves dos açafates dos ministros? Porque esses vinhaõ defendidos, e amparados com o do Príncipe, que era o de sima: *Quod erat excelsius;* que da fazenda Real fazem os ministros escudo para a sua fazenda: os açafates dos ministros, que deviaõ expor-se ás aves para resguardar o de Faraó, esses saõ os resguardados, e o de Faraó comido: e como os ministros conservaõ o que lhes toca a elles á custa do que pertence ao Príncipe, não ha que espantar de que abundem elles, quando necessita este.

Tomou Christo a provisão dos discípulos, repartio-a pelas turbas, e logo sobejou mantimento aos pobres. Como he certo que perecem os povos, porque estão cheos os ministros. Ha ja tirar a estes, que logo haverá para aquelles. Lá poz Gedeão hum velo no campo, e todo o rocio da noite embebeo em si, de sorte que só no velo havia agua, e toda a terra estava seca: espremeo Gedeão o velo, e na segunda noite appareceo o velo seco, e a terra molhada; espremaõse os velos dos ministros, e logo começará a humedecer a terra, e a respirar os pobres: porém se se permite, que doze ministros tenhaõ pão, com que se podem sustentar cinco mil bocas. como ha de haver pão para remedio dos necessitados?

Tanto que aquelle povo viu a Christo tão liberal, tratou de o aclamar Monarca: *Ut facerent eum Regem:* acertada determinação, que só para a liberalidade nascerão as purpuras: fezle o ceptro para mãos francas, que mãos escaças não saõ para ceptro. Sobre qual havia de nacer primeiro para tronco ilustre de muitos, e poderosos Reys contendrão Farés, e Zaraõ

raõ no ventre de sua māy Thamar: em fim Zaraõ favorecido da natureza lançou fóra hum braço, e a que assistia ao parto, dandolhe o parabem de sua dita, o acclamou primeiro: *In e-  
gredietur prior*: porém a disposiçōens superiores do Ceo, reti-  
rando outra vez a maõ, nasceo Farés, e lhe levou o morgado,  
e o Reyno: *Illo verò retrabente manum, egressus est alter.* E  
porque ha de perder Zaraõ o morgado? Sei eu que Jacob, ain-  
da que no naçimento foy segundo a Eſaú, com tudo, porque  
na luta, que com elle teve antes de naçcer, se houve melhor,  
entrou na primogenitura Jacob; e Zaraõ, que no naçcer foy o  
primeiro, e no lutar o mais valente, ha de ficar sem a primazia?  
Sim. Querem saber porque? Reparemlhe na maõ: *Protulit ma-  
num*, (diz o texto) *in qua obſetrix ligavit coccinum*. Assim co-  
mo Zaraõ lançou a maõ, ataraõlhe nella huma fita; e Zaraõ dei-  
xa atar a maõ? Pois naõ serve para Rey, que maõs atadas naõ  
ſaõ para empunhar ceptros: quem se preza de senhor, ha de des-  
embaraçar as maõs, que esse he o indicio mais infallivel da  
Mageſtade.

Como o Senhor entendeo o intento das turbas, fugio para  
o monte: *Fugit iterum in montem*. Mysteriosa fugida! Sabeis  
onde foge Christo? Foge de hum Reyno. Sabeis para onde fo-  
ge? Foge para hum monte. Olhai que diferença de termos, de  
hum Reyno para hum monte; mas antes quiz servir a Deos na  
solidaõ de hum monte: *In montem solus orare*, do que servir  
ao mundo na mageſtade de hūm Reyno: *Ut facerent eum Re-  
gem*: para nos ensinar a nós, que melhor he servir ao Ceo des-  
conhecido nos montes, do que servir ao mundo estimado nas  
Cortes. E somos entrados no espirito. Fieis, nesta vida tudo  
quanto nasce, nasce para servir ou ao mundo, ou ao Ceo, naõ  
ha evitar huma destas sortes, escolher a melhor he a ventura:  
que esta consiste em servir ao Ceo, nos ensina a fugida de Chris-  
to, e vos quero eu hoje perſuadir; naõ desestimeis o assumpto  
por velho, que antes ( se bém com lastima de nós todos) he  
muito novo assumpto, porque, segundo viveis, melhor he na  
voſſa opinião servir ao mundo, do que servir ao Ceo; mas na  
diferença, que vay de hum a outro serviço, conhecereis a me-  
lhoria; para o serviço do Ceo seguiremos o Euangelho; para o  
serviço do mundo consultaremos os que melhor o servirão. A  
lerta.

No serviço do Ceo sobre bem visto, sois bem pago: nem vos negaõ a benevolencia dos o'hos, nem vos faltaõ com o logro da correspondencia. Esta multidaõ, que seguió hoje a Christo, nem lhe faltou a vista, nem lhe faltou a paga: achou em Christo olhos para a ver: *Cum sublevasset oculos, & vidisset;* e achou tambem cuidado para a premiar: *Unde ememus panes?* Ditoso obsequio, que merece taes olhos, é tal premio! E notai, que as turbas nem pediraõ a Christo que as visse, nem que as remediasse, elle mesmo lhe poz os olhos, e lhe solicitou o remedio; que no serviço do Ceo nem he necessario que cortejeis ao ministro para o favor, nem que falleis ao Principe para o despacho: o mesmo Deos he o terceiro de vós para comsigo, por vossa conta correim os primores do servir, e por conta de Deos os desvelos do premiar. A soberania de seu nome he o memorial de vossos serviços: *Hoc est nomen meum, & memoriale meum:* e quem traz o memorial alheyo no nome proprio, naõ se pôde esquecer de quem o serve, porque naõ pôde esquecerse de quem he: faltar Deos ao despacho de vossos serviços fora faltar ao conhecimento de seu ser. Vede agora se pôde negar favores quem tem por nome de sua grandeza o memorial de nossos requerimentos.

No serviço do mundo sobre mal pago, sois mal visto, nem vos premiaõ, nem vos vem. Diga-o David hum dos melhores cortesãos do mundo. Promette Saul a quem mataste o gigante terror dos Israelitas, e alento dos Filistheos, que o casaria com sua filha Merob: aceita David a empreza, tahe a campo, e com o tiro de huma funda deixa sem vida aquelle até alli monte com alma. Generoso serviço! Mas que se seguió? Seguiõe que á fama de tanto valor nem premiaraõ a David, nem o viraõ, nem houve fidelidade na palavra para o premio, nem houve benevolencia nos olhos para a estimacão. Merob deose por mullher a Hadriel: *Data est Hadrie uxoris;* e Saul retirava os olhos de David: *Non rectis oculis aspicioebat Saul David ex illa die.* Eisaqui o que tirou David de huma façanha tão illustre, obrada em obsequio de Saul: e que hey eu de pôr a vida em perigo, e no cabo nem hey de ser pago, nem visto! Que execute eu o tiro da pedra, e que outrem logre a ventura do tiro! Que David mate, e que Hadriel case! Que seja a funda de David, e que

que sejaõ os olhos para Hadrei ! Veue ie ha temrazaõ mayor. E mais escandaliza a falta da vista, do que a falta do premio: que o mundo naõ pague, avante, porque como o pagar he dar, he taõ curto de dar o mundo, que por naõ d'ar, nem males dá.

Ponderai humas palavras de Santo Athanasio fallando da morte de Christo : *Non ex se, sed aliunde rationem immolandi mutuatus est*: Christo naõ morreo de si, como os outros homens, de fóra lhe houve de vir o rigor, tomou emprestada a morte. A morte emprestada? Sim, porque foy o mundo quem lha traçou; diz que a tomou emprestada, e tomou-a emprestada, porque lha deo emprestada o mundo; porque he mundo, e o mundo por naõ dar, naõ tó naõ dará bens, mas nem dará, senaõ emprestará os males. Ah tyranno escasão, que até os males emprestas, sómente por naõ dar: e que haja quem te sirva? Que naõ pague logo o mundo, ainda que he sem razaõ, tem a disculpa em sua miseria; mas que nem veja, he termo insoffrivel. Que custa huma vista? Antes seria interesse do mundo receber com os olhos a quem o serve com brio, porque os homens, se naõ poem nelles os olhos, a penas fazem o que devem; mas se poem os olhos nelles, animaõte a fazer mais do que podem.

Pedio lá esmola a S. Pedro, e a S. Joaõ aquelle pobre aleijado, que estava á porta do Templo, e deolhe S. Pedro mais do que o pobre pedia, porque o pobre pedia esmola, e S. Pedro deolhe saude: porém antes de o Apostolo fazer o milagre, mandou ao pobre que pozesse nelle os olhos: *Respice in nos*: Pois para Pedro fazer o milagre era necessario poremse primeiro os olhos nelle? Parece que era esta acção escusada: antes era muito importante acção; quem faz milagres, obra sobre as forças da natureza, e anima tanto a hum homem para fahir com effeitos estranhos haver quem ponha nelle os olhos, que até S. Pedro para obrar hum prodigo quiz ter os olhos por sua parte: *Respice in nos*. - Eisaii os olhos do pobre postos em Pedro: *Surge, & ambula* Eisaii o milagre de Pedro em favor do pobre. Naõ ha homem, por mais que pareça para nada, que se poem nelle os olhos, naõ possa servir para muito. Olhai por elle, e fará milagres por vós, abri os olhos em seu favor, e veveis como obra prodigios em vostro serviço. E que sendo isto assim, que interessando tanto no pouco cabedal de huma vista

na

naõ veja muitas vezes o mundo a quem o serve? Que obrigando a benevolencia de huns olhos a executar maravilhas, naõ tenha o mundo olhos para estimar obsequios: grande ingratidão do mundo! Mas ainda naõ he muita. E quantas vezes, sobre seres mal pago, e mal visto, sois tambem aborrecido, e molestado? Quantas vezes chegaõ a parar os serviços em penas, como se forão crimes? Que maior serviço podia fazer Joseph a Putifar, que largar a capa por naõ lhe desluzir a honra? E com tudo essa mesma capa deo em hum carcere com Joseph. Olhai as desordens do mundo, as offensas soltas, e os serviços prezados: a Egypcia, que offendeo, triunfa livre; e Joseph, que servio, padece encarcerado. Passai de Joseph a Christo, e ficareis admirados. Que mais podia fazer Christo pelo mundo, que fazer milagres em seu serviço? E o mundo como tratou esses obsequios? Ouvi-o: *Quid facimus?* Dizem os Fariseos: Que fazemos que naõ tiramos a vida a este homem? E porque? Porque lhe haveis de tirar a vida? *Quia multa signa facit:* Porque faz milagres. Parecevos que está bom o motivo? Cuidava eu que a morte era sómente pena das culpas, mas isto he na resolução divina, que nas consultas humanas tambem os maiores serviços tem pena de morte. Pois como esperão os homens que despache seus serviços o mundo, se Christo com milagres tira tão bom despacho? Que obsequios pôde esperar a Cruz no peito, se aos prodigios lhe poem a Cruz ao hombro?

E sabeis qual he a razão deita semenzação do mundo? Sabéis, porque ás vezes naõ corresponde aos serviços com agrado, antes os recebe com desabrimento? He porque esses serviços, ainda que sejaõ em utilidade sua, trazem consigo alguma excellencia do author, e o mundo, por naõ reconhecer excellencias alheyas, escolherá privarse de utilidades proprias. Tornemos ao conielho dos Fariseos. Que milagres eraõ aquelles, porque queriaõ matar a Christo? Eraõ todos em proveito da mesma Judéa, dava vida a mortos, saude a enfermos, e vista a cegos. Pois homens, se na vida de Christo está o vosso bem, e remedio, como quereis a Christo sem vida? He, que lhes diaõ mais os aplausos de Christo, do que lhes contentava a cura dos seus males; antes queriaõ todos padecer a morte, do que dever a Christo as vidas. Nunca reparastes naquellea pergunta, que

que Christo fez ao Paralytico da Piscina? Pois he muito para reparar. Resloveote o Senhor a curallo, e perguntoulhe primeiro assim: *Vis Janus fieri?* Homem, queres que te cure? Senhor a hum homem, que ha trinta e oito annos, que está enfermo, perguntais te quer ser curado? Dislo pôdele duvidar? Sim, pôdele duvidar muito dislo; porque para aquelle Paralytico cobrar saude havia de obrar Christo hum prodigo, e quasi receou o Senhor, que só por naõ ver nelle o prodigo, naõ quizesse em si a saude: por isto lhe pergunta se quer saude, antes que execute o prodigo: *Vis Janus fieri?* Tal como isto he a doudice das semrazoens de estado do mundo, melhor lhe estão os damnos proprios, que os aplausos alheyos, antes paderá huma enfermidade em si, do que reconhecerá huma maravilha em outro.

Por isto eu queria suspeitar, que melhor era ter o mundo mal servido, do que muito obrigado. Pelo menos a quem me consultára familiarmente na materia, antes lhe aconselhára, que que andasle descuidado no servir, do que generoso no obrigar, porque mais facilmente se accommoda o mundo com hum mao serviço, do que com huma obrigaçao grande. Entra David de noite no campo de Saul, dormia descuidadamente o Rey, e Abner, que por ser General do exercito devia velar em guarda do seu Principe, tambem dormia. Tomou David a lança de Saul, e depois de retirado, despertou o campo do contrario, e com a falta da arma real publicou sua muita fidelidade em perdoar a Saul, e o descuido de Abner em guardar a seu Rey. Isto posto, quem julgais que servio mal, e muito mal a Saul? Claro está que Abner, pois em tanto risco lhe naõ soube valer o somno: e quem julgais que obrigou a Saul muito? Naõ ha duvida que David, pois em tanto agravo lhe naõ quiz tirar a vida: assim he; e que succedeo? Abner volta com Saul para a Corte, e David foge de Saul para os Filistheos. Pois como assim Saul taõ mal servido de Abner, e naõ se teme Abner, Saul taõ obrigado de David, e foge David? Sim, que no mundo perigão mais as grandes obrigaçoens, que os grandes deserviços: hum deserviço grande achou muitas vezes benevolencia, huma grande obrigaçao nunca lhe faltou odio. Se servis mal, como Abner, naõ vos falta o paço, se obrigais muito, como David, naõ ha veis de dar passo no Reyno.

E a razaõ disto he , porque as obrigaçoes grandes com o excesso do merecimento impossibilitaõ a equivalencia do premio , e chegar hum vasallo a merecer o que hum Monarcha dificultosamente pôde pagar , he pouco gostoso para o Monarcha , se muito glorioso para o vasallo . Hum mao servir deixa lugar ao Principe para o perdaõ , hum obrigar muito naõ deixa lugar ao Principe para a correspondencia , e melhor lhe está poder perdoar , do que naõ poder corresponder : por isto se teme David , quando obriga muito , por isto naõ foge Abner , quando serve mal : por isto vemos algumas vezes os maos serviços admittidos , e os grandes merecimentos desterrados . E que á vista disto haja quem faça tantos excessos no serviço do mundo , e taõ poucos , que façaõ alguma cousa no serviço do Ceo , onde naõ ha merecimento taõ grande , que naõ possa ter premio mayor : grande doudice dos homens ! Imitemos a Christo , que o naõ faz hoje assim , pois foge de reynar no mundo , por ir a orar no monte : *Fugit iterum in montem ipse solus.*

No serviço do Ceo o valimento pende da vontade propria , em tanto naõ privais , em quanto naõ quereis . Que de favores conseguiu hoje de Deos esta multidaõ de povo ? Levoulhe os olhos : *Cum sublevasset oculos.* Levoulhe os cuidados : *Unde ememus panes?* E finalmente levoulhe as preeminencias de Senhor , tomado Deos para si os obsequios de servo : *Distribuit discubentibus.* E porque vos parece que chegou a tanta privança com Deos ? *Quia venit ad eum* ; porque quiz chegar com Deos a tanta privança , naõ houve mister mais intercessão , que as resoluçoes da sua vontade : bastou aspirar ao valimento , para se applaudir logo valida . Vede que pouco custa a graça do Ceo , hum querer , e quando muito hum vir : *Venit* : naõ se vende a pezo de ouro , nem a contrapezo de cuidados : o mayor preço , a que chega , saõ huns passos : *Omnes sicuties venite , & emite absque argento , & absque ulta commatatione* : Todos os que desejais as enchentes de minha graça , diz Deos , vinde , e comprai sem prata , e sem troca . Reparai , que he muito para reparar . Sem preço pôde se receber , mas naõ se pôde comprar , porque toda a compra supoem preço ; pois se Deos naõ assina , nem quer preço , como manda comprar sua graça : *Emite* ? Sabéis porque manda comprar ? Porque manda vir : *Venit* : porque

que quando a graça de Deos nos chega a cultar passos, já não lhe parece dada, lenaõ vendida. Taõ facilmente a concede, que a comprais, se a pertendeis, a hum leve passo: *Venite*: he hum summo preço: *Emite*.

Isto succede na graça do Ceo: e na graça do mundo que succede? Nem basta querer, nem basta buscar, e o que mais he, nem basta servir para a merecer, porque naõ está em vosla vontade; depende da vontade alheya. Servis como David, lançais demonios, matais gigantes, destruis exercitos, e com tudo naõ privais, porque naõ quer Saul. E a causa he, porque no mundo a graça da-se como graça; no Ceo a graça da-se como premio: no Ceo, se servis, tendes certa a graça, porque he paga forçosa do merecimento; no mundo, ainda que sirvais, naõ tendes a graça certa, porque he data voluntaria da fortuna; no serviço do Ceo cuida Deos, que lhe fazeis obsequio, quando recebeis sua graça. Naõ notais no noslo Euangelho, que recebendo as turbas o favor, Christo foy o que deo as graças: *Cum gratias egisset, distribuit*? Quem dá graças, insinua que recebeo favores: pois se o favor foy feito ás turbas, como tocaõ as graças a Christo? Porque julga que lhe fazem os homens graça, quando lhe admittem a sua: e como no serviço do Ceo quem faz a merce, seja o mesmo, que recebeo o beneficio, claro está que em tanto naõ lograreis a graça do Ceo, em quanto naõ quizeres fazer ao Ceo esta graça.

No serviço do mundo cuida o Principe que vos faz graça; quando vos paga obsequios. Lia lá Asluero os annaes de Teu-Reyno, e chegando aos serviços, que recebera de Mardocheo, disse confórme os Setenta assim: *Pro hac fide, quam gratiam fecimus Mardocheo*? Por taõ grandes serviços, que graça fizemos a Mardocheo? Que graça diz, e naõ que premio, porque no mundo, por mais que sirvais, estimaõse taõ pouco voslos obsequios, que os despachos saõ favores do Principe, e naõ satisfaçao de vossos merecimentos. Cuidaõ que vos fazem muita graça, quando a penas vos remuneraõ vossos serviços, e por mais que façais por merecer, sempre haveis de beijar a maõ ao premio. E como no mundo a paga dos mayores serviços seja merce, que vos fazem, e naõ obrigaçao, que vos tenhaõ, em quanto naõ quizer o Principe, naõ haveis de lograr o valimento: mere-

merecimentos estaõ em vossa maõ, porém a privança está na vontade alheya; bem podeis servir, se quizeres, mas por mais que sirvais, naõ haveis de valer, se naõ querem.

• Reparastes na difficultade, com que se alcança a graça do mundo, e na facilidade, com que se consegue a graça do Ceo? Reparai agora na difficultade, com que se perde a graça do Ceo, e na facilidade, com que se perde a graça do mundo. No serviço do Ceo naõ bastaõ muitas venialidades para perder a graça, que alcançastes com hum só obsequio: bem pôde hum homem commetter culpas veniaes, e mais ficar em graça de Deos: no serviço do mundo basta qualquer venialidade para perderes a graça, que vos custou muitos obsequios. Aquelles dous privados del Rey Faraó depois de tantos annos de serviço, quando se podiaõ prometter augmentos na privança, acharaõse hum dia inopinadamente cahidos de sua graça, e metidos em hum carcere. E porque culpas? Porque no paõ, que hum lhe levou, hia huma pedrinha, e na copa, com que outro lhe servio, huma mosca. Olhai a graça do mundo, huma pedrinha a quebra, hum mosquito a offende. Os serviços destes homens forao de grande desvelo, sonhavaõ com sua obrigaçao, a culpa foy muito acaso: *Accidit, ut peccarent*: e perderaõ por hum acaſo de culpa o que ganharaõ com muito desvelo de serviços: huma pedrinha bôstou para desbaratar taõ bem fundados merecimentos, huma mosca bastou para manchar serviços taõ luzidos.

Parecevos demasiada semražao esta? Ora notai, que ainda naõ disse tudo. E quantos cahiraõ da graça do mundo sem nenhum genero de culpa? Eisaqui outra grande diferença, que vay da graça do Ceo á graça do mundo: para perderes a graça do Ceo he necessario que haja culpa, e que seja mortal; para perderes a graça do mundo nem he necessario que seja mortal, como vimos, nem que haja culpa, como veremos. Dizeime: David pertendeo algum dia sedicioso inquietar o Reyno de Saul? Nem o sonhou nunca. Amaõ quiz algom dia atrevido violar a thalamo de Asluero? Nem lhe passou pela imaginaçao; e com tudo David por sedicioso he buscado de Saul para a morte: *Omnibus diebus, quibus vixerit, non stabilieris tu, neque regnum tuum: itaque adduc eum ad me, quia filius mortis est.* E Amaõ por atrevido morre por mandado de Asluero em huma forca:

força: *Etiam Reginam vult opprimere, me præsente... appende eum.* Naõ ha injustiça igual a esta. David hontem taõ valido, e hoje taõ desprezado, e isto sem causa? Amaõ hontem taõ estimado, e hoje taõ abatido, e isto sem delito? Por inveja de Saul contra David, por suspeitas de Assuero contra Amaõ? Ahi vereis o que he a graça do mundo, porque tanto suspirais. A graça do Ceo, para a perderes he necessario que obreis mal, e muito mal, a graça do mundo, obrais bem, e muito bem, e perdeila. A graça do Ceo huma vez alcançada nem o mesmo Deos vo la pôde tirar, se vós naõ quereis: a graça do mundo, ainda que naõ queirais, pôdevola tirar o Principe: naõ ha causa, que a assegure, ou haja culpa mortal, ou culpa venial, ou naõ haja culpa, sempre periga a graça do mundo.

Que bem estava nesta verdade Mardocheo: no dia de seu mayor valimento, e triunfo pozse ás portas de palacio da banda de fóra: *Reversus est ad januam palatii.* Pois fóra do paço hum Principe como Mardocheo, taõ estimado de Assuero, taõ valido de Esther? Sim, porque sabia que fóra do paço vem a parar a mayor privança, e queria assistir Mardocheo onde julgava, que podia vir a parar: naõ queria Mardocheo empenharse na graça do paço, porque sabia que era graça de passo; sabia que o mayor valimento he huma faísca, que sobe para acabar, huma exhalacão, que arde para naõ ser, hum mar, que enche para vasar, hum sol, que nasce para se pôr, huma lua, que cresce para mingoar, hum vento, que sopra para acalmar, e huma roda, que se empina para descer: e graça taõ difficultosa de conseguir, e taõ facil de perder, que muito que a deixa Christo pela do Ceo? *Fugit iterum in montem.*

No serviço do Ceo, se algum dia chegastes a ser mais sois o que sois, e naõ o que fostes: naõ vos avaliaõ o ser pelo menos, que antes fostes, senaõ pelo mais, que agora sois. Dous nomes tinha S. Pedro, hum de Simão Pedro, que lhe poz Christo, e outro de Simão Joaõ, que lhe pozeraõ seus pays: e he de notar, que no nosso Euangeiho em a occasião, que se publica o parentesco, que o Apostolo tinha com Santo André, se cale o nome dos pays, e se manifeste o nome de Christo: *Andreas frater Simonis Petri:* André irmaõ de Simão Pedro. Quando se declara que Pedro, e André saõ irmaõs, melhor parece que vi-  
nha

nha o nome do sangue; e dos pays: pois porque se naõ nomea Simão Joaõ, senaõ Simão Pedro? Olhai, o Apostolo servia ao Ceo; o nome de Simão Joaõ era nome do Apostolo quando pescador; o nome de Simão Pedro era nome do Apostolo cabeça já da Igreja, e no serviço do Ceo, se subistes a ser muito, naõ sois o pouco, que fostes, senaõ o muito, que sois. Pedro fora pescador, mas já era Príncipe; pois hase de tratar como Príncipe, e naõ como pescador, ha de ser Simão Pedro, e naõ Simão Joaõ: *Andreas frater Simonis Petri.* E a razão he, porque no serviço do Ceo cada qual he filho de suas obras, e naõ de seus pays; se os merecimentos vos fizeraõ grande, haveis de ser grande, ainda que o sangue vos fizesse pequeno.

No serviço do mundo, se algum dia fostes menos, sois o que fostes, e naõ o que sois: naõ vos avaliaõ o ser pelo mais, que agora sois, senaõ pelo menos, que antes fostes. Fallava Saul com Jonathas de David, e chamou-lhe filho de Isai pastor: *Num quid ignoro, quia diligis filium Isai?* Fallava o outro valido com Josafás de Eliseo, e chamou-lhe criado de Elias: *Est hic Eliseus, qui fundebat aquam super manus Eliæ.* Pois assim se trata hum David? Assim se trata hum Eliseo? David, que he Mestre de campo, generoso asombro dos Filisteos, e genro de hum Rey? Eliseo, que he espirito dobrado, oráculo dos maiores Príncipes, e Profeta do mesmo Deus? Que quereis? Eisai as avaliações do mundo. Fostes vós filho de Isai? Pois haveis de ser filho de Isai, ainda quando sois genro de hum Rey. Fostes vós criado de Elias? Pois haveis de ser criado de Elias, ainda quando sois Profeta de Deus. Vós empunhareis o ceptro, mas o ceptro em vossa mão ha de ser cajado: vós sereis Profeta de espirito dobrado, mas as profecias em vossa boca haõ de ser obsequiões de criado. E que me hajaõ de tratar pelo que fui a desigualdades da sorte, e naõ pelo que sou a merecimento de minhas obras! Que hei de ser filho da fortuna, que me fez como quiz, e naõ hei de ser filho de minhas acções para ser o que quizer? Terrivel pratica na verdade!

Pois já eu me contentara com que o mundo estimara sempre as couças pelo que forão, mas he tão desarrazoado, e injusto, que se fostes mais, e sois menos, naõ vos estima pelo que fostes, e desprezavos pelo que sois. Sempre anda a buscar razões

zoens de voito menoscabo: se fostes menos, e sois mais, avaliavos pelo menos, que fostes, e naõ pelo mais que sois: se fostes mais, e sois menos, avaliavos pelo menos, que sois, e naõ pelo mais que fostes. Cahio Valeriano da Monarchia de Roma, e como o tratou o mundo? Servia de escabello para montar Sapor. Cahio Bayaceto do Imperio de Turquia, e como o tratou o mundo? Habitava como bruto em huma gayola. Cahio Boleslao do Reyno de Bohemia, e como o tratou o mundo? Servia como escravo em huma cozinha. Pois desta sorte se trata hum Boleslao Rey, hum Bayaceto Imperador, e hum Valeriano Monarcha? Sim, que isto forao hontem, e hoje naõ saõ isto, e no mundo sempre prevalecem os motivos de desprezo contra as razoens de estimaçao: se fostes pequeno, e sois grande, avaliaõvos pequeno pelo que fostes: se fostes grande, e sois pequeno, avaliaõvos pequeno pelo que sois; nem vos basta o muito, que sois, para pôr em esquecimento o pouco que fostes, nem vos basta o muito, que fostes, para cohonestar o pouco, que sois; e havia Christo de aceitar grandezas do mundo, tendo as do Ceo? Naõ faz Christo isso: *Fugit iterum in moutem.*

No serviço do Ceo se ha cruzes, todas haõ de parar em glorias: assim o experimentaraõ hoje as turbas, que se padecerão tres dias na cruz da necessidade, lograraõ no cabo a gloria de hum banquete, ou hum banquete de gloria, cuja figura querem muitos que fosse este: *Distribuit discubentibus quantum volebant.* Naõ sabe Deos faltar com o gosto a quem exercitou com a pena; com huma maõ dá a cruz, e com outra offerece a gloria: *Quis mensus est pugillo aquas, & cælos palmo pondereavit?* Quem, senaõ Deos, diz Isaias, medio as aguas a punhos, e os ceos a palmos? Pelas aguas se entendem os trabalhos pelos ceos a bemaventurança. Considerai agora as maõs de Deos, huma mede aguas, outra mede ceos, mas huma mede ceos a palmos, outra mede aguas a punhos, porque quando vos está dando a punho fechado as aguas da tribulaçao, vos está medindo a palmos as delicias do Ceo. Que admiravel contraposição de medidas, palmos de Ceo por punhos de agua.

No serviço do mundo dizeis, que ha glorias, mas naõ me haveis de negar, que todas acabaõ em cruz. Onde acabou a gloria do Reyno de Joraõ? No cruzado de huma setta. Onde aca-

bou a gloria da formosura de Absalaõ? Nos braços de hum tronco. Onde acabou a gloria da valentia de Holofernes? Na cruz de hum punhal. Onde acabou a gloria do juizo de Achitofel? No alto de huma forca. Finalmente onde acabou a gloria do triunfo de Christo em Jerusalem? Em hum Calvario. Fazeivos presentes á eleiçao de Saul em Rey de Israel, e reparai na iguaria, que naquelle banquete para Saul taõ feliz lhe mandou pôr diante Samuel: *Levavit coquus armum, & posuit ante Saul.* A iguaria, com que serviraõ a Saul, foy hum hombro? Mysteriosa iguaria para hum Rey novamente eleito! Hum hombro? As insignias de hum Monarcha he huma coroa, e para a sustentar serve a cabeça: ou hum ceptro, e para o empunhar serve a maõ: pois a que proposito se dá a Saul hum hombro? E naõ se lhe dá huma coroa, ou hum ceptro. He, como se dislera Samuel: Saul tendes ceptro, e tendes coroa, mas aparelhai os hombros, que depois de tanta gloria naõ ha de faltar huma cruz: e assim o experimentou, que na cruz de huma espada acabou Reyno, e vida. Eisaqui as consequencias das glorias do mundo: no serviço do Ceo a cruz he escada para as glorias, no serviço do mundo as glorias saõ degraos para a cruz: a cruz no serviço do Ceo he cruz com titulo, a gloria no serviço do mundo he titulo de cruz: em ambos os serviços ha cruzes, e ha glorias, mas o serviço do mundo tem a gloria antes da cruz, o serviço do Ceo tem as cruzes antes das glorias: e he muito para notar esta diferença, porque huma gloria antes he gloria assustada pelos receyos da cruz, huma cruz antes he cruz aliviada pelas esperanças da gloria: huma gloria antes fazvos ditosos para vos fazer affligidos, huma cruz antes fazvos affligidos para vos fazer ditosos, huma cruz antes he lisonja da gloria e depois, porque cresce o grao da gloria, que se logra á vista da molestia da cruz, que se deixa.

Diz Deos pelo Profeta Isaias: *Gloriam meam alteri non dabo*: A minha gloria naõ a hei de dar a outrem. Parece difficulto este texto, porque Deos offerece a sua gloria a todos, e muitos a communica: pois como diz: *Gloriam meam alteri non dabo*? Dizem todos que falla o Senhor da gloria, que alcançou como homem, e naõ da gloria, que goса como Deos: a gloria, que goса como Deos, a todos a offerece: a gloria, que alcançou como

## da quarta Dominga da Quaresma.

51

como homem, só para si a quer. Bem; mas porque lhe agrada mais a gloria de homem, que a gloria de Deos? Eu o direi: A gloria, que Christo gosa como Deos, he gloria sem presuposição de penas: a gloria, que Christo alcançou como homem, foy gloria com antecedencias de cruz, e deleita tanto huma gloria alcançada depois de huma cruz padecida, serve huma cruz antes de tanta lisonja para huma gloria depois, que a gloria de Deos, a que naõ precederaõ penas, offerece liberalmente a todos; porém a gloria de homem, a que precedeo huma cruz, esta naõ quer comunicar a outrem, só para si a quer: *Gloriam meam alteri non dabo.* Tanto como isto recreaõ as glorias depois da cruz, e a razaõ he, porque a gloria depois da cruz he gloria dobrada, porque he gloria pelo, gosto que dá, e pela cruz, de que livra; e esta he a ventura das glorias do serviço do Ceo, que as mesmas cruzes lhes augmentaõ os graos.

No serviço do mundo, como as glorias saõ primeiro que as cruzes, cresce o tormento da cruz presente na lembrança da gloria passada, e vem a ser mayor parte da dor a felicidade, que se possuõ, do que a mesma desgraça, que se padece. Ouve os filhos de Israel cativos dos Babylonios, como explicaõ seu sentimento: *Super flumina Babylonis illic sedimus, & flevimus, dum recordaremur tui, Sion.* Junto aos rios de Babylonie nos asentamos, e choramos, porque nos lembramos de Siaõ. Etranhas lagrimas por certo! Que chorem os Israelitas, porque se vem em Babylonie, senão porque se viraõ em Siaõ? Em Siaõ viveraõ ditosos, e em Babylonie vivem cativos: pois chorem porque estaõ em Babylonie, e naõ porque estiveraõ em Siaõ: naõ choraõ, senão porque estiveraõ em Siaõ, porque mais os atormentaõ as felicidades de Siaõ, que lograraõ, do que as cadeas de Babylonie, que padecem: hum animo sempre desgraçado, como nunca tomou o gosto á ventura, sente a desgraça por comparaçaõ a si mesma, e huma desgraça comparada comigo, se naõ diminue, naõ augmenta o sentimento: hum animo algum tempo venturoso, como sabe a que sabem as ditas, sente a desgraça por comparaçaõ á ventura, e á vista dos sabores passados de huma ventura amargaõ tanto os saibos presentes de huma desgraça, que mais vem a molestar a assilencia de Babylonie pelas memorias de Siaõ, do que pela tyrannia do cativeiro;

Dij

ro;

10; e se os infortunios crescem tanto á vista das felicidades, quem dá glórias para depois dar cruzes, mais pertende accrescentar o rigor da cruz, que deleitar com a possestaõ da gloria.

Temos visto o que vai de glórias a glórias, vejamos brevemente duas diferenças grandes, que ha entre cruzes, e cruzes. A primeira he, que as cruzes do serviço do Ceo vem despendidas pelas mãos de Deos, e as cruzes do serviço do mundo vem despendidas pelas mãos dos homens; e os trabalhos, que sahem da mão de Deos, pezaõ pouco; porque a mesma mão, que os dá, essa mesma os diminue; mas os trabalhos, que sahem das mãos dos homens, pezaõ muito, porque a mesma mão, que os dá, essa mesma os accrescenta. Falla Christo da sua cruz, e paixaõ, e diz que he mar de penas, em que meterão os homens: *Libera me ab iis, qui oderunt me, non me demergat tempestis aquæ.* Falla David da mesma paixaõ, e cruz, e diz que era hum calix, que estava na mão de Deos: *Calix in manu Domini vini meri plenus mixto.* Se Christo, e David ambos fallão da paixaõ, como a paixaõ, sendo a mesma, a Christo parece mar, e a David parece calix? O mar diz excesso, o calix diz diminuição: pois os trabalhos da mesma cruz já crescem, e já diminuem? Sim; tudo são effeitos das mãos, que daõ essa cruz: Christo fallava da cruz como dada pelas mãos dos homens, e huma cruz dada por mãos de homens não he menos que hum mar de dores: *Non me demergat tempestas aquæ.* David fallava da cruz como dada pelas mãos de Deos: *In manu Domini, e huma crux vinda das mãos de Deos não he mais, que hum calix de amargura: Calix vini meri plenus mixto.* Vede o que vay de cruz a cruz, hum calix, hum mar: Deos davos os trabalhos medidos por hum calix, que facilmente se pôde beber; e o mundo davos as molestias commensuradas por hum mar, que difficultosamente se pôde vadear. E reparai que não larga Deos o calix da mão, não o passa da sua mão á nosa, da sua mesma mão no lo poem á boca, nós bebemos a pena, e elle tem o calix: *Calix in manu Domini:* e assim o vai inclinando com tanto, como vê que nós imos bebendo sem enfado, para que nem penemos sem assistencia de ieu amor, nem bebamos mais do que podemos. Oh que ternura, e affecto do nosso Deos!

Nas cruzes do serviço do Ceo, ( e he a segunda diferença ) tendes a Deos , que se compadeça de vós , como fez hoje das turbas: *Misereor super turbam*. Vós soffreis a pena , e Deos têm as dores , vós padecéis , e Deos compadecese : nas cruzes do serviço do mundo em lugar de compaixaõ achais lubidrios , poemos na cruz , e zombaõ de vós , crucificaõvos a pessoa , e rimse dos vossos serviços. Vejase em Christo , a pessoa estava crucificada : *Crucifixerunt eum* , e os serviços eraõ escarnecidos: *Alios salvos fecit , semet ipsum non potest salvum facere*. E que depois de servir ao mundo , naõ só haja de ficar afrontada a pessoa , senaõ tambem os mesmos serviços desluzidos ? Que tudo haja de parar em huma cruz , a pessoa na cruz da tyrannia , e os serviços na cruz do ludibrio ? He crueldade insoffrivel ! Acabe embora a pessoa crucificada ; mas fiquem-me se quer os serviços luzidos , para que o luzimento dos serviços diminua os opprobrios da pessoa ; e quem me vir na cruz , saiba que foy rigor da fortuna , e naõ merecimento das accõens ; mas isto he o que naõ quer o mundo , que para parecer menos ingrato com a pessoa , que crucifica , intenta que pareçaõ moi diminuidos os serviços , que recebeo ; e á vista de semrazoens tão claras , que esperava o mundo de Christo , senaõ as costas : *Fugit iterum in montem*.

Com outras muitas razoens podia persuadirse esta verdade ; mas porque a mim me falta o tempo para dizer , e a vós a paciencia para ouvir , corra por meu trabalho tocallas , e por vossa curiosidade discorrellas. No serviço do Ceo , se sois favorecido , todos vos estimaõ ; no serviço do mundo , se sois favorecido , aborrecemvos ; se sois desfavorecido , aborreveisvos , nem os favores , nem os desfavores vos livraõ. Se sois favorecido , a inveja vos mata , se sois desfavorecido , mataisvos de inveja. No serviço do Ceo as honras saõ grandeza , e que mayor , que chegar Deos a ministrarvos como servo : *Distribuit discumbentibus*? No serviço do mundo as mayores grandezas saõ nome. Em que cuidais se distinguia David Manorcha de Dayid pastor ? Na vaidade de hum nome : assim lhe disse Deos lembrando-lhe , que o fizera Rey : *Feci tibi nomen grande*. David com nome era David Monarca , David sem nome era David pastor. No serviço do Ceo os gostos saõ gostos , que satisfazem , como experimentaraõ

hoje as turbas: *Impletis sunt*: no serviço do mundo os gostos saõ gostos, que amargaõ. Gostaraõ noslos primeiros pays da suavidade do pomo; mas logo lhes travou na lingua o amargoſo da mortalidade. O mundo darvos ha favos; mas todos haõ de ser, como a Samiaõ, na garganta de hum leaõ morto, que na boca da morte vem atraueſlados todos os regalos do mundo.

No serviço do Ceo tira Deos de si para pôr em vós: *Unde ememus panes?* Dizia hoje Christo, á sua custa pertendia o sustento deste povo, e naõ tirava do povo para seu sustento. No serviço do mundo tira o mundo de vós para pôr em si. Levantando Jehu em Rey, de que vos parece, que formou o throno? Das capas dos vassallos: *Tollens unusquisque pallium suum, poserunt in similitudinem tribunalis.* E quem chega a tirarvos a capa, que lhe escapará que vos naõ tire? E o peyor he, que quando eu cudei que fosse isto tyrannia de algum Principe, acho que he condição inseparavel das Magestades do mundo. Mostra David a Saul o pedaço da capa, que lhe cortara na cova de Engaddi, e que consequencia faria desta acção Saul? Fez esta notavel consequencia: *Nunc scio, quod certissime regnaturus sis*: Agora me persuado de certo, que David ha de ser Rey. Olhai onde foy descobrir o prognostico da Monarchia: naõ se periuadio Saul, que David havia de ser Principe quando matava gigantes esforçados, quando destruia exercitos generosos; quando lhe achou huma capa alheya em sua maõ, entaõ se resolveo que havia de ser Monarcha David, como que fora melhor indicio da purpura lançar maõ ás capas, do que armar contra os inimigos as maõs; e se isto he assim, que muito que vejamos hoje tantos tiros ás capas alheyas, se ha tantos, que atiraõ a ser senhores.

No serviço do Ceo naõ entrais nas penas com Deos, e entrais nas glorias com elle. Quando os Judeos foraõ prender a Christo, naõ quiz o Senhor que prendessem com elle a nenhum dos seus: *Sinite hos abire*: resuscita depois, e com elle resuscitaõ muitos: *Multa corpora sanctorum, quæ dormierant, surrexerunt*. Pois se na prizaõ naõ quiz hum só companheiro, porque admittio tantos companheiros na resurreiçao? Porque a prizaõ era pena, e a resurreiçao era gloria, e Deos quer a companhia dos seus nas glorias, e naõ quer a companhia dos seus nas penas: irá a morrer só, mas ha de resuscitar acompanhado, naõ quer

quer repartir as suas penas comnolco ; mas naõ sabe gozar suas glorias sem nós. No serviço do mundo naõ he assim , entrareis com elle nas penas ; mas naõ haveis de entrar com elle nas glorias. Todos os dias apparece o Sol , esse Monarca mais magesto do universo , e naõ vereis que appareça com elle huma só estrella. Chegará o dia do juizo , e diz Christo que aparecerá as estrellas juntamente com o Sol : *Erunt signa in Sole, & stellis.* E porque naõ aparecem juntos agora , já que se haõ de ajuntar entaõ ? Porque agora saõ dias de luzimento , e entaõ será dia de eclipse . e para hum eclipse acharse haõ as estrellas com o Sol ; mas para o luzimento ha de aparecer o Sol sem as estrellas. E que ainda as mesmas estrellas tenhaõ esta estrella ? Terribel condiçao do mundo ! No serviço do Ceo basta fazer o que vos mandaõ : guardastes os preceitos , daivos por bemaventurados : no serviço do mundo fazeis o que vos mandaõ , e muito melhor do que vo-lo mandaõ , e sobre isto sois perseguido , e mal tratado. Mandou Saul a David que sahisse a campo , e que fizesse por matar a cem Filistheos ; sahio David , e matou duzentos , e por isso que conseguiu ? Huma inimizade perpetua de Saul : *Factusque est Saul inimicus David cunctis diebus.* Ha tal injustiça ? Os serviços maiores , que os perceitos , e sobre tudo aborrecido ? Por isto foge hoje Christo : *Fugit iterum in montem ipse Iolus.*

Supposto pois que por tantas razoens , como temos considerado , se convence que he muito melhor forte a de servir ao Ceo , que a de servir ao mundo , que resta a quem tem fé , se naõ deixar o serviço do mundo , e começar desde logo a trabalhar no serviço do Ceo ? Ora Christaos , pela obrigaçao que devemos a nossas almas , seja o fruito deste sermão ter muito na memoria a semrazaõ , com que o mundo trata , e a liberalidade , com que o Ceo premia ; se até agora servimos ao mundo enganados , desenganemonos já , que naõ merecem seus enganos nossos affectos : imitemos todos a Christo , que dos mesmos , a quem havia servido , se retirou hoje para nos ensinar , que naõ ha que esperar do mundo , por mais que o sirvamos. Sirvamos todos ao Ceo , que só por estes serviços asseguramos o premio da graça penhor da gloria : *Quam mibi, & vobis &c.*

## SERMAÓ

DOS

## PASSOS

Prégado ao recolher da procissão anno de 1675.



E possível, que este homem coroado de espinhos, aberto a açoutes, descomposto a injurias, opprimido de hum madeiro, he o filho mesmo de Deos, taõ puro, taõ poderoso, e taõ immortal, como he seu Pay; que direis a este lamentavel espetáculo, Cortezaõs do Ceo? Anjos, aquella he a face, em cuja formosura desejais empregar a vista: *In quem desiderant Angeli prospicere?* Serafins, aquella he a cabeça, a cuja gloria compoem docel vossas azas: *Seraphim stabant super illud?* Cherubins, aquelles saõ os pés, a cuja soberania servem de trôno vossas cabeças: *Qui sedet super Cherubim?* Em fim espiritos gloriosos, aquella he a Magestade, a cujo obsequio em multidaõ lustrola assistis sempre reverentes, e cuidadosos sempre: *Millium assistebant ei?* Oh como vos deve de ter suspensos o caso! Como vos deve de ter assombrados a novidade! Por aquella escada, que do Ceo á terra arrojou Deos, encostado elle nas pontas de cima, e estribando as outras na cabeceira de Jacob, subiu, e desciaõ Anjos: *Angelos ascendentes, & descendentes.* Pois que desafiocego he este? pergunta Santo Agostinho: se descem a Jacob; porque não paraõ na terra? Se sobem a Deos, porque não paraõ no Ceo? Sempre subindo, e descendo sempre? Em resoluçã, diz o Santo, pela muita desigualdade, e diferença, que achaõ nós extremos, se admiraõ do que vem; porque entendendo (como nesta visão se representava) que Deos ha de ser homem, e que se haõ de unir em huma pessoa a natureza divina, que está sobre a escada, e a humana que está ao pé

pé della, e que de Deos, e de Jacob ha de resultar hum; vao a ver a cada qual de per si. Vao a Deos, vemo Deos eterno, imenso, impassivel: descem a Jacob, vemo homiem fraco, limitado, mortal: sobem acima, e tornaõ a ver aquella maravilha, achaõ a Deos Omnipotente, infinito, creador, e Senhor de tudo: voltaõ a Jacob, e contemplando taõ soberano mysterio, achaõ lançado na terra, miseravel, medroso, fugitivo: sobem estes, descem aquelles; naõ se perguntaõ, naõ se fallaõ, tudo pasmos, tudo assombros: *Angelos astendentes, & descendentes.*

Pois se de o verem sómente homem assim pañmavaõ aquelles espiritos sagrados, que fará hoje que nem homem parece? Como assombraria aos Anjos a lastimosa apparençia daquellas faces? Como confundiria aos Serafins o barbaro diadema daquelle cabeça? Como admiraria aos Cherubins o inhumano trato daquelles pés? Como suspenderia a todos a triste figura daquelle ineffavel composto? Que de vezes levantariaõ os olhos ao throno da Trindade, e os tornariaõ á tragedia do Calvario? Se nos enganamos? Se he este o Verbo, que alli reconhecemos? Se he o filho mesmo, que adoramos? Este he, Cortezaõs da gloria, este he, ainda que taõ differente do que era. Era homem, e Deos, e nem parece Deos, nem homem: era a mayor formosura do Ceo, e da terra, e parece a mayor fealdade da terra, e do Ceo: era Senhor absoluto do universo, e parece o mais vil escravo do mundo. Oh que terrivel, que espantosa, e que lastimosa mudança! Já naõ podeis dizer David, que naõ chegaraõ os açoutes á cãa de Deos: *Flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo;* porque ás costas de Deos chegaraõ os açoutes. Já hoje podeis dizer, alma santa, que o vosso amado he escolhido entre milhares; ainda que taõ mal tratado de inimigos: *Electus ex millibus;* porque ainda assim pôde dizer Jacob, que elle he o Monarcha, a quem se humilhaõ os Principes da terra: *Sub quo curvantur qui portant orbem.*

Pois eterno Arbitro do mundo, se taõ gustosa havia de sahir a redempçao do homem ao vosso Verbo, porque naõ deixastes perder ao homem? Que vos importava a vós o seu remedio? Importava ao Verbo o seu gosto; porque entre as luzes immensas de sua gloria lhe levaraõ os homens taõ docemente os olhos,

nhos, que forá como malograrlhe eternamente a alegria, se houvesse de estar sem homens eternamente. Perdeoselhe huma ovelha ao Pastor, diz o Chronista sagrado, e deixando noventa e nove no deserto, a buscou cuidadoso, até a lançar a seus mesmos hombros para a reduzir outra vez ao rebanho. O homem, dizem todos os Santos, he esta ovelha perdida, o Pastor, que a busca, he o Filho de Deos, as noventa e nove, que deixa saõ os Anjos, e o deserto, onde ficaõ, he o Ceo: o Ceo? Pois aquella Corte, onde tantos espiritos puros o acompanhaõ, se chama deserto? Sim, naõ estava esse Ceo sem homens? Pois Ceo sem homens he deserto para o Filho de Deos. Naõ faz companhia, senaõ aquillo, que se ama: hum Ceo com ausencia do objecto querido naõ he Ceo, he deserto: hum deserto com assistencia do objecto amado naõ he deserto, he Ceo: aos homens amava o Verbo, que importa que lhe sobej m Anjos? Viver com Anjos, e sem homem naõ he para o Verbo vida do Ceo, he vida de deserto: e como o Filho assim amava, houve de vir o Pay em que o Filho assim padecesse. Mas Senhor, mas Filho unigenito do Eterno Pay, como quizestes amar assim? Excesso chamou o vosso Evangelista a esta acçaõ, que choramos: *Dicebant excessum ejus:* e com muito acerto. Tudo fizestes com conta, pezo, e medida: só em nos amar; e remir naõ guardastes medida, pezo, nem conta; tudo forao excessos. Se olho para o lugar, donde decestes, topo com hum throno de divindade: se attento para o lugar, aonde decestes, encontro com hum presépio de animaes: se busco o fim, para que decestes, acho que foy para remir aos homens: e isto em que tempo? Quando mais vos offendiaõ. E com que preço? Com vosso sangue, e em que quantidade? Até a ultima gota. E com que meyos? Com afrontas, com açoutes, com espinhos, com Cruz, com morte. Pois que conta tem trocar hum throno para hum presépio, que pezo iaz dar sangue de Deos por delictos de homens, que medida he morrer o Creador, porque se naõ perca a creatura? Onde está vossa sabedoria, Senhor, que assim contais, medis, e pezais? Hum homem val hõm Deos? Parece que vos naõ conheceis a vós, nem nos conhecéis a nós; porque tanto empenho de hum Deos para com os homens, quem se ha de persuadir que he amor, se naõ ignorancia? Quem ha de imaginar que he isto amarnos, senaõ

senaõ desconhecervos? Quem ha de cuidar que nos meteis a nos no coraçao, senaõ que vos tiraõ a vós da memoria.

Sempre notei muito, que S. Joaõ descrevendo as ultimas finezas de Christo, se occupasse todo em nos intimar, que este Senhor era sabio: *Sciens quia venit hora ejus: sciens quia omnia dedit ei Pater in manus: sciens quia à Deo exivit: sciebat quis effet qui traderet eum.* Valhame Deos, quanto *sciens*, e quanto *sciebat!* Discipulo querido, para que tanto empenho em nos persuadir a sabedoria de Christo, quando Christo se empenha todo em manifestar seu amor? Foy cuidado muito como de Joaõ. Por isto mesmo, porque Christo se empenha todo em manifestar seu amor, se empenha tanto Joaõ em persuadir a sabedoria de Christo. Quem visle a este Senhor largar a capa, cingir huma toalha, lançar agua em huma bacia, e lavar os pés a huns humildes pescadores, que havia de imaginar, senaõ que como ardia muito fogo na vontade, o fumo lhe cegara o entendimento, e que taõ raras mōitras de bem querer procediaõ de naõ se conhecer a si, nem aos seus; pois porque o mundo naõ cahisse nesse engano, saibaõ todos (diz Joaõ) que ha no entendimento de Christo muita inteireza de sabio, ainda que na vontade se ache tanto calor de amante. E se largar a capa, se cingir huma toalha, se lançar agua em huma bacia, se lavar os pés a seus discipulos foy fineza taõ grande, que parece naufraga nella a sabedoria de Christo, que serã açoutes, espinhos, e opprobrios; lançar o pezo de huma Cruz aos hombros, se a agua de huma bacia parecia bastante fundo para se foçobrar o conhecimento, diluvios de sangue como naõ parecerão Oceanos, em que se afogue o saber? Mas o certo he Senhor, que a vós vos conhecéis, e que a nós nos amais; e com tanto extremo que podem perigar os creditos de vossa sabedoria nas estranhezas de vostro amor.

A isto atirou aquella mysteriosa figura do Verbo incarnameado, que Deos mostrou ao Profeta Zacharias: *Super lapidem unum septem oculi sunt: Mostroume Deos a seu Filho humandò*, diz o Profeta, em figura de huma pedra cuberta de olhos. Se consultardes a Filosofia, achareis, que se a caso pela divina Omnipotencia (como he possivel) se pozessem os olhos em huma pedra, seria como se naõ fosse, porque taõ pouco conhecimento.

mento haveria na pedra com olhos, como ha na pedra sem olhos. Pois se o Verbo incarnado ha essencialmente a sabedoria do Pay, que tudo alcança, como se compara a huma pedra com olhos, que nada conhece? Porque este ha o mysterio, que sendo o Verbo a sabedoria do Pay, que tudo alcança, ha de amar aos homens, como se fora huma pedra com olhos, que nada conhece: *Super lapidem unum septem oculi sunt.* Assim ama, quem assim ama. Nunca melhor atina com os creditos de abrazado hum amante, como quando parece que ama sem tino. Esta ha a diferença natural, que os Theologos poem entre o entendimento, e a vontade; que o entendimento ficase muito em si, e attrahe a si o objecto, que conhece: a vontade pelo contrario sahe fóra de si, e vaise a poz do objecto, que ama, de sorte que quem entende, está em si; porém quem ama sahe fóra de si. Pois quem mais fóra de si, que hum Deos, que sendo sabedoria por essencia, assim ama sabendo, como poderá amar (o que ha impossivel) ignorando: assim ama com sciencia, como poderá amar com ignorancia? E que sendo Christo tão fino para nós, sejamos nós tão ingratos para Christo, que sejamos homens com entendimento para o offendermos, e pedras com olhos para o amarmos? Que sejamos racionaes para o aggravarmos, e insensiveis para o servirmos? Oh corramos de ser os que somos, e tratemos de ser os que devemos: envergonhemos de offendr a quem tanto nos ama, quando em amar a Deos mostramos que somos homens com razaõ, e em aggravar a Deos parecemos pedras sem sentido.

Vede agora a tyrannia do amor com este divino amante: elle faz por nós tão estremadas finezas, que mais parece ama com ignorancia, do que com sciencia de quem ha, e de quem somos: e no cabo não ha fineza, que o satisfaça, tudo parece pouco a seu desejo: *Pater* (disle elle a seu Eterno Pay pouco antes da occasião, que choramos) *servaeos, quos dedisti mibi:* Pay meu, corraõ por vosta conta os homens, que me haveis dado. Que me haveis dado, Senhor? Pois não os comprais tão caro, que vos custaõ sangue, e vida? Ha crudelade, que não sintais? Ha tormento, que não passeis? Ha injuria, que não padeçais? Que importa, se tudo isso parece pouco a meu amor? Muito val a vida de hum Deos; mas para comprar com ella os homens, assim ma

ma representa o affecto, como se não fora paga igual; e por isto mais julgo que os recebo de merce, do que os compro com preço: *Quos dedisti mibi.* Oh Amor, e que sagradamente tyranno estás com este Senhor! Disle, que mais ha de fazer? Que mais ha de amar? Inventa martyrios, traça penas, e verás como an- ciosamente se arroja a tudo.

Ora meu descontente amante, não vos desconsole vosso amor, chegastes á ultima do bem querer, não ha passar a mais. Sendo Deos vos fizestes homem: estando no Ceo, baixastes á terra: jazestes como infante, fugistes como desterrado, andastes como peregrino, obedecestes como subdito, ministristes como servo, batalhastes como soldado, ensinastes como Mestre, farastes como Medico; em que figuras vos não disfarçastes por amor dos homens, no presépio, nas casas, nas ruas, nos castellos, nos templos, nas sinagogas, nos lugares, nas Cidades, no deserto, nos montes, nos valles, na terra, e no mar? Que mais havieis de fazer, e não fizestes? Deixastes nos vossa carne em manjar, vosso sangue em bebida, vossos merecimentos em resgate, vosso Sacramentos em remedio, e a vós mesmo em preço, que mais havieis de fazer, e não fizestes? Suastes como afliido, fostes prezo como ladrao, açoutado como escravo, acusado como enganador, condemnado como blasfemo, escarnecido como simples, e sereis crucificado como reo: que mais havieis de fazer, e não fizestes? Ponde já fim a esta portentosa obra de nosla redempçao, que começastes: subi a esse para vós doce madeiro, divino Sol de justiça, já que a esse duro Poente vos destina vosso amor: subi a morrer, que Ceo e terra, tudo está suspenso com a esperança de vossa morte. Espera vosso Pay com as maos abertas para receber vosso espirito: esperaõ os Anjos para applaudirem vossa victoria: espera o Limbo para que o illustreis com vossa gloria: esperaõ aquellas almas santas, para que as libertei do cativeiro: esperaõ os peccadores para se arrependerem: espera o Sol para se eclipsar, a terra para tremer as pedras para se quebrar, o veo do templo para se ralgar, as se- pulturas para se abrir: espera o mundo para se renovar, esperaõ os homens para se remir, e finalmente todas as coisas neste es- paçoso universo esperaõ aniosamente vossa morte, como cou- sa de infinito pezo, e de immenso assombro, de que depende o bem

bem de todas. Subi pois, vida nostra, e morrei para dar a conhacer melhor ao mundo o muito que amais.

Assim o fez este Senhor, subio, e morreu para triunfo de seu amor, para trofeo de seu poder, e para credito de sua divindade; nunca pareceo mais Deos, mais poderoso, e mais amante, que na Cruz. Está muito como Deos, porque entre as blasfemias dos que passavaõ, entre os opprobrios dos que assistiaõ, entre os escarneos dos Sacerdotes, e entre os desfacatos de todos pedio a seu Pay amorosamente o perdaõ para quem merecia taõ justamente o castigo: e tanta paciencia entre tantos agravos bem mostra, que he mais que homem. Quando no horto vieraõ prender a este Senhor, succedeo huma cousa notavel, e que naõ he vulgarmente reparada. Duas vezes disse a seus inimigos que era elle: *Ego sum*: Eu sou. Mas com esta diferença, que quando a primeira vez disse, eu sou, deo com todos por terra; e quando a segunda vez tornou a dizer, eu sou, chegarão todo a prendello. Pois que quer dizer isto? Que diga que he elle quando os derruba, bem está; mas que diga que he elle quando o prendem? Sim; porque tanto he elle em soffrer agravos, como he elle em acobardar inimigos: *Ego sum*, eu sou, quando poderosamente vos lanço por terra: *Ego sum*, e eu sou quando soffridamente tolero, que me ponhais as maõs. Taõ Jesus de Nazareth, taõ Filho de Deos sou na paciencia, com que vos soffro, como na omnipotencia, com que vos derrubo: Oh como pareceis o que sois nesse madeiro, Senhor! Como sois vós; pois assim soffreis? Como estais Deos, pois taõ paciente estais! Naõ desmentem volta divindade os descortezes atrevimentos de vossos inimigos, antes quanto mais vos afrontaõ, mais Deos vos manifestaõ.

Está muito como poderoso, porque a grandeza do poder naõ está em sujeitar a quem pôde menos, se naõ pelo menos a quem pôde tanto. Naõ foy gloria de hum Anjo, que depois de doze horas de luta podesse render a Jacob? Gloria foy de Jacob resistir doze horas ao Anjo. Que Deos tirasse do nada este formoso vulgo de créaturas, é que logo com hum diluvio as destruise, naõ he muito encarecimento de seu poder; pois o havia ou com nada creando, ou com creaturas destruindo: para qualificar seu poder, comigo o havia de haver Deos: e isto fez na Cruz,

Cruz, onde servindo o Calvario de campanha, de si a si, de Deos a Deos, se deo a batalha. Oh desafio raro já mais visto, nem imaginado nunca, Deos em campo contra Deos! Aqui sim, aqui se verá, se he poderoso, pois o ha comsigo mesmo. Sua divindade, e sua mitericordia andavaõ em Christo com as maõs: porfiava a misericordia, que perdesle a vida, instava a divindade que naõ aceitasle a morte: advoga a misericordia pelo remedio dos homens, allega a divindade pelos foros de immortal: aper-ta aquella, resiste esta, esta com poder infinito, aquella com infinito poder: vence finalmente a misericordia, morre Deos, e mostraõ o que pôde; pois chega a poder comsigo, e contra si. Por isto este Senhor fallando desta accasiao se gloriava tanto de poderoso: *Potestatem habeo ponendi animam meam*: poder te-nho para morrer. Poder para morrer? Cuidava eu que para mor-rer naõ era necessario ser poderoso, senaõ fraco: isto he nos homens, mas naõ em Deos; a morte nos homens he final de sua fra-queza, a morte em Deos he abono de sua omnipotênciâ, por-que fazer Deos, que morra Deos, isto he ser Deos poderoso. Oh crucificado meu, agora sim, que nas apparencias de tanta fra-queza manifestais o summo de vosso poder. Vencido estais de vós mesmo, mas nunca tam omnipotente como quando assim vencido. Sirva esta accaõ de trofeo glorioso a vossa omnipotênciâ, que tirar a vida a hum Deos gloria encarecida será.

Está muito como amante, porque se bem advertis, para lhe levarem tudo, parece que lhe rompeo o amor as maõs: o ladrão levalhe o Ceo, Joaõ levalhe a Mây, os soldados levaõ lhe os vestidos. Que despojar he este, Amor prodigo? Naõ basta dei-xallo sem Mây, senaõ tambem sem roupas? Oh despido meu, e que tormento para vossa honestidade, que visle a Cidade de Je-rusalém por espaço de leis horas a desnudez de voslo virginal corpo! Oh como vos considero sentido! Tal foy o sentimento, que o obrigou a olhar huma, e outra vez para suas roupas, como desejoso de que lhas emprestaslem os soldados até á sepultura: *Diviserunt sibi vestimenta mea, & super vestem meam miserunt sortem*: Dividiraõ entre si meus vestidos, e sobre minha túnica lancaraõ sortes. Pois Senhor, se com açoutes, espinhos, e cra-vos desde a cabeça até os pés vos tem rasgado o corpo vossos ini-migos, que vay agora em que os soldados vos rasguem os vesti-dos?

dos? Sabeis porque o digo? Naõ he porque os rasgaõ, senaõ porque mos levaõ: *Ipsi vero consideraverunt, & inspexerunt me.* Estaõ todos com os olhos em mim, considerando, e vendo muito de vagar como estou despido, e naõ quereis que se me vaõ os olhos atraç de minhas vestiduras? Naõ sinto menos velas levar, que verme atormentar, porque mais me afflige que me vejaõ despido, do que me lastima verme crucificado: *Diviserunt sibi, &c.*

Agora entendereis hum texto grande de S. Joaõ. Quebraraõ diz elle, as pernas aos ladroens, que estavaõ ao lado do Senhor; porém a elle como estava já morto naõ lhas quebraraõ; para que se cumprisse a Escritura que diz: Naõ tocareis em oslo algum de seu corpo. E tambem outra Escritura diz: Poraõ os olhos no crucificado: *Et alia Scriptura dicit: Videbunt in quem transfixerunt.* Naõ sei se estais na dificuldade? A que proposito vem aqui esta segunda Escritura? Naõ quebraraõ a Christo as pernas, porque huma Escritura diz que naõ lhe tocariaõ em seus ossos, isto está muito bem allegado: mas naõ executaraõ no Senhor aquelle tormento, e huma Escritura diz que poriaõ os olhos no crucificado, he allegaçao notavel! Que tem que ver esta profecia com aquelle successo? Que tem que ver naõ lhe quebrarem os ossos com porem nelle os olhos? Ora nunca Joaõ foy mais Joaõ, do que neste passo. Quiz acudir a hum escrupulo, que nos podera ficar, de que Christo anticipasse sua morte a esta execuçao, e para o mostrar que naõ o fizera por escusar o tormento, allega cuidadoso a segunda Escritura: *Et alia Scriptura dicit: Videbunt in quem transfixerunt.* He verdade: como se distra Joaõ, que naõ lhe quebraraõ a Christo os ossos, porque assim o diz huma Escritura. Mas se naõ lhe quebraraõ os ossos, outra Escritura diz, que o veriaõ despido na Cruz; e para o sentimento de Christo tanto montava verem-no despido, como quebrarem-lhe os ossos: outra Escritura diz, que o veriaõ despido na Cruz; e para o sentimento de Christo tanto montava verem-no despido, como quebrarem-lhe os ossos. Huma Escritura suprio a outra: se aquella o isentou da execuçao, esta o sujeitou ao tormento; se naõ houve golpes, que lhe maltratassem os ossos, houve olhos que attenedessem a sua desnudez, e o tormento destes olhos foy suprimento daquelles golpes. Oh que excesso de fineza, meu des-

despido amante, lá se assombrou o Sinaita, de que Deos, quando estava nū Adaō, se puzesse a fazerlhe de vestir, parecendo-lhe, que naõ mostrara tanto amor em crear, como em vestir ao homem. Que fizereis, glorioso Padre, que distereis se o visseis hoje despido? Se ao cortar duas pelles de dous animaes vos pareceu amante, ao perder de suas vestiduras, em que assombros vos empenhara? Deos despido por vestir aos homnes de graça! Palsa de amor a pasmo.

Está muito como amante, porque em tanto tropel de penas sentio mais vella acabar, que padecellas, em quanto seus inimigos executaraõ as barbaridades de seu odio, naõ achareis que se queixasse este Senhor; porém tanto que na hora nona vio que desistiaõ de o molestar cançados: *Sciens quia omnia consummata sunt*; entaõ diz o Evangelista que se queixara: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* E bem, Senhor, agora as queixas, agora os desamparos? Sim, agora naõ se acabaõ já os tormentos? Naõ cessão as penas, naõ me deixaõ os males: *Omnia consummata sunt?* Pois *Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Agora comeca o meu desamparo: já naõ ha que padecer; pois agora comeco a sentir: já naõ ha que penar; pois agora entro a soffrer. Naõ me matava o padecer, este naõ padecer me mata: *Ut quid dereliquisti me?* E penar por naõ penar, ha mais estremado bem querer. A grandeza do amor se mede pelo gosto com que se padecê pelo amado, quem padece com mais gosto do que aquelle, que depois de soffrer tudo, morre por naõ ter que soffrer mais?

A morrer com tanto excesso de finezas, obrigou nosso amor a Christo, e a morrer em Cruz; e na verdade para trazer a si nossa rebeldia, como pertendeo sempre, naõ podia escolher melhor genero de morte; porque de hum Deos posto em Cruz, quem poderá fugir? Naõ ha se naõ render. Ouvio em proprios termos a David: *Quo ibo*, diz elle a Deos, *à spiritu tuo, aut quo à facie tua fugiam?* Senhor para onde me retirarey de vosoq; espirito, ou para onde fugirey de vossa vista, naõ posso escaparvos, he impossivel fugirvos. E porque Profeta Rey? *Si ascendero in Cælum; se subo ao Ceo, tu illuc es, ahi estaes: Si descendero in infernum, se deço ao inferno, ades, ahidou com vosco: Si sumpsero pennas meas diluculo; se me you para o Oriente.*

ente, illuc manus tua dederet me, ahi encontro com vossa maõ esquerda: *Si habita vero in extremis maris*; se me volto para o Poente, *tenebit me dextera tua*, ahi topo com vossa maõ direita. Advertis bem na figura da Cruz, que fórmā David: *Si ascendero in Cœlum eisahi o alto, si descendero in infernum, eisahi o alto, si descendero in infernum, eisahi o baixo*: *Si sumpero pennas meas diluculo, eisahi hum braço*: *Si habituavero in extremis maris*, eisahi outro braço. De sorte que quando David achou, que naõ podia escapar a Deos, foy quando considerou a Deos em Cruz, porque de hum Deos posto em Cruz, naõ ha lugar onde se lhe possa fugir.

Oh peccador, em Cruz está já teu Deos, trata de te render, pois lhe naõ podes escapar: dalhe as maõs, pois elle te estende os braços. Chegate confiadamente, e se teus peccados te acobardaõ, e tua justiça te detem, naõ temas que já te abrio o coraçaõ, e com o coraçaõ aberto naõ tens que duvidar de seu amor. Entaõ se deo Dalila por segura no amor de Samsaõ, quando elle se declarou, e manifestou o segredo de seu peito, e assim mandou recado aos Filistheos, que viessem confiados, porque naõ havia engano: *Ascendite abhuc semel, quia nunc mibi aperuit cor suum*. Vinde seguros, naõ tenhais duvida na verdade, porque já Samsaõ me abrio seu peito, e me descubrio seu coraçaõ. Muitos medos, e receyos de chegar a este Samsaõ divino, nos poderá causar a consideraçāo de nossas culpas, e o conhecimento de seu poder; mas já naõ ha que temer: *Ascendite, quia aperuit cor suum*; chega com segurença fiel, porque já se declarou contigo, já te abrio o coraçaõ, e manifestou o peito. Entra confiado que a morte te franquea a porta: chega a ouvir os liridos daquelle coraçaõ abrazado, que naõ acharás nelle mais suspiros que por ti. Homem, que como ovelha perdida, embaraçado nos deleites enganosos desta vida, te tinhast deviado dos caminhos da eterna, eis aqui como estou affligido, e atormentado por te poder lançar a meus hombros para te reduzir ao Paraíso. Conformeite com a imagem de tua humanidade, para te refazer: já que naõ retiveste a fórmā de nenhā divindade, que imprimi em ti quando te formei; retem aõ menos a fórmā de tua humanidade, que imprimi em mim para te reformar, se naõ estimaste os muitos bens, que te concedi, quando

quando te criei, estima ao menos as muitas misérias, que padeço para te remediar. Tu es a causa de minhas dores, tu es o motivo de meus tormentos, tu es a culpa de minha morte; tu foste o peccador, eu sou o castigado: tu fostes o reo, eu sou o condemnado: tu foste o delinquente, eu sou o crucificado. Padecei agonias, para te merecer os gostos: temi, para te fazer seguro: velei para te acordar da culpa: orei para te impetrar favores: suei sangue, para lavar tuas fealdades: fui prezo, para te libertar, atado para te soltar, vendido para te comprar, negado de Pedro, para te confessar diante dos Anjos: accusado, para te escusar: vendado nos olhos, para te revelar minha face na gloria: açoitado, para que te naõ açoitasse meu Pay: condemnado, para te absolver: lançado fóra de Jerusalem da terra, para te admittir na Jerusalem do Ceo: levei a Cruz, para passar de teus hombros aos meus o pezo de teus peccados: fui coroado de espinhos, para te aparelhar huma coroa de gloria: tive sede, para te dar a beber da fonte viva da graça: fui encravado, para te esperar: estendi os braços, para te abraçar: enclinei a cabeça, para te dar o sculo de paz: finalmente tomei sobre mim a morte, para te perpetuar na vida: darte por premio de minha paixão, pois eu me dei pôr preço de tua redempçā: naõ me corresponda com aggravos, pois eu te obrigo com ternuras. Noslos coraçoens, pede aquelle coraçāo, sieis: noslo amor solicta este trofeo de amor. Quem haverá, que negue affectos, a quem merece: finezas? Nunca Deos esteve mais para amar, do que agora, que está menos para ver. As creaturas amado por formosas, Deos amase por afeado.

Duas vezes o vio Isaías, huma na Cruz desfigurado: *Vidimus eum, & non erat aspectus: outracno throno magesto: Vidi Dominum sedentem super solium.* E onde vos parece, que lhe roubou mais o coraçāo? No throno, ou na Cruz? No throno, onde rasgava luzes? Ou na Cruz, onde publicava fealdades? A verdade he, que na Cruz, porque na Cruz, e naõ no throno desejou repetir, e segundas visitas: *Vidimus eum, & desideravimus eum.* No throno entre as soberanias de glorioſa, levoulhe tão pouco os ollios, que se contentou com ter visto: *Vidi Dominum;* na Cruz entre as desformidades de chagado cativo, tanto a vontade, que sobre ter visto, quiz tornaria ver.

ver : *Vidimus, & desideravimus*. Se estas fealdades de Deos vem a ser interesses vossos. Se Deos está afeado, porque nós fizemos remidos, porque não ha de ser de nós mais querido, quando está por nós mais desfigurado? Os outros não lembrão, nem se amão por mortos, este Senhor por morto deve ser mais lembrado, e mais amado; porque sua morte he seguro de nossa vida.

Em quanto Christo esteve vivo na Cruz, não se lê, que tremesse a terra, nem se quebrasse as pedras, nem se eclipsassem as luzes; porém tanto que espirou, logo as luzes se eclipsaram, logo as pedras se quebraram, e logo a terra tremeu, hum Deos vivo poderá estar morto na memoria, porém hum Deos morto não pôde deixar de estar vivo na lembrança. Poderaão as criaturas ver a Deos vivo em huma Cruz, sem ternura; porém não o poderão ver morto, sem sentimento, até seus inimigos que tiverão animo para o atormentar sem piedade na vida, não tiverão olhos para o ver sem magoa na morte; e com as mesmas mãos com que martyrizaram seu corpo atrevidos, ferirão elles seus peitos compassivos: *Percutientes pectora sua revertebantur*. Morto temos a Christo, fieis, não sejamos mais insensíveis, que as mesmas criaturas sem sentidos: não sejamos mais obstinados, que os mesmos algozes, que o mataram: aprendamos a sentir na insensibilidade de humas, e na compaixão de outros. Sintamos com a terra, com as pedras, com as luzes, e com os inimigos; porém não sintamos como os inimigos, como as luzes, como a terra, sintamos sómente como as pedras. A terra tremeu; mas tornouse a socegar: as luzes eclipsaram-se; mas tornaram a luzir: os inimigos doeram-se, mas tornaram a aborrecer; só as pedras se quebraram, e ficaram quebradas as pedras. Assim ha de ter nossa dor? Não ha de passar como o tremor da terra, nem como o eclipse das luzes, nem como a magoa dos inimigos, ha de permanecer como o sentimento das pedras, não havemos de chorar agora, e não nos lembrar depois: não havemos de nos compungir ~~hoje~~ e pecar á manhã, que isso ha de tremer como terra; ha de eclipsar como luzes, ha de doer como inimigos: havemos de nos arrepender agora, e ficar para sempre arrependidos, que isso ha de quebrar como pedras. E para isso soe continuamente em nossos ouvidos aquele grito de S. Paulo: *Non estis vestri,*

*vestri, empti enim estis pretio magno.* Homens, já naõ deveis viver como quizerdes, porque naõ sois vossos: deveis viver como quer Christo, porque sois seus, e comprados a muito grande preço: *Precio magno.*

Do Pretorio de Pilatos, até o monte Calvario andou com a Cruz ás costas, trezentos e vinte e hum passos: *An non ergo empti estis pretio magno?* Pois naõ foy isto comprarnos com subido preço? Ora vede se diz Paulo com razaõ, que naõ somos nossos, e vede se he razaõ que naõ sendo nossos, vivamos como se naõ foramos de Christo. Oh morto meu, que vos hei de offerecer por tantas penas, quantas padecestes, senaõ a mim mesmo por quem as padecestes? A mim me quereis para que seja vosso, a mim me comprais para que naõ seja meu: já daqui por diante naõ serei meu, Senhor, todo serei voõlo. Pezame de ser a causa de voslas dores: pezame de ser o motivo de voslas penas; e sem satisfaçao de minhas culpas vos offereço essa cabeça ensangoentada, esses olhos eclipsados, essa boca amargada, esse peito aberto, essas maõs rasgadas, esses pés atraVelados, esse corpo desfeito. Uni com vosso sangue nossas lagrimas, com vosfas chagas nossos sentimentos, para que por meyo de vosla morte, seguremos a eterna vida: *Quam mibi, & vobis &c.*

**SERMAO**  
**DA**  
**CONCEICAO**  
**DA VIRGEM**  
**MARIA**  
**NOSSA SENHORA.**

**Prégado na Igreja Matriz do Recife de Pernambuco anno de 1658.**

*Mariæ de qua natus est JESUS. Matth. I.*



RANDE festa para o melhor do Ceo, e para o melhor da terra, para o melhor do Ceo, porque toda a Trindade intereça noticias em Maria, comodiz Chrysologo; para o melhor da terra, porque na Conceição desta Senhora os Theologos tem noble materia para discutir subtilezas; os entendidos para levantar pensamentos, os cortezaos para descobrir urbanidades, os devotos para apurar affectos, que por isso (quiçá) não tem determinado a Igreja este mysterio, para dar lugar aos fieis, que empenhados na piedade desta Senhora: já nas escolas, já nos pulpitos, já nos escritos, já nas praças, procurem com novidade affectuosa, firmar sua immaculada pureza; mas o mal he, que sendo a festa da Conceição de Maria, não parece accômodado á Conceição de Maria o Evangelho da festa

festa , tudo nelle saõ Conceiçõens , desde Isaac até Joseph , mas em todo elle naõ se topa com a Conceição de Maria , tudo nelle saõ pays deide Joseph até Isaac ; mas os pays de Maria , naõ se achaõ em todo elle ; e finalmente naõ ha no Euangelho outra cosa de Maria , senaõ que he Māy de Deos : *Mariæ de qua natus est Jesus.* Pois como he possivel , que sirva o Euangelho de Maria māy , na festa de Maria filha ? Como havemos de applaudir a Maria concebida , quando naõ encontramos pays a Maria ? Como havemos de solemnizar a Conceição da Senhora com hum texto , que naõ trata da sua Conceição ? Ora nessas que parecem faltas no Euangelho , havemos de fundar as razoens da pureza singular da Conceição de Maria : o assumpto he vulgar , que a brevidade do tempo naõ deo lugar a outra escolha ; mas sem affectação de Theologo , entre os quaes me confessô o ultimo , nem jaçtancia de entendido , em cujo numero , nem me conto por menor , só com obrigaçõens de cortez , e ferves de devoto , que para o ser com Maria basta ser racional ; procurarei que tenhaõ as provas alguma novidade .

*A V E M A R I A.*

**M**ariæ de quanatus est Jesus. Que pouco ajustada clausula ao parecer esta ? Já māy quando escaçamente filha ? Já com o Filho de Deos nos braços , quando a penas concebida em Anna ? Se ainda naõ he tempo de lograr a maternidade , como se lhe dá a maternidade antes de tempo ? Porque , se nas outras criaturas he primeiro a conjunção do tempo , que os favores da graça , em Maria com excellencia singular saõ primeiro os favores da graça , do que a conjunção do tempo .

Da raiz de Jeslē , diz Isaias , brotará huma vara tão unicamente feliz , que nella será o mesmo apontar verde , que abrir florida : *Egredietur virga de radice Jeſſē , & flos de radice ejus ascendet* ? Que dizeis Profeta sagrado ? No mesmo tempo vara , e flor ? Aonde se viraõ nunca brotar juntas flor , e vara ? Primeiro a vara se anima em tronco , dilata em ramos , copa em ramos , e então concebendo em claustros verdes , arroja formas , exhala fragancias , desprega flores ; pois como rulaõ aqua huma vara , e flor ? Que escaçamente aponte vara : *Egredietur*

*dietur virga, e que logo se veja coroada de flor, & flos de radice ejus?* Sim, diz Jeronymo, que esta vara he Maria: *Maria virga est*; e he tanta a singularidade dessa vara, que se nas outras aguarda o tempo pelas flores, nesta as flores se anticipaõ ao tempo; se nas outras plantas naõ ha vestir bellezas, sem animar verduras, esta he taõ privilegiada, e unica, que nella he o mesmo animar verduras, que vestir bellezas; se nas de mais criaturas florece a graça depois de o pedir a natureza, em Maria antes de o pedir a natureza, florece a graça: *Egredietur virga de radice Jessé, & flos de radice ejus ascendet.* Pois se esta he a prerogativa de Maria, esperar nella a graça pelo tempo, e naõ o tempo pela graça, com muita razaõ lhe dá o Euangeliſta o titulo de Māy antes da disposiçāo do tempo: para que se ha de esperar pelos annos para attribuir o favor, a quem faz o Ceo os favores sem respeitar a annos? Digale Maria māy, quando se concebe, que se essa maternidade he graça do Ceo, em Maria as graças do Ceo naõ dependem do tempo? Bem está isto, chameſe Maria embora māy antes de ter idade para o ser; mas primeiro que se chame māy, chameſe filha. Obſerve o Euangeliſta nesta Senhora o mesmo estylo, que obſerva em seus aſcendentes: diz S Mattheus que Isaac foy pay de Jacob: *Isaac genuit Jacob*; mas primeiro diz, que Isaac foy filho de Abraham: *Abraham genuit Isaac*; e assim procede na relaçāo dos de mais progenitores, intitulando-os primeiro filhos, do que os intitule pays; pois em Maria, porque se altera esta ordem, porque se chama māy, sem se nomear filha: *Mariæ de qua natus est Jesus?* E como queremos, que o Euangeliſta dēſle o nome de filha a Maria, se Maria sempre foy māy; o ser filha he primeiro que o ser pay; esta Senhora he māy ab eterno, e quem ab eterno he māy, como se ha de intitular em tempo filha.

Maria ab eterno māy? Sim? ouvi a Agostinho: *Antequam ipſam Deus crearet, de qua ipſe homo crearetur noverat matrem*, antes que Deos creasse Maria, da qual elle havia de nacer, já a conhecia por māy, mysterioso *antequam*, antes que? Quantos dias, ~~quantos annos~~, quantos seculos antes que se criasse Maria, seconhecia por māy: *Antequam Deus ipſam crearet*, antes que Deos a creasse. Divino, e incomprehensivel termo! Repeti hum, e outro, e mais seculos, lede a Agostinho,

nho, *Antequam*, antes de todos estes seculos já Maria era māy: tornai atraç milhares, e milhares, e centenas de milhares de annos; e tornai a Agostinho que: *Antequam*; antes de todos estes annos, já era māy Maria. Pondevos mais atraç milhoens, e milhoens de seculos, e a esles accrescentai outros tantos, vinde a Agostinho que? *Antequam ipse ipsam Deus crearet neverat matrem*; já Maria antes de todo este tempo era māy; que eternidade de māy? Nem cuidem que esta maternidade eterna, he sómente por provisaõ, porque ab eterno foy Maria prevista para māy, he maternidade eterna por officio; porque representandose eternamente ao entendimento do Pay, o concurso materno do ventre desta Senhora; do conhecimento desse concurso materno do ventre de Maria procedeo o Verbo: Fundase esta minha resoluçāo em Theologia muito admitida, e tem por fautor ao mesmo Eterno Pay.

Falla elle com o eterno Verbo, e diz assim: *Ex utero ante luciferum genui te*; no mais secreto da eternidade vos gerei do ventre, que quer dizer vos gerei do ventre? O Eterno Pay gera ao Eterno Verbo pelo entendimento; pois porque naõ diz: *Ex mente*, vos gerei do entendimento, senão: *Ex utero*, vos gerei do ventre? Porque falla do ventre de Maria, de cujo concurso objectivo, em quanto ab eterno se representava a seu entendimento, gerou o Verbo: Tinha o Eterno Pay aos olhos a maternidade desta Senhora para com Christo, e do conhecimento dessa maternidade produzio a seu Eterno Filho: Logo já entaõ Maria exercitava de algum modo o officio de māy, para com o Verbo, pois concorria a maternidade de Maria para a producção do Verbo; logo naõ tem Maria principio de sua maternidade, porque tanto que foy predestinada para ser, que foy ab eterno, logo foy māy, e nisto se me naõ engano se fundou aquella celebre admiraçāo dos Anjos: *Quae est ista que progreditur*, dizem elles, *electa ut Sol*. Quem he esta que hahe escolhida como o Sol? Se consultarmos a S. Cyrilo Alexandrino, e a Santo Athanasio, acharemos, que este Sol he o Eterno Pay: *Sol Pater est*, Sol o Eterno Pay; e Maria escolhida, como o Sol? Que dizeis Anjos? Que havemos de dizer? Muito nos admira isso: *Quae est ista?* Mas naõ podemos deixar de o sentir assim, quando a encontramos taõ semelhante a elle Sol:

Sol; se pomos os olhos no Pay, vemos que nenhum instante se deo em que naõ fosse pay; porque foy Pay, desde que subsistio Pessoas, antes por isto subsistiu Pessoas distinta, porque he Pay. Se pomos os olhos em Maria, vemos que nem em sua perdeſti-nação eterna, se deo instante em que naõ fosse māy; porque foy māy desde que foy perdistinada para ser; antes por isto foy perdistinada para ser, porque era māy; e como nós vejamos que assim como no Eterno Pay naõ houve desde a eternidade ser real, sem ser Pay, assim em Maria naõ houve desde a eternidade ser objectivo, sem ser māy; por isto ainda que muito admirados da semelhança, a comparamos ao Sol do Pay: *Quae est ista, quae progreditur electa ut Sol?* Pois se nunca houve Maria ab eterno, sem ser māy, como a havia de intitular o Evangelista em tempo filha? E se em Maria naõ cabe nunca o nome de filha, porque sempre he māy, nunca houve culpa em Maria. Notai: a macula original do peccado contrahese pela razão de filho, e naõ pela razão de pay. Ninguem tem peccado original porque he pay, senão porque he filho; donde se pergunta nas escolas, se Deos creasie agora hum homem de huma pedra, se havia de incorrer este homem na macula original? E respondeſe que naõ, e todo o fundamento he; porque neste homem assim criado naõ havia razão de filho. Logo se Maria he Māy de Deos sempre, em verdade que naõ ha de ter peccado nunca. Maria filha de Anna, se a poderamos considerar assim sómente podera, e devera ter culpa, porém Maria Māy de Deos, nem deve nem pôde ter mancha, pois sempre que a consideramos Maria, a havemos de encontrar māy, e por ser isto assim, para nos mostrar o Evangelista a pureza extremada desta Seuhora, calla hoje sua Conceição onde he filha, e publicase o parto onde he māy: *Mariæ de qua natus est Jesus.*

Temos ponderado o silêncio da Conceição de Maria; ponderemos agora o silencio de seus pays: he cousa estranha, que em todo este Euangelho entre tantos pays, e māys, e filhos naõ haja pay, nem māy de Maria, que? Naõ tem pays esta Seuhora? Atreviame com subtileza piedosa a dizer que naõ; mas porque esta novidade pede mais tempo, que o que eu tive, fique para outra occasião: pays tem Maria. Pois para que os cala o Euan-

o Evangelista? Por duas razões? A primeira he porque nos quer Deos ensinar, que em Maria não se ha de considerar a natureza, senão a graça, porque mais he filha da graça do que da natureza; tão pouco tem Maria de natureza, e tanto da graça, que mais parece parte desta do que daquella.

Tornemos á vara de Isaias em cujas raízes cavaremos a prova: *Egredietur virga de radice Jeshé, & flos de radice ejus ascendet.* Da raiz de Jeshé brotará huma vara; e de sua raiz abrirá huma flor; duas raízes temos aqui, huma de que nasce a vara, *virga de radice*, outra de que nasce a flor, *& flos de radice*. E qual vos parece, que he a raiz propria da vara? Adonde ella sahe, ou adonde abre a flor? Adonde abre a flor, essa he a raiz propria da vara. Considerai a força do texto: *Egredietur virga de radice Jeshé*, sahirá huma vara da raiz de Jeshé; de Jeshé diz, que he a raiz donde sahe a vara: *Et flos de radice ejus ascendet*, adverti no *ejus*, e da raiz dessa vara, (que sobre ella cahe o *ejus*) brotará huma flor, da vara diz que he a raiz donde brota a flor. Estais já em que a raiz donde sobe a flor, he a raiz propria, e particular dessa vara? Discorrei agora o mysterio. Esta vara he Maria, e esta flor he Christo, conforme o commun sentir dos Santos, baste Jetonymo por todos: *Maria virga est, flos Christus.* A raiz donde teve seu princípio Christo, que he a flor, he a graça, porque a Incarnação do Verbo, he obra toda da graça, e nada da natureza; inferi agora: a raiz donde brotou a flor he a graça, logo se essa mesma raiz he a raiz propria da vara, a raiz da vara vem a ser a graça; e se Maria he essa vara, a graça vem a ser a raiz de Maria. Da natureza teve Maria seu princípio; mas deveo tão pouco a natureza, que se não chama raiz sua a de Jeshé, a natureza donde ella nascido, como tenra vara; mas chamase sua raiz a de Christo, a graça donde elle brotou como bella flor; andem agora os el-crupulosos a suspeitar culpa em Maria. Em todo o rigor da Theologia, nem Deos pôde fazer, que estejaõ juntas em huma alma, a culpa, e a graça; pois se Maria teve seu princípio na graça, como havia de ter nesse princípio culpa? Hasle de atrever nosla demazia a cuidar o que Deos não pôde fazer? Rendamos o juizo devotos, e veneremos a Conceição desta Senhora por immaculada, e puríssima.

Vamos

Vamos á segunda razaõ: Calaõse os Pays de Maria , quando se concebe , porque naõ se concebe Maria , porque Joaquim , e Anna tenhaõ filha , senaõ porque Deos tenha mäy. Naõ notais o estylo do Euanglista , que quando havia de dar pays a esta Senhora lhe dá filho: *Mariæ, de qua natus est Jesus.* Pois que outra cousa he isto , senaõ mostrar , que esta Senhora naõ recebe o ser , para que tenhaõ filhas seus pays , e que por isso as cala , senaõ para que tenha Deos mäy , e que por isto o publica? Se Maria naõ houvesse de ser mäy , naõ se concebera Maria , só por dar o ser humano a Dëos , recebe Maria o ser ; e se Deos naõ houvesse de incarnar , naõ existira Maria : he Maria no mundo , o que o Eterno Pay no Ceo : a Pesloa do Eterno Pay no Ceo toda he para o Verbo , e naõ fora Pesloa distincta o Pay , senaõ gerara o Verbo : a existencia de Maria na terra , toda he para Christo , e naõ existira Maria , senaõ houvera de parir a Christo. Oh que excellencia ! Oh que gloria ! Tudo o que he o Pay , he para o Verbo ; tudo o que he Maria he para Christo ; para haver de ser Mäy de Deos occupou Maria o ventre de sua mäy , e naõ nascera Maria , senaõ houvesse de nascer della Deos. Busquemos abono a esta verdade , e seja ao escolastico , no mais escondido dos Decretos divinos , confessando antes de tudo , que se bem em Deos naõ ha tempos , as escolas com tudo haõ levantado huns sinais , pelos quaes se guiem nas luzes innaceſſiveis de sua sabedoria.

Previo pois Deos no primeiro sinal a Adaõ com todos seus descendentes futuros , nos quaes naõ entrava Christo , nem Maria ; logo no segundo celebrou com elle hum pacto , que toy darlhe a graça , e original justiça , com esta condiçao , que senaõ comesse do fructo de huma arvore , em demonstraçao de rendimento , passaria aquella merce naõ só real , senaõ divina , com privilegio inalteravel a todos seus filhos ; mas se quebrasse o preceito , que naõ passaria a merce a seus herdeiros , naõ bem tinha cuidado nisto , quando no terceiro sinal , vio quebrada a ley , roto o pacto , peccar Adaõ , perder a graça o pay , privarse della os filhos , e ficar aleivosos todos. Doeulhe o damno commum , a quebra de huma imagem , que formou com tanto cuidado , e mais amoroſo quando offendido , entra no quarto sinal , e diz assim : Pois que ? Haõſe de perder tambem , como o Anjo ,

o Anjo, os homens? Será eterna tua ruina? Naõ hei de tomar creatura intellectual nas maõs, que naõ te me caya dellas? Ora seja hum de nós outros homem; e tomemos satisfaçāo no homem nos outros mesmos; aceitou entaõ o Filho sobre si o humanarse, e morrer em huma Cruz, para sua satisfaçāo, e nosso remedio. Pois de quem tomará carne? (E vai o quinto final) quem lhe daremos por māy? Criemos a Maria com as excellências, que se requerem para ser Māy de Deos. Até aqui a Theologia. Advertistes bem na ordem, com que procede na matéria? Pois para descobrirmos nella o que buscamos, pergunto eu agora em que sinal determinou Deos a existencia de Maria, no primeiro em que determinou a existencia de todos os homens, que havia de haver no mundo, ou no quinto em que buscou māy para Christo? No quinto, em que buscou māy para Christo, determinou Deos a existencia de Maria; logo (faço esta illaçāo valente) logo se Maria naõ houvesse de ser māy, naõ houvera de ser Maria; naõ ha que ter giversar, porque se a existencia de Maria, naõ foy prevista no primeiro final, onde se previo a existencia dos outros filhos de Adaõ, senaõ no quinto onde foy perdestinada para Māy de Deos, só para ser māy recebe Maria o ser: quem naõ se previo existente, senaõ quando se determinou para māy, só para haver de ser māy existe; nisto está o melhor dos Doutores, e melhor que todos a mesma Senhora.

Ouvia no segundo dos Cantares: *Ego dilecto meo*; eu sou toda para Deos. Notai, que naõ diz: *Ego dilecti mei*, senaõ: *Ego dilecto meo*; eu sou para Deos, e que mysterio mais tem ser para Deos, do que ser de Deos? Tem muito mysterio; ser de Deos, he mostrar que recebe delle o ser: ser para Deos, he insinuar que recebe o ser para elle; e como esta Senhora labia que se lhe dera o ser só para ser Māy de Deos, por isto, naõ diz: *Ego dilecti mei*, senaõ *Ego dilecto meo*, que he para Deos. Pois se Maria naõ se concebe para que Joaquim, e Anna tenhaõ filha, senaõ sómente para que Deos tenha māy: que tem esta Senhora com Satanás? Que tem com o pacto de Adaõ; como pôde sentir o contagio da natureza, aquella que naõ havia de existir creature, senaõ houvesse de ser homem o Creador? Pequem embora em Adaõ os outros, que existem por amor da natu-

natureza, porque não falte a sucessão de Adão. Mas Maria que só hei por amor de Deos, porque lhe não falte máy, porque ha de contrahir mancha Maria? Tivera esta Senhora grande razaão de queixa contra Deos se a não isentara de culpa. Que não se me de o ser por amor de mim, senão por amor de Deos, e que hei de incorrer em peccado, como os outros, que saõ para si? Que não exista para que meus pays tenhaõ filha, senão para que Christo tenha máy, e que hei de participar a mancha de meus pays? Vede se a podia fundar com razaão, e julgai se era razaão, que Deos lhe dëste motivo para a fundar.

Temos visto como assim em calar a Conceição, como também em calar os pays, attendeo o Evangelista, a estabelecer a pureza singular de Maria; mas onde mais, que tudo a corroborou, foy no filho, que lhe deo: *De qua natus est Jesus. Máy de Deos, e peccado?* Não pôde ser; ou me haõ de pôr culpa no filho, ou não me haõ de pôr culpa na máy. Vara chamou Isaías a Maria, cujo fruto he Christo: *Egredietur virga de radice Jeſu*. Vereis huma arvore, que elcondida ao principio nas entranhás da terra, recebe pelos meatos occultos das rai-zes o succo vital, com que alentada rompe o carcere, e sahe posto que humilde a luz: logo se levanta presumida em vara, e engrossando cada dia no tronco desprega sua verde pompa, lança vistosos ramos, enstende copados braços, e já parece frondoso gigante de bosque, a que pouco ha era humilde competencia da relva; finalmente vigurosa já contra as asperezas do inverno, a benefícios do veraõ, e ardores do estio, abre toda em flores, e se desentranha em frutos toda. E donde vem a vida desse fruto? Donde o alento, donde os aumentos? Não ha duvida, que da raiz, porque se lhe viciare esta, murchará logo o fruto; logo tudo o que he o fruto se deve attribuir á raiz? Claro está. Ide agora comigo. Christo chama-se fruto de Maria, á raiz desse fruto he o ventre da Senhora, a raiz desse ventre he sua Conceição: pois se o fruto vive da flor, se a flor do ramo, se o ramo da vara, se a vara do tronco, se o tronco da raiz, desla raiz vem a viver o fruto: ha sim? Pois ou não houve vicio na raiz, ou ha vicio no fruto; e se não ha no fruto vicio, não ha que presumir vicio na raiz. Fruto tão perfeito, e puro, com raiz viciada, e ~~com~~, he impossivel,

possível, que da raiz depende a vida do tronco, da do tronco a da vara, da da vara a do ramo, da do ramo, a da flor, e da da flor a do fruto, e consequintemente naõ vivera o fruto se estivera morta a raiz.

Bem estava isto, dirá alguem, se o fruto naõ fora Deos, se Christo fora sómente homem, bem se provava, que ou Maria naõ tinha culpa, ou que Christo tambem a tinha, porque sendo puro homem, naõ havia de nascer puro de huma máy impura; porém como Christo he juntamente Deos, naõ parece que se deduz bem, que ou nelle ha de haver macula, ou naõ houve macula em Maria; porque como Deos, ainda que na máy houvesse faltas, naõ podia haver faltas nelle. Ora está extremadamente replicado, e ainda que puléra com Agostinho sustentar sem escandalo da fé, que se manchara o filho, se acafo a máy se manchara: *Si potuit inquinare, cum eam faceret, potuit inquinari, cum ex ea nasceretur;* deixo isto, e digo, que ainda que em Christo naõ houvessem de cahir realidades de culpa, se contrahira Maria; pelo menos haviaõ de sahir as apparencias, haviaõ o desluzir as sombras, ainda que naõ afeasse o delicto.

He cousa celebre na Escritura compararse a Incarnaçao do Verbo ao orvalho, no Deuteronomio: *Fluat ut ros eloquium meum*, nos juizes: *Si ros in solo vellere fuerit*, em Ilaias: *Rorate cæli desuper.* Considerai agora a propriedade do orvalho: cahe huma gota de orvalho em huma incarnada roza, e parece incarnado: cahe em hum branco lirio, e parece branco: cahe em hum roxo cravo, e parece roxo: cahe em huma preta violeta, e parece preto: de sorte que o arvalho toma as cores, e resultancias da cousa, em que cahe. Desce o Verbo a incarnar em Maria, como orvalho; que se segue? Que se Maria estivera afeada com peccado, parece que haviaõ de resultar as apparencias no Verbo: e se no Verbo naõ ha apparencias de culpa, he final, que nunca houve delicto em Maria. Bendito sejais vós Deos meu, que quizestes descer, como orvalho, para que naõ se devisando em vós sombra desta culpa, naõ presumisse nella malicia defeitos nella.

Nem só importou a pureza de Maria; para o credito da pureza de Christo, senão tambem para abono de sua divindade.

de. Se Christo deixara incorrer a Maria na mancha original, puderafe duvidar (abstrahindo da luz da fé) se era Deos; mas fe a isentou da original mancha, naõ ha se naõ confessar, que he Deos Christo: e isto porque? Porque a culpa deviase á natureza humana de Maria, e romper Christo por esse foro da natureza, he sinal irrefragavel de sua divindade.

Constitue o Senhor a Moysés Deos de Faraó: *Constitui te Deum Pharaonis*; e que insignia vos parece que lhe dá, para se dar a conhecer por Deos? Huma vara: *Virgam banc sume in manu tua*. Ha tal ceptro para tal grandeza? Huma vara ha de ser a insignia da divindade? Sim: naõ ha essa vara de endurecer os mares, ensanguentar os rios, alterar os elementos? Pois essa he a que convém para divisa da divindade de Moysés, que atropelar as leys da natureza, he prova muito valente de hum ser divino; pois se em isentar a Maria do peccado, estabelicia Christo os creditos de Deos, se a preservaçāo da māy, de algum modo, era interesse da pureza do filho, quem se ha de persuadir, que o filho naõ refrearia o impeto da culpa na māy? Sim refreou, fieis, sim refreou. Naõ o ouvis nas vodas de Caná? Reconheceo Maria, que hia faltando o vinho aos convidados, adverte a Christo do caso, e respondele o Senhor: *Quid mibi, & tibi est mulier?* Mulher, e que vos vai a vós, e a mim nisso? Parecevos muita sequidaçāo a resposta: Pois entendei que foy muito mysterio. O vinho ainda naõ tinha faltado, hia a faltar, que isto he: *Deficiente vino*. Pois a isto diz Christo: *Quid mibi, & tibi est mulier?* Que vos vai, Maria a vós, nem a mim nisso? Faltas incorridas, damnos já feitos, he favor, e milagre, que me toca para os outros: prevenir os damnos, que ameaçāo, escutar as faltas que vem, antes de chegar, isto he gloria, que eu reservo só para vós: deixai que se incorra a falta, que eu a remedearei depois que preservar do damno, antes que chege, isto foy só com vosco, porque ambos hiamos interessados nisso, vós por māy, e eu por filho: *Quid mibi, & tibi est mulier?* E se por tantos principios, como temos discursado, se convense que te concebeo Maria sem faltas, porque temem alguns, que fosse assim? Porque he penaçāo inevitavel dos descendentes de Adaõ, que recebaõ o ser com mancha, ha de haver quem receye confessar, que o recebeo sem mancha Maria?

Oh

Oh não haja tal receyo no mundo, não queiramos medir a Maria por nós, pois Deos a mede por si.

Publíc a esta Senhora as grandezas, que Deos nella obrara, e diz assim: *Fecit mihi magna qui potens est?* Fez em mim coisas grandes o que he potente. Reparai que he estremado reparo, e poderá ser que novo. Reparai que não diz: *Qui omnipotens est.* O que he omnipotente; senão: *Qui potens est;* o que he potente. E que tem isto? Que vay em que diga potente, ou omnipotente? Que vai? Dai com vóscos na Theologia, pergun-  
tay aos Thomazes, aos Soares, aos Vasques, e ás melhores ca-  
deiras das Universidades, que distincção ha entre potente, e  
omnipotente em Deos? Respondervoshaõ, que potente se diz  
o Pay, por ordem a gerar o Filho; e o Pay, e o Filho por or-  
dem a produzir o Espírito Santo; e que omnipotente se diz to-  
da a Trindade, por ordem a fazer as creaturas: de sorte que  
potencia em Deos respeita a producção das pessoas *ad intra*, e  
omnipotencia respeita a producção das coisas *ad extra*, tendes  
alcançado a diferença notável, que vay de potencia, a omni-  
potencia, que esta he para coisas criadas, e aquella para pe-  
soas divinas? Tornay agora á proposição de Maria: *Fecit mihi  
magna, qui potens est;* fez em mim coisas grandes, o que he  
potente. Valhate Deos por Maria? Se o termo da potencia em  
Deos saõ pessoas divinas, e as creaturas saõ sómente termo da  
omnipotencia, como não dizes, que he Deos contigo omni-  
potente, senão potente: *Qui potens est?* Es pessoa divina, ou  
es pessoa humana? Para que he deter mais Fieis? Pessoa huma-  
na he Maria; mas tal pessoa humana, que parece que a trata  
Deos como pessoa divina. Tanto a singularisou entre todas as  
creaturas, que não parece que medio suas perfeições peia omni-  
potencia com que obra *ad extra*, senão pela potencia com  
que produz *ad intra*. Pois se Deos regula por si a Maria, como  
a queremos regular por nós? Confessemos ingenuamente de-  
votos, não só que Maria não padece o queda, mas nem risco; mas  
não só dano; mas nem contingencia, não só infortunio; mas  
nem loslbro, não só ruina; mas nem perigo. Assim o fazemos,  
Santíssima Senhora, todos julgamos, que não tivestes em vossa  
Conceição desdouro; mas que recebestes o ser immaculada,  
que não admittistes culpa; mas que respirastes santa, que não  
vos

vos saltearaõ temores; mas que lograstes seguranças, que naõ fostes vil despojo de Satanás; mas desvelo soberano da graça, esta alcançai copiosa de vosso filho, em primeiro lugar, para quem taõ grandiosamente festeja os candores puros de vossa madrugada, e depois para nós todos, para que livres por seu meyo de nossas culpas, nos possa também livrar de nossas penas sua gloria: *Quam mibi, & vobis præstare dignetur, &c.*



# SERMAO DO DESACATO DE NOSSA SENHORA DAS MARAVILHAS.

Prégado na Sé da Bahia anno de 1660.



M fim, que chegaraõ a ver nossos olhos a Deos Minino esquartejado ! Em fim, que chegaraõ a andar quartos de hum Minino Deos por lugares publicos, como se fossem quartos de hum publico malfeitor ! Oh temeridade nunca ouvida, nem imaginada ! Dize, demonio ; mas naõ se atrevera Satanás a tal acção: dize, bruto; mas reconhecerá a seu Senhor hum bruto : dize, homem, que só hum homem agravara desagradecido, e desatinado a Deos : dize, creatura humilde, baixa, nescia, infame, sacrilega, barbara, como te atreveste, como te arrojaste, como te oppuzeste ~~contra~~ aquelle Senhor, cuja divina formosura oferece agrados a Deos, gloria aos Anjos, respeito aos demonios, veneração a todas as ~~as~~ <sup>quartos</sup> criaturas ? Como entraste neste santo Templo, como chegaste áquelle Altar sagrado ? Como levantaste o braço, como estendeſte a maõ ? Como roubaste a MARIA o seu Minino, e a nós o nosso Deos ? E como, dize, como desfizeste com tuas maõs a imagem daquelle Artifice Omnipotente, que te fez á sua imagem com as suas ? Como quebraste aquelles bracinhos tenros, como fizeste em quartos aquelle corposinho, que o Espírito

pirito Santo formou para teu remedio? A teu Deos desprezas, a teu Creador agravas, a teu Redemptor despedaças? Oh monstro, oh portento, oh deshonra immortal da geraçāo humana! Maldita seja a noite, que para tanto destroço divino, e humano te fez amiga sombra. Naõ se veja nella sereno já mais o Ceo, naõ resplandeçaõ seus olhos, naõ pestanejem suas es-  
 trellas: desate n sua luz em gritadoras lagrimas, e gemidos, piedoso asombro, ou sono eterno as sepulte, horrores densos como sombras mortaes a escureçaõ, desuadas ventanias a inquietem, tempestades ultimas a perturbem: espere a luz do dia seguinte; mas nem veja os primeiros aslomos da Aurora: titubee sempre temerosa, vacille errada, e falsee a tanta infidelidade o concerto todo dos celestes Orbes. E vós sejais mui dem achado, meu Deos Minino, que ainda que em pedaços, assim vos amamos, ainda que em quartos, assim vos adoramos:  
*Isai. 53.2.* duas vezes vos vio Isaias, huma na Cruz desfigurado: *Vidimus eum, & non erat aspectus*; outra no throno magestoso: *Vidi Dominum sedentem super solium*. E tanto mais lhe roubastes o coração na Cruz, do que no throno; que na Cruz, e naõ no throno desejou repetir, e segundar as vistas: *Vidimus, & desideravimus*; porque, como todos voslos desprezos se originem do muito amor, que nos tivestes, pois se este vos naõ revestira de noſta humanidade, nunca chegarieis a fofrre tanto affrontoſas des cortesias, he certo, que entaõ estais mais para querido, quando estais por nós mais affrontado. Naõ se diminue noſta fé com voslos desacatos; assim quebrados, como estaõ esſes braçinhos, nós confessamos, que ſão braços de hum Minino, que he Deos: assim desbaratado como está esse corposinho, nós reconhecemos, que he corpo de hum Minino, que he noſto Redemptor.

Este he o caso de minha Oraçāo, todo poderoso Senhor Sacramentado, que atégora o horror, e a atrocidade delle me ha suspendido esta devida, e costumada venia á vossa Divina, e Soberana preſença: dey principio a esta lastimosa accaõ sem referir Texto, nem eleger Thema, porque successos grandes naõ admittent leys commuas; o mesmo successo servirá de Thema, e Texto, nem guardarey mais ordem no dizer, do que dizer ſem ordem; porque quando o ſentimento deve ser excessi-

excessivo , ordenallo he diminuillo , que na desordem do sentir se manifesta melhor a grandeza da dor. E para que no encarecimento de temeridade taõ estupenda , de sacrilegio taõ barbaro , de permissaõ em vós taõ prodiga , de castigo em nós taõ desgraçado : para que na magoa , e pena de vossa imagem desprezada , de hum Minino Deos offendido , de hum Deos das Maravilhas despedaçado , sejaõ minhas vozes bramidos , minha eloquencia lagrimas , minha rethorica pasmos , meu sentimento huma furia , minha compaixaõ hum rayo , muito neceſſito de vossa graça. Mas que peço , se he certo , como diz Bernardo , que todas as vossas communicais pelas maõs de Maria , como me haveis de comunicar hoje graça , se n'sta occasião até Maria ficou sem maõs ? Em fim que me assistais ſomente peço.

*A V E M A R I A.*

**D**EOS esquartejado , e Deos Minino , e o Ceo sem lutos , e a terra sem pasmos ! O' creaturas , para quando he o sentimento ? Para quando saõ os aſlombros ? Se á vista de Deos homem em hum Lenho foraõ taõ notaveis , e gritadores os ſinaes de vossa pena , como agora á vista de Deos Minino em quartos taõ pouca demonstraõ de laſtima ? Mayor aſronta he hum Deos feito em quartos , do que hum Deos posto em Cruz : pois Ceos , se em Jeruſalem aſſistiſteſ ao menor aggravo com desuſadas ſombras , como na Bahia attendeſteſ á mayor injuria com as coſtumadas luzeſ ? Pois terra , se em Jeruſalem recebeſte a Deos morto com quebra , e rompimento de tuas penhas , como na Bahia admittiſte a Deos despedaçado com a formosura de tuas flores ? Deixa flores , elemento bruto , e rompe penhas : deixai luzeſ , eſféras inadverтиdas , e derramai ſombras ; mas o certo he , que naõ o fizesteſ aſſim , porque vos naõ perſuadiſteſ que era o aggravado Deos . Em Jeruſalem era o morto hum Deos já homem , e a grandeza do corpo fazia poſſivel a temeridade da iniuria na Bahia he o despedaçado hum Deos Minino , e a ternura dos membros faz incrivel a atrocidade do feito . Se o Ceo despacha hum Anjo para acudir com agua á sede do minino Ismael filho de huma eſcrava , se a terra dá mansidaõ a huma fera para ministrar o ſuſtento ao minino Cyro , filho de hum homem

homem ordinario, como se haõ da perluadir terra, e Céo, que na Bahia se faça em pedaços hum Minino, que he Deos? Tanta impiedade contra hum Deos Minino, e nos braços de Maria? Ainda que a Bahia fora inferno, e seus habitadores demônios, naõ era imaginavel taõ sacrilego atrevimento. Quando S. Joaq. viu no Céo a Virgem Senhora, diz, que diante della se puzera o demônio em figura de hum dragão, desejoso de ensanguentar suas gargas no Minino Deos; mas quando? Quando o viu se fóra de Maria: *Ut cum peperisset, devoraret filium ejus;* que á sombra de Maria nem o mesmo demônio se atreve contra Deos Minino. E que se execute na Bahia o que naõ passou pela imaginação ao demônio? Infeliz Cidade, quem te habita? He possível, que cabe no coração humano de teus moradores o que naõ coubera nos arrojados alentos de Satanás? Mas sim, que contra Deus naõ ha inimigo mayor, que o homem. He couisa notavel, que se deixe Christo levar do demônio pelos ares ao pinnaculo do Templo, e que outra vez em hum monte se esconda, e retire dos Fariseos, porque o queriaõ despenhar. Pois que quer dizer esta, ao parecer covardia no monte, com tanta demonstração de valor no deserto? He, que no deserto havia-o com hum demônio, no monte com homens, e julgava Christo, que vay mais seguro nas mãos de hum demônio pelos ares, do que ao lado de homens, a quem tinha obrigado, pela terra. E o successo mostrou bem a razão, que tinha Christo; porque das mãos do demônio no deserto sahio com vida, e com honra, das mãos dos homens em Jerusalém sahio sem honra, e sem vida.

Ay Deos da minha alma, e se sahistes melhor da companhia de Satanás, do que da companhia dos homens de Jerusalém, que direy eu hoje, Senhor? Que direy? Que vos estivera melhor a companhia dos demônios do inferno, do que a companhia dos homens da Bahia? Ay meu JESU, naõ digo tal, porque, se foy hum o que vos desprezou atrevido, saõ muitos os que vos adoraõ reverentes: com tudo, se hey de fallar conforme aos successos, naõ ha dúvida, que se mal sahistes das mãos dos homens em Jerusalém, peyor sahistes das mãos dos homens na Bahia. Que vos fizeraõ em Jerusalém, Senhor? Tiraraõ-vos a vida? Confesso que foy impiedade grande; mas para morrer tinheis

tinheis nascido homem ; porém , Senhor , puzeraõ - vos as maõs  
algum dia no Templo ? Vós mesmo confessastes , que naõ : *Quo-  
tidie apud vos sedebam in Templo docens , & non mente tenuistis.* Matth.  
26. 55. Depois de vos porem em huma Cruz , quebraraõ - vos as pernas ,  
e os braços ? Naõ quebraraõ , testimunha o vosso querido João :  
*Non fregerunt ejus crura ;* lançaraõ vosso cadaver *santissimo* Joan. 19.  
descortezmente nos campos ? Naõ lançaraõ ; mas antes permit-  
tiraõlhe honroso tumulo : *Posuit illud in monumento suo novo.* Matth.  
27. 60. E na Bahia , Senhor , que vos fizeraõ ? Valeovos o Templo ?  
Nem o Templo , nem o Altar , e o que mais he , nem as maõs  
de vossa Mãy Santissima vos valeraõ. Perdoaraõ a esse corpõz-  
nho tenro ? Em quanto pedaços o choraraõ desfeito nos los  
olhos. Recolheraõ em lugar decente esles quartos sagrados ?  
Lançaraõ - nos no campo , onde se costumaõ expor os dos mal-  
feidores. Pois que tem que ver o máo trato de Jerusalém com os  
desacatos da Bahia ? E alli feitos a hum Deos já homem , aqui  
a hum Deos Minino : alli entre inimigos , aqui entre Catholi-  
cos. Parecevos , que está melhor a Deos assistir em nosla com-  
panhia , do que fiar se das maõs do demonio ? Parecevos , que  
lhe está melhor hum Templo entre Christaõs , do que hum de-  
seitio entre feras ? Oh temamos , temamos , moradores da Ba-  
hia , temamos , e tremamos , que senaõ nos deixar Deos pela  
companhia de Satanás , pelo menos assim como tirou a vinha  
aos de Jerusalém , porque lhe maltrataraõ a seu Filho , e a me-  
teo em nossas maõs , assim também a poderá tirar de nós para a  
dar a outros. Oh naõ permittais , Senhor , nunca.

Agora dize , homem desatinado , que intento tivette em  
despedaçar , e fazer em quartos aquelle Minino ? Se determi-  
naste , que pislisse o agravo a tormento , para isto naõ era ne-  
cessario fazello em pedaços ; bastava separallo dos braços de  
Maria , que ausencias de Maria saõ para Christo o mayor tor-  
mento. Entraõ S Máttheos , S. Marcos , e S. Lucas a descrever  
as penas , que este Senhor padeceo no Calvario , e naõ faltou  
opprobrio que naõ elspecificassem as blasfemias dos que paña-  
vaõ : *Vob qui destruuis templum Dei;* os ludibrios dos que assis-  
tiaõ : *Sine , videamus an veniat Elias liberans eum;* os escar-  
neos dos Escrivbas , e Sacerdotes : *Alios salvos fecit , se ipsum* Matth.  
*non potest salvum facere;* os impropios do máo ladrão : *Si tu*  
27. 40. Ibid. 49. Ibid. 42. es

Mar. 13. *as Christus, salvum fac temetipsum; & nos;* e finalmente para  
 30. maior testimunho do excesso de suas dores relataõ o universal  
 Matth. 27. 43. *sentimento de todas as criaturas: Tenebræ factæ sunt super*  
*universam terram.* E o Evangelista amado chega a referir a Pai-  
 Joan. 19. 27. *Xaõ, e sómente diz, que Christo deixou a sua Mây: Ecce mater*  
*tua.* Aqui Ambrosio. Se Joaõ assiste no mais lastimoso espe-  
 cullo, que vio o mundo, se ouve as blasfemias, se nota os lu-  
 dibrios, se attende aos escarneos, se elcuta os improperios, se  
 vê os desmayos do Sol, se ouve o estrondo das pedras, porque  
 o naõ escreve para explicar as muitas penas de Christo? Naõ  
 foy descuido, responde Ambrosio, foy cuidado; queria Joaõ  
 ancarecer, e subir de ponto o excesso da Paixaõ de Christo, e  
 para isto, como quem tanto sabia do peito de seu Mestre, achou  
 que naõ havia de dizer, que padecera aggravo, senaõ que dei-  
 xara a sua Mây, porque apartarse de Maria he taõ vivo senti-  
 mento para seu amor, que comparadas aquellas affrontas com  
 esta ausencia, só a ausencia o lastimava: *Qui sua pericula con-*  
*temnebat, pio Matrem commendabat affectu, quod non otiose*  
*Joannes pluribus prosecutus est, alii mundum descripsere concus-*  
*sum, cælum tenebris obductum, refugisse Solem.*

Agora notai comigo para mayor abono desta verdade as palavras do Evangelista, que immediatamente se seguem. Tan-  
 to que Joaõ disse, que Christo se despedira de sua Mây: *Ecce*  
*mater tua*, continua assim: *Postea sciens JESUS quia omnia*  
*consummata sunt, ut consummatetur Scriptura, dixit: Sitio:*  
 27. *logo tabêndõ o Senhor, que já tudo estava acabado, para que*  
*Ibid. 28. se cumprissem as Escrituras, pedio de beber. Notavel modo de*  
*fallar do Evangelista! Como pôde ser, que Christo dêsse tudo*  
*por acabado, se ainda lhe faltava beber o vinagre? He que pa-*  
*ra Christo a despedida da sua Mây foy o tudo de seus tormentos,*  
*e assim tanto que se vio despedido: Ecce mater tua, logo*  
*avaliou tudo por acabado: Sciens quia omnia consummata sunt.*  
 He verdade, que ainda faltava beber o vinagre; mas beber o  
 vinagre sobre ausencias de Maria já naõ era padecer, augmentar,  
 e innovar pennas, era cumprir Escrituras: *Ut consumma-*  
*retur Scriptura, dixit: Sitio.* O' meu Deos Minino, se o naõ  
 estorvara a insensibilidade da materia, e a impassibilidade do  
 figurado, que sentimento seria o voslo nesta ausencia? Se na

Cruz

Cruz quando deixaveis vosla Māy a imperios tuaves do Eterno Pay, foy taō crescida vosla pena, nesta occasião, quando a deixaveis a violencias tyrannas de hum animo infiel, que pena naō fora a vosla? Se deixalla para remir hum mundo foy o tudō de vosla Paixaō, deixalla, porque vos apartava della hum inimigo, que paixaō naō fora? Pois, homem impio, e cruel, se bastava para o tormento dividillo dos braços de Maria, como sobre dividido o choramos despedaçado? Mas o certo he, que fóra dos braços de Maria naō havia de estar menos, que em pedaços, porque menos que feito em pedaços naō largara os braços de Maria. Naō coides, que foy esta impiedade resoluçāo sómente de teu arrojo, foy tambem mysterio de seu amor.

Vio S. Joaō em seu Apocalypse a esta Senhora vestida do Sol, calçada da Lua, e coroada de Estrellas, e diz, que dos braços lhe arrebatarão o filho para o throno de Deos: *Raptus est filius ejus ad Deum, & ad thronum ejus.* Mysterioso dizer! Joan. 12.

Essa voz de rapto naō soa violencia? Sim; pois para onde lhe levaō ao filho como por força? Para o Ceo; e com violencia? Sim; que ha de deixar os braços de Maria, e achase tanto melhor nelles, que no Ceo, que será mister como força para admittir esse throno, se o haō de apartar daquelles braços. Naō importa que vá levado para solio da divindade huma vez que he dividirse de Maria, só o poderá fazer huma violencia: *Raptus est filius ejus ad Deum, & ad thronum ejus.* E quem para deixar os braços de Maria pelo throno de Deos necessitou de força, para deixar esles braços pelo desabrigo de hum campo, que força naō padeceria? Só feito em pedaços os largará. Bem está; dirá alguem, que Christo sinta com tanto extremo deixar os braços de sua Māy; mas, se o sentimento he tanto, como admite assistencia de flores? Flores mais dizem alivio, que pena; pois como o achaō entre flores no campo, se sentio muito deixar a Maria no Templo? Porque entre as mayores razoens de seu sentimento quiz mostrar a grandeza de seu amor. Buscava aquella alma dos Cantares cuidadosamente desvelada a seu divino Eipo, naō ficou fineza, que naō obrasle para ver se o reduzia a que satisfizesse a seu amor com sua presença, e crescendo com o deídem o afecto, cahio desmayada entre os braços de suas amigas, e disse assim: *Fulcite me floribus, quia amore* Cant. 2.3. *lan-*

*langueo.* Acodime, amigas, confortaine, trazeime humas flores, porque estou enferma de amor: assim considero eu a este Minino Deos nesta occasião. Desde que incarnou, até que morreu, não fez outra couça mais, que obrar finezas por grangear o amor dos homens: vendo pois agora, que era sua ingratidão tal, que em lugar de lhe darem os coraçoens, lhe faziaõ em pedaços o corpo, augmentandose com a má correspondencia seu amor, diria, quando se vio lançado na dura terra: *Fulcite me floribus, quia amore langueo.* Terra, ainda que me despedaçaraõ os homens, não sey que tem os homens comigo, que tanto me roubaõ o coraço, acodeme com flores, que assim maltratado estou enfermo de seu amor: oh amante nosso, como não merecia tanta fidalguia trato taõ ruim! He possivel, que nos amais aggravado, e que vos offendamos queridos? He possivel, que nos metais tanto no coraço, quando tanto vos lançamos da vontade? Oh quem pagara vosso amor!

Olhai a amorosa condição do nosso Deos: quando eu cuido, que o achassemos despedindo rayos, está elle espalhando flores: parece que como Minino não alcança o agravo; porque na verdade só em quanto faltara o conhecimento, parece que se poderá achar este descuido, mas o certo he, que conhece a injuria como Deos, e que a desconhece como amante; porque este soy o singular modo, com que seu amor o levou sempre ás penas: levou-o com muito conhecimento, como o poderá levá-lo com muita ignorância; porque de tal maneira padecendo, e amou fabendo, como podéta padecer, e amar ignorando; e taõ estremadas forão sempre suas finezas, que com serem finezas de hum amor sem vendas, se podiaõ presumir de hum amor vendado. Non reparastes naquella mysteriosa figura do Messias, que Deos mostrou ao Profeta Zacarias? Pois he muito para reparar: *Super lapidem unum septem oculi sunt: Mostroume Deos;* diz o Profeta, ao seu Verbo humanado em figura de huma pedra cuberta de olhos. Se consultardes a Filosofia, achareis, que se acato pela divina Omnipotencia, como he possivel, se puzessem os olhos em huma pedra, seria como se não fuisse, porque taõ pouco conhecimento haveria na pedra com os olhos, como ha na pedra sem olhos. Pois se o Verbo he essencialmente a fabedoria do Pay, que tudo alcança, como se compara

para a huma pedra com olhos, que nada conhece? Porque elle he o mysterio, que sendo o Verbo a sabedoria do Ray, que tudo alcança, ha de amar aos homens, como se fora huma pedra com olhos, que nada conhece: por quanto de tal modo se ha de portar em seu amor sabendo, como se podera portar ignorando; e obrando todo revestido de olhos de sabedoria, quaes saõ os seus, parecerá que obra cuberto de olhos de ignorancia, como seriaõ os de huma pedra: *Super lapidem unum septem oculi sunt.* Naõ falta o conhecimento a este Minino; mas sobejalhe o amor, e o amor de tal sorte lhe embaraça, ao parecer, o conhecimento, que quando havia de despedir rayos em satisfaçao do agravo, que conhece, admitte flores em testimonho do muito amor, em que arde.

Com isto he facil de responder a quem repara, como sofreo Deos tal injuria, como naõ arrojou mil rayos, para quando os guarda Deos? A isto he facil, digo, de responder, porque assim offendido está amando; e quem ama offendido como Deos, naõ tem coraçao para fulminar castigos: naõ se metaõ os mesmos inimigos pelos rayos de sua justiça, que eu fico, que elle sómente os busque com flores de sua misericordia: *Iuveniatur manus tua, lhe* diz David, *omnibus inimicis tuis: destra tua inveniat omnes, qui te oderunt.* Vosla maõ esquerda, Senhor, seja achada de vossos inimigos, e vossa maõ direita ache a quem atrevido vos aborrece. Ponderai a diferença dos termos: *Inveniatur, inveniat*, na maõ direita diz *inveniatur* busque, e ache: na maõ esquerda diz *inveniatur*, seja buscada, e seja achada: a isto haveis de accrescentar, que a maõ direita nas divinas Letras he a da misericordia, e dos favores, a esquerda da justiça, e dos castigos; ajuntai agora tudo, e vereis a amorosa condiçao do nosso Deos: a maõ direita, Senhor, de vossa piedade faya a buscar, e ache aos inimigos para lhes fazer bem, e perdoar os agravos: *Inveniatur*; porém a esquerda, a de vossa justiça seja achada dos inimigos, metaõ-se elles mesmos por ella, naõ os ache ella a elles: E que sendo esta a natureza deste Minino, e Senhor, houvele hõmem taõ insolentemente barbaro, que o fizesse em pedaços? Oh fera racional, oh Herostrato mais infame, pois ao mais sagrado Altar perdeste o respeito! Qua desculpa das tua temeridade? Sem duvi-

Psalms.  
20. 9.

duvida assim o temo, que duvidavas rebelde de sua divindade; porque naõ imagino, que te viera ao pensamento reconhecello por Deos, e arrojarte a tal aggravo. Pois, barbaro, se o achaste nos braços de Maria, como podes duvidar de sua divindade? Confessas, que he esta Senhora Maria? Dizem-te aquelles braços, que este Minino he seu Filho? Pois se he Filho de Maria, quem ha de ser senaõ Deos? Ou lhe nega o nome a ella, ou naõ lhe negues a divindade a elle: que he tanto como esencial ao nome de Maria huma filhaçao divina, que naõ se compadece com filhaçao puramente humana. Maria, e Māy de Deos, isso sim; Maria, e Māy sómente de homem, isso naõ.

Joan. 19. 26. Rendia já Christo o espirito á morte, quando cuidoso do alivio de sua Māy lhe deixa a Joaõ por filho: *Mulier, ecce filius tuus*; naõ reparo no substituto, que se alguem, só era Joaõ para suprir as ausencias do Verbo; no nome, com que falla a sua Māy, reparo: *Mulier, mulher!* Mysteriosa sequidaõ! Senhor, naõ acertais com o nome a vossa Māy? Tanto vos tem socobrado as penas o conhecimento, que naõ conheceis a esta mulher? He certo que a conheceis, porque naõ se dá caso, em que vos esqueçais do nome de vossa Māy. Pois porque lhe chamais mulher, e naõ Maria? Varias razoens se me offereciaõ sobre este silencio do nome de Maria. A primeira, porque como Christo morria com tanta sede de padecer pelos homens, naõ quiz tomar na boca o santissimo nome de sua Māy por naõ adorar com tanto mar de gostos tanto diluvio de penas. A segunda, porque lhe tinha amargado a boca com o fel, e naõ dizia bem a suavidade de tal nome em beiços amargosos, ainda que beiços de Deos. Porém nenhuma destas sigo por agora: sabem porque naõ lhe chamou Maria? Porque lhe dava a Joaõ por filho: era Joaõ puro homem, e repugna tanto Maria com filho, que naõ leia Deos, que para Joaõ a lograt por māy, naõ se ha de considerar como Maria, ha-se de considerar como mulher: *Mulier ecce filius tuus*; Maria como mulher poderá ter a Joaõ por filho, Maria como Maria só tem por filho a Deos: logo se esta Senhora he Matia, como naõ podes negar, e aquelle Minino he seu filho, como o dizem aquelles braços, Deos he aquelle Minino, e se Deos, como te atreveste a despedaçallo, como te resolveste a offendello, como o tiraste daquellas maõs para o arro-

arrojares em hum campo? E porque me naõ tujas, naõ somente he para estranhar este deſaforo de tua malicia por ser feito a hum Minino, que he Filho de Deos, senaõ tambem por ser feito a hum Minino, que he Filho de Maria. Quando este Minino naõ fora Filho de Deos, como he, bastava ser Filho de Maria, para te naõ arrojares a aggravallo. Antes eu queria imaginar, que menos se compadecia este desprezo com Christo Filho de Maria, do que com Christo Filho de Deos. Dáme fundamento a esta imaginaçao o mesmo Christo: tornemos á Cruz: *Mulier, ecce filius tuus*: já reparámos porque lhe naõ chamou Maria, agora reparo porque lhe naõ chamou Māy. E fundo o reparo, em que fallando na mesma occasião com seu Eterno Padre, lhe chamou huma, e outra vez Pay: *Pater, ignosce illis*: *Pater*, Luc. 23. *in manus tuas commendo ſpiritum meum*. Pois a' Deos Pay: *Pa-* <sup>46</sup> *ter*, e a Maria mulher: *Mulier*? Que he isto, Senhor? A Maria negais o titulo de Māy, quando repetidamente dais a Deos o titulo de Pay? Sim, ora notem. Levantava Christo os olhos ao Ceo, viase que era Filho de Deos: voltava-os á terra, conheciasse que era Filho de Maria; punha-os logo em ti, achavase pregado em hum madeiro, aberto a açoutes, descomposto a injurias, e como se conviesse melhor tanto desacato com hum Filho de Deos, do que com hum Filho de Maria, que fez? Quando houve de fallar com Deos, chamoulhe Pay, quando houve de fallar com Maria, naõ lhe chamou Māy: affrontas, e Filho de Deos, dizia Christo, avante: *Pater*; mas affrontas, e Filho de Maria? Isto naõ soffre o meu affecto: ~~Mulier~~. Se a infamia do suppicio de hum filho se refunde de alguma sorte nos pays, saiba embora o mundo, que tem Deos hum Filho crucificado; mas naõ saiba o mundo, que está crucificado hum Filho de Maria.

Pois, homem infame, já que naõ respeitaste a este Minino por ser Filho de Deos, como te atreveste a injuriallo, tendo Filho de Maria? Se o achaste em seus braços, como podes te injuriallo com tuas maõs? Andou este Senhor a negarhe o nome de May na Cruz, porque naõ se presumisse, que convinha huma Cruz a hum Filho de Maria, e agora quando na affiſtencia daquelles braços mostrava claramente, que era Filho seu, agora te arrojas a desprezallo, agora te despenhas a offendello?

deilo? Mas como havia de respeitar ao Filho quem não teve respeito á Māy? Confesso, que quando aqui cheguei, estive para largar a pena, e remetter tudo ao silencio, e á consideração. Pouco satisfeito este primogenito de Satanás com fazer em quartos ao Minino Deos, torna a este Santo Templo, chega segunda vez áquelle Altar sagrado: homem perdido, que intentas? Reprime esse braço, não levantes essa mão; mas ay de mim, fieis, e ay de vós, que nos deixa a Maria sem mãos este sacrilego! Oh detemte, barbāo, pára, espera, he possivel, que nos levas a medicina de noslos males? Oh tyranno! O favor em noslos perigos? Oh cruel! O amparo em noslas miseras? Oh traidor! O socorro em noslos trabalhos? Oh monstro deshumano! Maria sem mãos, que ha de ser de nós? Que o Verbo eterno quando incarnou fizesse reverencia, como diz Santo Hilario, ao claustro virginal desta Senhora: *Sinum Virginis inviolabiliter pertransiit, sicut reverenter intravit*; e que numa creatura vil se atreva a perder o decoro a suas mãos sagradas? Anjo percuciente, que degollaſtes huma noite em beneficio de ingratos os primogenitos todos do Egypto, e tu vencedor inevitavel, que em outra mataſte a ferro cento e oitenta e cinco mil homens do campo de Sennacherib, hum só homem he o que loucamente atrevido faltou á veneração de Maria. Para quando saõ as espadas, aonde tendes as mãos? E vós, Senhor Omnipotente, como soffreis, que vos toquem em vosla Māy? Maria injuriada, e vós soffrido? Se mataſtes repentinamente ao sacerdote Oza, porque ainda que ao parecer obsequioso, com tudo temerariamente precipitado lançou a mão á Arca, como suspendestes o castigo contra este monstro humano, que sobre malicioſo insolente poz as mãos na viva Arca de vossa Māy Santissima? Taõ pouco vos tocaõ os aggrevos de Maria? Taõ pouco vos irritaõ os despezoſos desta Senhora? Mas não cuides, Herostrato mais infame, não cuides, que por não sentires o golpe, te faltou o castigo: castigado estás, e rigorosamente castigado: tu mesmo foste o instrumento de teu suppicio, pois te privaste das mãos de Maria: que ha de ser de ti sem as mãos desta Senhora? Por aquellas mãos communica o Ceo suas graças: que tens que esperar do Ceo, se te privas daquellas mãos? Se offenderas sómente ao Filho, tinhias pa-

te amparar a Māy; mas a Māy offendida, oh como te temo! Mas, Senhor; mas, Senhor, aonde está aquella providencia singular, com que sempre attendestes á honra de vossa Māy? Naõ chegastes a nascer della desposada, porque vendo-a solteira, e com filho, naõ presumisse o mundo mal de sua honestidade, e isto tanto á custa de vossa reputaçāo, que vos tratou o mundo como filho de hum Carpinteiro? Pois como se acha agora em vós permissāo taõ prodiga, que lhe chegaõ a pôr os homens despojadamente as maõs? Ora eu venho a imaginar, que esta permissāo de Deos teve muito de condescencia com os afectos da Virgem. Fundome em huma circunstancia, que houve neste caso, e he, que as maõs naõ te tiraraõ á Senhora no mesmo dia, em que se lhe tirou o Minino; o Minino faltoü á terça, e as maõs á quinta. Pois porque naõ permittio o Ceo, que com o Minino levassem as maõs á Senhora? Porque mais depois, que logo? Naõ permittio, que lhe tiraſsem logo as maõs, porque naõ queria, que lhe tocassem em sua Māy, mas permittio, que lhas tiraſsem depois, porque naõ soffria o coraçāo á Senhora verſe com maõs, e sem o seu Minino. Deos, e Filho meu, dizia a Senhora, vós em pedaços, e eu com maõs? Como se compadece isto com meu amor? Destas maõs vos tiraraõ, e ainda que largarvos naõ foy tibiaça sua, senaõ permissāo vossa, com tudo naõ me estaõ bem humas maõs, que naõ tiveraõ maõ em vós: passem as maõs de huma creatura pelos opprobrios, que passa o corpo do Creador: que se o amor, que me tendes, naõ permitte aggravos, o amor, que vos tenho, naõ conſente, que sejais só nos aggravos. Vós no campo, e eu no Templo? Vós abatido, e eu respeitada? Vós em pedaços fóra das minhas maõs, e eu com maõs sem estarem em pedaços? Naõ te faça tal aggravo a meu afecto; minha doce prenda; bastaõ tres dias de respeito, que concedestes a vossa amor; permitti agora se quer hum dia de ludibrio á minha fineza. Tiremle estas maõs, pois naõ assistis nellas: lancemle por terra, pois vós estais no campo, quebremse seus dedos, pois vossa corpo está em quartos. Assim considero eu, que batalhava a Senhora por parte de seu amor contra o amor de seu Filho, e obrigado este sem duvida de razoens taõ amorosas permittio, que tiraſsem as maõs a sua Māy. Satisfeita está vossa fineza, Senhora, porque sem maõs

maõs ficastes ; mas muito lastimado nõslo amor , porque ficas-  
tes tem maõs : em perdas de hum Deos , que bem nos ficava ,  
senaõ eslas maõs ? Naõ sey eu porque nesta accasiaõ deva ser  
mayor nõslo sentimento , se por perdermos vossas maõs , se por  
perdermos vossõ Filho ? Acudaõ-me nesta piedosa perplexida-  
de os Anjos.

Quando Christo se ausentava dos homens para o Ceo em  
sua Ascensão , diz o Profeta Isaias , que diziaõ os Anjos assim :

Isai. 63.

*Quis est iste , qui venit de Edom , tintis vestibus de Bosra ?* Quem  
he este , que vem das famosas Cidades de Edom , e de Bosra ?

Quando a Senhora em sua Assumpção se partia de nós para o  
Ceo , diz o Espírito Santo nos Cantares , que diziaõ assim os

Anjos : *Quæ est ista , quæ ascendit de deserto ?* Quem he esta ,  
que sobe do deserto ? Naõ sey se estaõ na duvida. A partida de

Christo , quem he este que vem das Cidades ; a partida de Ma-  
ria , quem he esta , que vem do deserto ? O mundo naõ era o

lugar , donde Christo , e Maria se ausentavaõ ? Sim ; pois se na  
ausencia de Christo ficava o mundo hum povoado , como na

ausencia de Maria fica hum deserto o mundo ? Ahi vereis , o  
que saõ ausencias desta Senhora. Na partida de Christo ainda o

mundo parecia mundo , porém na partida de Maria já o mundo

Cantic. 6.

he hum deserto : *Quæ est ista , que ascendit de deserto ?* Ay fieis ,

perdoaime , que naõ me cabe nas palvras o sentimento : o mun-  
do sem Christo he mundo , o mundo sem Maria he deserto. Oh

Bahi ! Oh deserto ! Pareceme que tenho satisfeito , quanto a  
brevidade do tempo deo lugar , ás circunstancias deste grande

cato. Sim ; mas o titulo das Maravilhas ? Satisfeito está o ag-  
gravo , que se fez a Deos , e á Senhora ; mas naõ está satisfeito

o aggravio , que se fez a Deos , e á Senhora das Maravilhas. Con-  
fesso , que naõ fallei nesta circunstancia , e tambem confessô ,

que adixei ; porque julgo , que este desacato mais serve de cre-  
dito , que de menoscabo ao titulo das Maravilhas. A mayor pro-  
va , o mayor texto de ser aquelle Minino Deos , e aquella Vir-

gem Senhora das Maravilhas he esta injuria. Esse dizeime :

Que razaõ tiveraõ os Fáriseos para dizerem a Christo , que ti-  
nha pacto com Beelzebub ? Lançar os demonios dos corpos :

*Hic non ejicit dæmones , nisi in Beelzebub principe dæmoniorum.*

Que razaõ teve o mundo para se escandalizar de Christo ? Dar

Matth.  
12. 24.

vista

vista a cegos, pés a coixos, vida a mortos: *Cæci vident, claudi ambulant, leprosi mundantur, &c.* Que razão tiverão os de Jerusalém para pôr a Christo em huma Cruz? Fazer muitos milagres: *Quid facimus, quia hic modo multa signa facit;* de sorte, que em Judea os vituperios de Christo nasceraão de suas maravilhas: foy Christo vituperado, porque era milagroso. Assim logo a insolencia deste opprobrio não desfaz na grandeza daquelle titulo, antes o titulo das Maravilhas se confirma com a insolencia do opprobrio: se Christo em Judea não fizera milagres, poderá ser, que não morresse Christo, se aquella Virgem na Bahia não fora fonte perenne de maravilhas, poderá ser, que não fosse desprezada aquella imagem: que não sey em que nos offendem as maravilhas de Deos, que tanto nos offendemos de Deos das Maravilhas. Se todas as maravilhas deste Senhor são em beneficio dos homens, e que tire Deos offensas donde havia de esperar serviços, terrivel achaque da natureza humana! Acabado o diluvio, entrou Deos a focegar aos mortaes dos temores de outro, e em sinal de sua amizade, que com elles contrahia, lhes assinou o arco celeste, em que muitas vezes advertimos: *Arcum meum ponam in nubibus, & erit signum fæderis inter me, & inter terram.* Grande favor do Ceo; mas estranho sinal! Hum arco, e esse o do Ceo? Não achou Deos outra cousa no Universo para sinal de hum beneficio, que fazia aos homens, logo houve de ser o arco do Ceo? Sim, que para os favores, que Deos faz aos homens, não ha mais accômodado sinal. O arco, como sabeis, serve para despedir setas: o arco celeste, se bem notais, tem as pontas viradas para a terra, e o meyo arqueado contra o Ceo: escolhe pois o Senhor o arco do Ceo em sinal de hum favor, que concede aos homens, porque qualquer graca que Deos nos faz, ha hum arco, que contra si nos oferece. Taõ desgraçados são os beneficios de Deos, que sahindo de suas maõs favores para nós, em chegando ás nossas, ficaõ armas contra Deos. E como isto assim seja, não ha que suspeitar servio este agravo de diminuir o titulo das Maravilhas, antes á vista do excesso delle se manifesta melhor o excesso dellas.

E prove melhor Author este meu juizo: quem será? JESU Christo sacramentado. Se perguntarmos a David, que nome

Psal. 110.  
4. 5.

nome tem Christo no Sacramento, respondernosha, que seu nome no Sacramento he Deos das maravilhas: *Mirabilium suorum misericors, & miserator Dominus escam dedit timentibus se.* Pois com titulo das maravilhas sahe Christo a publico, quando está desprezada a sua imagem das Maravilhas? Sim; que está tão fóra esse desprezo de menoscabar áquelle titulo, que se dá Christo por obrigado a vir a publico com o titulo, quando adverte na sua imagem o desprezo. Como se dislera Christo: Se imagina o mundo, que o nome das Maravilhas pardeceo deslustre nos desacatos daquelle imagem, saiba, que nunca aquella imagem pareceo mais propriamente imagem das Maravilhas, e por isto quando parece, que havia de vir em huma Cruz com a demonstraõ affrontosa de injuriado, venho no Sacramento com o glorioso titulo de Senhor das Maravilhas: *Mirabilium suorum misericors, & miserator Dominus escam dedit timentibus se.* Atéqui o successo, que choramos: o que agora nos toça cuidar a todos, he saber, porque permitte Deos casos tão exorbitantes, como este? Huma das razoens, conforme apontaõ os Santos, he querer Deos ameaçar como em profecia a carga de grandes castigos. Isto he verdade, fieis, naõ he figura de oraçaõ, nem affecto de doutrina. Christo o disse expressamente na abominaçaõ da resoluçaõ, que profetizou Daniel, os Santos o repetem, os escritos sagrados, e profano ~~o~~ mostraõ, e as experiencias o confirmaõ. E eu sobre castigos de necessidades, perturbaõens, guerras, fomes, e pestes naõ sey, que temo, ouvime. He certo, que as heresias de Arrio forao as que rasgaraõ a tunica inconsutil de Christo, bem assim como com o pedaço da capa Martinho dada ao pobre se cubrio Christo, como se fosse capa inteira: assim com as heresias de Arrio, forjadas no fogo da ambiçaõ mostrou o mesmo Senhor rasgadas as suas veitiduras, ou mostraraõ aquellas rasgaduras a resultancia daquellas heresias. Pois, fieis, se a vestidura de Christo rasgada prognosticava a introduçao de novas heresias, que prognosticará o corpo do mesmo Christo despedaçado? Quem nos despedeça hoje a Christo, á manhã nos derrubará os templos: ainda mal, que tanto fundamento há para o temermos assim! Por onde começaraõ as heresias de França, Inglaterra, Flandres, e Alemanha? Pelo desprezo

do Ecclesiastico. Pois onde está mais atropellada a authorida-  
de Ecclesiastica, que na Bahia? Magistrados, Tribunaes, Ju-  
izes seculares, naõ me ouçais a mim, ouvi a Deos no capítulo  
45. de Ezequiel fallando com os Principes, e Monarchs de  
Israel: *Separate confinia vestra à populo meo.* Reys, diz o Se- Ezech. 49. 9.  
nhor, Reys, naõ vos intrometais na jurisdicçāo dōs meus Sa-  
cerdotes, que os Sacerdotes saõ o povo particularmente de  
Deos. Nem ás Purpuras he permittido introduzirse nas couças,  
que tocaõ ao Ecclesiastico, quanto mais ás Becas, e ás Varas.  
Respeitemos todos submisamente, Catholicos, á Igreja, que  
desestimalla a ella he dar occasiaõ a que se ponhaõ as maõs atre-  
vidamente em Christo.

Permitte tambem o Senhor semelhantes delãforos em de-  
monstraõ de graves peccados, com que os homens o offen-  
dem. Quando Deos quiz mostrar a multidaõ, e grandeza dos  
peccados do mundo todo, permittio, que pozessem a seu Filho  
em huma Cruz: *Mortuus est propter delicta nostra.* Oh quantas, Isai. 53.  
e quaõ grandes devem ser as culpas da Bahia, pois em significa-  
çāo dellas permitte Deos, naõ que lhe ponhaõ a seu Filho em  
huma Cruz; mas que lhe façaõ em pedaços a seu Filho! Fieis,  
por aquelle Senhor Sacramentado, cujo zelo me incita, cujo  
espirito me arrasta, que naõ vos escandalizeis de minhas pa-  
vras: quando se perde o respeito a Deos, naõ he bem, que eu  
guardé respeito aos homens: é vós, Senhor, assisti ~~com~~ vosla  
graça a voslo Ministro, bem sey, que o mayor peccador, por  
cujas culpas permittistes taõ temerario desacato em vosla ima-  
gem, he este indigno filho da vosla Companhia de JESUS; mas  
tambem naõ ignorais, que comprara eu este desprezo voslo com  
perda de minha propria vida, e que antes estimara verme a  
mim nas grelhas de hum Lourenço em Roma, ~~ço que venvos a~~  
vós em quartos na Bahia: já que vos dignaltes de que eu hoje  
subisse a este lugar, daime vosla graça outra vez, purifique es-  
tes beicos ~~alguma~~ braza desse Altar soberano, e dizeime por  
onde hey de ~~de~~ começar a estampar voslas offensas: *A Sanctuário* Ezech. 9.  
*meo incipite.* Pelo voslo Santuario, Senhor? Sim: *Putasne, vi- 6. 8. 6.*  
*des tu quid isti faciunt abominationes magnas, ut procul recedam*  
*à Sanctuário meo?* Naõ vez as grandes abominaçōens, que el-  
tes fazem, pelas quaes me dey por obrigado a retirarme do meu  
Altar?

Altar? Vejo, Senhor, vejo que saõ taõ publicas, que naõ se ouvem, vemse. He possivel, que ha de haver Ecclesiastico taõ pouco advertido, por naõ dizer taõ profano, que pela mesma boca, por onde pronuncia as palavras santissimas da consagração, lance a jactancia de seu peccado? Naõ basta offendere a Deos, senão gloriarme de que o offendere, e isto hum Sacerdote? Oh abominação horrenda! He possivel, que os salarios, e as rendas do Altar se haõ de gastar, naõ em ornato dos templos de JESU Christo; mas em ativos, e enfeites do mesmo demônio? Que ha de haver Ecclesiastico, que sirva de escandalo aos seculares? Que ha de escusar o secular sua lascivia com as demasias do Ecclesiastico? Oh abominação infernal! He possivel, que depois de passar a noite, em que? Hey de ir a tomar a JESU Christo em minhas maõs? Oh abominação digna de lagrimas de sangue! E entaõ queremos, que naõ permitta Deos o desprezem, e tirem dos nossos templos? Retiraivos, Senhor, ausentaios, meu Deos Minino, antes em hum campo, do que em taes altares, antes despedaçado por hum sacrilego, do que consagrado por taes bocas, antes em quartos, que em taes maõs. Por reverencia de Deos, senhores, a quem pertence o exame de semelhantes cousas, que se faça nisto alguma diligencia, naõ permittais, que pelos desmanchos talvez de hum, ou deus Ecclesiasticos seja desauthorizado, e pouco venerado universalmente o Sacerocio: adverti, que choraõ muitos estãs demaisas, e que as murniuraõ todos. E vós, Senhor Omnipotente, senão bastar este aviso moderado, que da vossa parte lhes dou, passay de misericordioso a justo temaõ-vos rigoroso, já que vos naõ estimaõ benigno: para semelhantes ministros ha hum inferno: destrui, assolay, desbaratay, pereçaõ tantos Ozas inadvertidas, e temerarios.

Ezech. 9. Mas se dentro no vollo Santuario achais, que reprehender, que será do Santuario por fóra? *Civitas repleta est aversione*, toda a Cidade me tem dado as costas. Oh que justamente o dizeis, Senhor, porque desde os mais aos menos, desde a nobreza ao vulgo naõ ha na Bahia mais trato, que offendervos: a pezo de ouro se compraõ voslos aggravos, como se forao preciosa mercancia, e isto com taõ pouco pejo, que publicaõ jaçtanciosos seu emprego. Oh vergonha de homens homens,

quanto mais de homens Catholicos ! Pedevos hum pobre , que acudais a seu remedio por amor de Deos , e naõ ha remedio para o pobre : pedevos a occasião da torpeza a galla custosa por amor do demonio , e he pouco todo o custo para a galla ; oh grande miseria nossa ! He possivel , que valha mais para com-nosco hum por amor do demonio , do que hum por amor de Deos ? Fieis , que mal vos tem feito JESU Chrito , que com tanto cuidado andais a comprar as suas offensas ? Naõ he vosso Deos ? Naõ morreio por vos salvar em hum madeiro ? Pois eitas finezas pagaõse com tanta ingratidão ? Olhay , que o danno todo ha de ser nosso , que Deos de tudo ha de tirar gloria , e perguntay-o a David : *Dixit iniquus ut delinquat in semet ipsum.* O máo tratou de peccar , e peccou contra si ; contra si , Profeta Rey ? Contra Deos , cuidava eu. Este he o nosso engano , que imaginamos , que peccamos contra Deos , e peccamos contra nós. O peccado he como o parto da vibora : o parto da vibora , como dizem os Naturaes , rasga as entradas da māy , que o pare : o peccado damnifica a mesma alma , que o executa. Desaggravio chamais a esta solemnidade , e temo muito , que naõ soubessemos hoje desaggravar ao Minino Deos. Quantos direis esta manhã : Vamos ver a Sé , e correr as ruas , que estaõ o melhor do mundo , e que poucos haveriaõ , que dislessem : Vamos a confessarnos a hum Convento ! Naõ succeda outra coufa tal a Deos Minino. Pois isto he desaggravar a Deos ? Se hoje se commettesse nesta Cidade o mais leve peccado mortal , e ainda mal , que tantos , e taõ graves se commetteriaõ , que importaõ todos estes apparatus para o desaggravio de Christo ? Todo este aceyo seria luto , esta magnificencia pompa de enterro , aquellas luzes fogo , que pomos a Deos para reduzir a cinzas o immortal de seu ser. Vossas festas , vossos sabbados , dizia Deos por hum Profeta aos Hebreos , taõ mentiroas , e na verdade me molestaõ. Oh queira elle , que naõ posa dizer , que nossas satisfaçoens o offendem , e nossos desaggravios o atfrontaõ ; mas sim queira , que lhe agradem os nossos desaggravios , e que sejaõ verdadeiras as nossas satisfaçoens , para que em prémio dellas nos faça participantes da sua gloria , *ad quam* *Op.*



# SERMAO DO GLORIOSO S. JOSEPH.

*Joseph autem, cum esset vir justus.* Matth. 1.



ARA celebrar a Joseph justamente conspira todo o creado, naõ menos que Ceo, e terra concorrem hoje a festejar suas excellencias: pela parte da terra estã hum Euangelista, pela parte do Ceo estã hum Anjo: Euangelistas verdadeiros, e Anjos entendidos saõ os oradores deste dia; a verdade Euangelica acclama a S. Joseph grande no Ceo, a eloquencia Angelica publica a S. Joseph soberano na terra; no Ceo faz para mayor grandeza o nome de justo, justo o nomeou o Euangelista. *Joseph autem, cum esset vir justus;* e na terra faz para mayor soberania o titulo de Rey: Rey o intitulou o Anjo: *Joseph fili David.* Naõ he Joseph grande só na terra, naõ he Joseph no Ceo sómente grande, na terra, e no Ceo he igualmente grande Joseph; na terra, porque Rey, no Ceo, porque justo: e se as glorias de Joseph servem de empenho a Euangelistas, e de cuidado a Anjos, a quem naõ ennobrece a discriminação de Anjo, nem a pena de Euangelista, como o naõ asfombrará a empreza dos louvores de Joseph? Se o historiador mais ilustrado de tal sorte o louvou, que ainda teve que louvar o Anjo, se o entendimento mais agudo de tal modo engrandecêo, que ainda ficou que engrandecer ao Euangelista, como naõ seraõ quaesquer outros elogios limitados? Verdadeiramente, que me vi embaracado com a evidencia desta consideraçao,

e para

e para não errar, achava, que devia ser a ambos os oradores sagrados, e applaudir a Joseph com o Anjo Rey, e com o Evangelista justo; porém resolvime ultimamente a deixar o Anjo, e seguir o Evangelista, a publicar as excellencias de Joseph justo, e dar de maõ á soberania de Joseph Rey, não só porque na consideraõ de Joseph Rey, necessariamente se haviaõ de introduzir advertencias politicas, que por não pregarmos á Corte, posto que preguemos na Corte, me pareceraõ escusadas; mas tambem porque maior lisonja faremos a Joseph nos aplausos de justo, que nas acclamaçõens de Rey. Aquelle espirito infernal, que na sinagoga de Cafarnaum atormentava hum miseravel homem, vendo que Christo o queria lançar, disse-lhe assim: *Scio te, quod sis sanctus Dei.* Bem sei, que sois o Santo de Deos. Euthymio tem para si, que o demonio pertendeo nesta occasião lisongear a Christo, para que o não mandasse sahir do corpo: *Novi te quod sis sanctus Dei adulando dixit, ut ipse parceret.* Pergunto: Christo assim como era santo, tambem não era Rey? Sim era: *Ubi est qui natus est Rex?* Pois porque não lisongea o demonio com o titulo de Rey, e porque o lisongea mais com o titulo de Santo: *Scio te quod sis Sanctus?* Porque mais lisonja inclue o aplauso de Santo, que a gloria de Rey: logo mais lisongearemos a Joseph, se o mostrarmos Santo, do que se o mostrarmos Rey. E supposto que o Evangelista o canonisou já por justo: *Joseph cum esset vir justus;* só correrá hoje por nossa conta descobrir o com quanta razão o fez nas clausulas do Euanghelho.

*A V E M A R I A.*

**N**ollet eam traducere, voluit occulte demittere eam. Vendo S. Joseph sinais de māy em sua Espola, sem reconhecer em si obra de pay, não a quiz entregar a justiça, quiz deixalla, e ausentarse. Esta ausencia, se consultarmos ao doutissimo Maldonado, não vinha tão pouco custosa ao Santo, que não trouxe comigo os trabalhos de hum desterro: *Arbitror voluntiam malum religiose secum cogitasse, ut per speciem peregrinationis non vitio aliquo repudiasse, sed necessitate deseruisse videretur.* Pois Joseph desterrado? Que motivo podia ter o Santo para huma resolução tão contraria a seu descanço?

Giv

O mo-

O motivo foy este. Viase Joseph como em talas **constrangido** a cortar por huma de duas, ou pela sua **innocencia**, ou pela **vi-dade** de Maria: se descubro a Maria, corto por sua vida, porque **conforme** a ley, ha de morrer a maõs da **violencia**; se a naõ descubro, corto por minha **innocencia**, porque **consinto** no **adulterio**; consentir no **adulterio**, por naõ morrer Maria, resoluçao **impia**, morrer Maria, por naõ consentir no **adulterio**, **terrivel** conselho, para viver eu em Nazareth, forçosamente a hei de denunciar, por naõ a **communicar** no **delicto**, para a naõ denunciar, hei de fazer ausencia de Nazareth: ausentarme de Nazareth he bem de Maria, viver em Nazareth he **commodo** meu: pois que **remedio**? Irme eu **occultamente** de **terrerro**, para que **sique** Maria livremente com vida. O' meyo estranho! O' resoluçao notavel! Que se **desterre** Joseph para naõ entregar a Maria? Que eleja os **incommodos** de hum **desterro**, por estorvar a Maria rigores de hum **castigo**? Até aqui extremo raro de caridade, tomar sobre mim penas, por evitar aos outros dores. Lá vai contando o Apostolo o muito, que tinha padecido em serviço dos proximos, e diz assim aos Corinthios: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* Que homem ha, que se afrija, (que neste sentido explicaõ os Doutores estas palavras) que homem ha, que se affliga, e pene, que naõ me affliga eu tambem, e pene com elle? Grande caridade a de Paulo; mas com sua licença foy mayor a de Joseph, porque Paulo padece com os que padecem, Joseph escolhe molestias; porque Maria escuse penas: o sentimento de Paulo naõ era remedio das afflicções alieas, porque nem por padecer Paulo, deixavaõ de penar os outros, o **desterro** de Joseph era seguro da vida de Maria, pois por naõ morrer Maria, se desterrava Joseph.

Excedeõ a caridade de Joseph á caridade de Paulo, e pareceõ com a de Christo, de quem diz o Profeta Isaias: *Livre re ejus sanati sumus*, que com seus males saramonos dos nossos. Para saramos os nossos males com os de Christo, naõ haviaõ de ser outros males os de Christo, senaõ os nossos; porque se Christo tomara outros males, ainda nos poderaõ ficar os nossos; que naõ se segue a minha saude de que outro tambem adoeça; mas se outro tomar a minha doença, entaõ se seguirá a minha saude. Logo para nós ficarmos sem males, havia Christo de tres paflas

passar os nossos males a si: assim havia de ser, e assim diz o mesmo Profeta que foy: *Languores nostros ipse tulit, & dolores nostros ipse portavit.* Sobre si tomou Christo nossas dores, e fez suas as nossas miseras, para que só elle penasse, e nós vivessemos, para que só elle padeceisse, e nós fasssemos: *Livore ejus janati sumus.* Aqui chegou o amor de Christo para com os homens, e aqui chegou a caridade de Joseph para com Maria, Christo por livrar os homens de angustias, aceita penas, Joseph por isentar a Maria de tormentos, offerece a trabalhos; Christo porque os homens naõ padeçaõ, padece, Joseph porque Maria naõ morra, desterrase.

Naõ só excedeõ Joseph nesta occasião os limites do preceito do amor do proximo; mas tambem o modo, com que Deos o manda amar. Deos manda que amemos ao proximo, como a nós mesmos: *Diliges proximum tuum, sicut te ipsum;* e Joseph mais que a si mesmo amou a Maria. Entaõ amamos aos proximos, como a nós mesmos, quando com suas penas nos affligimos, e com seus gostos nos alegramos, e entaõ amamos aos proximos mais que a nós mesmos, quando por livrallos de huma pena aceitâmos nós o tormento, quando por lhe escusar hum desgosto, cortamos pelo nosso gosto: de maneira que sentir seus males, e estimar seus bens, he amalos como a nós, e antepor seus males a nossos bens, he amalos mais que a nós; Joseph quiz antes soffrer hum desterro, do que ver em Maria hum castigo, pospoz os interesses proprios aos ~~cômodos~~ ameyos: logo mais que a si amou Joseph a Maria, e chegou com a obra no amor do proximo onde Deos naõ chegou com o preceito. Verdadeiramente que he taõ subida a caridade de Joseph, que se a fé nos naõ ensinara, que era todo homem, puderamos suspeitar, que tinha alguma cousa de divino, porque cortar por commodidades proprias, por acudir a males ameyos, naõ forão menos que mostras de divindade em Christo.

Duvidou Thomé a resurreição de Christo, senão visse as chagas em seu corpo glorioso, nem o Senhor a reduzilo, mandalhe que seja, e toque as maõs, e o lado, e apenas tinha visto, quando exclamou: *Dominus meus, & Deus meus;* Senhor meu, e Deos meu. Que descobre, que vê Thomé em Christo, para que quando duvidava de hum homem resuscitado, o confessasse:

fesse taõ resolutamente por Deos soberano? Donde collegio Thomé nessa occasião, que era Christo mais que homem? Das chagas, diz S. Pedro Chrysologo: *Corporis vulnera, & passionis signa, Deum esse Christum, Thoma vociferant, manifestante.* E pois das chagas infere Thomé em Christo a divindade? Sim, que fez Thomé consigo este discurso. E bem naõ faz Christo reparo em me aparecer com chagas resuscitado, só por curar minhas chagas; naõ sente seu corpo as suas, por sarar as minhas? Deminuindo os lustres de sua gloria, por me livrar dos danos da minha obstinação, corta por si, por me valer a mim? Pois tudo isto saõ argumentos de que naõ he sómente homem; mas tambem Deos? *Dominus meus, & Deus meus.* Glorioso S. Joseph, homem sois, eu o confesso; mas mais que homem pareis: taõ singulares saõ as accoens de voso ser humano, que se equivocaõ com as accoens do ser divino; argumento de divindade foy em Christo acudir á incredulidade de Thomé com repugnancias de seu estado, em vós naõ será demonstração de divino, queferes atalhar o mal, que ameaçava a Maria, com perda de voso bem; mas será evidencia de mais heroica virtude, e manifestação de mais perfeita caridade: *Nolle eam trahucere, voluit occulte demittere eam.*

Deliberado assim Joseph em seu desterro, diz o texto, que andava o Santo considerando: *Hec autem eo cogitante.* E se a vontade estava já resoluta: *voluit*, que obrigava a Joseph a novas considerações? Naõ acabar de crer o que via, diz Chrysostomo: *Conceptionem manifeste videbat, & fornicationem suspicari non poterat.* Via Joseph os indicios manifestos da Conceição de sua esposa, e naõ se persuadia a que fosse desmancho de sua honestidade, e como fundava sua ausência na falta, que os olhos insinuavaõ, e elle naõ cria, depois de resoluto, torna a considerar de novo. *Hec autem eo cogitante.* Contendiaõ em Joseph os olhos com a razão, pela parte dos olhos estavaõ as mostras evidentes de máy, pela parte da razão estava a vida santíssima de Maria: arguia o ventre desordens, impirava a vida modestias, os olhos persuadiaõ ausências, a razão embargava os passos. Que faltaõ Maria á fidelidade de esposa, dizia Joseph, que tenha eu filho, sem ser pay! Assim o apertava a vista. Mas como pôde ter, que me offendesse quem nas palavras

he pura, no recato virgem, e nas accoens santa? Assim o tal segava a razaõ: naõ se aquietava porém o ciume, renovava-se a luta, e crecia o aperto. Conceber Maria, e conservar-se casta, ser māy, e ser juntamente virgem, como se compadece? Assim combatiaõ os olhos a razaõ. Mas se Sara depois de noventa annos pario, se Isabel, sendo esteril concebeo, porque naõ podera Maria ser māy, sem deixar de ser virgem? Quem deo aos noventa annos hum filho, quem fez a esterilidade fecunda, porque naõ faria a virgindade māy? Assim rebatia a razaõ os olhos; e Joseph nesta perigosa batalha, onde corria fortuna a honra propria, e encontrava riscos a fama alhea, todo zeloso, e nada temerario, todo perplexo, e nada arrojado, suspenso o juizo, se determinada a vista, vacilante o discurso, se persuadidos os olhos, já se partia, já se ficava, já resolvia, já considerava: *Hæc autem eo cogitante*. Oh prodigo mais que humano! Que em accaõ taõ opportuna a precipicos se naõ despenhasse Joseph, e que batalhando a razaõ com os olhos, naõ precipitassem os olhos a razaõ! Que estivesse taõ senhor de si o juizo de Joseph, quando tinha a vista tanto contra si! Grande valentia! Rara victoria! Porque naõ ha razaõ, que resista aos olhos, naõ ha entendimento, de que naõ triunfe a vista.

Perguntou S. Joaõ a Christo, qual era o traidor, que o havia de entregar, e respondeolhe o Senhor, que aquelle, a quem de sua maõ desle o paõ, e logo o deo a Judas: *Cui ego intinctum panem porrexero, hic me tradet*. Pode se dar sinal mais evidente? Quem duvida, que deste indicio taõ manifesto entendeo S. Joaõ, que era Judas o traidor? Pois affirma o mesmo Euangelista, que nenhum dos que estavaõ á mesa o soube: *Hoc autem nem scivit discubentium*; e se nenhum o soube, logo nem S. Joaõ. Difficultosa coula de crer por certo! Nem S. Joaõ? Que o naõ soubessem os outros Apostolos, feja embora, pois ignoravaõ o sinal; mas que S. Joaõ, a quem Christo diste o sinal, e que havia visto dar o paõ a Judas, o naõ soubesse tambem? Sim, responde misteriosamente S. Joaõ Chrysostomo, e dá a razaõ: *Cum enim longe à tali scelere abesset, neque de aliis suspicabatur*; iste S. Joaõ naõ alcançou, que Judas fosse traidor, porque elle estava fóra de o ser, naõ se persuadia a que houvesse infidelidade nos outros, porque elle era fiel em si: bem vio dar o paõ

pão a Judas; mas ainda que os olhos diziaõ, que Judas era o infiel, não suspeitou que o fosse. O como he certo, que cada hum serente dos outros conforme he em si, e do procedimento proprio se argue ordinariamente o alheyo: quem vive entregue aos vicios, a todos imaginava viciosos, e quem não sabe delinquir, não sabe julgar delictos nos outros. Joaõ não se persuadio a que havia infidelidade em Judas, porque era Joaõ fiel: pois como havia Joseph de suspeitar faltas em sua Esposta, se Joseph não tinha em si faltas? De sua santidade tirou alentos a razaõ, para resistir aos olhos; se a virtude fora menos, poderão os olhos render a razaõ; mas como a virtude era tanta, pôde a razaõ sustentarse contra os olhos: *Hæc autem eo cogitante.*

Incredulo cuidava Joseph no que via; mas de tal modo, que só comigo discursava: *Eo cogitante.* Muito pondera o Bispo Heimaõ, que o não communicaõ, porque na communicação manifestava aquelle ao parecer defeito de sua Esposta, que elle só sabia; e não descobre Joseph defeitos, que só elle sabe. He questaõ celebre entre os Theologos, porque razaõ não publicou Deos na Escritura o peccado dos Anjos? Não declarou a sua queda, e castigo? No Apocalypse está expreso: *Proiectus est Draco ille magnus, serpens antiquus projectus est in terram, & Angeli ejus cum illo missi sunt.* Pois se descobrio o castigo, porque encobrio o delicto? A razaõ he, porque do castigo constava aos homens, e o delicto só Deos o soube, e culpas, que só a Deos saõ manifestas, não as publica Deos. Ponhase embora na Escritura a queda dos Anjos, pois he couisa sabida dos homens; mas não se ponha o crime, pois só Deos o conhece, e se Deos, que he Senhor da fama de suas criaturas, assim a guarda, assim a salva, e assim a conserva, como infamamos aos ouvidos do mais occulto contra o âmor, que lhe devemos? Oh aprendamos de Deos, e imitemos a Joseph, que com interessar na communicação de seus cuidados hum alivio, não os quiz comunicar a outrem, por não desacreditar a Maria, e pôde com elle mais a conservação da honra alheya, do que o desafogo de suas ancias.

Nem na vida, nem na opinião quiz Joseph offendere a Maria; para lhe conservar a vida, se condenava a hum esterro, e para

para lhe guardar à fama ; se deliberou a hum silencio. E se me perguntarem , onde andou mais fina a caridade de Joseph , se em querer desterrarse , ou em acabar comigo o callarse ? Se no cuidado , que poz na vida de Maria , se na cautela , que teve em sua fama ? Dissera , que no segundo , e obrigaõ-me a imaginá-lo assim duas razões , huma da parte de Maria , porque lhe fez maior bem , e outra da parte de Joseph , porque se fez maior mal. Este silencio foy para Maria mais piedoso , do que era aquelle desterro ; o desterro era para Joseph menos penoso , do que foy o silencio. Vamos ao primeiro , ao maior bem de Maria , logo iremos ao seguudo , ao maior mal de Joseph. O silencio foy para Maria mais piedoso , do que era o desterro , porque o desterro escusavalhe huma pena menor , e o silencio livrou a de huma afflicçao maior : com o desterro conservava selhe a vida , com o silencio conservava selhe a fama , e maior sentimento causára a Maria perder a fama ; que perder a vida.

Quando a Christo o vieraõ prender seus inimigos , formou o Senhor contra elles esta queixa : *Quasi ad latronem existis cum gladiis , & fustibus* ; basta que como a ladrão me viestes a prender com armas. Notem ; que naõ se queixa Christo da prizaõ , senão do modo della ; naõ se queixa , porque o prendem , senão porque o prendem com armas. Pois , Senhor , que vai nisto , para que vostro sofrimento rompa em queixas ? Naõ vos agrava a prizaõ , e agrava vos o modo della ? He possivel , que mais sentis as circunstancias , que o efeito ? Sim , porque o efeito tiravalhe a vida , e as circunstancias tiravaõlhe a fama ; a prizaõ absolutamente considerada levava-o á morte , porque para o matarem , o prendiaõ , a prizaõ executada com armas desluzialhe a honra , porque o tratavaõ como malfeitor ; e posto Christo entre o rigor de huma prizaõ que o ameacava na vida , e entre as circunstancias della mesma prizaõ , que o desauthORIZAVA na fama , julgou tanto maior a pena do menor cabô da fama , que o sentimento do risco da vida ; que naõ se queixa da prizaõ , em que periga a vida , se queixase das circunstancias , com que se deslustra a fama : *Quasi ad latronem existis cum gladiis , & fustibus*. E se Christo sente mais tocaremlhe na opinião , que tocaremlhe na vida , com grande fundamento digo eu , que menos se affigira Maria de acabar a vida , e sentiria mais

mais viver sem honra ; menos molesto lhe fora tolerar huma morte , do que padecer huma infamia. Logo se Joseph com o desterro lhe escusava a morte , e com o silencio a livrou da infamia , se Joseph desterrado lhe desviava o golpe da vida , e Joseph callado lhe evitou a morte da fama , bem se segue , que mais fina andou sua caridade no silencio , do que no desterro.

Mas se Joseph callando suas ancias evitava afflictioens alheyas , accrescentava molestias proprias , e com o mesmo silencio , com que a Maria se estorvavaõ as magoas , cresciao a Joseph os sentimentos. He o defafogo morte da pena , e o silencio vida do tormento : quem quizer huma pena diminuida , communiquea , quem quizer hum tormento augmentado , callie. Nas penas naõ he o mais trabalhosso soffrelas , he o mais errivel callalas ; atreveſe hum coraçao com as angustias , se lhe deixaõ a boca livre , por onde respire ; porém atarlhe a lingua he como desatarlhe a vida. Lá concedeo Deos licença a Sata-nás , para que atormentasse a Job , com tanto , que lhe naõ tirasse a vida : *Ecce in manu tua est , verumtamen animam illius serva*. Armada com tanto beneplacito a inveja , naõ houve parte , que naõ ferisse , naõ ficou membro , que naõ lastimasse , só a lingoa naõ maltratou , só na boca naõ bulio : *Pellimeæ , consumbris carnis , adhæsit os meum , & derelicta sunt tantummodo labia circa dentes meos*. E porque guarda o demônio tanto respeito a esta parte do corpo quando usa de tanta crueldade com as outras ? Se tem licença para maltratar a Job , e os mais membros padecem taõ excessivas dores , porque lhe naõ abraza os beiços de modo , que se naõ possaõ mover , porque lhe naõ molesta a lingoa , de sorte que naõ possa pronunciar ? Oh naõ etais nõ caso : naõ mandou Deos ao demônio , que naõ tirasse a vida a Job : *Verumtamen animam illius serva* ? Pois com isso mandou , que lhe naõ tocalie na lingoa , que impedir a Job o uso da lingoa , com que explicasse seus sentimentos , e solicitasse seu alivio , fora tirarlhe a vida : morrera Job , vendose taõ perseguido , senaõ podéra desabafar o animo pela boca : aquelle dizer , que eraõ suas penas intoleraveis , aquelle ponderar naõ sentidamente seus infortunios , aquelle explicar suas ancias , aquelle repetir suas molestias , aquelle formar queixas , aquelle comper em ais , aquelle multiplicar suspiros , eraõ huns como re-pira-

piradouros, por onde se defatogava a dor: se o demonio lhe atara a lingoa, perdera Job a vida, que fora maior tormento. naõ poder queixar-se, que o mesmo padecer, e assim naõ foy piedade, senaõ accão forçosa, reservar-lhe a lingoa intacta, pois naõ estava em sua maõ privado da vida. Oh quanto martyrio seria para Joseph ver-se com penas para o sentimento, e ver-se sem lingoa para o alivio?

Hum desterro custava a vida de Maria a Joseph, e hum silencio lhe custou sua fama; porém mais fina se mostrou, a meu ver, sua caridade neste silencio, do que naquelle desterro, porque mais penoso lhe fahio o callarse, do que lhe havia de sahir o desterrarse. No desterro padeceria a parte sensivel, como o silencio padece a parte intelligivel: o desterro teria males, que affligissem o corpo, o silencio augmentou afflictioens, que tyrannizavaõ a alma, e os sentimentos da alma saõ tão grandes, que desapparecem á sua vista as molestias do corpo.

Naquelle racional sacrificio de Isaac pergunta S. Pedro Chrysologo, quem padecia as dores, se Abraão; se Isaac morrendo? E resolve, que Abraão: *Patris ibi erat tota passio, ubi filius immolabatur.* Pois se Isaac era a victima, que padecia, se Isaac era o que dava a garganta aos fios do cutello, e o que expunha o corpo á violencia do fogo: *Ubi filius immolabatur;* como pôde ser, que toda á pena, toda a dor, e toda a ancia fosse só do pay: *Patris tibi erat tota passio?* A razão he, porque aquelle golpe seria no sensivel ao filho, e tocava no intelligivel ao pay: ameaçava no corpo por effeito a Isaac, e dava na alma por affecto a Abraão, e á vista de huma dor, que afflige a alma, fica a perder de vista a dor, que molesta o corpo; *Patris ibi erat tota passio, ubi filius immolabatur.* Mais cruel era o alforge para o pay, que para o filho, porque senão corpo do filho descarregava o golpe, na alma do pay resultava o ecco, e tanto mayor força tem o ecco para lastimar a alma, do que o golpe para cortar o corpo, que naõ he dor a dor de Isaac, que padece, á vista da dor de Abraão, que se compadece; e se Joseph callado padecia na alma, e Joseph desterrado padecia no corpo, claro está que mais cruel foy para Joseph o silencio, do que era o desterro, e que mayor foy a fineza de sua caridade callandose, do que vinha a ser desterrandose.

Mas

Mas a quem assim naõ buscava alivios da terra, por attender ao credito alheyo, era impossivel faltar com as consoaçoes o Ceo. Hum Anjo despachou a Joseph, estando o Santo cuidando entre sonhos, o qual interirando-o da Incarnaçao do Verbo, lhe socegou temores, e desterrou cuidados: *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis Joseph.* O em que aqui reparo, he no tempo desta appariçao: em sonhos? Quem assim cuidava de noite, e dormindo, melhor cuidaria de dia, e acordado. Pois porque naõ appareceo o Anjo a Joseph, quando acordado discorre, senao quando dormin lo considera? Naõ merecia Joseph ver Anjos? Concedeose sua vista a Abrahaõ: *Apparuerunt ei tres viri stantes prope eum.* Concedeole a Jacob: *Fueruntque ei obvii Angeli Dei.* Concedeose a Elias: *Ecce Angelus Domini tetigit eum.* Concedeole a Daniel: *Deus misit Angelum;* e naõ se concede a Joseph? Por ventura eraõ menores os merecimentos de Joseph? Antes nisto se mostra, que saõ maiores, em que mereça Joseph dormindo o que os outros merecem vigiando, que tenha tanta força o sonno de Joseph, como as vigias dos outros Santos para trazer Anjos do Ceo, grande soberania de Joseph! Que desçao Anjos a Abrahaõ quando espera peregrinos para hospedar, era merecimento de sua caridade; que desçao a Jacob, quando perseguido de Esaú vivia desterrado, era merecimento de sua paciencia; que desçao a Elias, quando fugitivo da Jesabel buscava os desertos, era merecimento de seus trabalhos; que desçao a Daniel, quando padece no lago dos leões pelo culto de Deos era merecimento de sua constancia; mas que desçao Anjos a Joseph, quando dormindo cuida, quando por estar impedida com o sonno a liberdade, naõ merece; que tenhaõ o mesmo premio os cuidados ~~naõ meritorios~~ de Joseph, que as acçoes meritorias dos outros Santos; excellencia he ésta, que só em Joseph se acha, e no lado de Christo a respeito das outras partes do corpo.

Perguntase na Theologia, porque razaõ o quiz conservar Christo em seu corpo glorioſo as chagas dos pés, mãos, e lado? E entre outras razoens, que se apontaõ, he a primeira, que para mayor gloria accidental dos mesmos pés, mãos, e lado, para que tivessem gloria particular aquellas partes que padeceraõ particulares dores; e por esta razaõ diz Santo Agostinho,

tinho, que haõ de ficar tambem nos corpos dos martyres sinais das penas, que padeceraõ: *Propter accidentalem gloriā corporis multa vulnera in perpetuam victoriam, triumphique; insignis.* E pois o lado ha de entrar na repartição das glorias com os pés, e as maõs? Os pés, e as maõs mereceraõ, o lado naõ mereceo, as chagas dos pés, e das maõs foraõ meritorias, porque foraõ recebidas em Christo vivo, e Christo vivo merecia; a chaga do lado naõ foy meritoria, porque foy aberta em Christo morto, e Christo morto naõ merecia. Pois como se premia o lado igualmente com os pés, e as maõs? Tenhaõ embora os pés, e as maõs particulares luzes, pois mereceraõ; mas o lado, que naõ mereceo, porque ha de ter luzes particulares? Os merecimentos taõ desiguais, e as glorias taõ commuas? Esta he a prerogativa daquelle lado; lograr sem merecer o que as maõs, e os pés lograraõ merecendo, e esta he a grandeza de Joseph, ter favores do Ceo, quando naõ merece, como os tiveraõ os outros Santos, quando mereciaõ: para os pés, e maõs gosarem mais resplandores, necessitavaõ de merecimentos, e o lado gosou sem merecimento mais resplandores. Para o Ceo mandar Anjos aos outros Santos, foy necessario, que obrassem meritoriamente, a Joseph, ainda quando naõ obra meritoriamente, manda o Ceo Anjos; tanto conseguiu o lado com huma chaga, em que naõ sentio dor, como conseguiraõ os pés, e as maõs com chagas, em que sentiraõ dores; tanto se premia o sonno de Joseph, como se premia a caridade de Abrahão, a paciencia de Jacob, os trabalhos de Elias, e a constancia de Daniel, e foy tanto mais privilegiado Joseph a respeito dos outros Santos, como o lado de Christo a respeito das outras partes do corpo.

Esta he a primeira razão desta apparição em sonhos: para a segunda difficulto as melmas palavras em S. Joaõ Chrysostomo. Se para informar a Zacharias da Conceição milagrosa de Joaõ, lhe appareceo manifestamente hum Anjo, como para informar a Joseph da Incarnação do Verbo, lhe apparece em sonhos: *Apparuit in somnis?* O que se revelava a Zacharias, era mais facil, o que se revelava a Joseph, era mais difficultoso; conceber huma donzella mais incrivel era, do que conceber huma mulher esteril; pois porque manda Deus o Anjo manifestamen-

te a Zacharias, e porque em sonhos a Joseph? Porque fiou mais de Joseph, e fiou menos de Zacharias: naõ foy mayor estinçaõ de Zacharias a appariçaõ aos olhos, foy mais desconfiança; naõ fiou de Zacharias, que cresse, senaõ visse o Anjo, e contiou de Joseph, que sem ver o Anjo, creria.

A's claras se mostra Deos a Abraão quando o manda sahir de sua patria: *Deus apparuit Abrabam, & dixit ad illum: exi de terra tua*; e em sonhos lhe ordena depois, que lhe sacrifique a seu filho Isaac: *Igitur Abrabam de nocte consurgens*. Pois como assim? Para huma empreza menos difficultosa, qual era sahir Abraão da patria cheyo de mercês, e rico de promeslas, manifestaselhe Deos aos olhos, e para huma acçaõ taõ ardua, qual era sacrificar hûm filho, em que acabavaõ de todo suas esperanças, aparecelhe em sonho? Foy isto retiro da magestade, ou menos affeço de Abraão? Nem foy retiro, nem menos affeço, foy mais confiança: na primeira appariçaõ fiou menos, na segunda confiou mais de Abraão: quando lhe intimou o desterro da patria, que era menos arduo, naõ fiou de Abraão como principiante ainda na virtude, que obedecesse ao preceito, se naõ visse quem lho punha, e por isso se lhe mostrou deſcubertamente; quando lhe ordenou o sacrificio do filho, que era mais difficultoso, fiou delle, que como mais crescido já na santidade, obedeceria ao mundo, sem ver quem lho ordenava, e por isso lhe appareceo em sonhos. De maneira, que o mostrarse Deos visivelmente a Abraão, foy fiar menos de sua fé, e aparecerlhe entre sonhos foy fiar mais da sua credulidade. Por sonhos manda Deos certificar a Joseph do mysterio da Incarnaçaõ, quando manda avisar manifestamente a Zacharias da Conceiçaõ de sua esposa: fiou menos de Zacharias, e confiou mais de Joseph: a fé de Zacharias era menos firme, requeria ver a quem havia de crer, a fé de Joseph era mais soberana, naõ necessitava da vista para crer: á fé de Joseph bastava sonhos, á fé de Zacharias nem vistas bastavaõ: Zacharias vendo o Anjo, duvidou, Joseph, sem ver o Anjo, cre; Zacharias faltou á fé acordado, Joseph nem ainda dormindo faltou á fé; em Zacharias, ainda quando mais em si, pode haver faltas, em Joseph, ainda quando menos em si, naõ se aharaõ defeitos: dormindo soube crer Joseph, porque se o sonno lhe tinha

nha roubado os sentidos para viver assim, naõ lhos pôde roubar para obedecer a Deos: dormia para a vida; mas velava para o obsequio: correspondeo Joseph de antemaõ, e como en profecia a huma fineza grande de Christo. Christo amou tanto aos homens, que ainda depois de naõ ter alentos para viver assim, teve alentos para nos favorecer a nós; e andou taõ pontual Joseph em pagar esta fineza, que assim como Christo naõ vivendo já para si, ainda vivia para os homens, Joseph estando como morto para si, estava como vivo para Deos. Pendia Christo na Cruz já defunto a diligencias do odio, e a cuidados da malicia, quando huma atrevida lança lhe rasgou o peito, e naõ podendo a morte entibiar as chamas daquelle coraçõ abraçado, brotou agua, e sangue: *Exivit sanguis, & aqua*. Estranho caso, derramar sangue, e agua depois da morte? Naõ despojou já a morte a Christo do sentir? Naõ o poz já da outra banda do padecer? Pois se esta acção requere vida, e Christo está já morto, como derrama ainda agua, e sangue? Porque ainda que Christo estava morto para si, estava vivo para nós: o remedio de nossas culpas pedia aquelle sangue, e aquella agua, como fonte, donde manaraõ os Sacramentos: *De latere Christi exierunt Sacra menta*; e ainda que a morte lhe roubara o alento para viver a si, naõ lhe faltou alento para nos remediar a nós. Era necessário aos homens aquelle sangue, e aquella agua, pois derrame o Christo já defunto, que se essa acção pede vida, Christo vivo está para os homens, ainda que morto para si; naõ se tinha a si para si, e tinhase a si, para nós: pôde mais com elle o empenho de noslo bem, que a impossibilidade de sua morte. Oh que primorosamente está correspondido Christo em Joseph, naõ impede o sonno a Joseph o servir cuidadoso a Deos, senaõ impossibilita a morte a Christo o favorecer amante aos homens. Se a morte naõ pode tirar a Christo a vida para o favor, o sonno naõ pode estorvar a Joseph os sentidos para o agrado. Naõ faltou Joseph a Deos entre as desatençoens de quem dorme, e entre os cuidados de quem descansa, esperto estava para Deos, se dormindo para si. Ora eu naõ estimo tanta a fé de Joseph, por crer, e ver em sonhos, quanto por crer tudo o que contradiziaõ os olhos. Joseph creo, que sua Esposa era Virgem, e via pejada a sua Esposa; creo, que concebera ao

Creador, e via que era creatura, e naõ ha coufa mais repugnante a huma virgindade, do que huma Conceição, nem mais contraria ao ser increado de hum filho, que o ser creado da māy: e que crea Joseph com tanta facilidade contra todas essas repugnancias da vista, aventurejada fé! Entre todos os mysterios de noilla fé, só o divino Sacramento da Eucharistia se chama por anthonomasia mysterio de fé: *Mysterium fidei*; pois pergunto, porque se dá este titulo mais ao mysterio da Eucharistia, que a qualquer outro mysterio? O mysterio da Trindade, por ser todo divino, parece que faz vantagens ao da Eucharistia, pelo que encerra de humano; pois porque se naõ chama o mysterio da Trindade mysterio de fé, senaõ o da Eucharistia? Eu o difrei. No mysterio da Eucharistia cre-se o que naõ se vê: vê-se pão, e cre-se que he Christo, e só hum mysterio, onde se crê o que se naõ vê, e contra o que se vê, merece intitularse mysterio da fé; *Mysterium fidei*. Tal foy a fé de Joseph nesta occasião, creo contra o que via; porque via em sua Esposa apparatus de māy, e creo privilegios de Virgem, vio que era como as de mais mulheres, e creo, que naõ era māy como as de mais, creo com contrariedade dos othos, venceo repugnancias da vista, foy fé singular, foy fé aventurejada.

Cresce a soberania da fé de Joseph na circunstancia da pessoa, que lhe revelava o mysterio: revelavalho hum Anjo: *Ecce Angelus Domini apparuit*; e crer Joseph a hum Anjo contra o que lhe descobriaõ os olhos, encarecida fé. Naõ ha onde arribemais o hyperbole que a dizer, que creo Joseph o testemunho de huma creatura contra seus proprios olhos, sendo que basta a menos fundada informaçao dos olhos para talvez duvidarem os homens da verdade do Creador.

Achaõse os discipulos em huma naveta, em que por pequena se despicavaõ as ondas de seu turor, que sempre o pequeno foy despike do poderoso. Compadecese Christo de seu trabalho, e pizando imperiosamente as aguas, que esquecidas da sua inconstancia, venciaõ os montes em fineza, tratou de lhes socegar o medo, certificando-os de què elle era: *Ego sum, nolite timere*. Pedro como mais amorofo, naõ sofrendo as dilacõens do remo, lhe pedio licença para o ir buscar; mas com humas palavras, que me daõ muito em que reparar:

rar: *Domine, si tu es, jube me ad te venire super aquas.* Senhor, se he que vós sois, mandaime ir a vertos. Senhor se he que ~~vós~~ sois? Pois naõ crê Pedro a Christo? Duvida se he elle, quando Christo testimunha que elle he: *Ego sum?* Pôde haver engano neste testimonho? Pôde haver fallibilidade nesta voz? Claro está que naõ. Pois como duvida Pedro se he Christo: *Domine, si tu es?* Ora notai: Pedro, quando vio a Christo sobre as aguas pareceolhe fantasma: *Videntes eum turbati sunt, dicentes quia phantasma est.* E como Christo nos olhos de Pedro correu por fantasma, naõ basta o testimonho de Christo, que elle he, para que naõ duvide Pedro, se he elle. Naõ houve testimonho menos fundado, que o dos olhos de Pedro. nem verdade mais abonada, que a das palavras de Christo, e com tudo pôde mais com Pedro o engano dos olhos para vacilar, que a infallibilidade de Christo para crer: *Domine, si tu es.* Eisaqui a fé estremada de Joseph, que duvidando Pedro da infallibilidade do mesmo Deos, porque a encontraraõ os olhos, Joseph naõ duvida da verdade de hum Anjo, quando tinha os olhos contra si; se vacilla Pedro da authoridade do Creador, porque Christo parece aos olhos de Pedro fantasma, naõ vacilla Joseph no testimonho de huma creatura, quando a vista descubria na virgindade de Maria Conceição, e á divindade do filho repugnava o ser creado da māv.

Este sois divino Joseph, estes saõ os excessos de vossa santidad, estes os assombros de vossa virtude: que facil em aceitar trabalhos, por escusar aos outros molestias; que dificultoso em crer defeitos, que singular em diminuir afflictões alheyas, que unico em accrescentar as proprias, que privilegiado nos favores, que soberano na fé! Com muita razaõ, vos acclama o Euangelista Santo. e vos canoniza justo: *Joseph autem, cum esset vir justus.* Mas antes que remate, tenho que vencer no Euangelho hum escrupulo, e reparo commum contra o titulo de justo, que S. Mattheos dá a S. Joseph. A ley mandava, que achandose, que alguma mulher concebera fóra do talamo conjugal, fosse denunciada á justiça para se proceder contra seu desmancho; Joseph achou que sua Esposa havia concebido, sem que elle tivesse parte em sua Conceição: *Invenuta est in utero habens;* e naõ quiz denunciar: *Et nollet eam tra-*

traducere; logo como, ou em que era justo, ou Santo, Joseph: *Cum esset vir justus*: Mais. O Euangelista poem a santidade de Joseph como causa desta resoluçāo, porque diz: *Joseph autem, cum esset vir justus, & nollet eam traducere*; que Joseph, como fōsse justo, nāo a quiz entregar; pois nāo obedecer a huma ley he santidade? Contrariar hum preceito he virtude? Se assim fora, muitos Santos tinhamos hoje no mundo. Ora chamou o Euangelista a Joseph justo, e Santo, quando fazia huma acçāo ao parecer menos ajustada com a ley, porque he tanta sua excellencia, e taō rara sua virtude, que o que em outro fora defeito, em Joseph foy perfeiçāo: a transgresſāo de huma ley, que nos outros homens he falta de observancia, foy em Joseph demonstraçāo de virtude, que este he o privilegio dos Varnens grandes, ser nelles elogio o que nos outros fora desdouro, e converter em acçōens de gloria o que nos outros he acçāo de vituperio.

Pediraō os ministros de Cesar o tributo a Christo, mandou a Pedro, que o pagasse por ambos: *Da eis pro me, & te*. Eis que começaō os Apostolos a invejalo valido, e que era entre todos o mayor: *In illa hora acceſſerunt discipuli ad Iesum aicentes: quis putas maior est in Regno Cælorum?* Ha tal suspeita! Ha tal inveja em tal occasião! Ser tributario foy alguma hora indicio de fidalguia? Pagar tributo foy algum dia materia de inveja? Da isençāo de tributo se colhe a nobreza, e se origina a inveja: pois como suspeitaō os Apostolos grande a Pedro, e como o invejaō preferido, quando o vem tributario. Porque he tanta a excellencia de Pedro, que nelle se converte em honra o que nos outros he vilipendio: o pagar tributo, que nos outros homens denota ser pouco illustres, em Pedro corre praça de muita soberania. Assim era grande Pedro, e assim era insigne Joseph, huma ley encontrada em quem se nāo avaliara defeito? E com tudo em Joseph o julgou hum Euangelista santidade: *Joseph autem cum esset vir justus*.

Daqui se segue, que Joseph era credito de suas obras, e nāo as obras credito de Joseph, a acçāo de nāo querer entregar a Maria nāo accreditou a Joseph de Justo, Joseph accreditou de justo esta acçāo, que por isso disse o Euangelista, que Joseph nāo quiz entregar a sua Esposa, porque era Santo, e nāo que

que fora Santo, porque não quiz entregar a sua Esposa: de Joseph procedia a santidade de suas acções, e suas acções não refundiam santidade em Joseph. Aos outros Santos suas obras não accreditam; o sacrificio de Isaac abonou a Abraão, para com Deos de amigo seu: *Nunc cognovi quod times Deum.* E a Elias grangeou estimação de servo de Deos, para com a viuva de Sarpeita a resurreição do filho: *Nunc justè cognovi, quoniam vir Dei es tu.* Mas Joseph autoriza suas obras, e engrandece suas acções, não foy Santo pela acção de não querer denunciar à Maria, antes o não querer denunciar a Maria, foy acção, e deliberação santa pelo que teve de sua. Oh como Joseph parece divino! A Deos não o ennobrecem suas obras, ~~antes as obras~~ se ennobrecem com Deos. Lá diziaõ do Bautista os Montanhezes de Judea: *Quis putas, puer iste erit, & enim manus Domini erat cum illo?* Qual vos parece que será João, porque tem consigo a mão de Deos? Não distlerão: qual vos parece que será Deos, porque fez a João, que isto era ser João credito da mão de Deos; mas distlerão: qual vos parece que será João, porque tem a mão de Deos consigo, que isto era ser a mão de Deos credito de João. Esta he a preeminência de Deos, e esta he tambem a prerrogativa de Joseph; se venerada em Deos pelo sublime de seu ser, communicada a Joseph por privilégio, e por favor.

Donde venho ultimamente a concluir, que o melhor de Joseph he Joseph, porque se Joseph dá estimação a suas causas, claro fica, que he a causa melhor, que ha em si mesmo, e assim não estimo suas grandezas, só a Joseph estimo; Joseph he o mais subido, he o mais estimável, que ha em Joseph. Depois que Joseph (o filho de Jacob) se deo a conhecer com seus irmãos, voltaraõ estes alegres a seu paiz, e contaraõlhe muidamente a soberana fortuna de Joseph: como dominava todo o Egypto, como era a segunda pessoa do Reyno de Faraó, & finalmente como estava adorado de todos. Ouvi-os Jacob, e rompeo nestas palavras: *Sufficit mihi, si Joseph vivit;* basta-me que viva Joseph. Patriarca Santo, que dizeis? Só a vida de Joseph estimais? Não fazeis caso de seu poder? Não prezais suas glorias? Não festejais sua dita? Só vos alegrais de que viva? Sim; porque a causa de mais estimação, que ha em

## Sermão

Joseph, he Joseph, e todas estas glorias, e estas ditas he o  
menos de Joseph: *Sufficit mibi, si Joseph vivit.* Assim sentia  
Jacob de seu filho Joseph, e assim sinto eu tambem de Joseph  
filho de David, com tanto mayor razaõ, quanto he maior a  
ventagem, que faz hum Joseph a outro Joseph, hum pay puta-  
tivo de Christo a hum Viso-Rey de Egypto, e hum valido mui  
particular de Deos a hum privado de Faraó.

Esposo querido de Maria, naõ vos venero tanto pelo que  
obrais, quanto pelo que sois; naõ reconheço em vós couça de  
mayor valia do que a vós mesmo, vós sois o melhor de vós. Os  
outros para serem grandes necessitaõ de suas acçoens, vossas  
acçoens para serem grandes, necessitaõ de vós: os outros saõ  
ménores, que tuas obras, pois elle se authorizaõ com ellas,  
vós sois maior que vossas obras, pois ellas accreditaõ com  
voõco; e já que cheguei, soberano Patriarca, com as velas de  
minha oraçaõ a navegar o profundo mar de voslos louvores,  
tempo he já de as obrar todas á vossa devoçaõ, que correr em  
tanto golfo naõ poderia ser sem risco. Só vos peço com rendi-  
do affecto, que pois Christo deve muito de seu sangue ao sus-  
tento, que lhe offereceo vosso suor, thesoureiro rico de gra-  
ças nos alcanceis copiosas enchentes della, em penhor da glo-  
ria: *Quam mibi, & vobis, &c.*



SER-

121

# SERMAÓ DO APOSTOLO S. THOME.

Prégado na Capella Real.

---

*Affer manum tuam, & mitte in latus meum: & noli  
esse incredulus, sed fidelis. Joann. 20.*



A' fingio a antiguidade. Muito altos, e poderosos Reys, e Senhores noslos. Lá fingio a antiguidade, que desejando o Amor reduzir a si a hum coraçao desenamorado, sahira á batalha com elle, taõ armado o Amor de settas, como o coraçao de durezas. Partido o campo brandio o Amor o arco, medio a setta, apontou o tiro, despedio huma, segundou com outra, atirou finalmente todas, e no cabo cançado já o braço, rota a corda, vazia a aljava, viu todas as armas aos pés do contrario, que como se fora insensivel mar more, estava triunfante da valentia do ferro. Que faria o Amor neste caso? Sente o desdem, chora o desprezo, correse da resistencia, & reduzido á desesperaçao, quebra o arco, arremeca a aljava, bate as azas, e cortando impaciente os ares, como se fora setta com alma, se arroja sobre o peito do adversario, e as çhammas taõ visinhas desfez aquelle penhaſco de durezas, concebeo ternuras, admittio caricias, e brando já de amoroso largou o campo ao Amor. Isto que no Amor profano foy fabula, he hoje no Amor divino verdade. Duvidava Thomé resoluto, e negava obstinado a Resurreiçao de Christo, naõ lhe valiaõ a este Senhor huma, nem outra certeza desta apparicaõ, e

daquelle, porfiava cego em sua contumacia, e pondo no atrevimento o desengano, instava em medirlhe as chagas, e examinar-lhe o peito. Sentiose ao parecer, Christo da rebeldia taõ profiada, e consagrhou oito dias aos retiros da Magestade; mas no cabo cedendo a Magestade ao Amor, rodeado de luzes, e servido de resplandores, penetra imperiosamente soberano as portas do cenaculo, e yencendo descortezias, atropelando ingratoens contra a grandeza de Senhor, contra os privilegios de immortal, se mete até o coraçao pelas maõs de Thomé, que tentido a tanto golpe de rayos, e a tanto tiro de finezas abjurrou perfidias, e reconheceo a Christo: *Domius meus, & Deus meus.*

Esta se em summa a historia toda do Euangelho, nelle se nos representa Thomé em dous estados: em hum temos a Thomé perdido a porfias de sua incredulidade, em outro temos a Thomé ganhado a favores de Christo; e na consideraçao de ambos quizera eu satisfazer ás obrigaçaoens deste dia. Celebra neste dia a Corte de Portugal a Thomé como Orago da Real Capella de seu Monarcha. Celebra tambem o Tribunal da India a Thomé como Padroeiro das Conquistas do Oriente. Thomé ganhado acodirá ás obrigaçaoens de Orago: Thomé perdido latifará aos empenhos de Padroeiro: na reduçao de Thomé notará advertencias a Corte: na perda de Thomé chorará seus descuidos a India; e como (se bem advertimos) a Thomé com a maõ no lado de Christo, escolheo para Orago de sua Real Magestade Augusta de nosso inclyto Monarcha, para que ainda nas menores circunstancias se ajuste o Sermaõ com a celebriade, a maõ sómente de Thomé no Lado de Christo se-  
rá o assumpço da primeira parte, e as palavras ultimas de Christo, em que cifrou os erros de Thomé a materia da segunda. Comece Thomé a darnos a haõ.

*Affer manum tuam, & mitte in latus meum.* A primeira cousa uotavel, que descubrio naquelle maõ Thomé, e o que eu admiro muito he, que vendose buscada de Christo: *Affer manum tuam*, esperasse ainda imperios para entrar no Lado: *Mitte in Latus meum.* Cuidava eu, que ao primeiro aceno de Christo se estendesse logo confiadamente ao favor, e ella sobre esperar que a mandem estender: *Affer*; espera ainda que a mandem

dem entrar: *Mitte*. O bem de Thomé dependia todo deste favor: *Nisi mittam manus meam in Latus ejus, non credam*. Pois se deste favor dependia todo o bem de Thomé, para que andar com tantos vagares a maõ? Porque era favor de Lado, e Lado de Senhor, e quiz mostrar Thomé, que o Lado de hum Monarca naõ devia ser despojo da confiança alheya, senão benevolencia da eleiçao propria. O Principe naõ ha de admittir a sua graça a quem a quer, senão a quem elle quizer: as outras mercês sejaõ embora dos introduzidos, porém o valimento ha de ser sómente dos chamados, ainda naõ disse bem: ha de ser dos que sobre chamados forem escolhidos. A todos os homens chama Deos para lograr sua privança na gloria: mas nem a todos os que chama concede a gloria de sua privança; chama a todos, e escolhe a poucos, e os poucos escolhidos elles saõ os privados. Pois da mesma sorte, que se procede no valimento divino, assim ha de bem, antes ha de necessario, que se proceda no valimento humano; ha de haver vocaçao, e ha de haver eleição, ha de chamar a muitos, e ha de eleger a poucos; e os poucos eleitos, esses haõ de ser os validos; e a razao disto ha, porque a opiniao ha a melhor parte da vida real, e das acçoes dos validos depende sempre a opiniao do Rey: conforme saõ os lados, assim se avalia commummente a cabeça, e por isto importa muito, que escolha o Principe, e com grande consideraçao os lados.

Caminhava Christo para o Calvario, e diz o texto: que levavaõ com elle a outros dous malfeiteiros: *Ducantur alii duo nequam cum eo*. Mysterioso termo na verdade, & altri e outros? Levavaõ dous malfeiteiros; isto estava bem, porém outros dous? Logo Christo tambem era malfeitor? Naõ era malfeitor Christo; mas levava ao lado dous malfeiteiros, e bastou serem estes os lados para de algum modo correr Christo por malfeitor. Naõ menos que isto vay á cabeça na eleição dos lados. Seja o Rey a innocencia mesma, se lhe serve de lados a malicia, ha de paſſar por malicia a mesma innocencia: nos outros homens periga a reputaçao nos vicios proprios; no Principe até os olhejos saõ achaque de sua reputaçao. O eclypſe que experimenta o mundo quando a Lua acerta de ficar diante do Sol, naõ ha deſfeito do Sol, ha eſfeito da Lua, que com a

Oppacidade interposta de seu corpo impede a communicaçāo  
enigma de seus rayos, e com tudo naõ se chama eclypse da  
Lua, lenaõ do Sol, e corre por defeito proprio o embaraco  
alheyo, porque esta he a penaõ de hum Planeta Rey, julgar  
todos que he eclypse do Sol, o que saõ sómente sombras de  
Lua. A baze em que estriba gloriosamente segura a boa fama  
dos Monarchas, naõ saõ tanto as prendas proprias, como as  
accoens dos validos: as Magestades como vivem retiradas, o  
respeito as imagina sempre soberanas, se os privados saõ mo-  
destos, e entendidos, dissimulaõ muito seus erros, e ainda os  
fazem parecer acertos; porém se saõ depravados, e indiscre-  
tos por elles, como por relquios de Palacio, se arroja a co-  
ritidão de povo a penetrar as qualidades do Principe; e da  
malignidade dos lados conjectura menos bondade na cabeça:   
por illo Thomé para chegar ao Lado de Christo espera ser cha-  
mado: *Affer manum tuam*, e espera ser escolhido: *Mitte in*  
*latus meum*; para que nas tardanças de sua maõ advittaõ os Prin-  
cipes como devem conceder o lado.

Depois de esperar a maõ de Thomé imperios, manda  
Christo, que entraõ a maõ; mas naõ mandou a Thomé, que  
visse o Lado; permittiolhe o toque, mas negoulhe as vistas:  
*Affer manum tuam*, & *mitte in latus meum*, quando foy ás cha-  
gas das maõs, ordenou Christo a Thomé, que tocasse, e visse:  
*Infer digitum tuum huc*, eisahi o toque, & *vide manus meas*,  
eisahi as vistas. Pois se Christo concedeo as vistas das maõs a  
Thomé, porque lhe negou a vista do Lado? Porque esta dife-  
rença ha de haver do Lado ás maõs. As maõs como saõ indices  
da liberdade, he bem que sejaõ vistas de todos, porque pa-  
ra todos deve ser liberal hum Rey: o Lado como he deposito  
dos mais interiores segredos, naõ ha de ser visto de ninguem;  
porque a ninguem se haõ de manifestar os segredos. A grande-  
za do rei conhecesse na profundidade de suas aguas, suas pro-  
fundidades ha de ter o Principe para se venerar grande: ha de  
seguir o modo do obrar da natureza, que nos mostra as formo-  
turas sem dizer como as obras. Quando Isaias vio a Deos no  
throno diz, que douis Serafins lhe cobriraõ a cabeça, e os pés  
com suas azas; porque com tanto recato ha de zelar hum Mo-  
narcha as maximas do governo, que nem se lhe entendaõ os  
passos,

passos, nem se lhe penetrem os decretos. A divindade pre-  
dente dos Conselhos, levantou Roma Altares, porém debaixo  
da terra, significando com isto o muito que se deve occultar,  
e encobrir sempre a resolução dos negócios. De tudo pôde ser  
muito liberal hum Monarca, porém em materia de segredos  
ha de ser mais apertado que todos; e que bem ensinou Christo  
esta politica quando se vio acclamado Rey na Cruz.

Naquelle sangue que o golpe de huma lança lhe tirou do  
Lado, querem cōmummente os Doutores, que dêsse Christo os  
Sacramentos á sua Igreja: *De latere Christi exierunt Sacramen-*  
*ta*, e merece reparo, que esperasse huma lançada para dar os  
Sacramentos: nos Sacramentos consistia o mayor bem da Igre-  
ja, porque a Igreja naõ tem mayor bem que a gráça, e as fon-  
tes da gráça estavaõ nos Sacramentos; pois se isto he assim,  
porque os naõ dá como de si o Senhor? Porque ha de esperar,  
que lhos tire do peito a violencia de huma lança? Sabem por-  
que, porque eraõ Sacramentos, e Christo estava intitulado  
Rey, e quiz mostrar ao mundo, que fazia tanta estimação do  
segredo, que tirarlhe do peito Sacramentos era darlhe huma  
lançada no peito. Taõ difficultoso ha de ser o Monarca em  
render os segredos, que naõ baste a mayor conveniencia para  
facilitar o coraçao a desvelos; sobre a mayor conveniencia ha  
de haver ainda muita difficultade, ha de abrirse o peito Real  
quando assim importe, com tanta repugnancia, que naõ pare-  
ça, que diz segredos, senaõ que recebe lançadas, e na verda-  
de, que mayor lançada para hum Príncipe, que tirarlhe do pei-  
to hum segredo? Nos Imperios naõ ha melhor coluna da Ma-  
gestade, que o respeito; a vida do respeito he a opinião, a ai-  
ma da opinião he o segredo; senaõ ha segredo acabase or-  
dinariamente a opinião, senaõ ha opinião diminuise o res-  
peito, e se naõ ha respeito, que outra cousa vem a ser a purpu-  
ra mais vistosa, senaõ huma ignominia mais corada? Tanto  
como isto importa aos Monarchas o segredo, e communicalo  
vem a ser o mesmo que rompelo; os segredos saõ como as mi-  
nas, que em tendo muitas bocas vapóra por ellas o fogo, e naõ  
fazem effeito; para hum segredo estar secreto naõ ha de ser  
communicado, porque naõ ha segredo comunicado em se-  
gredo.

Per-

Perguntado Christo do summo Sacerdote á cerca de sua doutrina ; respondeo desta maneira : *Ego palam locutus sum mundo, & in occulto locutus sum nihil* ; eu sempre falei publicamente ao mundo, e naõ disse nada em segredo. A resposta he tão verdadeira como dada pela summa verdade ; mas parece que tem sua duvida, Christo disse algumas cousas em segredo, como consta dos Evangelistas todos, e baste o testimonho de S. Mattheus no cap. 20. onde escreve, que se retirara o Senhor muito em segredo com seus Discípulos, e lhe descubriria o successo futuro de sua morte, e Resurreição : *Affumpsit duodecim discipulus secreto, & ait illis* ; pois se Christo disse em segredo algumas cousas, co no affirma agora, que naõ dillera nada em segredo. Ora a razão he esta, he verdade, que Christo disse muitas cousas em segredo ; mas ainda que em segredo, disse-as : e he tão pouca a fé, que se guarda ao segredo no mundo, que dizer em segredo, val tanto no juizo de Christo, como dizer em publico ; bastou considerar os segredos comunicados para logo os naõ avaliar secretos. Em materia de segredo naõ ha diferença de dizer a dizer, tudo o que he dizer, he publicar, porque naõ ha paciencia no coraçao humano para callar o que sabe ; ou ha de dizer o segredo, que lhe communicaraõ, ou ha de dizer, que lhe communicaraõ segredos. Os mesmos secretarios dizem o segredo que sabem, os mais fieis se naõ dizem o segredo que sabem, dizem pelo menos que sabem segredo. Esta foy a mayor fineza a que chegou a profundidade de hum Paulo : *Audivi arcana verba, quæ non licet homini loqui* ; esta foy a mayor excellencia a que chegou a fidelidade de hum Isaias : *Secretum meum mibi* ; hum, e outro callava os segredos que sabia ; mas hum, e outro naõ pode callar, que sabia segredos : que a gloria de parecer familiar, e intimo, se soffre que se occulte o segredo das cousas, das cousas naõ soffre que se encubra a sciencia do segredo ; e para se romper hum segredo, basta revelar que se disse o segredo, ainda que naõ se rende o segredo que se disse ; porque se dá occasião ao discurso, para que pelas noticias do segredo conjecture a qualidade dos negócios, que coufa mais retirada que o coraçao ? Lá no retrete mais interior do peito o escondeo a natureza ; e com tudo só por aquelle subtil movimento que communica ás artereas, se

se conhecem seus achaques, e enternidades.

Naõ ha segredo seguro, porque naõ ha segredo calado, naõ disse bem; naõ ha segredo seguro, porque ainda o mais calado se falla. Costuma o animo paſſarſe como o papel, e se lê por cima o que está escrito dentro, estranho silencio, diz a Escritura, que guardara Absalaõ na vingança, que intentava tomar de Amon pela injuria que fizera a sua iymã Thamar; e no cabo desle mesmo cuidado em calarſe, entendeo Jonadab os vingativos intentos de Absalaõ; e se nem o silencio sabe guardar hum segredo, que segredo se pôde esperar em silencio? Ouçamos para ultimo abono desta verdade, huma proposição notavel do Sabio: *Gloria Dei est cœlare verbum.* A gloria de Deos por anthonomasia, diz elle; he o silencio que guarda em seus segredos, que segredo significa alli a palavra *Verbum*, conforme S. Gregorio, e outros. Olhay onde o Sabio foy pôr a gloria de Deos; cuidava eu que a gloria era fer taõ omnipotente, que de nada produzio hum mundo; fer taõ imenso, que todo este mundo naõ baste a comprehendher sua grandeza; mas que hum segredo calado essa feja a gloria de Deos? Sim, eu direi o porque, em Deos ha tres pessoas, e naõ ha segredo em Deos que as tres pessoas naõ saibaõ; e que se cale hum segredo, que sabem tres pessoas? Que postaõ tres pessoas guardar segredo ao segredo? Singular gloria de Deos, taõ difficultosamente se cala o que se sabe, que saber, e calar, ainda em pessoas divinas he o realce mayor de sua gloria: *Gloria Dei est cœlare verbum.* Vajaõ agora os Monarchas com que segurança podem fiar seus segredos de pessoas humanas, e se por causa desta infidelidade, e facilidade do coraçao humano convem tanto esta cautela em qualquer materia de segredo, que ferá naquellas de que depende a conservaçao dos estados? Que ferá nos militares, em cuja fortuna estriba a gloria, ou ruina das Monarchias? Nellas diga o Principe do Ceo como devem proceder os Principes da terra.

Falla Christo do dia do Juizo, e diz assim: *De die autem illa nemo scit, neque Angeli, neque Filius, nisi Iohannes Pater.* O dia do Juizo, senaõ he o Pay, ninguem o sabe, nem os Anjos, nem o proprio Filho; varias saõ as exposições que daõ os Santos Padres a este lugar, e confessando todos catholicamente rendi-

rendidos, que Christo em quanto Deos sabe quando ha de ser o dia do Juizo, *Cyril. l. 9. thesaur. capit. 4.* com outros muitos ~~lente~~, que na verdade Christo em quanto Homem naõ sabe quando ha de ser aquelle dia, e que encubra o Eterno Pay quando ha de ser o dia do Juizo a seu Filho? Notavel recato de Pay: Christo ainda en quanto Homem conhece todos os futuros, e sucessos de todos os mais dias do mundo; pois se o Pay lhe manifestou os segredos dos outros dias, porque enobre o segredo do dia do Juizo? A verdadeira razão sabe-a Deos, eu só sey, que os outros dias saõ dias em que Deos assiste ao governo político do universo, o dia do Juizo, he dia em que Deos ha de dar batalha geral a fogo, e sangue ao universo todo, e o segredo de hum dia de batalha, nem de seu filho parece que o fia Deos: saiba embora Christo os segredos que pertencem ao conselho de estado, porém o segredo da guerra naõ o ha de saber ninguem mais que o Pay: *De die illa, nemo scit nisi Pater.*

A felicidade das batalhas depende mais de mysterio, que de verdadeiro, a mayor prevençao labida desafoga cuidados, a menor ignorada multiplica receyos; hum pequeno ribeiro em quanto naõ se deixa vadear, atemoriza: o rio mais caudaloso se chegou a vadearse naõ se teme: a tormenta tanto tem de perigosa quanto tem de repentina: se a nuvem no relampago descobrio o temporal, hum barco escapa: se o naõ descobrio o mayor galeão geme, que embaracado se acha naquelle que primeiro se vio ferir, do que reluzir a espada. Que desacombrado outro a quem prevenio o ruido, antes que divizasse as armas. Pelos sucessos se haõ de conhecer as emprezas, que naõ ha empreza com sucesso, se he descuberta antes de ser effetuada. Nunca Saul pode haver ás maõs a David, porque sempre soube antes David o que intentava Saul; a segurança da vitoria naõ está só em pôr o peito valerosamente ao inimigo, senão em furtar tambem ao inimigo o peito; nas batalhas o peito detuberto sempre foy mais certo o perigo, que o triunfo. Rompia Germanico com facilidade o campo de seus contrarios, porque como diz Tacito, primeiro lhes rompia os segredos do campo. Contraria culpa poz Deos em campanha sua divina graça; mas como batalha a graça divina? Batalha taõ armada

armada dessegredo, que com iete sacramentos se armá. Os Sacramentos levaõ a vanguarda nos combates da graça com a culpa, e naõ ha culpa mortal vencida, se faltão no combate os Sacramentos. Se o mesmo Deus naõ acompanhava com sete Sacramentos o valor da sua graça, que importara o maior valor dos homens sem nenhum Sacramento? E como em matéria de segredo he necessaria tanta cautela, por isto nem Thomé se atreve a meter a maõ no Lado aberto de Christo, senão a imperios do mesmo Senhor, nem o Senhor, ainda que conceda o toque, permitte as vistas a Thomé: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum.*

Entrou a maõ de Thomé no Lado de Christo, mas naõ entrou para o fechar, taõ aberto o deixou como estava; bem cuido eu, que se Thomé pedira ao Senhor que o fechasse, que facilmente o alcançára, porque quem o deixou aberto contra os privilegios de glorioso, porque o havia de pedir assim Thomé, tambem o fechara; se Thomé assim o pedira; e que o naõ peça Thomé? Que o deixe patente para os outros? Que naõ pertenda ser unico no favor? Ora esta he huma das grandes excellencias do Apostolo, ser hum Ministro de condicão taõ generosa, que naõ quiz ser singular na graça de seu Príncipe: subir ao valimento, e aspirar logo á singularidade isto acontece a todos; chegar ao Lado, e naõ o fechar para todos he singularidade de Thomé.

Levanta Christo a S. Pedro ao grão mayor de sua privança, dalhe o Summo Pontificado de sua Igreja, e logo diz o Texto sagrado, que voltando Pedro os olhos, vira vir a Joaõ seguindo a Christo, e que como o vio, perguntára ao Senhor: *Hic autem quid?* E este que ha de ser delle? Admiravel sucesso na verdade! Todos os outros discípulos vinhaõ em seguimento de Christo, e que vindo derradeiro, só com Joaõ fossem topar os olhos de Pedro? E que nunca se lembraſle Pedro de procurar o que havia de ser de Joaõ senão agora? Pois, Pedro, donde agora tanto cuidado de Joaõ? Naõ era cuidado, que Pedro tivesse de Joaõ, eraõ cuidados, que Joaõ dava a Pedro: Joaõ era privado antigo de Christo, Pedro viaſe valido de novo, e como se vio assim valido, parece que naõ queria a Joaõ privado: reparai bem na pergunta: *Domine hic autem quid?*

Senhor, e Joaõ, que ha de ser? Quem pergunta o que ha de ser Joaõ, naõ quer que seja Joaõ o que era; quer que seja outro do que fora; que saber do Principe hum novo valido o que ha de fazer do antigo privado, naõ he procurarlhe o augmento, he solicitarlhe a mudança. E assim parece que o entendeo o mesmo Euangelista, porque havendo de referir esta pergunta de Pedro, vejase a miudeza de palavras, com que o faz: *Conversus Petrus vidi illum discipulum, quem diligebat Jesus*, virandose Pedro vio aquelle discípulo, a quem amava o Senhor: *Qui recubuit in cæna super pectus Domini*; aquello que na cea esteve reclinado sobre seu peito: *Et dixit: Domine, Quis est qui tradet te?* E aquelle que lhe perguntou quem era o traidor? *Hunc ergo cum vidisset Petrus, dixit: Hic autem quid?* A este pois como visse Pedro, perguntou ao Senhor, que havia de ser delle; como que quizesse insinuar o Euangelista, que da muita privança, que Pedro advertira em Joaõ, nascera o cuidado de Pedro, e que solicitava o que havia de ser do amado, porque desejava o amado em outro ser; que de ordinario succede isto nas Cortes do mundo! Naõ ha subida de Pedro, que naõ seja queda de Joaõ; nas cinzas da diminiçao alheia se fabricao as montanhas do valimento proprio. Aquella pedra do sonho de Nabuco para se levantar a monte reduzio a cinzas a estatua, que naõ ha ajuntar a altura da estatua com a grandeza da pedra: ou a pedra naõ ha de ser monte, para que persevere a estatua, ou a estatua ha de tentir sua ruina, para que seja monte a pedra: e que naõ se contente com crescer a montanha, a pedra mais tosca, se naõ que de caminho ha de dar em terra com a estatua mais dourada? Terrivel estylo de crescer! Os Principes costumaõ compararse com o Sol, e se o Sol tem cabedal de rayos para illustrar francamente luzido a milhares de estrellas, porque ha de querer huma só estrella limitarlhe ás suas conveniencias os rayos? Astro invejoso, se es Marte esforçado, deixa luzir a Saturno prudente, que tanto Sol te fica, como Saturno leva, e se es Jupiter illustre, deixa resplandecer a Mercurio fabio, que naõ te faltarão luzes por muitas que poslha Mercurio. De outra estrella te zelas? De outra estrella te temes? Pouca deve de ser tua pompa; porque luz, que para apparecer, ha mister tudo em trevas, naõ

he

he grande luz. Tão longe estava Thomé de pertender ambicioso singularizarse nos favores de seu Senhor, que antes generosamente desinteressado, com aquella mesma mão introduzio a muitas almas na graça de Christo, communicando a todos por meyo do bautismo a fé, que naquelle Lado recebera. Exemplar valente de favorecidos, que não só não devem ostancar em si, se não que devem dilatar a oyntos os benefícios, que gozaõ. Não se pôde negar aos montes que recebem mais, e primeiro as luzes do Sol, que os valles, que isto fora ignorar a mesma natureza entre as queixas da fortuna; porém devem os montes contentar-se com ser montes, e não sublimar-se a ser nuvens: duas vizinhanças tem de seus rayos o Sol, as nuvens no ar, e os montes na terra; as nuvens de tal maneira recebem sua luz, e se ornão com rayos, e se douraõ com elles, que logo os reverberaõ liberaes aos valles; logrem pois os maiores, e mais ditosos de perto as luzes Reaes, porém não sejam nuvens, que sobre aformosear-se as encubraõ, sejaõ montes, que sobre illustrar-se as communiquem, sejaõ como Thomé, que sobre não querer só para si a graça do Lado, elle mesmo convidava a todos com a graça de Christo.

Já reparamos porque esperara a mão de Thomé imperios para entrar: *Affer, mitte;* agora reparo porque não esperou imperios para sahir; porque não procedeo aquella mão ao sahir, assim como procedera ao entrar? Tão vagarosa na entrada, e tão apressada na sahida? Oh que admiravel doutrina nos dá aquella mão! Em Christo havia duas naturezas, a divina, e a humana; era Deos, e era homem: Thomé lograva no Lado a graça de Christo como homem, mas não lograva a graça de Christo como Deos: lograva a graça de Christo como homem, porque entre os homens não ha maior graça, que dar o lado: não lograva a graça de Christo como Deos, porque era necessário que depuzesse a infidelidade para conseguir a graça: ter a mão no lado era indicio de infidelidade pedir ao lado: *Nisi mittam manum meam in latus ejus, non credam.* A fé pedia, que deixasse o lado, e se confessasse reconhecido a Christo, pois vendose Thomé com a graça humana que sem a graça de Christo como homem, por ganhar a graça de Christo como Deos, assim estimava Thomé a graça de Deos; era

lum nos adverte, que a estimemos todos. Ordinariamente ando de batalha a graça de Deos, e a graça dos homens, e ordinariamente sahe vencida a graça de Deos, e eu não sei porque ha de succeder á graça de Deos esta desgraça? Porque a graça de Deos tem todas as razoens para ser estimada, a graça dos homens tem muitas para não ser appetecida. Notemos brevemente algumas para que se veja melhor a boa eleição de Thomé, e a injusta semrazação nossa.

A graça de Deos he muito facil de alcançar, dáse a quem a quer, se fazeis pela merecer, não vo la pôde Deos negar. A graça dos homens he muito difficultosa de conseguir, porque se dá sómente a quem quer o Rey; ainda que façais muito pela alcançar, em quanto não quizer o Principe, não a haveis de possuir. Servis como Germanico, focegais tumultos, desbaratais exercitos, engeitais a purpura, e com tudo não privais, porque não quer Tiberio. Os merecimentos estão em vossa mão, porém a privança está na vontade alheia, bem podeis servir se quizeres, mas por mais que queirais não haveis de privar, se não querem.

A graça de Deos se he facil de alcançar, he difficultosa de perder, a graça dos homens he tão facil de perder, como difficultosa de alcançar. Para perderes a graça de Deos, que alcançastes com hum só obsequio, não bastaão muitas venialidades juntas: bem pôde hum homem commetter culpas veniaes, e com tudo ficar em graça de Deos; para perderes a graça dos homens, que vos custou muitos serviços, qualquer venialidade basta. Aquelleas dous privados de Faraó, depois de tantos annos de finezas, acharam-se hum dia inopinadamente cahidos de sua graça, e metidos em hum carcere; e porque culpas? Porque no paõ, que hum lhe levou, hia huma pedrinha, e na cópa, que o outro lhe pôz, se viu hum mosquito; olhai a graça do mundo, huma pedrinha a quebra, hum mosquito a offende; os serviços destes homens forão de muito cuidado, sonhavaõ com sua obrigaçao: *Somnium vidimus*; a culpa foy muito acaaso; *Accidit ut peccarem*, e perderão por hum acaaso de culpa, o que ganharaõ com muiro cuidado de serviço: e graça, que huma pedrinha a quebra, he graça muito de vidro, e graça, que hum mosquito a offende, he graça mais que de vidro.

Pare-

Parecevos muito illo. Ora aguarda iro que ainda naõ disse muito, e quantos cahirão da graça dos homens sem nenhum genero de culpa? Eisaqui outra grande diferença, que vay da graça de Deos á graça dos homens: para perderes a graça de Deos, he necessario, que haja culpa, e que seja mortal, e para perderes a graça dos homens, naõ he necessario, que seja mortal, nem que haja culpa. Dizeime: Amaõ quiz algum dia visitar o thalamo de Afluero? Nem lhe passou pela imaginaçao. Daniel pertendeo algum dia sedicioso inquietar a Monarquia dos Assirios? Nem o sonhou nunca, e com tudo Amaõ por atrevido morre em huma força. Daniel por sedicioso está no lago dos leoens. Ha sem-razam igual a esta? Daniel homem taõ privado, e hoje taõ des valido, e isto sem culpa? Por suspeitas de Afluero contra Amaõ, por inveja dos Assirios contra Daniel? Ahi vereis o que he a graça dos homens, porque tanto suspiraes, mas ainda disse pouco.

A graça dos homens naõ só se perde sem obrar, até com obrar bem se perde. Quando naõ houvera outra razaõ esta só bastava para fazer de mayor estimaçao a graça de Deos, que a graça dos homens: a graça de Deos alcançasse com boas obras; a graça dos homens ainda com as obras boas se offendere. A quantos se originou o aborrebimento do Principe das mesmas finezas, que obraraõ em seu serviço? Diga-o Imio Bleso, a cujos obsequios correspondeo Vitelio com odio quando devia favores. Diga-o Silio cuja singular fidelidade em reprimir aos soldados na rebelião, que intentavaõ contra Tiberio, o privou de sua graça. Diga-o David, que matando a huma gigante, terror dos exercitos de Saul, por huma pedra, que despedio com tanta ventura no campo, achou huma lançada no Paco. Idólos saõ commummente os Principes, cujos olhos, como advertio Jeremias, cegaõ com o dô dos mesmos, que entraõ a adorallos: mais costumaõ premiar descuidos, que finezas, porque tem o reconhecimento por especie de cativeiro, cosa incompativel com a Magestade; e julgaõ por menos desada a nota de ingratitos, que a obrigação de agradecidos; de maneira, que naõ ha cosa alguma, que segure a graça dos homens, ou haja culpa, ou naõ haja culpa; ou obreis mal, ou obreis bem, sempre perigea a graça.

A graça de Deos não vos tira Deos pelo que haveis de fazer, ainda que Deos saiba, que haveis de peccar de futuro, nem por isto vos priva da graça presente na graça dos homens basta presumir-se, que podeis vir a offendêr, para logo vos despossuir da graça. Imaginaraõ os grandes da Corte de Rey Achis, que David por congratarse com Saul podia maquinar contra seu imperio, e desterrou Achis de sua graça a David; e que me hão de tirar a graça não pelo que fiz, senão pelo que se cuida que posso fazer? A graça de Deos, he premio dos bons pensamentos, e que pelos máos pensamentos alheyos hei de perder a graça? Que says David desterrado da Corte, porque os Satrapas o profetizaraõ delinquente no campo? A graça perdida, e as culpas sómente profetizadas? E ha quem arrisque a graça de Deos pela graça dos homens? Naõ sei que resoluçõens haõ as nossas.

Para perder a graça de Deos naõ basta a certeza do futuro, e basta a emenda do passado para tornar á graça de Deos. Na graça dos homens nem para o futuro valia incerteza, nem para o passado a emenda; tiraõyos a graça pelo mal que podieis fazer, e por mais que emendeis o mal que fizestes, naõ vos restituem a graça; na graça de Deos perdida, qualquer contrição he remedio, na graça dos homens perdida naõ ha remedio na mayor contrição.

A graça de Deos causa esquecimento de tudo o que fostes, e só vos faz estimado pelo que sois: por grande peccador, que tenhaes sido, se vos põdes em graça, já naõ vos conhecem por injusto; na graça dos homens, naõ basta o que sois, para pôr em esquecimento o que fostes; antes se algum dia fostes menos, nunca ha mais lembrança do pouco que fostes, como quando se yê o muito que sois. Fallavaõ os grandes de Assírias com Dario á cerca de Daniel, e naõ o tratavaõ menos, que de cativo. Daniel *de filiis captivitatis*. Fallava o outro cortezaõ com Josaphat á cerca de Eliseo, e chamou-lhe criado de Elias: *Est hic Eliseus, qui fundebat aquam super manus Elias.* Pois valhame Deos, assim se trata hum Daniel? Assim se trata hum Eliseo? Daniel, que hẽ a mayor privança de Dario? Eliseo que he o oraculo dos maiores Príncipes? Que quereis, esse he o costume do mundo, por mais valimento que tenhaes fostes vós algum

algum dia cativo? Pois haveis de ser cativo, ainda quando sois privado; fostes vós criado de Elias, ainda quando sois privado dos maiores Príncipes; vós tereis a maior privança; mas por mais de marca, que seja a privança, vós haveis de ser privado de marca; vós sereis oráculo de Monarchas, mas as profecias em vossa boca haõ de ser obsequios de Elias. Finalmente a graça de Deos he tal, que estimaõ os bemaventurados a gloria, porque he segurança da graça; se na bemaventurança se poderá perder a graça, naõ se amara a gloria; e que maior excellencia da graça de Deos? E que tal he finalmente a graça dos homens? He hum gosto assustado, hum desafiocego doce, hum reclamo de invejas; hum espertador de calumnias, hum ensayo de tragedias, hum vapor metido em nuvem, hum náda disfarçados em muito, data da fortuna, premio da lisonja, embaraço das consciencias, e chave ordinariamente do inferno; he huma fáisca, que sobe para acabar, huma exalaçao, que arde para naõ ser, hum Sol, que nasce para se pôr, huma Lua, que cresce para minguar, hum vento, que asflopsa para acalmar, huma roda que se impina para descer; pois se esta he a graça dos homens, se esta he a graça de Deos, com muita razão se apressa Thomé a ganhar a graca de Christo como Deos, e ainda que perca a graca de Christo como homem; e entaõ andaremos nos mais discretos quando a imitaçao sua seja naõ estimarmos mais a graca dos homens, que a graca de Deos.

Tem satisfeito Thomé, ganhado as obrigações de Crago; tempo he já, que acuda Thomé perdido aos empenhos de Padroeiro; mas como poderá ser Padroeiro Thomé perdido? Com propriedade grandeão proveito do mundo todo, diz Santo Agostinho, que se encaminhavaõ as duvidas de Thomé, e que errava elle, para que naõ errassem os outros: *In his apostoli verbis mundi utilitas agitur; uni interrogatio universitatis est instructio.* De maneira, que a perda de Thomé era beneficio do mundo, porque soubesse o mundo ganharse, por isso se perdia Thomé; pois se o bem do mundo era motivo da perda de Thomé, naõ ha duvida, que o bem de Portugal era muito particularmente motivo de sua perda. Quando o Evangelista vay a contar o erro de Thomé, faz huma notavel advertencia, e diz, que se chamava Didimo: Thomás, *Qui dicitur Didimus; Didimo*

dimo quer dizer gêmeo, e se Thomé errava como gêmeo, Portugal era em profecia o Irmaõ; porque assim como das Chagas de Christo renasceo Thomé fiel, assim tambem das Chagas de Christo nasceo Portugal Reyno, e assim como Thomé renasceo fiel para levar a fé ao Oriente, assim tambem Portugal nasceo Reyno para levar ao Oriente a Fé; pois se Thomé se perdeo como Irmaõ de Portugal, quem duvida, que com cuidado muito particular attendia em sua perda a nosso bem? Se os erros de Thomé eraõ cautellas para todos, muito melhor seriaõ advertencias para o irmão; e sendo isto assim, naõ pôde haver melhor Padroeiro que Thomé perdido. A carta de marrear naõ está perfeita, porque assinala os portos, as distancias, as alturas, senão porque mostra os perigos, o baxo, a ponta, o cabo, mais importa saber donde se ha de chegar, e devemos mais á desgraça, que encontrou com a penha, do que á ventura que descobrio o porto. Este favor pois devemos a Thomé, que para nos acautellar a nós, se perdeo a si, e por nos deixar descubertos os baixos mais perigosos no dilatado mar de nossa Monarquia, naufragou desgraçado; mas a infidelidade nossa, foy, que com ficarem descubertos os baixos, naõ soubemos, ou naõ quizemos evitar o perigo, e poderá ser que por isto esteja hoje perdida a India, porque sendo os erros de Thomé cautella, fazem os delles imitação, e exemplo. Vamos aos erros, e chorará a India seus descuidos.

*Noli esse incredulus, sed fidelis;* naõ queirais ser incredulõ, senão fiel, disse Christo a Thomé, em estas poucas palavras cifrou a mayor occasião de seus infortunios: *Noli,* naõ queiraes, na vontade achou Christo a infidelidade a Thomé, e este foy o primeiro erro, governarse pela vontade; quando os condiscipulos disserão a Thomé, que tinhaõ visto ao Senhor resuscitado, se elle consultara ao entendimento, achara razões muito forçosas para crer, assim por parte da verdade dos companheiros, como por parte da omnipotencia do Sephor, mas como consultou a vontade, achou sómente motivos para duvidar; porque o amor proprio (como diz S. Syrilo) aggravado de que lhe faltasse a elle o favor, que se fizera, aos outros persuadio incredulidades: *Mætore quia ipse quoque non videbit, affectus ad infidelitatem delabitur.* Naõ menos desordena-  
dos

dos que isto saõ os dictames da vontade; e esta he a primeira advertencia que fez Thomé aos Portuguezes para evitar des-  
acertos no governo de sua Monarchia, reger pelo entendimento,  
e naõ pela vontade.

Quem rege pelo entendimento pôde governar bem, e pô-  
de governar mal: quem rege pela vontade nunca pôde gover-  
nar bem, a razaõ he muito evidente; porque quem rege pelo  
entendimento se entende mal; se entende bem, governa bem:  
quem rege pela vontade, ou queira mal, ou queira bem, sem-  
pre governa mal, se quer mal, governa com paixaõ, se quer  
bem, governa com cegueira; e com taes lados como saõ ce-  
gueira, e paixaõ, que governo pôde esperar acertos? Para que  
huma Republica seja bem governada ha de havér nella casti-  
go, e premio; castigar delictos, e premiar merecimentos, saõ  
os pôlos sobre que se funda hum governo ajustadamente poli-  
tico, e nenhuma destas couzas pôde fazer bem a vontade;  
porque se ha cegueira, se ama, dará talvez o premio a quem  
merece castigo; se ha paixaõ, se aborrece, dará também o cas-  
tigo a quem está merecendo o premio; e diga-o hum dos ma-  
iores culpados, e o mayor dos innocentes, que vio o mundo.

Remetteo Pilatos ao parecer dos Fariseus a causa de Christo, e a causa de Barrabás: *Quem vultis dimitam vobis? Bar-  
rabam; an Jesum, qui dicitur Christus?* A quem quereis que  
solte, a Barrabás, ou a Jesus, c ue se diz Christo? Resolverão  
os Judeos; e quem vos parece que foy o condenado, quem o  
livre: *Ad illi dixerunt, Barrabam?* O livre foy Barrabas, o  
condenado foy Christo. Quem houvera de imaginar de homens  
racionaes sentença taõ barbara como esta? Christo era bem-  
feitor deste povo, era o remedio commum de suas necessida-  
des: pelo contrario, Barrabás era hum ladrão publico, homi-  
cida de muitas vidas, e cabeça de grandes insultos; pois como  
he possível, que homens com razaõ dessem a vida a Barrabás,  
e a tirassem a Christo? Nas palavras de Pilatos está a razaõ: *Quem  
vultis?* Quem quereis? Devolveose este juizo ao parecer da  
vontade, e naõ ao vosso do entendimento, e onde a vontade  
sentenceava, que outras podiaõ ser as resolucoes? Onde vota  
a vontade, livraõ-se as culpas, e condenaõ-se as innocencias:  
vive hum Barrabás, e morre hum Christo; e Republica onde  
os

os merecimentos andaõ crucificados, e os delictos soltos: Republica onde os Christos perecem, e os Barrabazes triunfaõ. Oh que desordenada Republica, e arriscada! Desordenada, porque lhe haõ de faltar os homens, arriscada porque lhe ha de faltar Deos.

Haõlhe de faltar os homens, porque como se animará a servir hum homem se vê ao benemerito com a Cruz ás costas, e ao venturoso a Cruz no peito? Como se alcançará a padecer os trabalhos, e perigos de huma campanha, se vê que o valor leva as feridas, e avalia os premios? Se mais alcança o sangue que corre pelas veas, do que as veas, que generosamente derramaõ o sangue? Se para os Davids, que dispararaõ a funda, e derrubaraõ a Gigante a lançadas, e para os Hadrieis, que ficaraõ olhando defde os arrayais ha favores; quem haverá que trabalhe, quem haverá que peleije; Christo naõ levou consigo ao monte Olivete mais que os tres Discípulos, que levara consigo ao monte Thabor, porque só quem recebeo mercés no monte das glorias, esperou assistencias no monte das penas, e com tudo com serem todos tres tanto de ante maõ favorecidos, Diogo fugio cobarde, Pedro negou infiel, só Joaõ chegou constante ao calvario: se os homens ainda premiados faltão, sem premio como haverá homens?

Halhe de faltar tambem Deos, porque he palavra sua no Ecclesiastes, que naõ conservará os Reynos onde houver injustiças: *Reghum transfertur de gente ingentem propter injustiam*; as injustiças da terra abrem a porta á justiça do Ceo. Quem passou o Imperio dos Assírios para os Persas, dos Persas para os Gregos, dos Gregos para os Romanos? As injustiças: este he o vento que tempestuosamente inquieto revolve o mar das Monarchias, e com variedades taõ notaveis o arroja de huma parte para a outra: que Deos tenha olhos para ver neste mundo a hum justo opprimido, e a hum vicioso levantado, naõ he falta em sua providencia, porque tem huma eternidade, onde com a fortuna das almas desconta a desigualdade dos corpos; porém nas Monarchias naõ ha mais que corpo, naõ tem alma, que Deos haja de chamar ao juizo na outra vida; e assim para cumprir com sua providencia, quando nellas se achaõ sem razoens, e injustiças, he força que aqui as castigue; faltará

rá. Deus ao credito de seu justo governo, se acaso naõ faltara á conservaçāo de hum governo injusto. Estes saõ os que traz consigo o governo da vontade, advertidos na desgraça de Thomé, mas de balde advertidos, porque como eu julgo, que se perdeu a India, porque ha annos muitos, que se rege pela vontade, nem premio para benemeritos, nem castigo para facinorosos, dizem que ha naquelle estado; e isto he certo que procede de que a vontade tem o mando; a vontade dos Ministros faz o processo das culpas; a vontade dos Ministros, o memorial dos serviços: daqui nasce, que de muitos que vem da India, saõ despachados os que houverão de ser castigados, e naõ saõ ouvidos os que houverão de ser adiantados; só hum bem tem esta vontade, que naõ he difficultosa de grangear; comprase facilmente, a qualquer rendimento se rende. Pelo menos a suspeita está por esta parte, porque dos mesmos postos, e ofícios, donde naquelle melhiores annos dos antigos Portuguezes vinhaõ os Ministros, a este Reyno com livros muito limitados, e vem em noslos tempos com excessivos livros: Jacob para augmentar as suas ovelhas, tirou a humas varas a rama, as folhas, as flores, e frutos, e a casca, de forte que por isto crescião gado, porque se descalçavaõ as varas. Se agora vem as varas taõ vestidas de rama, taõ cubertas de folha, taõ ornadas de flores, e taõ carregadas de frutos, que havemos de cuidar se naõ que tudo he lá das ovelhas? E se nós taõ inadvertidamente empenhados fomos dar no mesmo baixo em que perigou Thomé, que muito, que naufragaste o Oriente?

Errou tambem Thomé, porque cegamente inconsiderado commetteo materias da fé á vontade: *Noli esse incredulus*; a esfera da vontade entendese o amor, naõ chega ao querer, sabe a vontade fazer actos de amor, naõ sabe produzir actos de fé, e como Thomé meteo a vontade em cousas fóra de sua esfera, errou a vontade, e perdeose Thomé; e que cuidadoso de nosso bem se perde; a boa fortuna nos successos de huma República depende toda da conformidade dos negocios com o genio dos Ministros: a capacidade, e inclinaçāo dos sogeitos ha de fazer a eleiçāo do officio, que da proporçāo do instrumento, como materia resultaõ os primores da obra: os homens dentro de sua esfera procedem muito ao natural, fóra della obra muito ao vio-

lento, e as accoens para sahirem perfeitas não haõ de ser filhas da violencia, haõ de ser parto da natureza.

Constitue Deos a Adaõ Principe universal do mundo, e diz assim: *Denominamini piscibus maris, & volatilibus cæli, & universis animantibus, que moventur super aquam.* Dominares como Senhor, occupareis como Monarcha aos peixes do mar, as aves da Ceo, e aos animaes da terra. Assim disse Deos, e reparava eu porque havia de dizer assim? Os peixes do mar, ás aves do Ceo, aos animaes da terra, para que he esta superfluidade de palavras? Bastava dizer aos peixes, ás aves, aos animaes; porque claro está, que os animaes saõ da terra, as aves do Ceo, os peixes do mar; pois porque accrescenta Deos aos peixes do mar, as aves do Ceo, os animaes da terra? A terra he a esfera dos animaes. O Ceo he a esfera das aves, o mar he a esfera dos peixes, e quiz Deos lembrar a Adaõ as esferas dos subditos, para que ficasse advertido, que por ellas os havia de governar elle, *Domine Adum*, aos peixes (como se dissera Deos) mas advirta, que hum delfim he do mar, *piscibus maris*, para que lhe naõ ordene coufas da terra: presida aos animaes, mas repare que hum Leaõ he da terra: *Bestiis terre*, para que lhe naõ encarregue emprezas do Ceo: governe as aves, mas note que huma aguia he do Ceo: *Volatilibus cæli*, para que lhe naõ commetta negocios do mar: occupe ao delfim no mar, a aguia no Ceo, ao leaõ na terra, naõ mande voar ao leaõ, que será percipitallo: naõ mande nadar a aguia, que será afogalla; naõ mande andar ao delfim, que será destruillo.

Assim iustificou Deos ao primeiro Monarcha, e assim he necessario, que se proceda em todas as Monarchias: nas eleicoens para os officios, ha se de attender á natureza dos eleitos: naõ se haõ de dar as pessolas aos cargos, haõ se de dar os cargos ás pessolas. O esforço seja leaõ da campanha, o engenho seja aguia dos conselhos; a experiençia seja delfim das aguas; que obrar de outra forte será encomendar coufas do mar ás aves, negocios da terra aos peixes, materias do Ceo aos animaes, e em lugar dos acertos que pertendem, tudo seraõ defacertos.

Lá quiz S. Pedro levantar tres tendas no Thabor; e responde o Evangelista, que naõ sabia o que dia: *Nesciens quid diceret*; e naõ podia deixar de ser assim? Pedro era pescador, e toda

e toda sua vida havia gaftado em fazer redess: pois hum pescador como podia meterse a exercitar com acerto o officio de architecto? Hum homem, que só sabia remendar redes, como he possivel que acertasse a armar tendas, e traçar casas? Claro está que havia de errar tudo: naõ he o mesmo ter boa maõ para a pesca, que ter maõ para a architecatura: pesque Pedro, e naõ se metta em levantar fabricas; que na pesca fará milagres, e na fabrica fará desordens. Querer em huma Republica, que assista no tribunal quem sempre assistio na campanha, e querer que assista na campanha quem sempre assistio no tribunal, he querer que erre na fabrica quem soubera acertar na pesca. A natureza naõ deo a todos iguaes qualidades para tudo: saõ os animos dos homens taõ diferentes como seus rostos, e se nas occupaçoes naõ se attender á capacidade, e intelligentia das pesssoas, nem se conseguirão os intentos, nem se evitarão os perigos. Ainda hoje chora Ethiopia, e mostra nos corpos adustos de seus habitadores o máo conselho de Apollo (se he licito valernos da moralidade dôs antigos em suas fabulas) por haver entregado o carro da Luz a seu filho Phaetonte, mancebo inexperto, e incapaz de taõ alta empreza: que se faltaõ as prendas necessarias, naõ basta ser filho do Sol para guiar com acertos os carros mais luzidos do governo: naõ ha eleiçao feita por salto, que naõ tenha seus desafres: a experiençia descobre, e gradua os sujeitos. Do Sol sei eu, que para o fazerem presidente do mundo, primeiro lhe provaraõ a insufficiencia dos rayos, e depois de ser tres dias luz, ao quarto o levantaraõ Sol. Formar hum juizo, naõ he o mesmo que reger huma armada; governar huma praça naõ he o mesmo, que ordenar hum exercito; se se confundirem os Ministros, como he possivel que naõ seja tudo confusaõ nos officios? Ordene pois o exercito o soldado, governe a praça o politico, creja a armada o intelligente, e forme o juizo o douto; que de outra maneira será arriscar o juizo, a armada, a praça, o exercito, e o mesmo estado. Naõ me metto a inquirir, se acaso se perdeu a India, porque lhe faltasse em nós este cuidado: o que seyhe que perdemos ha muitos annos naquelle conquista as batalhas, as praças, e as armadas. *Noli esse incredulus.* Destes desfacer-  
tos de Thomé vejo a precipitarse taõ infelizmente arrojado,  
que

que faltou á fé, que devia a Deos, ei arriscouse a ficar eternamente privado do melhor Reyno, que he o Ceo. Mas que atento a nosso bem se arrisca! Aqui nos descubrio Thomé o perigo maior da Monarchia mais florente. A mayor potencia tem seu principio em Deos; antes que na terra, se coroaraõ os Reys em sua eternamente: se coroaraõ quem dá o primeiro movel aos orbes, o dá tambem aos Imperios: a Republica, que como Lua naõ tiver sempre os olhos attentos ao resplendor do Sol divino, brevemente verá eclipsado o orbe de seu poder: o zelo da Fé, a piedade da Religiao, o cuidado da ley he a base, em que se levantaõ, e seguraõ as Monarchias: entre os Hebreos, quando se coroavaõ os Reys, mandava Deos, que lhe puzeſſem a tiara d' o Reyno na cabeça, e o Deutoronomio da ley na maõ, para que entendeslem, que com o cuidado da ley se conservava a soberania da tiara. Nabuchodonosor mesmo foy perder o respeito ao templo de Jerusalem, que perder o imperio. Balthasar na mesma hora, em que profanava sacrilegio os vasos sagrados, nessa mesma lhe escreveraõ a sentençal de sua deſtruiçao. Saul no mesmo ponto, em que rasgou inconsiderado a capa de Samuel Ministro de Deos, nesse mesmo lhe decretou o Senhor a expulsaõ do Reyno. *Scidit Dominus regnum à te bodie;* que naõ sofre o Ceo, que se façaõ violencias aos Ministros da ley; e quando estas saõ as consequencias da pouca fielidade para com Deos, que melhor nos podia patrocinar Thomé, que negar incredulo, (como diz Santo Agostinho) para que nós fossemos fieis? *Quam bona infidelitas, quæ saeculorum nãem inhibavit:* mas naõ sey se diga, que nos tirou Deos a India, porque se acabou nos Portuguezes aquelle zelo da Fé, aquella piedade da Religiao, que noutro tempo tanto floreao.

Quando conquistamos aquelle estado, naõ sey Cidade, nem fortaleza, aonde o Ceo naõ favorecesse milagrosamente nossos intentos: na tomada de Goa, Ormuz, e Malaca ajudou visivelmente ao grande Affonso de Albuquerque o Apostolo Santiago: em ambos os cercos de Dio foy vista a Virgem Senhora doña, já rebatendo contra os mesmos inimigos suas settas, e feus pelouros, já tapando com sua benditissima maõ os ouvidos das peças, para que naõ tomassem fogo contra os Portuguezes.

guezes. No cerco de Chaul Santa Barbara servio de Conde-  
tavel de nosla artelharia , ella borneava as peças, ella lhe dava  
fogo , que como taõ bem acertadas faziaõ horrendo estrago nos  
Mouros. Em Ormuz vio D. Francisco Garcia hum rayo sobre  
a armada inimiga , portento fatal de sua perda. Em Ceilaõ vio  
Lopo de Brito huma lança no ar , que brandida contra os Chin-  
galas lhes pronosticava ruina. Em Borbaim vio Lopo Vaz de  
Sampayo hum alfange de fogo , que pelejava conrra os Mala-  
bares: assim nos assistia o Ceo antigamente, hoje naõ ha huma  
assistencia destas; donde procederá isto? Procede de que anti-  
gamente os Portuguezes traziaõ o augmento da Fé muito di-  
ante dos olhos , hoje nenhuma cousa trazem menos diante dos  
olhos, que o augmento da Fé: antigamente interessava o Ceo  
nas nossas emprezas a conversaõ de muitas almas , hoje estor-  
vase a conversaõ das almas pelos noslos interesses: antigamen-  
te assistiase com liberalidade franca aos Ministros do Euange-  
lho , em noslos tempos chegaraõ a verse fechadas a Igrejas por  
naõ haver o necessario para a administraõ dos Sacramentos.  
Antigamente favoreciaõse os convertidos, hoje opprimemse.  
Antigamente havia hum D. Constantino de Bragança , que por  
tirar huma occasião de idolatria queimasse aquelle taõ celebre  
dente do bogio, e com elle trezentos mil cruzados, que lhe  
offereciaõ pelo resgate ; hoje por menos cruzados poderá ser  
que ficasse adorado o dente: pois com isto queriamos India? Com  
isto queriamos que o Ceo attendesse a nossas fortunas? Deos levantou a Portugal em Reyno no campo de Ourique para  
levar o Euangelho pelo mundo todo: *Ut feratur nomen meum  
per exterias gentes*: com esta condiçao nos dergo o Reyno , en-  
te nós faltamos a ella , se impedimos a conversaõ do Euange-  
lho , se naõ tratamos de ganhar as almas para Christo , como  
naõ havemos de perder nossas conquistas?

O meyo mais conveniente para ter a Deos propicio em  
noslos sucessos , o mayor suborno , com que podemos concluir o  
seu affecto , he o bem das almas, porque huma alma he a cousa  
que mais estima Deos. Vay Christo descrevendo as condiçoes  
de hum bom pastor , e remata com esta notavel sentença: *Pro-  
pterea me diligit Pater, quia ego pono animam meam*: Meu  
eterno Pay por isto me ama , porque eu hei de dar a vida pela  
redem-

redempção das almas. Senhor que dizeis? Como pôde ser, que por essa causa vos ame o Pay? Porque vós morreis pelas almas? Entre dou os objectos amados aquelle se ama mais, por cuja causa se ama o outro; se vós lo Pay vos ama por amor das almas, logo mais as almas, do que vos ama a vós. Que quereis que diga? Assim ensina Christo, e havia razões no Pay para elle o publicar assim. Via Christo a seu Eterno Pay tão satisfeito de que elle se offerêcessel, à morte, pela salvação das almas, que parece, que não o amava tanto, porque era filho, quanto porque morria por elles: *Propterea me diligit Pater, quia ego pono animam meam.* Se a salvação das almas he motivo do amor de Deos para seu Filho, nós que não somos filhos, como grangearemos seu amor estorvando o remedio das almas? Se queremos que Deos nos assista, que nos restaure a India, que nos prospere o Reyno, subornemos sua graça com lhe oferecer muitas almas.

Assim o faremos, glorioso Orago, e divino Padroeiro Thomé, e para que sejaão efficazes as advertencias de nossas felicidades em vossa desgraça, debaixo de vossa protecção, e amparo esperamos executallas: encommendovos a Magestade soberana de nosso Monarca, em cuja Real pessoa confiamos, que desempenhará Deos suas promessas: pois he justo que hum Reyno, que deve a gloria de Reyno ao grande nome de Afonso, deva tambem a soberania de Imperio ao mesmo nome: assisti cuidadoso a seus intentos, patrocina sua vida, favorece suas acções, para que em serviço de Deos, em gloria de seu nome, em amparo de sua Igreja, em augmento de sua Monarquia; amado os vassallos, temido dos inimigos, respeitado dos neutraes, e admirado de todos viva, vença, triunfe. Encommendovos esta Corte, que tão religiosamente illustre celebra vossas memorias: encommendovos, mas não vos encommendo, que para irmão não são as recommendações necessarias, o Reyno de Portugal todo: a vossa, e a nossa India sim, essa vos encommendo eu muito, fazei com efficacia de vosso patrocínio, que tome toda a sujeição das armas, que a conquistaraõ: não permaneçaõ triunfantes os estandartes da heresia Holandeza, onde tantas vezes triunfaraõ gloriosas as chagas de Jesu Christo; e se a causa principal porque Deos quasi tem tirado aquella conquista a Portugal, he o pouco cuidado, com que os Portuguezes

zes trataõ hoje os negocios da fé, dizeilhe, que quando ieu Monarcha com tanta piedade, zelo, e aflecto assiste á converſão das almas, e ao augmento da Christandade, naõ he ~~justo~~ [redacted]  
que perca a melhor joya de sua coroa pelo descuido de seus vasallos: o concerto de dilatar a Fé quando Portugal se creou Reyno, naõ se fez com os vasallos, com o Rey te sez. Pois ainda os Reys de Portugal naõ faltaraõ ao concerto, ainda favorecem a protecção verdadeiramente real, a pregação do Euangello: torne pois a India a seu Monarcha, esteja a Magestade humana; para que assim reconheçamos de todo nossas venturas ao vosso patrocinio, pelo qual esperamos tambem alcançar a graça, com que seguremos a gloria. *Ad quam nos perducat Deus.*



# SERMAO NO DIA DOS ANNOOS DEL REY D. AFFONSO O VI.

Prédgado em 21. de Agosto de 1663.

*Caro mea vere est cibus, & sanguis meus vere est potus.*  
Joannis 6.



S felices annos de Vossa Magestade, muito alto; &c. Os felices annos de V. Magestade; e por serem de Vossa Magestade os mais felices, que ha muitos vio o mundo, solemnizamos hoje na terra, e agradecemos ao Ceo; bem he que taõ formoso dia seja eterno para nosla memoria, e unico para seu applauso, que se era celebre entre os Persas o dia, que lhes deu hum Xerxes, entre os Saragoçanos o dia, que lhes deu hum Timoleonte, entre os Athenienses o dia, que lhes deu hum Socrates, entre os Romanos os dias, que lhes deraõ hum Cesar, hum Tito, hum Nerva, hum Adriano, e hum Antonio; celeberrimo deve ser entre os Portuguezes este dia, que lhes deu hum Affonso Sexto, cujo real nascimento segurou a Portugal mais vitorias, que Xerxes a Persia, mais felicidades, que Timoleonte a Saragoça, mais estimaçao, que Socrates a Athenas, mais glórias, que Cesar, mais triunfos, que Tito, mais interesles, que Nerva, mais lustre, que Adriano, mais grandezas, que Antonio a Roma.

A estrella, em cujos rayos me mandaraõ ler os prognosticos deste grande dia, he Christo sacramentado; estrella, na qual

qual depois de pôr muitas vezes attentamente os olhos, achei taõ cuberta sempre de nuvens, que vim a suspeitar, que era tem duvida estrella do encuberto; e conferindo este pensamento meu com o nascimento natural de Vossa Magestade ao mundo, e com o nascimento politico de V. Magestade ao Reyno, resolvi comigo, que se V. Magestade naõ era o encuberto esperado, era o esperado descuberto.

Esta resoluçao me levava gostosamente a gastar toda esta hora em desenganar ou esperanças mortas, ou esperanças perdidas; porém fora desacreditar de inferior a estrella, que nos assiste se assim o fizera. Nos annos, a que presidem estrellas naturaes, basta dizer do sujeito o que ha de ser, porque essas estrellas quando muito só mostraõ fortunas: nos annos, a que assistem estrellas divinas, e taõ divinas ha se de dizer do sujeito o que ha de ser, e ha se de dizer ao sujeito o que deve ser porque essas estrellas juntamente apregoão fortunas, e pregaõ obrigaçaoens: apregoão fortunas pelo que significaõ, e pregaõ obrigaçaoens pelo que saõ: para satisfazer pois a todas as desta solemnidade reparti o trabalho entre mim, e o Sacramento, eu apregoarei as fortunas, o Sacramento pregará as obrigaçaoens: e vem a ser a empreza do sermaõ esta. Ultimas venturas de Portugal sacramentado nos annos de seu Monarcha: obrigaçaoens reaes de hum Monarcha sacramentadas no mystério soberano do altar.

E se invocar o favor divino nas acçaoens grandes, e do cuidado publico he taõ religiosa, e sabiamente util, que naõ só na verdade sagradamente catholica de nosla fé, mas ainda na superstição soberbamente errada da mesma gentilidade se praticou este acertado costume; quando mais conveniente, mais justa, mais necessaria esta invocação, que no dia, em que chega a dizer de hum Monarcha pelo que he, e pelo que há de ser mais glorioso, hum orador, pela insuficiencia de genio o menos opportuno? Quando melhor, que quando sem affeição de lisonjeiro entre severidades de euangelico sou obrigado a segurar nos aplausos reaes de vinte annos numa perpetuidade venturosa das mayores glorias? Assim pois, omnipotente Senhor, até aqui fundador, e libertador: agora conservador, e glorificador de Portugal, assistime com desvelo muito particular de vosla

voila graça, para que seja esta oraçaõ digna de hum Orador Real, digna de Palacio, digna de Principe, já que a obediencia soberana me empenha a este nunca mais, que hoje, alegre, e nunca mais, que hoje, difficultoso lugar.

Nasceo V. Magestade, e naõ nasceo o primeiro. Bem sei, que assim costuma nascer o Sol, pois nos resplandores escaços de huma estrella se ensayaõ sempre futuros os formosos rayos deste Planeta Rey: mas em V. Magestade a ordenou do nascimento teve a meu ver nada de attenção na natureza, e tudo de providencia na graça: nos outros Monarchs o nascer primeiros he caso; em V. Magestade o nascer segundo foy eleição. Quiz o Ceo que nascesse segundo, porque se visse, que elle destinava a V. Magestade para primeiro. Naõ he conjectura de meu afeto, he juizo taõ bem fundado, que em todas as tres leys o funda a mesma fé.

Na ley da natureza dos filhos de Adaõ Abel, e naõ Caim, foy o querido de Deos; dos filhos de Abraão Isaac, e naõ Ismael, foy o herdeiro das promeslas: dos filhos de Isaac Jacob, e naõ Esaú, foy o progenitor de Christo; dos filhos de Joseph Efraim, e naõ Manasles, foy o deposito das bençoens. Na ley escrita dos de Araão Moysés, e naõ Araão, foy o Deos de Faraão, e o redemptor dos Hebreos. Na ley da graça dos filhos de Soria Pedro, e naõ André, foy a cabeça da Igreja. Dos filhos do Zebedeo Joaão, e naõ Diogo, foy o amado do Senhor. Pois se Joaão, se Pedro, se Moisés, se Efraim, se Jacob, se Isaac, se Abel haviaõ de ser os preferidos, e os adiantados, porque não diipoz o Ceo, que nascessem primeiro que Cain Abel, primeiro que Ismael Isaac, primeiro que Manasles Efraim, primeiro que Araão Moysés, primeiro que André Pedro, e primeiro que Diogo Joaão? Porque nisto se conhecem, e nisto se distinguem os predestinados da natureza, e os predestinados da graça, em nascer antes, ou em nascer depois. A quem a natureza quer fazer grande, nasce antes; a quem a graça quer fazer mayor, nasce depois. Ser mayor, e nascer antes, lie excesso, que faz a natureza; nascer depois, e ser mayor he vantagem, que faz a graça: quem visle nascer primeiro que Abel a Cain, primeiro que Isaac a Ismael, primeiro que Jacob a Esaú, primeiro que Efraim a Manasles, primeiro que Moyses

sés a Araão, primeiro que Joaõ a Diogo, cuidaria, que nasciaõ antes, porque haviaõ de ser depois os mayores: e elles nasciaõ antes, porque a graça destinava para mayores, os que haviaõ de nascer depois.

Primeiro que Vossa Magestade nasceo o Senhor Principe D. Theodosio, e segundo nos mostrou o mesmo effeito, naõ nasceo primeiro, para que levasse a Vossa Magestade o trono; nasceo primeiro, para que se visse, que o trono vinha do Ceo a Vossa Magestade; a ordem do nascimento foy destino, e naõ sorte; Vossa Magestade, e naõ o Senhor D. Theodosio era em quem o Ceo tinha determinado prover a Coroa; mas porque a Coroa em V. Magestade nunca parecesse preferencia, que dispuzera de algum modo a natureza, senaõ eleiçao do que fizera cuidadosamente a graça, nasceo elle antes; e V. Magestade depois: grande privilegio, Senhor, recebe o ceptro da maõ da graça, e naõ da maõ da natureza: singular, excellencia Senhor, reinar Monarca naõ a contingencias do nascimento, senaõ a providencias do Ceo, e que singulares venturas he bem que esperes Portugal, pois Principe taõ perfilhado da graça, naõ pôde deixar de ser escolhido para admiracaõ da natureza.

Chamouse Vossa Magestade Affonso, pôde ser acaso da parte dos homens, mas naõ ha duvida, que foy mysterio da parte do Ceo. Assim como nas pedras fundamentaes dos grandes edificios se costumaõ esculpir letras, nas quaes depois de muitos annos se lem memorias do passado, assim tambem nos grandes homens, a quem Deos escolheo para fundamentos de cousas grandes, os mesmos nomes, que se lhes poem são humas inscripçoes, nas quaes desde logo se podem ler profecias do futuro. Escolheo Deos a Abraão para pay illustre de muitas gentes; e que outra cousa foy o nome daquelle Patriarcha, senaõ hum prognostico certo de sua numerosa descendencia? Isto quer dizer Abraão, pay excenso. Escolheo Deos a Josué para salvador do povo Hebreo; e que outra cousa foy o nome daquelle Capitaõ, senaõ huma profecia anticipada de taõ glorioso officio? Isto quer dizer Josué, salvador. Escolheo aos dous filhos de Jacob para cabeça das doze Tribus de Israel; e que cousa foraõ os nomes daquelleas irmãos, senaõ hum epitome profetico de suas acçoes? Pelas significacioens dos nomes lhes

annunciou Jacob a fortuna de seu sucessos: de maneira, que aquelles, a quem Deos escolheo para fundamento de glorioas obras, nos mesmos trazem escritas humas como profecias do que haõ de ser, ou huns como epilogos profeticos do que haõ de obrar.

Isto posto: o nome de Affonso em Vossa Magestade he revelaçāo certa do futuro, ao menos por contingencias do passado foy como profeticamente mysterioso. Quiz Deos fundar a Monarchia de Portugal, e a quem escolheo? Escolheo a D. Affonso o primeiro, de sorte que quando Deos determinava que Portugal fosse Reyno, sobre o nome de Affonso assentāo as primeiras bases. Pois se Deos escolheo para fundamento do Reyno este nome, se Affonso por consequencia daquelle eleição diz levantamento de Monarchia em Portugal, agora que conforme as profecias quer Deos fundar em Portugal o Imperio, e vemos em Vossa Magestade o nome de Affonso, que ha que cuidar, senaõ que escolhe para fundamento do Imperio o mesmo nome, que escolheo para fundamento do Reyno? Se entre os Albanos o nome de Silvio, entre os Romanos o de Julio, entre os Latinos o de Murano, entre os Assyrios o de Tigranes, entre os Molopos o de Pirro, entre os Egipcios o de Tglemeo, eraõ como nome fatidicamente sagrados, porque os primeiros Reys destes nomes: foraõ Reys de nome entre os Portuguezes porque naõ ha de ser nome sagradamente fatidico o de Affonso? Porque naõ ha de ser prognostico de fundação do Imperio em Affonso o Sexto, pois foy escolhido para fundamento do Reyno em Affonso o primeiro? Se para o cumprimento destas felicidades está deputado o numero de seis, como diz o nosso Portuguez, aquelles, que aos seis chegarem, teraõ quanto deejarem. Que era mais perfeitamente de seis, que aquella, aonde até o Principe escolhido he sexto! Se nos seis foy o numero escolhido do Ceo para o Imperio, porque naõ sera tambem o numero de seis escolhido do Ceo para o Imperador? Reforcemos estas conjecturas com huma evidencia. Tres redempçōens notaveis tem havido no mundo, huma, em que os Hebreos sahiraõ do cativeiro de Faraó. Outra, em que o mundo sahio do cativeiro de Satanás. A terceira, em q Portugal sahio do cativeiro de Castella. Na primeira foy redemptor Moy-sés;

sés; na segunda o Verbo incarnado; na terceira o Senhor Rey D. Affonso, digo D. Joaõ o IV. Em todas ellas além da liberdade, que se conseguia, entrevieraõ promeslas de outras grandes, e segundas felicidades; na dos Hebreos as delicias da Palestina; na do mundo as enchentes da graça, na de Portugal a gloria do Imperio com destruiçāo da Turquia. (Agora comigo.) E quem meteo aos Hebreos na Palestina? Josué, que immediateamente entrou no governo depois de Moysés: e quem apostou aos homens da graça? O Espírito Santo, que imediatamente vejo ao mundo depois do Verbo: de maneira, que naquellas duas redempçōens aquelles, que imediatamente succederaõ aos redemptores, estes forão, em quem as promeslas ultimas se cumpriraõ; pois se isto he assim, se nos successores immediatos se cumprem as promeslas, e Vossa Magestade he quem imediatamente succedeo ao redemptor Portuguez, que se segue em boa consequencia, senão que no reinado de V. Magestade ha de ver Portugal suas promeslas cumpridas? Se assim succedeo na redempçāo dos Hebreos, se assim succedeo na redempçāo dos homens, que razão ha para que naõ succeda assim na redempçāo dos Portuguezes? Oh Monacha felicissimo, em cujo nome verá encerrado o mundo todo o panegyrico mayor de suas glorias! Tomem embora outros Príncipes titulos mages- tosamente soberbos, com que se façaõ conhecidos, e venerados: chame-se Sol Cyro, delicias do mundo Vespasiano, ditoso Pa- piano, guerreiro Flavio, formoso Valerio, Hercules comedido, liberal Maximiliano, que vossa Magestade fica copiosamente engrandecido, e felizmente singularizado por Affonso Sexto.

Assim prognosticou Vossa Magestade nossas felicidades em seu nascimento natural ao mundo; mas muito melhor as segurou em seu nascimento político ao Reyno, e este he o primeiro anno de reinado de Vossa Magestade; e que fiaores temos já, digo naõ temos já de nossas esperadas glorias nos venturoços sucessos deste primeiro anno? Hercules despedaçando serpentes no berço (como referem as historias humanas) afiançou as estranhezas heroicas de seus maiores annos, que naõ pôde deixar de crescer entre trofeos quem engatinhou portunhos. Samsão (como diz o texto sagrado) nas garras do filho de hum leão: *Catulus leonis*, que sentio ao Nazareno causa

fatal de sua ruina, quando o imaginava leve embaraço de suas presas, ensayou a gloria singular de seus futuros succesos; assim começoou Hercules a vencer despedaçando serpentes; assim começoou a vencer Samsaõ esquartejando hum filho do leão, e assim começa a vencer Vosla Magestade, pois no mesmo berço de seu Imperio levantando sua bandeira, naõ como por peneira, mas muito ás claras, senaõ ás maõs, aos auspicios, que he mais de V. Magestade: ja como Portuguez Hercules vimos destruida a grifa de Castella, já como de Samsaõ Portuguez vimos vencido o filho do leão; e se aquellas duas acçoens bastaraõ para dar a conhecer, quem havia de ser Hercules, que nascia, e quem havia de ser Samsaõ, que nascera, quem nasce ao Reyno como Samsaõ, e como Hercules, que virá a ser no mundo? Affonso sexto. Senhor produza filhos o leão, aborte exercitos a grifa, que tantas palmas ha de cortar a V. Magestade, quantas batalhas lhe der; pelas campanhas se haõ de numerar os triunfos; nem ha que temer da variedade dos succesos da guerra, nem da inconstancia das felicidades do mundo, porque a dita de V. Magestade naõ he favor contingente da fortuna, he assistencia empenhada do melhor do Ceo. Assim o mostraõ as sagradas imagens de Christo, e Maria, que Villa de Santarem como sinaes taõ manifestos, e prodigiosos assistiraõ ao bom succeso de nossas armas, succedendo na Ermida os milagres no mesmo tempo, que os Portuguezes faziaõ maravilhas na campanha; e fortunas taõ particularmente assistidas do Ceo ~~taõ~~ prognostico certissimo de huma firme, e permanente prosperidade na terra.

Na batalha, que os Israelitas em defensa da Cidade de Gabaon deraõ ao numeroſo campo del Rey Adonisedec, vio Josué a seus contrarios taõ facil, e felizmente desbaratados, que como se deste succeso presente formasse hum juizo profetico dos futuros, assentou comigo, e disle aos seus, que dalli por diante naõ tinhaõ que temer inimigos, porque haviaõ de vencer, e destruir a todos: *Nolite timere: confortamini, & estote robusti, sic enim faciet Dominus cunctis hostibus nostris.* E donde o tirou Josué? Huma vitoria naõ he profecia infalivel de outras; e porque naõ vamos mais longe, o mesmio Josué o experimentara assim poucos dias antes, pois derrubando primeiro ao cl-

mor

mor sómente de vozes, e de trombetas as muralhas da grande Jericó, naõ pôde depois entrar á força de armas os muros da pequena Hai: que fundamento teve logo Josué para esperar taõ confiadamente huma perpetuidade sucessiva de triunfos? O certo he que esta esperança taõ confiada naõ se fundou na ventura da batalha, se naõ na causa da ventura. Diz o texto, que na occasião deste conflito enrolando Deos esse estrellado pólo do Ceo (que assim lhe chamou David) como se fora militar, que cercava no braço, pelejara em favor dos Israelitas, fazendo parar o Sol, e a Lua, até se debellar de todo o exercito dos contrarios: *Steteruntque Sol, & Luna, obediente Domino voci hominis, & pugnante pro Israel.* E desse empenho, que Josué viu de sua parte no Ceo, se prometteo seguras as felicidades na terra, que quando as venturas vem da maõ de Deos, das que vieraõ, se inferem as que haõ de vir, e na disposição dos primeiros beneficios se conhece a sucessão dos segundos. O caso he taõ semelhante ao nosso nas circunstancias, e o nosso excede em algumas tanto, que será herege da boa razaõ, quem negar, que pôde Vossa Magestade dizer aos seus Portuguezes o que Josué aos Israelitas disse.

Os Israelitas pelejaraõ por defender huma das Cidades Reaes da Coroa dos Cananeos: *Gabaon una Civitatum regalium:* os Portuguezes batalharaõ por livrar a Evora huma das Cidades Reaes desta Coroa: os Israelitas pelejaraõ com a gente de Adonisdec Rey de Jerusalem, que conforme interpreta Serario val o mesino, que aquelle Principe, que finge Justiça; *Adonisdec Rex Jerusalem, id est, ille Princeps, qui justitiam simuit.* Os Portuguezes batalharaõ com o campo de Philippe Rey de Castella, e Rey, que finge justiça contra Portugal. Os milagres, com que Deos mostrou a Josué sua assistencia, obraraõse no Sol, e na Lua: *Steterunque Sol, & Luna:* os prodigios com que Deos manifesta sua assistencia a Vossa Magestade, viraõse tambem no Sol, e na Lua; mas em melhor Sol Christo, e em melhor Lua Maria. Aquelles milagres segundo o computo dos Expositores succederaõ em hum mez dos Hebreos, que responde parte ao nosso Mayo, e parte ao nosso Junho. Serario: *Videbitur in principium mensis, qui partim nostro Mayo, partim que nostro Junio respondit bac sydera insydere stantia.* Estes prodigios

digios aconteceraõ parte no nôslo mez de Junho ; ha semelhança mais propria? Pois se Josué daquelles materiaes Planetas milagrosamente parados entendeo o favor particular do Ceo, e se prognosticou huma perpetua corrente de prosperidades ; nestes Planetas divinos Christo , e Maria prodigiosamente movidos em suas imagens, quem duvidará que pôde V. Magestade com mais razaõ couhecer a patrocinio especial de Deos , o prometter huma gloria continuaçao de vitorias? Que o Sol (diria Josué) parasse o curso doze horas? Que huma imagem de Christo (pôde dizer Vossa Magestade) faça varios movimentos tantos dias? O Sol , que por sua mesma natureza he a mesma velocidade? Huma imagem , que pela materia , e representaçao naõ tem alguma vida? Que a Lua por tanto espaço de tempo persevere immovel , e constante? Que huma imagem de Maria com taõ repetidos aslombros incline a cabeça , abra os olhos , mude as cores de pallidas em alegres? A Lua, que nunca sôubr mais que mudar? Huma imagem taõ mortal sempre pela occasiaõ , que tem em seus braços , que he huma Piedade? E isto quando os meus Israelitas pelejaõ ; e isto quando os meus Portuguezes batalhaõ? He grande empenho do Ceo por parte do meu campo , he grandissimo empenho do Ceo por parte de minhas armas; pois animo meus Israelitas valentes: *Nolite timere*: pois animo meus Portuguezes valerosos: *Confortamini, estote robusti*; porque assim como destroçastes as esquadras del Rey Adonifedec ; porque assim como rompastes o exercito del Rey Filipe ; assim haveis de vencer a todos vossos inimigos: assim haveis de sujeirar a todos vossos contrarios , até tomar posse da terra , que Deos vos tem prometido; até serdes senhores do mundo , como vos está profetizando: *Sic enim faciet Dominus cunctis hostibus vestris.*

Confirmemos ultimamente estas nossas felicidades, que prometti mostrar sacramentadas nos annos, e vida de Vossa Magestade , com duas cousas muito dignas de ponderaçao neste milagroso caso. He a primeira , que se obrou a maravilha em toda a imagem de Christo ; he a segunda , que se obrou em huma imagem de Christo fôra da Cruz. Quanto á primeira obrouse a maravilha em toda a imagem de Christo , porque houve mudanca na cabeça , que ficou mais levantada , nos braços , que ficaraõ

caraõ mais cahidos, nos pés, que ficaraõ mais patentes, no sangue, que ficou mais vivo, em fim toda a imagem de Christo foy huma imagem de prodigo; e isto naõ pôde deixar de incluir muito mysterio. Tres vezes se mostrou Christo milagroso em favor de Portugal, huma no principio do reinado del Rey D. Affonso Henrques, outra no principio do reinado do Senhor Rey D. Joaõ o IV. e esta agora no principio do reinado de Vossa Magestade. Na primeira empenhou em noslo patrocínio sua palavra, porque fallou; na segunda empenhou hum braço, porque o despregou da Cruz; na terceira empenhou tudo, porque de pés á cabeça toda a imagem se mudou. Pois se na primeira occasião, se para instituir de novo hum Reyno empenha sua palavra sómente; se no segundo succeso, se para libertar a esse Reyno havia tantos annos cativo empenha sómente hum braço, que quer dizer empenharse agora todo? Oh Monarca unicamente feliz, oh Portugal huma, e muitas vezes venturoso!

Quiz Deos crear os Ceos, e a terra, e custoulhe hum aceno mudo de sua vontade: *In principio creavit Deus Cælum; & terram:* quiz crear a luz, os astros, as aves, os peixes, as plantas, os animaes, e metteo para tudo o cabedal de huma voz: *Fiat lux: fiant luminaria, producant aquæ, germinet terra.* Quiz ultimamente crear ao homem, e que succede? Empenha sua sabedoria: *Faciam hominem:* empenha sua mesma vida: *Inspiravit in faciem ejus.* Finalmente (como diz Tertulliano) des de a maõ ao engenho, e desde o gosto ao cuidado se empenhou amorosamente todo: *Considera totum Deum occupatum.* De sorte que segundo he mayor, ou menor a excellencia do affecto, que se intenta, assim he mayor, ou menor o cabedal, com que Deos se empenha. Houve de produzir creaturas por sua natureza menos illustres, quiz sómente; e moveraõse estes inquietos Orbes do Ceo, e formouse esta pezada maquina da terra, houve de produzir logo creaturas por suas calidades, e por suas decencias mais nobres, fallou, e luziraõ no firmamento astros, e voaraõ no ar aves, e nadaraõ no mar peixes, e brotaõ na terra flores: houve de produzir depois ao homem de todas as creaturas corporeas a mayor, empenhouse todo, e formouse hum Adaõ para Imperador do mundo. Se o mayor empenho

penho em Deos he argumento de mayor soberania no effeito, maiores couſas intenta obrar no reynado de Vossa Mageſtade, do que obrou na instituiçāo, e restauraçāo do Reyno. Se sua palavra faz hum Reyno, se seu braço restaura huma Monarchia, todo empenhado que grandezas naõ promette? Que venturas naõ segura? Se quando se empenha todo no campo Damasceno he para formar hum Adaõ, ſenhor absoluto do Universo, quando se empenha tambem todo em Portugal, com muito fundamento podemos esperar outro Adaõ formado, se naõ para a primazia do ſer, para os privilegios, e ſenhorio.

Obrouſe a maravilha em huma imagem de Christo tirado dos braços da Cruz para os braços de Maria, que era o nosso segundo reparo, Christo fóra da Cruz patrocinando a Portugal? Mysteriosamente novidade; á conta de Christo crucificado esteve sempre o nosso Reyno, e os nossos Reys; crucificado levantou o Reyno em D. Afonso o primeiro, que lhe apareceo no campo de Ourique; crucificado libertou o Reyno no Senhor D. Joaõ o IV. quando em sua coroação despregou o braço nesta Cidade; pois se desde a Cruz patrocinou sempre aos Monarchs paſſados de Portugal, como agora deixa a Cruz para patrocinar ao nosso presente Monarcha? Quererá significar que já se acaba para Portugal a Cruz de tanto trabalho? Quererá significar que o Ceo a quinas, ou bandeiras despregadas está todo por Portugal? Quererá? Quererá significar, que o amparo de Portugal dos braços da Cruz paſſou a andar nos braços de Maria? Tudo isto quererá significar; mas a meu ver o que mais, que tudo nos quiz Christo significar nesta mudança foy, que se atégora aſſistia crucificado a Portugal, e seus Príncipes, agora queria aſſistir sacramentado a Portugal, e a seu Príncipe: faltante este juizo huma grande semelhança, que acho na Escritura sagrada.

Pouco tempo antes da morte de Moysés, mandoulhe Deos, que depositasle no tabernáculo aquella prodigiosa vara, com que até alli abrindo mares, afogando exercitos, e abrandando nenhias, guiara, e favorecera os Hebreos: *Refer virgam in tabernaculum*; e a que fim este retiro da vara? Se Josué ha de ſuſtituir no governo a Moysés, porque o naõ acompanhará, e patrocinará huma vara? Porque a Josué ha de acompanhar, e patro-

patrocinar a arca? Ella ha de abrir o Jordaõ, ella ha de bater, e derrubar os muros de Jericó, ella ha de obrar todas as outras maravilhas, que na entrada da terra promettida experimenterão os filhos de Israel? Era aquella vara simbolo da Cruz, era aquella arca figura do Sacramento, como dizem *communemente huma*, e outra cousa os Santos, e porque Deus queria assistir, e amparar a Josué com o Sacramento, por isto mandou pôr de parte a Cruz. Logo se Christo deixáa nesta occasião a Cruz, com que assistio a noslos Reys passados, final vem a ser de que quer assistir a Vossa Magestade com o Sacramento; e que bellamente o confirma o sucesso! A Cruz deixada ao tempo da campanha em Santarem, e o Sacramento assistente aos annos de Vossa Magestade em Lisboa; oh que felicidades promette esta protecção Senhor! Oh que boas fortunas a Portugal! Moysés com aquella vara figura da Cruz libertou o povo do cativeiro de Faraó; Josué com aquella arca simbolo do Sacramento meteo o povo na terra de promissão; com o patrocínio de Christo crucificado nos livrou o Senhor Rey D. Joaõ do jugo de Castella, que nos opprimia. Com assistencia de Christo sacramentado nos ha de apoiar V. Magestade das promessas, que o Ceo nos fez.

A Cruz, o Sacramento obraõ cada qual conforme seu gênero; a Cruz resgatou o mundo; o Sacramento eternizou o resgate: *Æterna redemptio inventa*: a Cruz abrio as portas do Ceo: o Sacramento mete das portas a dentro da Gloria: *Qui manducat meam carnem, habet vitam æternam*: a Cruz foy desempenho total, e adequado das promessas divinas, o Sacramento sim. Quatro promessas insignes fez Deus ao mundo de incarnar, de morrer, de resucitar, e de sacramentar; e o Sacramento foy o desempenho de todas juntas. A incarnação não foy desempenho da morte, porque Deus incarnado não he Deus morto: a morte não foy desempenho da resurreição, porque Deus morto não he Deus resuscitado: a Resurreição não foy desempenho do Sacramento, porque Deus resuscitado não he Deus sacramentado. Porém o Sacramento foy desempenho de tudo. Porque o Sacramento contém, e inclue Deus incarnado; Deus sacramentado, Deus morto, Deus resuscitado. Deus incarnado por extensaõ; Deus morto por re-

pre-

presentaçāo; Deos resuscitado por existencia; e Deos sacramentado por esencia. Debaixo pois do amparo da Cruz remiose Portugal; debaixo do patrocínio da Sacramento será eterna essa redempçāo, debaixo do amparo da Cruz abriraõse as portas a nossas ventura; debaixo do patrocínio do Sacramento entraremos das portas adentro de nossas felicidades; debaixo do amparo da Cruz desempenhou o Ceo huma só promessa, a de nossa liberdade; debaixo do patrocínio do Sacramento desempenhará todas, como taõ ajustadamente esperamos.

Oh Monarca auguſtissimo, que naõ será bem que espere de V. Magestade se reina com eleiçāo declarada do Ceo, e com auspicios taõ presentes do Sacramento! Até agora cahia Castella nas maõs de Deos morto na Cruz; porque Deos morto estava por Portugal: agora está por Portugal Deos vivo no Sacramento: nas maõs de Deos vivo cahirá Castella; e que horrendo modo de cahir diz Paulo, *Horrendum est incidere in manus Dei viuentis*. O Sacramento foy onde Christo obrou o mayor milagre: será V. Magestade hum grande milagre de Christo; no Sacramento rematou Christo os prodigios de sua vida, em V. Magestade se coroaraõ os protentos de Portugal: e finalmente será V. Magestade nos olhos divinos (oh o queira o Senhor) hum Abel para agrado, hum Isaac para as promessas, hum Jacob para o cuidado, hum Efraim para as bençōens, hum Moysés para os prodigios, hum Pedro para o Principado, hum Joaõ para os favores, e Affonso Sexto para tudo.

Atéqui fallei eu de Vossa Magestade: agora falla com V. Magestade o Sacramento. Eu apregoei as venturas: elle pregará a obrigaçōens. *Caro mea verè est cibus, & sanguis meus verè est potus*. Minha carne em verdade, diz o Senhor, he manjar, & etiõe a lingue em verdade he bebida; nestas palavras ha nomes: *Caro mea, sanguis meus*: ha verbos: *Est, est*: ha adverbios: *Verè, verè*; E como tudo pertence ao mysterio soberano da Eucaristia, cada palavra he hum mysterio; naõ ponderaremos todas, porque naõ ha tempo para tanto, trataremos só as que deve imitar hum Monarca em todo o tempo. E a primeira couta, em que reparo, he naquelle forma do juramento: *Vere, vere*; em verdade, em verdade, quando Christo instituiu o Sacramento, nem na consagraçāo de seu corpo, nem na

con-

consagraçāo de seu sangue usou de temelhante modo de tal-  
lar; consagrhou seu corpo, e disle: *Hoc est corpus meum*; con-  
sagrhou seu sangue, e disle: *Hic est sanguis meus*. Pois se alli-  
naō se ouve hum *vere*; que razaō ha para que aqui taō cuida-  
dosamente as dobre: *Vere*, quando promette de consagrar seu  
corpo: *Vere est cibus: vere*, quando promette sacramentar seu  
sangue. *Vere est potus*. Naō procedera Christo como quem era,  
se assim naō procedera: estas palavras feraō consequencia de  
huma longa disputa, que o Senhor teve com os Hebreos á cerca  
do Sacramento do Altar, na qual depois de propor huma, e  
outra vez este mysterio, em hum dos Hebreos achou murmu-  
raçāo de sua pessoa: *Murmurabant de illo Iudei*; em outros  
achou duvida de sua palavra: *Litigabant ad invicem quomodo  
potest*. E vendose o Senhor taō opinado no conceito atrevido  
daquella turba, para desfazer seus errados juizos aslevera hu-  
ma vez com juramento; o que dizia *vere*, e torna a segurar se-  
gunda vez *Vere* porque ainda que para sua pessqā particular;  
bastava a conseqnencia de sua summa verdade, com tudo co-  
mo pessoa publica naō devia premittir suspeitas contra seu  
decoro na estimaçāo alheya.

Esta he a primeira advertencia politica, que esse Princi-  
pe Deos faz aos Principes homens: a opiniaō he tanta vida da  
Magestade, que chegaraō a dizer grandes engenhos, que im-  
portava mais, que a verdade mesma. O certe he, que além  
da verdade, he muito necessaria opiniaō. A verdade faz ao  
Rey bom Principe nos olhos de Deos, a opiniaō faz ao Princi-  
pe bom Rey no juizo dos homens: quiçá esta he a pensaō ma-  
yor das Magestades humanas, necessitar da verdade ~~propria~~,  
e necessitar da opiniaō alheya; necessitaō da verdade para sua  
consciencia, necessitaō da opiniaō para seu ~~amigo~~ os Reys  
saō homens para si, e saō Reys para os seus; para si para as  
acçoens secretas, poderaō viver como quizerem: para os seus,  
para os exemplos publicos devem proceder como devem: em  
fim faltar á verdade he naō ser homem, faltar á opiniaō he  
naō ser Rey.

Com juramento prometteo Herodes a filha de Herodias,  
que tudo quanto pedisse lhe daria em premio da lasciva de-  
voltura, com que na celebriade de seus annos dançara: pedio  
ella

ella mais livre na petiçāo, que nas mudanças, a cabeça do Bautista, e diz o texto, que El Rey se entristecera: *Et contristatus est Rex*. Eu naõ sei de que se podia entristecer. Herodes, como como consta do mesmo texto, desejava muito tirar a vida ao Bautista, e se naõ temera o povo já o tivera morto: *Volens illum occidere timuit populum*. Pois se lhe pedem, que execute o que deseja, porque se entristece? Porque he Rey, ainda que seja Herodes. Em Herodes havia ser, e havia dignidade: era Herodes, e era Rey: ao Herodes estava bem aquella morte, porque evitava as reprehensões do Bautista: ao Rey estava muito mal aquella tyrannia, porque se tirava a vida a hum inocente; e cuidadoso de sua reputaçāo este Príncipe, se bem se alegra pelo Herodes, entristecia-se pelo Rey: mostrou tristeza na mesma occasião, em que executava o que queria, porque naõ cuidassem delle os presentes, que matava homens por fazer seu gozo, se naõ para comprir seu juramento; fazendo ser acto religioso, o que era em si acção tyranna. E por isto o Evangelista (fechemos o conceito) fendo que em quanto lhe descreveu a vida, lhe chamou Herodes, e naõ Rey: *Tenuit Herodes: placuit Herodes*: quando o descreve triste, chamalhe Rey, e naõ Herodes: *Contristatus est Rex*. Porque ainda que faltar á bondade da vida era ser Herodes, attender ao lustre da opinião era ser Príncipe homem, que tendo os costumes de Herodes, naõ quer ter de Herodes a reputaçāo, naõ se lhe pôde negar que he Rey: *Contristatus est Rex*: tanto importa a opinião nos Reys, que até hum Herodes tem cuidado da opinião.

Onde o lugar he soberano, naõ deve ter lugar a estimação quem se mai que homem no officio, ha de ser, e parecer mais que homem nas acções: naõ cuidem os Príncipes, que por estar muito altos parecem seus vicios mais pequenos, antes a maior altura os faz mais feyos: nas distâncias grandes qualquer apparencia menos lustrosa basta para fazer de formosuras fealdades: nunca ouvistes dizer dos signos desta celeste Zona o leão, o carneiro, o escorpião, pois he por ventura, porque haja lá estas coulas? Naõ ha tal; saõ estrelas com tal disposição, que fazem esta, ou aquella apparencia a nos olhos, e porque a nossos olhos o que em si he estrella representa

senha alguma semelhança de leão, julgando garras, ou de leão rayos, chamamos-lhe leão, e não estrela. Eis aqui como as maiores alturas, que podiaão parecer as illos das faltas, saõ perigo; pois o mesmo luzimento, ou de mal visto elle por desgraça, ou de mal vistos nós pela distancia corre por animal, o que he Astro. Os subditos como tem por exemplar das suas, as accoens do Principe, para copiar em si liberdades do menor defeito, que vem nelle, fazem a demasia mayor; e no cabo o Principe ha de dar conta a Deos do dito, que fez, e das liberdades, que nos outros occasionou seu defeito, e sendo ordinariamente facil o perdaão desse defeito pelo que teve de culpa, ferá sempre difficultoso pelo que teve de escandalo. Terrivel carga, mas necessaria a tanto cargo! A providencia divina como taõ apontada em tudo, não quiz que faltasle a vida dos Principes, o que proveo taõ cuidadosamente para a vida dos vasallos; acudio á vida dos vasallos com a guarda das leys; acudio ás vidas dos Principes com as leys do resguardo: os vasallos devem guardar, o que os Reys ordenaão, os Reys devem guardarse do que dizem, e do que dirão os vasallos.

Por isso eu entre tantos concelhos, quantos ha nas Monarchias, achava menos hum, e esse muito necessario; ha concelho real do estado; ha concelho real da guerra; ha concelho real da fazenda; e porque não ha de haver concelho real das murmuracōens? Ou concelho das murmuracōens reaes? Percecerá paradoxo este concelho. Mas eu sei Rey, que o tinha; quem seria? Foy JESUS Christo; vede se foy grande Rey; pois deste diz S. Mattheos: *Interrogabat discipulos suos ait dicunt homines, esse filium hominis.* Que pergunti-  
sultava a seus ministros sobre o que diziaão a de hum Rey, que era a summa verdade, e a summa innocencia, tomava concelho sobre as murmuracōens do povo; porque o não tomaraão os Reys, que nem saõ verdade, nem innocencia summa? Se ha concelho para bem da fazenda; se ha concelho para bem da guerra; se ha concelho para o bem do estado; porque o não haverá para o bem do Rey? Importa menos o bem Rey, e da sua benevolencia, do que a fazenda? Que a guerra? Que o estado? Antes do bem do Rey depende a conserva-

servaçõ do estado, a felicidade da guerra, o augmento da fazenda. Era assim cuidava eu comigo quando vim a entender, que naõ faltava nas Cortes este concelho; os Concelheiros saõ os que faltaõ; quantos conselhos ha, todos saõ conselhos para o que se diz, e para o que se dirá; no concelho do estado hase de dizer ao Rey, o que se diz, e o que se dirá na disposiçao do governo; no concelho de guerra hase de dizer ao Rey, o que se diz, e o que se dirá na disposiçao das campanhas; e no concelho da fazenda, ~~que~~ se dizer ao Rey, o que se diz, e o que se dirá, na disposiçao das rendas; e assim em todos os outros concelhos: que esta he a obrigaçao dos ministros, e mais dos mais familiares. No tribunal de sua justiça determinava Deos castigar aos Hebreos pelo peccado da idolatria, e que lhe diria o seu valido Moysés? *Ne dicant Ægyptii.* E bem Senhor, e que dirão de vós os Egypcios? Se a Deos diz o seu privado o que dirão os Egypcios: aos Reys, porque naõ haõ de dizer seus familiares o que dirão os povos? Já que saõ os amados, naõ seraõ os amantes? Naõ attentarão pela opiniao do Rey, já que o Rey fia de seus arbitrios sua opiniao? E attentem como devem; pois he parte tao real, que o mesmo Christo sendo por sua essencia a mesma verdade, e santidade mesma, procurou com juramento repetidos desfazer as erradas imaginaçõens de huma turba contra seu credito: *Verè, verè.*

*Caro mea verè est cibus.* He cousa notavel, que sendo Christo, o que principalmente sacramentou na hostia seu sagrado corpo: *Caro mea*, naõ o sacramentasse com *Ubi circumscrip<sup>tivo</sup>*, que he proprio dos corpos, senaõ com *Ubi diffinitivo*, que he proprio dos espíritos: que razão haverá para dar a humana naõ novo modo? A razão a meu ver he esta. Humana das, que Christo teve para instituir o Sacramento, como elle mesmo disse, foy a real, e pessoal assistencia, que até o fin do mundo quiz fazer na Monarchia de sua Igreja. *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem saeculi.* O modo circumscrip<sup>tivo</sup> noem a cousa repartidamente no lugar, parte em parte, e todo em todo; de sorte que onde estao as maos, n'io está a cabeça, onde está a cabeça, naõ está o peito, e cada parte do corpo está em sua parte do lugar. O modo diffinitivo poem a cousa indivisivelmente no lugar, toda em todo,

do, e toda em qualquer parte: de maneira, que em ~~qualquer~~ parte do lugar está o peito, está a cabeça, estão as maões, e finalmente está o corpo todo. Se Christo no Sacramento tovara modo circumscriptivo; sendo repartida a hostia, logo seu corpo ficava partido, e naõ podia ser todo para todos, a hum ~~que~~ caberiaõ as maões, e lá hiaõ todas as mercés: para outro caberia o lado, e lá hia todo o amor para outro: a este caberia a cabeça, e lá hiaõ todas as licenças para este; áquelle caberiaõ os pés, e lá hiaõ todos os esquecimentos para aquelle. Toman- do porém modo diffinitivo ainda que a hostia se parta, sem- pre alli fica todo para todos, e todo para para cada hum: pois deste modo quiz Deos assistir ao governo de sua Igreja, por que deste modo deve assistir a seus estados quem governa, todo para todos, e todo para cada hum.

— Se o Sol se inclinara sómente a gigante, naõ fora Sol; tanto direito tem para sua vida a mais humilde planta, que ao pé da montanha serve de pasto perpetuo á voracidade das feras; como os mais empinados cedros, com cuja pompa se coroa soberbamente o cume. O nobre senhor, e poderoso, naõ tem obrigaçao de fazer bem a todos: porque naõ tem o poder todo, tem algum poder: porém o Rey, o Principe he Sol com todo o resplendor: a todos deve dar sua luz, e sua influencia a todos. O dia, que o Sol assistio parado com suas luzes a Josué, foy tal a confusaõ, e descompostura, que houve no universo, que assim como durou doze horas o favor, se dura- va muitos dias, perecerá o mundo. Se doze horas, que o Sol se mostrou Sol para Josué sómente, bastaraõ para descompor o mundo, que desordem, que desconcerto naõ haverá. Reyno, aonde houver Josué, que todas as horas ~~de huma~~ e o Sol? Que premio esperará o merecimento? ~~de huma~~ a no- breza? Que cuidado o povo? Triunfará Josué, e choraráõ to- dos, e que mayor desconcerto? Que mayor desordem?

Ha de ser o Principe para todos, e ha de assistir a todos: Christo sacramentado naõ ha parte alguma na hostia, em que naõ esteja; o Principe naõ ha de haver parte nenhuma. ~~de huma~~ Reyno, aonde naõ assista; e como pôde ser, que hum Principe ~~esta~~ em partes tão distantes, como saõ as que compõem o todo de huma Monarchia? Como? Haja modo diffinitivo, e

## Sermaõ

de se faz facilmente; assim como ha modo diffinitivo natural, qual he o que tem Christo; assim tambem ha modo diffinitivo politico, qual devem ter os Principes. Christo está em qualquer parte da hostia, porque se poem diffinitivamente em todo: ponhase o Principe diffinitivamente no todo de seus estados, logo assistirá nas mais remotas partes do Reyno; assista diffinitivamente nas resoluçōens, que se tomaõ no concelho de guerra, e logo assistirá nas fronteiras de tras dos Montes, do Minho, da Beira, &c. Assista nas resoluçōens, que se tomaõ no concelho de estado, e logo estará nos estados de Portugal, da India, e do Brasil: e naõ se executem as consultas, sem que as veja, e as defina o Rey, e logo assistirá todo a todo o Reyno, e todo a qualquer parte.

Esta assistencia, e este cuidado importa muito ao Rey, e importa muito ao Reyno; importa muito ao Rey, porque na desattenção dos Principes se lavra a materia de sua ruina: nunca houve descuidos na cabeça, que naõ houvesse contingencias na Coroa; o Rey que fecha os olhos ao desvelo, dá de olho ao infortunio. Tirou Deos huma costa do lado de Adaõ, para a fabrica de Eva, mas quando lha tirou? *Immisit Dominus Deus soporem in Adam*: diz o texto sagrado, que lha tirou estando Adaõ dormindo, e naõ acordado; porque deinde o principio do mundo quiz Deos advertir ao Principe de seus danos, e seus descuidos. Adaõ era senhor, Eva havia de ser principio da ruina de Adaõ: pois tirese a costa de Adaõ dormindo; porque entendaõ os Monarchas, que de seu sono nascem as occasioens de sua ruina. Em se descuidando o Rey, em mundo o Principe até seu lado dá costas para sua desgraça. Importa muito ao Reyno, porque o Reyno a cujo desvelo do Monarca, naõ he Reyno, he confusaõ; a hum instrumento composto de muitas cordas compara Santo Agostinho huma Monarchia formada de differentes estados. No instrumento musico preside hum entendimento, governaõ muitos dedos, e obedecem todas as cordas: com tal dependencia, ou deu das cordas nos dedos, e dos dedos ao entendimento, que se faltar o entendimento, por mais que se cansão os dedos, naõ pôde haver consonancia, senão confusão nas cordas. No instrumento politico de huma republica o entendimento

*nos annos del Rey D. Affonso o VI.*

pendimento, que preside, he o Principe: os dedos, que  
naõ, saõ os ministros, as cordas, que obedecem sao os val-  
sallos: para que nesta senaõ veja menos o acorde, naõ basta o  
movimento dos dedos, he necessaria a presidencia do entendi-  
mento; naõ basta, que governem os ministros, he necessario  
que presida o Principe: que de luzidos ministros nos deixaõ  
o Sol ao mundo quando se ausenta; e com tudo nos podem tan-  
tas luzes de ministros impedir as trevas do mundo, por mais  
estreillas que sejaõ os ministros, por ~~que~~ resplandeça em  
suas accõens a autoridade de hum Jupiter, a prudencia de hum  
Saturno, a valentia de hum Marte, a sagacidade de hum Mer-  
curio; senaõ assiste o Sol do Principe, tudo serã confusaõ, tu-  
do serã escuridade no Reyno.

Mais se interessa na menor assistencia do Principe, do que  
no mayor cuidado dos ministros: a toda a ley dos ministros  
reina o imperio das sombras; a qualquer sombra do Principe se-  
guem influencias da luz. Entre todos os Apostolos só de S. Pe-  
dro se lê, que remediasse os males alheyos com a sombra pro-  
pria; nos outros ou a virtude de suas plantas, ou a efficacia do  
tacto tirava as enfermidades; em Pedro só o toque de sua som-  
bra punha em pé os enfermos. Era Pedro cabeça, era Principe  
da Igreja, e no Principe basta a sombra para pôr em pé ao  
Reyno; os outros Apostolos só faravaõ a quem tocavaõ: a som-  
bra do Pedro tocava a hum, e levantavaõse todos: naõ menos  
diferença vai de hum Reyno metido nas maõs do ministros, a  
hum Reyno posto á sombra de seu Rey: os ministros só farão  
a quem tocaõ, ou a quem lhes toca, ou a quem os toca; o Rey  
toca a hum, e todos farão: he a sombra do Rey ao benig-  
o que a sombra do rayo ao cruel: dão rayo no meio de huma  
praça, assombra a hum, e cahem muitos, a sombra traz a  
violencia, a este o temor: presentaõse ao Rey muitos necessita-  
dos de seu Reyno, que saõ pertendentes, aquelles enfermios  
de sua ambição, estes de suas queixas: toca a sombra, chega  
o favor do Principe a hum, levantaõse todos, ao tocado levan-  
ta o beneficio, aos outros a esperança; tendo o Reyno tão  
limitado remedio de seus males nas maõs dos ministros, e tão  
universal na sombra do Rey, seria bem que lhe fasse este  
sombra, e o metessem naquellas maõs. Nem he isto o que

## Sermaõ

De o adverte no Sacramento, onde por assitir todo a todos, de todo a tudo tomou o modo de definitivo, que he proprio dos espiritos, sendo que sacramentava principalmente seu corpo: *Caro mea vere est cibus.*

*Caro mea sanguis meus:* A minha carne he manjar, e meu sangue bebida; porque naõ sacramentou o Senhor expressamente sua alma, e sua divindade, senaõ seu corpo, e seu sangue? Reparaõ neste lugar todos. Responde singularmente Santo Thomás, que era Christo assim, porque quiz despendar em bens dos homens, o que recebera dos homens para seu bem: á al na recebeo Christo de Deos, a divindade do Pay; e dos homens, que recebebeo na Incarnaçao? Recebeo o corpo, e receivebeo o sangue; e isto para que? Para remedio, e salvação dos homens, pois sacramento o Senhor expressamente o corpo na hostia, e o sangue no calix: para que entendao expressamente os homens, que se lhe deraõ para seu remedio esse corpo, e esse sangue; esse corpo, e esse sangue se empregava em seu remedio: *Quod de nostro assumpfit, totum nobis contulit ad salutem.*

Divina politica na verdade; e que todos os Monarchas devem trazer muito diante dos olhos: obrigaçao he dos vassallos dar aos Principes, naõ só para socorro das necessidades publicas, senaõ tambem para ostentaçao da grandeza propria. Dous dias de real autoridade teve Christo neste mundo: hum no cume do Thabor, e outro na entrada de Jerusalem. Naquelle os elementos, e Ceos gastaraõ o melhor, que tinhaõ para suas galas: o Sol, as luzes, e a neve a brancura: neste os Apostolos, o povo arrojaraõ a seus pés as mesmas capas, para que pizadas servirem a seu triunfo; que até a capa ha de dar o vassallo; aiõ tanto leja mais, que para ser pizzada do Rey: porén nadie juito, que dando eu a minha capa, para que El-Rey a pize, em lugar de a ver a seus pés a veja em outros hombros. O que se pede para o Rey, o que se pede para as fronteiras, gastese com o Rey, gastese com as fronteiras; o que se pede para os soldados, gastese com os soldados, e veja o Rey, que se o dá, naquelle para que o dá, se gasta.

Apofeta Habacuc pedio hum Anjo para Danie!, que estava no lago dos leoens, a comida, que levava aos trabalhadores,

*nos annos del Rey D. Affonso o VI.*

ores, que trazia na soga do campo; e diz o texto [redacted], que tomando ao Profeta pellos cabellos o levara a Babilonia, e o pusera sobre o lago, onde Daniel estava: *Portavit eum capillo capitinis sui, posuitque in Babylone supra lacum.* Suposto que o Anjo havia de fazer o caminho, não ficava mais facil tomar elle o comer, e levallo a Daniel? Que necessidade havia de levar ao Profeta desde Judea a Babilonia suspenso pelos ares? Não havia necessidade, mas havia razão. Aquella comida pedirate ao Profeta para sustentar Daniel, no lago estava Daniel, e estavaão leoens; teria bem, que Habacuc não soubesse quem lhe comia o seu? Se Daniel? Se leoens? Pois não fique Habacuc em Judea; vá a Babilonia, chegue ao lago, para que veja com seus olhos, que se gasta com Daniel, o que se pedio para Daniel. Notai: *Portavit eum capillo capitinis sui.* Não foy o Profeta levado do Anjo pelo braço, ou pela maõ: senão pelos cabellos, *Capillo capitinis;* e porque mais pelos cabellos, que pela maõ, ou pelo braço? Porque hia a dar do seu: e como hia a dar do seu, pelos cabellos havia de ir; taõ difficultosamente se tira o seu aos homens: e quando a repugnancia he tanta, he razão, e he justiça, que se mo tiraão para Daniel, entenda eu que senão gasta com leoens: esta he a razão do estado do Ceo; esta deve ser a razão de estado da terra, e deste modo ainda que cresçaõ as imposições, ainda que cresçaõ os donativos, (posto que sempre com dificuldade) tudo offerece o vassallo com menor sentimento; e o Reyno, e a Magestade não levará taõ injustamente as queixas.

Tenho acabado o sermaõ, e com elle a minha brigação. Mas vós, Senhor, daime licença para dizer, que ainda não abastes de todo a vossa: á minha conta entive muitas a Portugal felicidades, que o esperaõ; porém á volta da África, ainda dar execuçaõ ás felicidades, que esperaõ a Portugal. Oh! Longremos já estas esperanças Senhor: não dilatem, nem malogrem nossas culpas o que nos promettim vossas misericordias: já que o nosso Monarca foy de vós taõ declaradamente escolhido para Monarca nosso, como instrumento, que ha de ser felicissimo de vossos favores, e de nossas fortunas, tende em continua, e admiravel protecção sua vida, e alargai seus annos, segurai sua saude, augmentai suas forças, excitai a vontade,

## Sermaõ

dirigi suas accoens, e lograi seus intentos, para que  
em cada dia mais dos vassallos, temido dos inimigos, re-  
verenciado dos neutraes, admirado do mundo em serviço vos-  
so, em gloria de vosso nome, e amparo de vossa Igreja, em  
auge de seus Reynos; por terra, e mar, na Africa, na Eu-  
ropa, na Asia, e na America, sempre feliz, sempre glorioso;  
sendo em cada hum Affonso primeiro nos triunfos, inveja  
de hum Affonso segundo na providencia, assombro de hum Af-  
fonso terceiro na industria, admiraçao de hum Affonso quarto  
na piedade, eclipse de hum Affonso quinto na liberalidade,  
e competencia de hum Affonso sexto em tudo, viva, vença,  
triunfe.



SER.

# SERMAO PREGADO A JUSTICA na santa Sé da Bahia.

*Apparuerunt dispertitæ linguæ tamquam ignis, sed itque supra singulos eorum.* Actorum 2.

*Hoc est autem judicium; quia lux venit in mundum, & dilexerunt homines magis tenebras, quam lucem.* Joan. 3.



O Amor divino consagra hoje a justiça humana, esta presente solemnidade. Necessario he, que o advirtamos, pois considerada attentamente esta acção, parece que implica, que tenha por principio a Justiça, quando tem por termo ao amor, quando tem por principio a Justiça. Amor presidente da Justiça? A Justiça assistida do amor? Cuidava eu, que nenhuma causa conformava menos com a Justiça. ~~que~~ amor, e o nosso segundo thema assim o diz expressamente. Porque se bem notarmos, toda a razão, ou ~~ta~~ razão, porque se bem notarmos, toda a razão, ou ~~ta~~ razão, porque no juizo, que os homens fizeraõ acerca das trevas, e da luz, a luz sahio condeninada, e as trevas applaudidas. foy porque nesse juizo deraõ os homens ouvidos ao amor; *Dilexerunt homines*; e quando o amor procede taõ erradamente nas reloções, que condena bellezas de luz, e applaude fealdades de trevas, não parece acertado, que á ~~Justiça~~ presida o amor.

Ora com isto se representar assim, com ter o amor tanta contrariedade com a Justiça, digo com tudo, que no ~~Tribu~~ ~~paes~~

## Sermaõ

dirigi suas accoens, e lograi seus intentos, para que amado cada dia mais dos vassallos, temido dos inimigos, reverenciado dos neutraes, admirado do mundo em serviço vosso, em gloria de vosso nome, e amparo de vossa Igreja, em augmento de seus Reynos; por terra, e mar, na Africa, na Europa, na Asia, e na America, sempre feliz, sempre glorioso; sendo embaixo de hum Affonso primeiro nos triunfos, inveja de hum Affonso segundo na providencia, assombro de hum Affonso terceiro na industria, admiracão de hum Affonso quarto na piedade, eclipse de hum Affonso quinto na liberalidade, e competencia de hum Affonso sexto em tudo, viva, vença, triunfe.



SER.

# SERMAO PREGADO A' JUSTICA na santa Sé da Bahia.

*Apparuerunt dispertitæ linguæ tamquam ignis, seditque supra singulos eorum.* Actorum 2.

*Hoc est autem judicium; quia lux venit in mundum, & dilexerunt homines magis tenebras, quam lucem.* Joan. 3.



O Amor divino consagra hoje a justiça humana, esta presente solemnidade. Necessario he, que o advirtamos, pois considerada attentamente esta acção, parece que implica, que tenha por principio a Justiça, quando tem por termo ao amor, quando tem por principio a justiça. Amor presidente da Justiça? A Justiça assistida do amor? Cuidava eu, que nenhuma coufa conformava menos com a Justiça, que amor, e o nosso segundo thema assim o diz expressamente. Porque se bem notarmos, toda a razaõ, ou toda a razão, porque no juizo, que os homens fizeraõ acerca das trevas; e da luz, a luz sahio condeninada, e as trevas applaudidas, foy porque nesse juizo deraõ os homens ouvidos ao amor; *Dilexerunt homines;* e quando o amor procede tão erradamente nas reloções, que condemna bellezas de luz, e applaude fealdades de trevas, não parece acertado, que a justiça presida o amor.

Ora com isto se representar assim, com ter o amor tanta contrariedade com a Justiça, digo com tudo, que nos Tribunaes

## Sermaõ

mas da Justiça bem se pôde admittir o amor. Por esta parte es-  
ta é o primeiro thema. Diz o Evangelista S. Lucas, que o amor  
di lo quando vejo sobre o Collegio Apostolico, que se as-  
: *Sedit*. O amor assentado? Logo assiste como em tri-  
unfo amor. A consequencia naõ tem menor fiador, que S.  
Gregorio, por ser, como elle diz, a postura de assentado pro-  
pria de quem iugia: *Sedere judicantis est*. Pois se o amor divi-  
no ostenta autoridades de Juiz, naõ he incompativel a Justiça  
com o amor? Antes ~~na~~ a Justiça distributiva, nem a punitiva  
se deve executar só pelos dictames da sabedoria sem interven-  
ção do amor. Pelo menos assim o pratica o supremo Juiz Deos.  
Quando o Eterno Pay consultou o beneficio da creaçao, tanto  
admittio na consulta o voto de seu amor, como o voto de sua  
sabedoria, que ao Filho, e ao Espirito Santo querem todos,  
que consultasse naquellas palavras: *Faciamus hominem ad ima-  
ginem, & similitudinem nostram*. Quando o mesmo Senhor  
descceo a devaçar de Sodoma para seu castigo, trouxe tambem  
por adjuntos sabedoria, e amor, que a todos tres com disfarce  
de humanos adorou Abraão: *Apparuerunt ei tres viri stantes  
prope eum*. De maneira, que nem aos beneficios, nem aos casti-  
gos procede Deos sem ouvir a seu amor. E porque razaõ ha  
de entervir o amor na repartição dos favores, e na execuçao  
dos castigos? Porque castigar sem amor he passar além de  
justo: dar sem amor he ficar á quem de liberal: no primeiro  
vai muito escrupulosa a justiça; no segundo vay pouco airosa  
a liberalidade, e nem á justiça estaõ bem escrupulos, nem á  
liberalidade desares.

Mais: toda a razaõ, porque ordinariamente desterraõ to-  
dos os tribunaes ao amor, he porque como seja hum affecto  
cego, nem pôde ter a quem he justo, que se dê o premio,  
nem a quem he lícito, que se dê o castigo; e por isso castigará  
talvez benemeritos, e premiará delinquentes. Esta he a causa  
total, porque o amor se lança fóra dos juizos. Logo se houver  
hum amor, que veja merecimentos para para premiar, e deli-  
ctos para ouvir, bem pôderá este amor entrar nos tribunacs.  
Pois siga o amor as luzes do entendimento, regulese pelos ar-  
bitrios da razaõ, que logo acertará a repartir premios, e a jul-  
gar culpas. Ao Espirito Santo deo o Eterno Pay o despacho  
das

## prégado à Justiça.

das mercés: *Dator munerum*. Ao mesmo encarregou <sup>juizo Ecclesia</sup> da infidelidade que o mundo commetteo contra o Verbo incar-  
nado: *Arguet mundum de peccato, quia non crediderunt in me*. *Joan. 16.*  
Pois ao amor se entrega a repartição dos premios? Ao amor se  
encommenda o exame de culpas? Se he amor, como se pôde  
sivel que ache em ninguem delictos para punir? E como he  
possivel, que naõ ache em todos meritos para premiar, se he  
amor? Como? Porque he amor, que se ajusta muito com a  
razaõ. O acto da vontade, pelo qual o Espírito Santo procede  
formalmente amor, regulase de tal maneira pelo acto do en-  
tendimento, que sómente quer o que o entendimento co-  
nhece: e amor taõ conforme com a razão: amor, que só sabe  
querer o que a razão chega a alcançar, bem pôde ser admit-  
tido ao desfacho das mercés, e ao juizo das culpas; porque co-  
mo taõ discreto nem desconhecerá meritos para o premio,  
nem dissimulará culpas para o castigo. Seja pois o amor huma-  
no chamma entendida, e com ter dependencia da vontade para  
a realidade do ser, dependa todo do entendimento para os acer-  
tos do obrar, e vote embora este tal amor nos tribunaes da  
Justiça, que como taõ dirigido pela razão naõ pôde errar co-  
mo cego, senão acertar como lince. Isto posto, bem se deixa  
ver, que naõ se contrariaõ de tal sorte amor, e Justiça, que  
naõ pôla haver Justiça onde ha amor. E se os empenhos do  
amor podem estar com as intreiras da Justiça, naõ ha que con-  
demnar em que a Justiça humana dedique hoje suas celebri-  
des ao amor divino. Atéqui a repugnancia da eleição: vamos  
agora á eleição dos themas.

Verdadeiramente, que me vi embaracado no concerto de  
taõ encontrados textos, como saõ o da festa, e o do dia. A  
obrigação he tratar da Justiça; o texto da festa escreve huma  
Justiça acertada; o texto do dia propoem huma errada justiça.  
Erros, e acertos como se haõ de unir? Ora para que a festa,  
e o dia ambos influaõ na obrigação, determino seguir hum  
e outro texto: o texto da festa, o do amor divino, mostrara á  
Justiça o que deve fazer: o texto do dia, o do amor humano,  
mostrará o que naõ deve fazer a Justiça: vamos com elles,  
sem nos apartar hum ponto.

## Sermaõ

*Apparuerunt dispergitæ linguae, tamquam ignis, seditque supra singulos eorum.*

**A**parecerão repartidas linguas como de fogo, e assentou-se sobre cada hum dos Apostolos. A primeira causa em que reparo, ne naquelle *Apparuerunt*. *Apparuerunt?* Appareceo o Espírito Santo? A que fim tanta preila em vir, que pôde correr o chegar ~~por huma~~ apparição repentina? Naõ estavaõ melhor a taõ soberana pessoa pautados passos em descer, do que pouco magestosas preslas em baxar? Para que afecta velocidades, quando devia anhelar pausas? Para que? Eu o direi. Suspirava aquella feliz junta havia ja dez dias pelo despacho deste favor, e he taõ custoso esperar por hum despacho, que por lhe dar expedição se apreslou o Espírito Santo contra conveniencias de Sua Magestade na descida. E este he o primeiro aviso, que dá aos tribunaes da terra, que naõ se dilatem nelles com importunas tardanças os despachos, senão que se abbreviem com diligente cuidado; porque na verdade naõ sabe o que custa hum despacho retardado quem retarda hum despacho.

Entra Christo no Horto, e pertendente solicito de sua vida, mete petição a seu Eterno Pay, para que se lhe escuse a morte: *Pater, transfer calicem istum a me.* Tres horas continuou na pertençaõ, e na ultima abertos os poros do corpo regou com seu sangue a terra: *Factus est Iudor ejus, sicut guttae sanguinis decurrentis in terram.* Valhame Deos! Que he o que ~~atormenta~~ tanto a Christo? Que he o que tanto o martyrizá? Aqui naõ ha lança para o peito, aqui naõ ha cravos para as maõs, aqui naõ ha açoutes para o corpo; pois donde afflicao taõ vehemente? Donde sentimento taõ agudo, que sem lança derrama sangue o peito, sem cravos corre das maõs o sangue, sem açoutes brota em sangue todo o corpo? Donde? Naõ ha tres horas, que pede instantemente a vida, sem que lhe defiraõ ao despacho? Pois afflige tanto hum despacho dilatado, que com ser a diliação só de tres horas, custa a Christo o sangue das veyas. E se pertender tres horas, molesta com tanto esforço, que será pertender annos inteiros? Se horas de queri-

## prégado á Justiça.

querimento chegaõ a tirar sangue, annos de requerimento que farão? Apressemse os Ministros em despachar, para que não penem os pertendentes em requerer. E verdadeiramente, que não vi causa menos para prolongada, que huma pertençaõ. Ou o pertendente ha de conseguir, porque merece o que procura, ou não ha de conseguir o que procura, porque não merece; se ha de conseguir, para que he dilatar? Se não ha de conseguir, para que he suspendello? Ou despachar logo com o desengano, ou com a mercé; porque negar logo o que se pertende, pôde ser benevolencia de quem ama; e conceder tarde o que se deseja, parece graça de quem zomba.

Aquelles douz discípulos mui queridos do Senhor, Joao, e Diogo atreveraõse huma hora a pedir-lhe os douz melhores lugares de seu Reyno: *Dic, ut sedeant hi duo filii mei, unus ad dextram tuam, & unus ad sinistram in regno tuo.* E que respondeo o Senhor a esta petição? Hum manifesto desengano: *Nescitis quid petatis.* Naõ sabeis o que pedis, desisti do que pertendeis. E bem Senhor, a hum Diogo taõ favorecido, a hum Joao taõ amado com essa sequidaõ negais o que procuraõ? Isto he amar? Isto he favorecer? Sim, que se não haõ de conseguir o que desejaõ, porque estão outros merecimentos diante: *Quibus paratum est à Patre meo,* naõ he pouco favor desenganallos, e fora muito martyrio suspendellos. Que de ancias naõ custara a estes douz irmãos, se tratara Christo de os deixar suspensos entre duvidosas esperanças? Quaes andaraõ atormentados em perpetuos desveios, sem haver de alcançar alivio de seus cuidados? Pois bem mostrou o Senhor, que os amava, quando com tanta pressa os desenganou resoluto, para que naõ padecessem os trabalhos de procurar, quando tinhaõ impossivel a felicidade de conseguir. Alentarme enganadamente com esperanças a que profiga, quando naõ hei de alcançar o que espero, naõ he favor de amigo, he odio de contrario, pois me faz padecer ancias, naõ havendo de gosar intentos. Melhor he desenganar logo, porque se bem naõ conseguir o pertendido, he desgraça; deixar de pertender baldadamente, he ventura. Pois que conceder o pedido, se he tarde, mais pareça zombaria, que mercé, eu o provo.

Desejava Sara hum filho para a successão de sua casa, e

## Sermaõ

ad cabo de noventa annos de idade, e os mais delles de des-  
jos, me prometteo hum Anjo, que Deos lhe daria o fruto de  
bençaõ. E vendose já Sara com hum filho nos braços, deolhe  
o nome de rifo, dizendo, que lhe fizera Deos huma zombaria:  
*Genes. 17. 19. Rifi fecit mibi Deus.* Pois Sara, agora que deveis agrade-  
cer a mercé, offendais com a desestima? Tendes hum filho,  
que tanto ~~des~~veis, e avaliaais o favor por coufa de rifo: *Rifi  
fecit mibi Deus?* Sim, que foy favor concedido muito  
ao tarde. Naõ havia ~~ta~~ annos, que Sara pertendia succes-  
sor para sua casa? Naõ alcança agora depois de tanta dila-  
çaõ o que procurava? Pois por isto estima como rifo a mercé,  
porque huma mercé summamente prolongada, mais parece  
graça de quem zombi, do que despacho de quem favorece. Se  
a natureza já naõ permitte alentos a Sara para sustentar a seus  
peitos o filho, que vem a ser essa dadiva, senão zombar ao  
parecer de Sara? Se o Ministro com seus vagares deixou cres-  
cer tanto nos annos o pertendente, que ás vezes lhe naõ fica  
tempo para gosar do favor, que vem a ser este despacho, se-  
naõ galantear do pertendente? E daqui nasce, que as mercés  
muitas vezes naõ obrigaõ, porque as mercés para obrigarem  
haõ de estimar como ~~taes~~, e quando se concedem ao tarde,  
naõ se reputaõ por mercés; como he possivel, que as mercés  
obriguem? Aprendaõ pois os perfeitos Ministros da terra do  
grande Príncipe do Ceo, o Amor divino, a abbreviar cuidadosa-  
mente os despachos. Se no pertendente ha meritos, seja o mes-  
mo requerer, que alcançar: se naõ ha meritos no pertendente,  
sigase o desenganar ao pedir; porque desta maneira a todos se  
faz favor; ao premiado, porque alcança sem ancias o que me-  
rece; ao enganado, porque escusa cuidados em diligenciar  
o que naõ ha de conseguir.

Nem pareça, que só convem pressas á Justiça no despacho  
das mercés; tambem lhe convem a expedição das causas. E a  
razaõ he, porque alem dos gastos, e danos, que ordinariamente  
resultaõ da tardança das causas, padecem as partes huma sus-  
pençaõ, em quanto duvidaõ, se sahirá julgada por si, ou con-  
tra si: e he taõ terrivel o tormento de huma duvida, que posta  
de huma parte a certeza de huma sentença contra a mesma  
vida, e da outra huma suspençaõ dessa sentença, mais molesta  
esta

## prégado á Justiça.

esta suspensaõ; que aquella certeza.

Entre indecentes festas se acha El Rey Balthasar assyudo dos grandes de sua Corte, quando huma maõ com poucas traçadas, que formou na parede fronteira, lhe causou taõ si-  
res assombros, que palido o rosto, atonitos os olhos, i-  
nquieto o coraçao, tremulos os membros, e pasmado o discurso, man-  
dou a gritos, que viessem os sabios para explicar aquelles igno-  
rados caracteres: *Tunc facies Regis commutata est*, & co-  
*gitationes ejus conturbant eum*, ~~de campages~~ <sup>Dan. 5.</sup> *renum ejus sol-  
vebantur.* Entrou o Profeta Daniel, e interpretando os tre-  
mendos rasgos daquella fatal penna, lhe disse ao perturbado  
Rey, que aquellas letras continhaõ final sentença contra sua  
vida, e contra seu Imperio: *Divisum est Regnum tuum.* E que  
faria Balthasar neste passo? Sem duvida, que cresceriaõ os  
pasmos, e reduzido a desmayos o esforço, se renderia de todo  
ao sentimento. Antes foy tanto ao contrario o successo, que  
postos de parte os assombros, como se a explicacão cedera  
muito em seu favor, mandou vestir de purpura, e ornar com  
joyas ao Profeta: *Tunc jubente Rege indutus est Daniel purpura.*  
Pois Blthasar, que diversidade he esta? Pouco ha taõ inquieto,  
agora desassombrado? Duvida Balthasar, se será a escritura  
contra si, e afflige se: entende Balthasar, que he contra si a  
escritura, e soslegase? Antes tudo assombros, agora nenhum  
pasmos? Assim havia de ser, porque essa diferença vay de vi-  
ver suspenso a depôr duvidas. Em quanto Balthasar via mover  
aquella formidavel maõ, cada letra, que se formava na pa-  
rede, era huma suspensaõ, em que lhe punhaõ a alma: agora  
que Daniel explicou os caracteres, já sabe que firmou aquella  
penna sentença contra sua vida; e atormenta tanto maõ a in-  
certeza de huma suspensaõ, do que ainda a infallibilidade da  
morte, e a perda de hum Reyno; que quando Balthasar duvi-  
da do Reyno, e da vida, entaõ treme; e quando está certo de  
perder vida, e Reyno, não pasma. Taõ rigorosa pena he va-  
cillar, que mais o molestou huma suspensaõ duvida, do que o  
mayor damno certo. E a razão o pede assim. Porque quem está  
certo, padece hum só mal, que he o de que tem certeza;  
quem vacilla, padece quantos males a imaginaçao livramente  
lhe representa; e como o imaginar seja huma paixao viva,

## Sermaõ

que a todas as razoens do sentimento, huma esponja de tristezas, que anda a chupar pezares, claro está que mais haõ de martyrizar os males duvidotos da imaginaçao, do que o mal certo na realidade. Pois para que as partes escusem estas molas duvidas, e molestas suspensoens, saiba logo o litigante de seu lucro, ou de sua perda; entenda logo o delinquente se ha de padecer o castigo, ou livrar da pena, para que hum, e outoo na certeza de seu mal, ou de seu bem desponha as trabalhosas atticoens de huma duvida. Que por livrar ao Apostolos de suspenias esperanças, apreslou o Amor divino tanto os passos, que com ter esperado, pareceo repentinio: *Apparuerunt.*

*Dispertitæ linguae tamquam ignis.* Appareeo o Espírito Santo em linguas como de fogo. Naõ eraõ linguas de fogo, senaõ como de fogo: tinhaõ de luz a realidade, e de fogo só as apparencias. Oh que estremado documento este para a Justica! Naõ ha de ser a lingua de hum Julgador, ainda quando fulmina mortaes sentenças, lingua de fogo, que abraze; tão temperado ha de ir o rigor com a brandura, que só nas apparencias leve o castigo inclemencias de fogo. Naõ he bem que seja vulgar a piedade, porque tanta crueldade he perdoar a todos como naõ perdoar a ninguem: mas he bem, que os rigores da justica se temperem com a suavidade da misericordia.

Iá vio Isaias levantarse o Reyno de Christo á maneira *Isaia 21.* de huma vara: *Egredietur virga de radice Jesse;* mas logo lhe divisou ao pé huma bella flor: *Et flos de radice ejus ascendet,* para que a suavidade da flor mitigasse a dureza da vara: que tratar de ferir sómente como vara, sem attender a consolar como dor, mais he impiedade de tyranno, que intiereza de justo. Fita embora a vara quando he necessario, mas sintaõe tambem ao bater flores, que recreem, e naõ só asperezas, que molestem; que hum rigor modificado entre branduras he todo o primor da justica. Quando Deos desceo a intimar os merecidos castigos ao povo Hebreo, notou o Profeta Ezequiel, que da cintura para baixo despetia abrasadoras chamas: *Ab aspectu lumborum ejus, & deorsum ignis;* mas que da cintura para cima respirava viraçao fresca: *A lumbis ejus, & sursum quasi spectus auræ.* Mysteriosa composiçao por certo! Tanta vira-

*Exechiel 8.  
Ita Theo-  
dotion.*

## prégado á Justiça.

viraçao com tanta chamma? tanto calor de incendio com tanta chamma? Tanto calor de incendio com tanto refrigerio de ar? Assim modera Deos os rigores de sua justiça com a benignidade de sua misericordia. No mesmo tempo, que arroja chamas justicoso, refresca viraçoens benigno, para que a frescura do ar mitigue os ardores do incendio. Que divino modo de castigar! Ar, e fogo, fogo para o tormento, ar para o alivio. Por isto David dizia, que Deos tornava os rayos em chuva: *Fulgura in pluviam fecit*. Quem vio já mais coriscos Ps. n. 4. desatarse em orvalho? Mas saõ rayos de Deos justicoso, mas saõ coriscos do soberano Rey indignado, que de tal maneira mistura asperezas com piedades, que a mesma chamma do rayo traz consigo o refrigerio da agua, e o mesmo ardor do corisco a frescura do orvalho. Naõ arremessa consumidores rayos sem chuva, que lhes mortifique a chamma: naõ despede acezos coriscos sem orvalho, que lhes diminua o calor.

Assim procede nos castigos a Justiça do Ceo: assim proceda nos castigos a Justiça da terra. E para que mais raciunemente una piedades com rigores, entrei nos Tribunaes os Julgadores com o que saõ por dignidade, e com o que saõ por natureza. Os Julgadores saõ em huma como incarnaçao politica deoses, e homens: por dignidade saõ huns como deoses na terra: *Ego dixi: Dii estis vos*; por natureza saõ homens como os demais. Pois com tudo isto, com a dignidade, e com a natureza, como deoses, e como homens divinos, e como deoses humanos assistiaõ ás acçoeens de juizo, para que a humanidade do ser modifique a inteireza da dignidade. Naõ depõnhão a igualdade de humanos, para se revestirem só da sombra de divinos, que para julgar homens naõ servem *soberania adeosadas*, deoses humanados sim.

O Padre Eterno, diz Christo, naõ julga a ninguem, mas todo o poder de julgar commetteo ao Filho: *Pater non iudicat quemquam, sed omne iudicium dedit Filio*. E porque naõ tomou o Pay para si o officio de julgador: por que o deo sómente ao Filho? O mesmo Senhor o diz: *Quia filius hominis est*. Porque o Pay he sómente Deos, o Filho he juntamente Deos e homem, e hum composto homem Deos, hum Deos humanado, he o que se requer para julgar homens. E isto *perque*

*Ne indignationis divina vinum in homines merum effunderetur,  
2. m Epist. que com.  
ad Philip. Sed humanitatis suo in illud transfuso misceretur: Responde*

hum engenho grande da Companhla. Entregase o julgar homens hum Deos humanado, para que a semelhança do ser humano, tempere a indignação do ser divino; e de tal modo proceda ao castigo como Deos justo, que propenda tambem á piedade como homem compassivo. Assistaõ pois os Juizes nos Tribunaes como deoses, e como homens, naõ dispaõ a sustancia de humanos, que saõ por natureza, por se mostrarem sómente divinos, que saõ por dignidade, ajuntem huma, e outra cousa, que logo ajustaráõ severidades com branduras. Como deoses decretaráõ justos, como homens compadecerseão piadosos: a dignidade os levara ao castigo, a natureza lhes persuadirá a benignidade: que sustancia de luzes, e só accidentes de fogo lhes aconselha o Amor presidente: *Dispertitæ linguae tamquam ignis.*

*Seditque.* Apparecerão muitas linguas, e assentouse. Quem naõ separa nesta composição de palavras? Apparecerão linguas, e assentouse? E assentaraõse parece que se havia de dizer. Ora bem dito está; porque se este amor soberano vejo a instruir as Justiças da terra, ainda que as linguas, em que appareceo, eraõ muitas, haviase de dizer que se assentaraõ; porque nos Tribunaes ainda que sejaõ muitos os julgadores, ainda que as linguas sejaõ muitas: *Dispertitæ linguae*, deve com tudo ser huma a acção, huma a voz, e hum o assento: *Seditque*. Na mesma criação do mundo praticou Deos esta importante política: *In principio Iudices creavit cælum, & terram.* Assim lê o Hebreo, e vem a dizer assim: no principio os Juizes creou. Os Juizes ogeou? Peregrina Grammatica! Se eraõ muitos os agentes: *Iudices*; como singular a acção: *Creavit*? Ou se singularize o agente, pois se singulariza a acção; ou se multiplique a acção, pois se multiplicaõ os agentes: mas com operação unica agentes muitos? E com muito acerto. Naõ entraraõ estes agentes a obiar como Juizes: *Iudices*? Pois coerentemente havia de ser a operação huma: *Creavit*; que he timbre de Juizes perfeitos, ainda que se multipliquem nas pessoas, singularizar-se na acção. Naõ se haõ de diversificar nas operações de Julgadores, assim como se diversificaõ no numero: no numero

numero sejaõ embora muitos, o obrar ha de ser unico. Haõ de concordar no que assentao, ainda que naõ concordem no que saõ.

Quando Deos desterrou a Adaõ do Paraíso, pôz em sua guarda muitos Cherubins, como querem todos os Expositores fundados na força da lingua Hebrea, e a todos armou com huma espada. *Collocavit ante paradisum Cherubim, & flammeum* Gen. 3. *gladium ad custodiendam viam ligni vitae.* E a que fim se assinala huma só espada para tantos Cherubins, naõ necessitaõ de armas, ainda huma espada he superflua: e se necessitaõ de armas os Cherubins, como se dá para tantos huma espada? Que quer dizer os Cherubins muitos, e a espada unica? Que quer dizer? Eu o direi. A espada he a sentença, que se fulminou contra Adaõ, como quer Ruperto: *Gladius sententia est:* Os Cherubins saõ os Juizes executores dessa sentença; e como os Cherubins sejaõ os Juizes, e a espada seja a sentença, armaõse muitos Cherubins com a mesma espada, porque se devem unir na mesma sentença muitos Juizes. Varios Ministros de ~~sua~~ *Justiça* destina Deos: *Cherubim:* mas a todos entrega huma só espada: *Flammeum gladium:* para mostrar, que se devem conformar tanto entre si os Julgadores, que ainda que se distingaõ no ser, se identifiquem no sentenciar. Taõ concordes haõ de julgar, que se ajuste cada hum, quando he justo, com o sentimento de todos, e todos com o de cada hum, para que desta conformidade de juizos faya a resoluçaõ taõ huma, que sendo varios a resolver, pareça que naõ resolvem varios.

E a mesma razaõ, a meu ver, dita esta conformidade. Pergunto: Os Julgadores porque saõ Julgadores? Pelo que saõ por sua pessoa, ou pelo que saõ por seu officio? He certo, que pelo que saõ por seu officio; porque o officio, e naõ a pessoa os constitue Julgadores. Ah sim! Pois se o officio he o mesmo, porque naõ ha de ser a determinaçaõ a mesma? Se o officio he hum em todos, porque ha de ser o parecer em cada qual vario? Pelejava Josué contra os Ammoreos, e quando começava a declararse por sua parte o triunfo, hia já o Sol entibiando suas luzes: e vendo o generoso Capitaõ, que as sombras haviaõ de ser ao inimigo refugio, ordenou ao Snj, que parasse, e á Lua, que se detivesse: *Sol contra Gabaon ne mo-* Josué. 10. *varis,*

*pearis, & Luna contra valem Aialon.* Escusada detença a da Lua. Se o intento todo de Josué era dilatar o dia para consumar victorias, a que fim manda parar a Lua? A Lua não faz o dia, o Sol sim: pois se lhe bastava o Sol detido, para que solicitá a Lua parada? Porque não parára o Sol, senão parára a Lua, responde Abulense: *Quia ea mota credebat movendum Solem.* Bem: mas porque não parára o Sol, se não parára a Lua? O Sol não he planeta diverso? Não reside em diferente esfera? Pois porque se não deteria o Sol, ainda que não se detivesse a Lua? Porque? Porque tem ambos o mesmo officio de presidir ao mundo, e como em ambos he o officio o mesmo, por isso a acção havia de ser a mesma em ambos. Para parar o Sol não se havia de mover a Lua; e a moverse a Lua não havia de parar o Sol; que como tem hum, e outro a mesma jurisdição sobre o mundo, tem o mesmo parecer acerca do mundo hum, e outro. Pois se o poder he o mesmo, se he o mesmo officio nos Julgadores, porque não ha de ser a resolução ~~2~~ <sup>2</sup> ~~h~~elma? Identifiquemse no sentencear, assim como se identificaõ no presidir. O Sol, e a Lua saõ planetas diversos, e com tudo não seguem no obrar a natureza, em que se distinguem, senão a jurisdição, em que se unem. Sejaõ os Julgadores diferentes no ser, devem com tudo ser o mesmo no julgar, porque as acções de juizo não seguem o ser, em que saõ diversos, senão o officio, em que saõ o mesmo.

Ouvi para ultima confirmação do que dizemos huma coufa grande. De dous modos se consideraõ na Theologia as pessoas divinas: ou se consideraõ por ordem a si, que val o mesmo, que *ad intra*; ou se consideraõ por ordem ás creatureas, que val o mesmo, que *ad extra*. Em quanto as pessoas divinas se consideraõ por ordem a si, não se unem nas operaçoes: porque o Pai gera, e nem o Filho, nem o Espírito Santo geraõ: o Pai, e o Filho espiraõ, e a terceira pessoa não espira. Tanto que as pessoas divinas se consideraõ por ordem ás creatureas, logo se unem nas acções; porque pela mesma acção crião, pela mesma acção conservaõ, pela mesma acção governaõ o mundo todas tres. De sorte, que por ordem a si obraõ as pessoas como distintas; porém por ordem ao mundo não obraõ como distintas as pessoas. Que perfeita idéa de Ministros publicos!

blicos! Por ordem a si proceda cada qual como diverso; mas por ordem ao governo procedaõ todos; como se formão o mesmo. Naõ se ate cada hum a seu parecer ha que toca a regimento dos poucos; que isto seria naõ attender aos povos, senão a si: unaõ se todos conformemente no que se julgar melhor, que isto he naõ se respeitar a si, senão aos povos. Ainda naõ está dito tudo. E porque razão tem as pestoas por ordem a si operaçoens particulares, e porque razão naõ tem as pestoas por ordem ao mundo particulares acçoens? A razão altissima he esta. As operaçoens *ad intra* seguem a pestoia; que por isto o Filho, e o Espírito Santo naõ géraõ, porque isto, que he gerar, acompanha o ser Pay. As acçoens *ad extra* seguem a Omnipotencia, que por isto o Pay, e o Filho, e o Espírito Santo governaõ com absoluto dominio ao mundo, porque saõ Deos omnipotente: e como as operaçoens *ad intra* sigaõ a pestoia, em que se distinguem, tem as pestoas por ordem a si operaçoens particulares: e como as acçoens *ad extra* sigaõ o poder, em que se identificaõ, naõ tem as pestoas por ordem ao mundo particulares acçoens. Este exemplar divino imitem os Ministros humanos. Suposto que as acçoens de justiça seguem o officio, e o poder, em que saõ o mesmo, e naõ a pestoia, em que saõ differentes, seja a acção huma em todos, como he o officio, e naõ diversa em cada qual, como he a pestoia. Operaçoens particulares convem quando muito aos Ministros só por ordem a si, porque só por ordem a si saõ as operaçoens propriedade da pestoia: mas em entrando na direcção da Republica, naõ haõ de ter mais que huma acção, porque obraõ em quanto tem o mesmo poder. Naõ de outra maneira, que as linguas, em que desce o amor divino presidente, que com serem muitas no numero: *Dispertitæ linguae*; com tudo como eraõ o mesmo no officio de arder: *Tamquam ignis*; forao tambem na acção o mesmo: *Seditque*

*Supra singulos eorum.* Desceo o Espírito Santo sobre cada hum dos Apostolos. Naõ comunicou favores sómente a huns, com todos repartio igualmente suas graças: que quem vinha a instruir justiças, naõ havia de fomentar desigualdades; porque desigualdades, e justiça saõ cousas, que repugnaõ entre si. A vara da justiça ha de ser igual: nos favores toda para

cada hum : nos castigos a mesma para todos ; que levar huns toda a brandura , e outros o rigor todo , isto he ser vara de injustiça . Assim como se ha hum homem , que voltea sobre huma maroma , que para naõ cahir , todo seu cuidado poem em naõ inclinar mais a hum lado , que a outro , senaõ librar igualmente em ambas as maõs a vara , de que se val : assim se haõ de haver nos Tribunaes os Julgadores , diz a eloquencia Grega de Nazianzeno : a vara da justiça igual na maõ , e naõ propender mais para huns , que para outros , senaõ repartir com todos o affeto , e alcançar com a severidade a todos .

S. Greg.  
Naz.

Deuter.  
33.  
Deuter.  
34.

Exod. 34.

Mandou Deos a Moysés , que subisse ao monte Nebo , e que alli morresse : *Ascende in montem , & morere in monte* . Subio Moysés , e morreu . Morto elle diz o texto , que o vejo Deos enterrar em hum valle : *Sepelivit eum in valle terræ Moab* . Reparo : Se o manda morrer no monte , para que o vem enterrar no valle ? Pois assim o tinha determinado ? E se o queria enterrar no valle , para que o mandava morrer no monte ? *Ou o sepulte* Deos no monte , onde morre Moysés , ou morra Moysés no valle , onde o sepulta Deos : mas a morte no monte , e a sepultura no valle ? Sim , que he Deos muito justo , e muito igual . A montes , e a valles honrava Deos com as glorias de Moysés em vida , porque naõ só o monte , onde as recebeo , mas tambem o valle , onde as manifestou , vio a Moysés cercado de formosas luzes : *Cumque descendaret de monte , ignorabat quod cornuta esset facies sua ex confortio sermonis Domini* . Ah sim ! Pois sintaõ tambem valles , e montes as tristezas de Moysés em morte . Nem as glorias só para o monte , nem só para o valle as penas . Sepultar a Moysés no monte , onde morre , era ficar o valle com as ditas , sem lhe alcançarem os danos : morrer Moysés no valle , onde o sepultaõ , era ficar o monte com as luzes , sem lhe alcançarem os lutos ; e naõ faz Deos esfias injustiças . Monte , e valle participem resplandores de Moysés vivo : valle , e monte chorem sentimentos de Moysés morto . Chore o monte a morte de quem o ennobregeo na vida , lamente o valle sepultado a quem o autorizou luzido . Eis aqua a igualdade com que Deos procede : nem as benevolencias todas a huma parte , nem os rigores todos a outra : a todas as partes a benevolencia , e o rigor a todas as partes . Assim procedaõ

daõ tambem os que tem o nome de justos no mundo. Nem todo o favor para o monte levantado, nem toda a severidade para o valle humilde: experimente o valle ao Julgador taõ benevolo como o monte, e sinta ao Julgador taõ severo como o valle.

Imitem as obrigaçõens politicas dos Tribunaes ao genio natural do Ceo. Quando no Ceo amanhece o Sol, a todos aquenta: quando o Ceo chove, a todos molha. Naõ lança para huma parte a luz, e para outra a tempestade; as mesmas partes, que illustrou com rayos, opprime quando he necessario com a tormenta. E nesta igualdade, com que o Ceo despende luzes, e reparte sombras, consiste a compostura do Universo; tanto assim, que se o Ceo alterasse esta igual conformidade, logo se descomporia o mundo, e senaõ diga-o o succeso de Jo-sué. Quando o Sol, e a Lua pararaõ aos imperiosos gritos deste valente Capitaõ, que vos parece que succedeo no mundo? Os viventes por todas aquellas doze horas naõ cresceraõ: a ge-raçaõ, e corrupçaõ das cousas, de que depende contentarse o Universo, cesou: os Antipodas asombravaõ com tão comprida noite: os de cima pañmavaõ com taõ prolongado dia: aquelles suspiravaõ pela luz, estes choravaõ pelas trevas: huns imaginavaõ, que já para elles naõ havia o descanço da noite, outros cuidavaõ, que já para elles se acabara a alegria do dia. Em fim em hum, e outro hemisferio tudo eraõ pañmos, tudo desordens. Pois valhame Deos, quem desgovernou assim o Universo? Quem confundio assim o mundo? Donde tanta perturbaçaõ? Donde tanta descompostura? Donde? O mesmo texto o disle: *Sieteruntque Sol, & Luna, donec ulcisceretur se gens* *Jos. 10.* *de inimicis suis.* Pararaõ o Sol, e a Lua em quanto os Hebreos tomavaõ vingança de seus inimigos; e em huma República, onde douz Ministros, que forao eleitos para acodir com suas luzes a todos, assistem a hum povo particular com suas luzes: em hum mundo, onde o Sol, e a Lua despendem os resplandores para huns, e deixaõ em escuridães aos outros, que havia de acontecer, senaõ desordens? Que havia de acontecer, senaõ perturbaçõens? Parcularizar o Ceo favores, lançar a huma parte todas as luzes, e opprimir as demais com todas as trevas, he descompor o Universo. Levem todas as luzes, e le-

vem todas as trevas, que nestas igualdades consiste a suave disposição do mundo. E estas como tão importantes ao bom governo, aconselha o Amor presidente aos seus Juizes, para que como planetas políticos dos Estados repartaõ benevolos a todas as partes suas luzes: *Supra singulos eorum.*

Atéqui ponderamos o que fez este amor soberano, agora ponderemos o que não fez. Naquelle glorioso ajuntamento estava a Virgem, que era a Mão de Deos, estava S. Pedro, que era cabeça do Apostolado: pois pergunto, porque não desce o Espírito divino primeiro sobre a Senhora, logo sobre Pedro, e depois sobre os demais Apostolos conforme a precedencia, que tinhaõ entre si? Ande embora igual no beneficio; porém respeite a excellencia das pessoas na repartição. Não faz isto este Espírito divino, sobre todos desce ao mesmo tempo sem attender a vantagens particulares de ninguem, para ensinar aos Julgadores, que fuyaõ de attender a respeitos, como de destruição total da justiça; porque a justiça depende toda da razão, não val a razão onde entraõ respeitos.

*Joan. 19.* Presentado Christo ante Pilatos, tirou elle as testemunhas, examinou as accusações, e feitas as diligencias necessárias, declarou a razão a Christo por inocente: *Ego nullam invenio in eo causam.* Instaõ os Escribas, e Fariseos, que visse o que fazia, porque livrar a Christo era inimistarse com Cesar. *Si bunc dimittis, non es amicus Cæsar.* E demandando no tribunal de Pilatos a verdade da razão por Christo, e o respeito de Cesar contra Christo, qual pode mais? A razão, ou o respeito? O sucesso o dirá: *Tunc tradidit eis illum, ut crucifigeretur.* Mais pode o respeito, que a razão: entregouse Christo à morte, como requeria o respeito: e não se conserva a Christo a vida, como aconselhava a razão. A razão dizia, se desse liberdade a Christo, e não se livrou: o respeito dizia, que se condenasse Christo a huma Cruz, e morre: *Tunc tradidit eis illum, ut crucifigeretur.* Tanto como isto prejudicão respeitos na justiça.

E para que estes se desterrem totalmente dos juizos, quizera eu nos Julgadores huma ignorancia. Ignorancia em Julgadores? Sim, com toda a scienza, que he bem, que tenhaõ para a decisão das causas, não de ter ignorancia das pessoas para a in-

a inteireza da justica. Conheça o Juiz os meritos da causa, mas ignore as qualidades das pessoas. Saiba o que julga, naõ seba de quem julga. Naõ pareça doutrina paradoxa, porque he arbitrio praticado pelo supremo Juiz Christo.

Residenciou Christo daquellas celebres dez virgens, e dando sentença pelas cinco prudentes, que logo apostou do Reyno do Ceo, deixou fóra delle destinadas aos tormentos eternos as cinco loucas, e instando ellas a pedir misericordia, lhes respondeo severamente o Senhor, que as naõ conhecia: *Amen dico vobis, nescio vos.* Parece na verdade, que se implica Christo nestas palavras. Se Christo he Deos, como he possivel, que se occulte a seu conhecimento coufa alguma? Ignorancia, e divindade naõ se compadecem juntas: nega de si, que he Deos, quem confessa de si, que ignora. Pois se Christo he Deos, que tudo conhece, como diz, que naõ conhece as loucas: *Nescio vos?* He entre os Expositores singular a dificuldade: mas suposto o que temos dito, pareceme a mim, que desta vez havemos de dar a razao. Verdade he, que Christo como Deos, conhecia muito bem as loucas, mas como nesta occasião era Juiz, assim se ha, como se as naõ conhecerá: *Nescio vos;* porque o Juiz recto attende ás coufas que julga, e desatende ás pessoas de quem julga. Quanto aos olhos humanos muito implica esta ignorancia em Christo; porém se implica em Christo Deos, naõ implica em Christo Juiz: em Christo Deos forá imperfeição ignorar as loucas, e por isto como Deos as conhecia: em Christo Juiz he timbre desconhecellas, e por isto como Juiz as ignorava. Sabia que a causa das nescias merecia condenação; porém desconhecia as mesmas nescias, que condenava. Todo o cuidado destas imprudentes Virgens era, que Christo attentasse a quem ellas eraõ: *Domine, Domine aperi nobis;* Senhor abrinos a nós: ainda que conforme nosla causa merecemos ser reprovadas, com tudo vede que somos nós; que revogai a sentença, e abrinos o Ceo: *Aperi nobis.* Mas o Senhor salvou a rectidaõ de sua justica na ignorancia de quem ellas eraõ: *Nescio vos:* Naõ vos conheço. Como se dislera o Senhor fallando ao modo humano: Pedis me que respeite a vossas pessoas? Pois entendei, que naõ conheço quem sois: *Nescio vos:* naõ sei se sois nobres, se plebeas: se formosas, se feas: se ricas, se pobres.

bres: sei o que mereceis para o juizo; naõ sei quem sois para o respeito: *Nescio vos*. Este dictame segue o Juiz do Ceo: este dictame sigaõ os Juizes da terra. Procedaõ como sabios ao exame das causas, e portemse como ignorantes para o conhecimento das pestoas. Saibaõ se ha merito para o favor, ou demerito para o castigo: naõ saibaõ a quem favorecem, ou a quem castigaõ, para que com a ignorancia dos julgados evitem a desordem de respectivos. Bem assim como o Amor divino, que sem attender a privilegios particulares, como se tratára só de merecimentos para o premio, e desconhecer a pestoas para o respeito, desceo ao mesmo tempo sobre todos aquelles venturosos congregados.

Isto he o que deve fazer a justiça: vejamos brevemente o que naõ deve fazer. *Hoc est autem judicium*: Este he o juizo do mundo, disse Christo a Nicodemos. E que tal Senhor? *Quia lux venit in mundum, & dilexerunt homines magis tenebras, quam lucem*. Que vejo a luz a ser julgada dos homens, e antepuzeram os homens as trévas á luz. Ha mais injusta sentença? A luz menos estimada, que as trévas? Donde nasceo, que homens com razao julgassem taõ irracionalmente? Donde? De tres grandes erros, que se commetteraõ neste juizo: arrojamento, cegueira, e parcialidade. Vamolos vendo.

*Venit lux in mundum, & dilexerunt homines magis tenebras, quam lucem*. Entrou a luz no juizo dos homens, e sentencearaõ os homens pelas trévas contra a luz. Ha tal pressa? Ha tal arrojamento? Que escaçamente se apresente a luz, para que a julguem: *Venit lux in mundum*, quando logo se vê condenada: *Et dilexerunt homines magis tenebras, quam lucem*? Assim se condena huma luz? Mas por isto a luz se condena; porque se condena assim. Se os homens consideraõ de vagar por huma parte a formosura, e utilidade da luz; por outra a fealdade, e males das trévas, nunca julgáraõ as trévas por melhores, que a luz; mas como naõ houve mais, que apparecer a luz no tribunal: *Venit lux in mundum*; e arrojaremse os homens a sentenceaõ temerarios, condenouse a luz: *Et dilexerunt magis tenebras, quam lucem*; que juizos precipitados como ientenceaõ com pouca luz, sentenceaõ ordinariamente contra as luzes.

*Venit*

*Venit lux in mundum.* Veyo a luz a ser julgada, e havendo de votar o entendimento, votou a vontade: *Et dilexerunt.* E este foy o segundo erro. Sabem porque a luz sahio condemnada neste juizo? Porque foy Juiz a vontade, e naõ a razaõ. Que ha de fazer huma cega, senaõ julgar ás cegas? E onde os juizos se fazem ás cegas, que muito que se estimem trévas, e se desestimem luzes. A vontade como naõ tem olhos, nunca acha o que ha, senaõ o que quer; e assim se quer favorecer, achará meritos nas trévas: se quer condemnar, achará faltas na luz.

*Dilexerunt magis:* Amaraõ mais. Eis-aqui o terceiro erro deste juizo. Naõ preponderaõ os Julgadores igualmente afeiçoados para ambas as partes, inclinaraõse mais a huma: *Dilexerunt magis tenebras;* e a parcialidades, que se havia de seguir, senaõ semrazoens? Onde ha amar mais, as mesmas trévas saõ mais formosas, que a luz: onde ha amar menos, a mesma luz he mais feya, que as trévas. E porque neste Tribunal houve arrojamento no resolver, cegueira no votar, ~~exercia~~ parcialidade no favorecer, por isto tudo foraõ desacertos neste Tribunal: e assim havia de ser para se condemnarem luzes, que só arrojados, cegos, e parciaes as podem condemnar: e esta he a consolacão, que fica á luz desestimada, que a naõ desestime, senaõ quem vota com pouca madureza, quem julga como quer, e quem ama mais.

Temos acabado o sermaõ, e se naõ me engano, assim a festa, como o dia influiraõ sufficientemente na direcção da justiça, que foy toda nosla obrigaçao. Confórme o texto da festa, para ser a justiça perfeita, ha de haver nos Julgadores, desattender a respeitos, tratar igualmente as partes, sentenciar com concordia, punir com moderação, despachar com presla: e saõ os acertos, que arbitrou o Amor divino. Confórme o texto do dia para naõ ser a justiça imperfeita, naõ ha de haver nos Juizes favorecer com parcialidade, votar com cegueira, resolver com arrojamento: e saõ os erros de que acautela o amor humano. A cautela destes erros, e a prosecuçao daquelles acertos pedia meu officio, que exhortasle com efficacia a quem de presente tem a seu cargo a justiça: mas porque sei, que os acertos se practicaõ com cuidado, e os erros

ros se evitaõ com diligencia, naõ he bem, que offendã com exhortaõens a quem devo engrandecer com louvores. O divino Amor Presidente assista com seu auxilio a tão ajustado Tribunal, para que vá avante; et a nós todos com sua graça, com que penhoremos a gloria. *Quam mibi, & vobis, &c.*



ORA-

# ORAÇÃO FUNEBRE NAS EXEQUIAS Da Sereníssima Rainha de Portugal D. LUIZA FRANCISCA DE GUSMÃO.

*Prégado no anno de 1666.*



M dia de tão justo, e tão devido sentimento, em occasião de tão lastimosa ruina, em materia de tão universal desengano cuidava eu, que fora melhor eleição emmudecer, que fallar. Era dia este de callarem as linguas, e sentirem os corações; só pasmos, e silencios deviaõ fallar neste dia, mudos horrores deviaõ ser a eloquencia desta acção; que nem a dor se fia a diverso interprete, nem a causa se permite a menos efficaz orador. Costuma de ordinario o sentimento escurecer as luzes da razão; porque tirando o decoro, descompoem o juizo, e arrastando todos os affectos, embaraça todos os discursos. Logo mal pôde discretamente fallar, quem chega verdadeiramente a sentir; e sendo a materia de hoje tanto para sentir, seguese que não pôde ser acerto o fallar. Fora melhor eleição emmudecer, por ser o silencio em matérias tragicas o orador mais eloquente; que os pezares melhor se explicaõ callando, que dizendo; e tanto melhor chegaõ a encarecerse, quanto mais difficultaõ o declararse. Logo só o silen-

silencio podera na presente occasião ser competente orador, especialmente quando a materia de hoje naõ só por sua lastima tem suspensos os periodos de toda a Rhetorica, se naõ que por sua grandeza deixa occultos os primores da mayor eloquencia.

Por todas estas causas confesso, que deveramos emmudecer neste dia. Com tudo permitti, sacra, e defunta Magestade, permitti, que a nosla dor entre tantos motivos de sentirse tenha ao menos o desafogo de queixarse: taõ cruel, taõ altamente nos fere a dor de vertos sepultada, que tropessando em si mesma, nem acerta com as palavras para formar suas queixas, nem atina com os discursos para propôr suas magoas. Consentir pois, que se moderem as penas, para que se articulem as palavias: consenti, que por hum pouco se interrompa a grandeza de nosla dor, para que de algum modo se expõnhia a razaõ de noslo sentimento: daime licença, para que em vossas honras declame contra nossas desgraças: e para melhor qualificar a justa causa de nossos sentimentos, proporei as obrigaçõens, em que nos puzestes quando viva; e dellas tirarei motivos para lamentarvos quando morta. Mas para que entre as vozes naõ deixem de avultar as penas, hoje será ornato o desconcerto, elegancia a confusaõ; seraõ conceitos os suspiros, e os pensamentos queixumes. Orarei em taõ lastimosa accão perido o methodo, desordenado o estylo, sem arte descompostas as clausulas, e de industria trocadas as razoens; que as palavras mais incultas, e os discursos mais atropelados se- rão a melhor eloquencia para explicar nosla dor, e saudade, com que devidamente sentimos ver reduzida a hum tumulo vossa grandeza, ver desatada em cinzas a soberania de vossa sempre Augusta, e sempre Real Magestade.

Saõ tantas as obrigaçõens, em que nos pôz a Magestade serenissima da Rainha nosla Senhora, que se me faz impossivel o numerallas, quanto mais o encarecellas. Pelo que reduzindo-me a numero liimitado, tres obrigaçõens pertendo ponderar sómente: a saber: a liberdade, o alivio, o desengano; naõ porque só estas se- rão inateria para ponderar; mas porque nelas acho maiores motivos para sentir. E começando pela liberdade: quem duvida, que a liberdade, e restauraçao da Coroa de Portugal se deve principalmente ao valor da Rainha nosla

Senho-

Senhora? Consta que naõ duvidando do direito, duvidou da empreza a sereníssima Magestade del Rey D. Joaõ IV. de eterna, e feliz memoria; mas quem deliberou finalmente a nosla liberdade, forao as instancias da Rainha nosla Senhora. Nesta obrigaçao eterna lhe está o Reyno de Portugal: ficou o Rey no livre das prizoens do cativeiro; mas quem duvida, que ficou sujeito aos laços da obrigaçao?

Aquelle Anjo, que livrou do carcere a S. Pedro, tanto que lhe desatou as maõs; logo lhe ordenou que se apertassem: *Præcingere, circumda tibi vestimentum.* Nos dous apertos re-Act. 12.8. paro: *Præcingere, circumda.* Que necessidade tinha o Anjo de lhe dizer duas vezes, que se apertassem? Ou que apertos eraõ estes? O segundo claro está, que era o da vestidura; mas o primeiro eu imagino, que era o da obrigaçao. Duas vezes lhe ordena o Anjo, que se aperte, para distinguir hum aperto do outro; e para que naõ entenda Pedro, que lhe manda apertar os vestidos da primeira vez, da segunda lhe especifica os vestidos: *Circumda tibi vestimentum tuum*, porque da primeira lhe fallava sem duvida do aperto da obrigaçao: *Præcingere.* De sorte, que ao gozo da liberdade immediatamente se seguiu a obrigaçao do beneficio, ás prizoens succederaõ os laços, e a hum apertado cativeiro huma estreita obrigaçao: quando mais solto, ficou Pedro mais prezo, e necessariamente houve de ficar cativo da obrigaçao: *Præcingere*, quando se vio livre das cadeas: *Ceciderunt catenæ de manibus ejus.* Da mesma maneira, que se vio desatado Pedro, se vio livre Portugal; porque se Pedro teve hum Anjo, que o libertasse, na Rainha nosla Senhora ou pelo gentil, ou pelo discreto teve Portugal outro Anjo, que o remisse; pois assim como a Pedro apertou a obrigaçao, quando se lhe deo a liberdade, justo está, que tambem assim em Portugal, quando solto do cativeiro, ficou cativo do beneficio, e se conseguiu huma gloriosa liberdade, admittio huma estreita obrigaçao.

E posto que para a empreza de nosla liberdade concorreraõ igualmente o Rey, e a Rainha, cuidõ eu, que ainda mais obrigados ficámos á Rainha, que ao mesmo Rey. A razão he; porque a obrigaçao naõ se mede tanto pela grandeza do beneficio, quanto pela demonstraçao do amor; que bem pode ser

ser menor o beneficio, e com tudo ser maior a obrigaçao; se for maior a fineza. O beneficio de nossa liberdade no Rey, e na Rainha foy o mesmo; mas como o amor foy diverso, da entidade de hum mesmo beneficio resulta em nós diferente obrigaçao, e em maior obrigaçao ficámos á Rainha, porque nella foy maior a fineza. Foy maior a fineza da Rainha, que a do Rey, naõ só porque duvidando o Rey, naõ duvidou a Rainha, se naõ porque o Rey como natural naõ he muito, que procuraſle a liberdade da patria, se naõ que se oppuzesſe á sua mesma patria, para que lograsſemos a liberdade. Grande amor! Grande fineza! Presentouse aos olhos de Deos huma Rainha:

¶.44.10. *Aſtitit Regina à dextris tuis; e desejoſo Deos de que ella o amalle com todo o extreſo, falloulhe desta forte: Audi filia: Ouve filha: Et vide: Escutai: Inclina aurem tuam: Daime attençaõ. Notavel repetiçao de advertencias! A que se armará tanta prevençaõ? Obliviscere populum tuum.* Pediolhe Deos, que por seu amor se esquecesſe de sua patria. Pois para isto tanto apparato ~~ſim~~; que o amor da patria he difficultoso de vencer. He tão privilegiado o amor da patria, que julgou lá o outro, que o dar a vida pela patria naõ só era obrigaçao, se naõ deleite: *Dulce, & decorum eſt pro patria mori.* Pois como Deos quizesſe ser amado de huma Rainha com todo o extreſo, que fez? Pedio, que o seu amor se preferisse ao amor da patria: *Obliviscere populum tuum;* e porque vio nesta fineza tanta dificuldade, por isso a solicitou com tanta advertencia: *Audi filia, & vide, & inclina aurem tuam.* Este he o mais alto ponto, a que Deos subio a fineza, com que desejava ser amado de huma Rainha; e esta he a fineza, que deve Portugal á Rainha nossa Senhora; porém com esta diferenca, que Deos fallava a huma Rainha, mas como filha: *Audi filia;* e Portugal fallava a outra Rainha, mas como estranha. E sobre isto, Deos para ser amado só pedia aquella Rainha, que se esquecesſe da sua patria: *Obliviscere populum tuum;* e Portugal para ser remido naõ só pedia á nossa, que se esquecesſe da sua patria, se naõ que á contrariasse; e com tudo naõ sey, conseguiu Deos o que desejava, e sey, que alcançou Portugal o que pertendia. Sey, que a Rainha nossa Senhora pela liberdade de Portugal se oppôz ao Reyno de Castella: faltou ás dividas

das da natureza por acudir aos impulsos da affeição; e tanto amou ao Reyno, onde assistia, que aborreceo a patria, onde nascera. Oh raro empenho, e eterna obrigaçāo de Portugal! Verse hum Reyno tão amado de huma Rainha, como Deos desejava ser amado! Chegar a ser amado por obra, onde Deos chegou com o desejo! Notavel obrigaçāo!

Pois eu não admiro tanto, que a Rainha nossa Senhora por zelo da nosla liberdade fosse menos amante de sua patria; mas admiro, que parecesse menos fina a seu esposo. Defunto o Rey, pedia a força do amor, que a maõs de seu sentimento acabasse juntamente a Rainha; porém como a conservação da nosla liberdade pendia da continuaçāo de sua vida, para que se conservasse a nosla liberdade, e parecesse menos amante ao Rey por assistir mais pontual aos vassallos. Houvese a Rainha nosla Senhora na morte do Rey, como se houve a Virgem Senhora nosla na morte de Christo pela redempçāo do mundo; porque assistindo a Senhora a tão fatal tragedia, esteve tão, fóra de acabar a vida, que reparou o Evangelista na constância, e real generosidade, com que se portou: *Stabat juxta* <sup>109.</sup> *crucem.* Pois ama a Senhora com tantos excessos a Christo; morre Christo, e não espira de sentimento a Senhora? Se ambas aquellas almas viviaõ de hum mesmo amor, como não acabaraõ de hum mesmo golpe? Ora notem. Era Christo Rey, e Redemptor; era a Senhora Rainha, e Corredemptora; obrar a redempçāo tocava ao Rey, e conservalla tocava á Rainha: morreu pois Christo, havendo resgatado o mundo. Aqui neste ponto se vio a Senhora obrigada a huma de duas, ou a espirar de sentimento por credito de seu amor, ou a continuar a vida por conservação da Christandade: o espirar era credito de seu amor, mas era deixar em perigo a Christandade: o viver era necessário á Christandade, mas era deixar em opinião o seu amor. Assim se via a Corredemptora do mundo como enleada entre estes dous empenhos, até que finalmente preponderou mais em seu animo a necessidade da sua vida para nosla conservação, que a fineza de sua morte para credito de seu amor. Propôz a fineza, que devia ao Rey, á necessidade, que via nos vassalos; e morto o Rey, continuou a vida, por continuar a redempçāo, que obrara o Rey. Isto mesmo, que aconteceu na

na Corredemptora do mundo, vimos na restauração de Portugal; assim como na redempção do mundo foy Chrssto o Redemptor, e a Senhora Corredemptora, assim tambem na restauração de Portugal foy Redemptor hum Rey, e huma Rainha a Corredemptora; pois assim como morto o Rey, e Redemptor do mundo, para sua conservação ficou viva a Rainha; assim tambem morto o Rey, e Redemptor de Pottugal, ficou viva a Rainha para sua conservação.

Mas defunto o Rey; com que esforço, com que zelo, com que resolução não solicitou a Rainha nossa Senhora a conservação da nossa liberdade? Que diligencias não applicou? Que batalhas não venceo? Que vitórias não conseguiu? Não se lê, que fizessem mais pela liberdade de suas mesmas patrias nem as Deboras, e Judiths, nem as Zenobias, Pantasileas, Candaces, Amalasuntas, nem juntas as Amazonas, Lacenas, Gadicanas, e Carthaginesas. Cessaraõ todas as antigas façanhas, que obraraõ pela liberdade de suas mesmas patrias, á vista do que obrou esse assombro Andaluz por conservarnos a nossa liberdade. Tudo podéra cessar, só á vista do que obrou na occasião das linhas de Elvas, que o zelo, com que entaõ formou gloriosamente a liberdade Portugueza, o afecto, o valor, e a prudencia nenhuma semelhança admittiraõ, e ainda agora só se permittem á admiração. Taõ empenhada se mostrou sempre por nossa liberdade a Rainha nossa Senhora, que parece não vivia mais, que para defender o Reyno de Portugal do domínio de Castella. Por isto em seu dito nascimento teve conhecidos presagios de Rainha, como se nascera para libertar a Coroa de Portugal. Por isto tambem em quanto Castella pertendeo por armas o Reyno de Portugal, sempre viveo: tanto que chegaraõ a capitular as pazes entre Portugal, e Castella, logo espirou; como se sua vida só se destinasse a defender de Castella a Monarquia de Portugal.

E que espirasse finalmente, que finalmente acabasse aquella vida, que tanto se empenhou em nossa liberdade! Oh rigoroso tributo! Lamentável penão de nossa natureza! Chorava Jeremias, e era a causa de seu pranto ver a huma Rainha tributaria: *Princeps provinciarum facta est sub tributo.* Mas com quanta maior razão se lamentara, se devesse ao objecto de suas

lagri-

lágrimas naõ só respeitos de Rainha, senaõ obrigaçōens de Redemptora? Com quanta mayor razaõ se lamentáia, se fosse a causa de sua dor ver a sua Rainha tributaria, naõ da fortuna, se naõ da morte? Que justas foraõ suas queixas! Que devidas suas lagrimas! Pois esta he a materia de noslas lagrimas, esta a razaõ de noslas queixas, este o motivo de noslos sentimentos. Sente Portugal ver tributaria da morte a huma soberana Magestade, a huma Rainha, a quem deve obrigaçōens de Redemptora. Que devido, que justificado sentimento! Morto Christo pela redempçāo dos homens, toda a terra se cobrio de luto: *Tenebræ factæ sunt super universam terram.* Sempre Matth. os lutos serviraõ de embargo. Se a terra com a morte de Christo ficou remida, como se cobrio de luto com a morte de Christo? Naõ era muito justo, que para festejar a sua redempçāo se ornasse de galla? Pois como corta lutos, quando vê lograda a sua redempçāo? Por isto mesmo, porque se vio remida por Christo em sua morte, por isto se vestio de luto na morte de Christo. Bem conheceo a terra a razaõ, que tinha de alegrar-se, quando se vio remida; mas advertio, que toda a causa de sua alegria, que todo o bom succeso de sua redempçāo fora obra de Christo: e vendo, que se acabava aquella vida, que tanto se empenhava em sua liberdade, vendo que aquelle padecia a morte, a quem naõ devia menos, que a sua redempçāo; do mesmo motivo de alegrarse fez obrigaçōo de entristerse, e da mesma razaõ, que tinha de vestirse de galas; fez divida para cobrirse de lutos. Vendo pois o Reyno de Portugal, que acabou finalmente aquella vida, que tanto cooperou para a sua redempçāo, quaõ devidamente arrastará esles lutos em testimonho de sua dor! Quaõ justamente dará liberdade ás lagrimas em desempenho de sua liberdade! Oh que bem se correspondem nesta occasião as maõs, e os olhos de Portugal! Soltas as cadeas das maõs, desatadas as correntes dos olhos, que bem parecem cahindo as correntes dos olhos, quando estaõ sem cadeas as maõs! Que devido, que generoso desempenho! Libertou Judith a sua patria do poder dos Aslyrios, e em sua morte todo o povo lamentou a Judith: *Defuncta est, ac sepulta, luxitque illam omnis populus.* Muito parece que 16.28.29 sendo Judith huma mulher particular, cauſasse sua morte taõ

universal sentimento; mas como Judith com a liberdade sua  
nha obrigado a todos em sua vida, por isto se deraõ todos por  
obrigados a lamentalla em sua morte: *Luxitque illam omnis  
populus*. Ainda quando a Rainha noſla Senhora naõ gosara taõ  
merecidamente a soberania de Rainha, só pelo titulo de Re-  
demptora nos podéra executar por lagrimas: em quanto mu-  
lher, devemos sentir sua morte por piedade; em quanto Rai-  
nha, pelo respeito; em quanto Redemprora, por justiça; que  
justo he, que pondonos em tanta obrigaçao sua vida, lamen-  
temos sua morre por obrigaçao.

Com tudo, se bem temos nesta morte grande materia pa-  
ra o sentimento, nella temos tambem grande razaõ para o alivio.  
Esta he a segunda obrigaçao, em que estamos á Rainha  
noſla Senhora, que prevendo o sentimento, que havia de cau-  
ſarnos a sua morte, já em sua vida dispôz o alivio a nosſo sen-  
timento. Naõ pode evitar o damno, mas prevenio o remedio;  
naõ pode livrarnos da dor, porém deixounos o alivio. Taõ san-  
tamente viveo, foraõ suas acçoens taõ ajustadas, taõ regular  
seu procedimento, foy sua modestia taõ rara, taõ singular sua  
piedade, taõ religiosa a educaçao de sua Real descendencia,  
taõ observante a direcçao de toda a casa Real, tanta a devo-  
çao com os Santos, tanta a misericordia com os pobres, tanta  
a frequencia dos Sacramentos, e em fim tantos os cuidados de  
sua mortificaçao, ainda entre as licenças da Mageſtade, que  
nos pôde aliviar a santidade de sua vida na lastima de sua mor-  
te. De Socrates refere Plutarco, que sendo inocente, fora  
condemnado á morte. Lastimavase sua esposa de que o conde-  
mnassem á morte sem culpa, e respondialhe judiciosamente o  
Filosofo, que quando elle fora a morrer culpado, entaõ lhe  
ficára a ella razaõ de sentimento; mas que indo a morrer in-  
nocente, lhe devia ficar grande materia de alivio. He certo,  
que sempre aos golpes da morte correspondem os eccos da vi-  
da; se houve culpas na vida, correspondem penas na morte;  
mas diminuese o pezat na morte, se houve innocencia na vida;  
e respondem na vida eccos de alivio, quando a morte dá gol-  
pes de sentimento. Sendo pois a Rainha noſla Senhora taõ in-  
culpavel na sua vida, claro está, que devemos aliviarnos em  
sua morte, especialmente quando podemos persuadirnos, que  
sej

seu felice transito foy glorioso horizonte, onde para trasladar-se a mais luzido hemisferio equivocou em hum mesmo ponto o occaso, e oriente; e quando em suas acçoens nos deixou taõ seguras esperanças de que aquelle ultimo parocismo, mais que espirar, foy renascer, mais que tributar á morte, foy passar a melhor vida.

Mas oh que bem nascidas, e que bem fundadas esperanças! Que bem pôde assegurarnos, quem taõ santamente viveo, que vive agora gloriosamente! Muitas saõ as acçoens da Rainha noſta Senhora, que nos poderaõ confirmar neste pensamento; mas eu só o quero confirmar com huma unica acção, só com aquella estreita clausura, a que ultimamente se sacrificou. Disse Christo, que o caminho, por onde seguramente se demandava a gloria, era a estreiteza, ou clausura: *Arcta via* Matth. 7. 14. *est, quæ dicit ad vitam.* E sendo este o caminho da gloria, como deixaremos de crer, que caminhou para a gloria quem acertou com o caminho? Fonte encerrada chamou o Esposo divino a huma alma recolhida: *Fons signatus.* E acho Cant. eu, que a Rainha noſta Senhora, depondo a Mageſtade pela clausura, foy caudalosa fonte, naõ só que se encerrou, se naõ que desceo. E como he propriedade das aguas, quando descem reduzidas ou a apertos, ou a clausuras, que quanto mais descem, tanto mais sobem; bem se segue, que reduzindoſe a huma clausura, e descendo de taõ soberana altura a Rainha noſta Senhora, se desceo do Reyno, da coroa, e do trono da terra, subio a melhor esfera a goſar de melhor Reyno, de melhor trono, e de melhor coroa. Era seu merecimento tanto mayor, que seu dominio, que ainda sobre a coroa da terra foy força, que se coroasse no Ceo; se naõ foy emulação do Ceo, que só a coroasse a terra. Considerai as virtudes da Rainha noſta Senhora, assim as politicas, como as sobrenaturaes; todas a formavaõ taõ digna do Imperio, que entraraõ a competir entre si o Ceo, e a terra sobre qual formaria a coroa a taõ soberano ſujeito. Porém componeraõſe as partes; coube à terra coroalla por suas virtudes politicas; coube ao Ceo coroalla por suas virtudes sobrenaturaes. Huma só coroa era limitado premio para tantas virtudes, por iſlo foy necessario, que se multiplicaslem as coroas. Hum só globo da terra era pouco theatro para tanta grandeza;

deza; por isto foy preciso, que lubisse tambem ao globo do Ceo. Taõ santamente soube ser Rainha vivendo, que ainda depois de morta foy Rainha: como agradaraõ tanto suas accoens a huma, e outra esféra, celeste, e sublunar, por isto foy coroada em huma, e outra esféra, por isto gosa diademas no Reyno da Gloria, depois que cingio a coroa no Reyno de Portugal.

Estas taõ seguras esperanças nos deixou a Rainha nossa Senhora, fundadas no procedimento de sua vida: e estas nos haõ de servir de alivio no sentimento de sua morte; porque só se deve sentir o que se perde, e naõ o que se aumenta. Devemos sentir esta morte como humanos, mas tambem a devemos festejar como Christaõs: hum he dictame da fé, outro da natureza; e devem ser de tal maneira nossas lagrimas, que naõ afrontem nossas esperanças: deve ser de tal sorte nos dor, que naõ perigue nossa fé. Dizia S. Paulo aos Theſſalonicos, que moderassem o sentimento na morte daquelles, de cuja salvação tivessem seguras esperanças: *Non contristemini, sicut & cæteri, qui spem non habent.* Isto mesmo parece nos elta dizendo mudamente aquella defunta Magestade: *Non contristemini, sicut & cæteri, qui spem non habent.* Naõ sintais o rigor de minha morte, como se vos naõ ficaraõ esperanças de minha salvação: assim vos alleguraõ minhas accoens estas esperanças: assim podeis inferir gloriosamente meu actual estado de meu antigo procedimento; pelo que se vos entristece a lembrança da minha morte, alegrevos a memoria da minha vida; que assim pode a inteireza da minha vida servir de alivio á lastima de minha morte.

Assim parece nos alivia a Rainha nossa Senhora entre tantas circunstancias de taõ juitificado sentimento. Esta he a obrigação eterna, em que lhe estamos, que nos alivie com sua vida, quando nos entristece com sua morte. Porém que de sentimentos naõ devemos á sua morte por esta mesma obrigação, em que estamos á sua vida? Por isto mesmo lhe devemos o sentimento, porque lhe devemos o alivio; porque nos serve de alivio a santidade de sua vida, por isto mais devemos sentir a magoa de sua morte. Chorava a Senhora na morte de Christo; e para explicar Jeremias, que era dobrada a razaõ de seu pranto,

to, disse, que era o pranto dobrado: *Plorans ploravit.* Mas <sup>Thren.</sup> <sub>2.</sub> quaes seriaõ as duas razoens do pranto da Senhora? A primeira razaõ, porque chorava a Senhora, era a morte de Christo; e a segunda razaõ o mesmo Texto o disse nas seguintes palavras: *Et lacrymæ ejus in maxillis ejus:* Porque estavaõ paradas as lagrimas: hiaõ a correr as lagrimas, porém suspendiaõse nas faces; e porque as lagrimas se suspendiaõ, por isto o pranto se dobrava: *Plorans ploravit. Et lacrymæ ejus in maxillis ejus.* Ora reparemos hum pouco nestas lagrimas paradas; detenhamos com estas lagrimas detidas. Que razaõ podia haver, que assim suspendesle, e aliviasle as lagrimas da Senhora? O Texto manda advertir, que este alivio lho naõ causava nenhuma creatura: *Non est qui consoletur eam ex omnibus charis ejus.* Mayor razaõ de dificuldade! Tinha alivio nas lagrimas, e com tudo nenhuma creatura lhe causava o alivio? Pois logo quem lho causava? Respondo, que lho causava o mesmo Christo. Tinha a Senhora postos todos os cuidados em Christo, ora lembrando de Christo morto, ora de Christo vivo; ora do rigor, com que acabara, ora da santidade, com que vivera Christo morto lhe arrancava as lagrimas dos olhos; Christo vivo lhe suspendia as lagrimas nas faces. Quando considerava na tyrannia de sua morte, desatavaõse as lagrimas, porque se apurava a dor; quando considerava na innocencia da sua vida, aliviavase a dor, e suspendiaõse as lagrimas. Assim estavaõ as lagrimas dependuradas nas faces da Senhora, ora impellidas da dor, ora suspendidas do alivio; ora impetuosamente soltas com a memoria de taõ rigorosa morte, ora docemente retardadas com a lembrança de taõ inocente vida: *Et lacrymæ ejus in maxillis ejus.* Porém advertindo a Senhora, que acabara finalmente o curso de sua vida aquelle, a quem devia alivios no sentimento de sua morte, advertindo, que morrera finalmente quem taõ santamente vivera, que com a innocencia de sua vida chegava a moderar a pena de sua morte, da mesma razaõ do alivio fazia motivo para mayor sentimento: *Plorans ploravit;* e assim chorava por duas razoens: chorava primeiro pela razaõ da morte: *Plorans;* e suspendendo as lagrimas, chorava depois pela razaõ do alivio: *Ploravit;* *& lacrymæ ejus in maxillis ejus.*

Da mesma maneira tentando nós a morte da Rainha nossa Senhora, temos alivio na innocencia de sua morte; porém pelo mesmo caso he maior em nós a divida do sentimento, porque lhe estamos na obrigaçao do alivio. E se naõ, pergunto eu: Porque nos pôde aliviar a sua vida? Por sua virtude? Pois naõ he muito para chorar, que tantos exemplos de santidade viensem a parar entre os silencios de huma sepultura? Naõ he lastima, que os progressos de taõ alta virtude atalhassem os horrores da morte? Naõ he a morte castigo da culpa? He

Rom. 5.  
12.

texto expreso: *Per peccatum mors.* Pois que se arme a morte contra a culpa, pensaõ he para chorada, porém aslás merecida; mas que contra a virtude se atrevesse a morte? Da morte de hum justo fallava Salamaõ, e dizia, que a razaõ,

Sap. 4.11.  
14.

porque morrera, fora, porque era justo: *Raptus est: placita enim erat Deo anima illius.* Sabio Rey, naõ he essa a razaõ da morte, antes essa he a sua semrazaõ: o mesmo Rey parece, que sem querer o confessou assim: notem as palavras: *Raptus est:* Foy roubado. A morte de hum justo he roubo, he huma injustiça: aquillo, que naõ he proprio, se naõ alheyo, isto he o que se rouba. Quando a morte leva a hum justo desta vida, como naõ tem direito no justo, faz hum roubo manifesto;

leva o que naõ he seu, o que lhe naõ toca: *Raptus est.* E que transcendia a morte os limites do seu poder! Que passe os termos de sua jurisdicçao! Que sendo a morte o castigo da culpa, se execute na innocencia! E o peyor he, que se empregue na innocencia, e passe pela culpa! Que deixe vivo a Caim, e se arme contra Abel! E que esta fosse a primeira morte do mundo! Ha maior semrazaõ da morte! Pois esta he a razaõ, que temos para sentir a morte da Rainha nossa Senhora. Fundamos a razaõ de nosso sentimento na semrazaõ da sua morte.

Sentimos, que a tanta virtude se atrevesse a morte, naõ tendo jurisdicçao na virtude. E que assim transferisses, oh morte cruel, oh farca inexoravel, que assim transferisses tanto numero de virtudes dos incendios ~~para as~~ cinzas, do trono para o tumulo, do Paço para a sepultura! Na morte da Imperatriz Placilla disse S. Gregorio Nazianzeno, que todas as virtudes acabaraõ; porém naõ soy esta a ultima vez, em que se pode formar esta queixa contra a morte; porque o q entao disse o Santo Doutor de huma

huma Imperatriz, podemos nós agora com igual razão dizer de huma Rainha de Portugal: *Periit humanitatis imago; immo verò ipsa principalis humanitatis forma. Periit alta animi humilitas, atque modestia. Periit fidei zelus, & studium.* Este fatal estrago, este destroço das virrudes, esta desordem da morte, injuria dos seculos, escandalo das idades, isto he o que lamentamos hoje. Mas oh que justamente o lamentamos! Que contra os resplandores da virtude se armaram as sombras da morte! Que se atrevessem os horrores da morte contra os privilegios da santidade! *Quis dabit:* (exclama S. Jeronymo em semelhante caso) *Quis dabit capiti meo aquam, & oculis meis fontem lacrymarum?* Mas que desejava chorar o Santo? O que nós devemos chorar: *Plorabo omnes in unius morte defecisse virtutes.* Não me atrevo a romanciallo, por não dar maior causa ao sentimento.

Porém cheguemos finalmente á ultima obrigação. A ultima obrigação, em que estamos a Rainha noila Senhora, he o desengano. Assim como nos obrigou em sua vida, quiz também obrigar-nos em sua morte; e para obrigar-nos também em sua morte, daquelle tumulo está desenganando nossas vidas. Esta hé a maior obrigação, em que lhe estamos; porque na liberdade, e no alivio attendeo á nosla conveniencia temporal: no desengano passou a procurarnos eterna conveniencia; e quanto maior he a conveniencia das almas, que a dos corpos, tanto excede o desengano ás outras obrigaçōens. Notavel antecia do bem dos seus vasallos, que ainda depois da morte solicite nosso bem! De Carlos Magno se refere, que estando já vizinho á morte, lhe perguntaraõ seus privados, que bandeiras queria pendurassem em seu sepulcro, pois tantas ganhara em tantas batalhas: desejoso o invictissimo Monarca de aproveitar a seus vasallos, ainda depois da morte, a quem tanto defendera em sua vida, respondeo, que sobre o tumulo lhe pendurassem huma mortalha; porque como as bandeiras eraõ trofeo de seu valor, e a mortalha ruína de sua grandeza; as bandeiras podiaõ ser louca intentaçō dos mortos, porém a mortalha certo desengano dos vivos.

Este mesmo ultimo proveito de seus vasallos, este ultimo desengano nos dá hoje por sua morte a Rainha noila Senhora;

nhora; e parece que muito de antes o tinha já previsto Salamaõ. Trata elle de huma mulher varonil, porém estranha, perola preciosa nascida nas balizas da terra, ou para melhor dizer formada no mar Atlântico entre as columnas de Hercules: *Mulierem fortem quis inveniet? Procul, & de ultimis finibus pretium ejus.* Assim de tal maneira lhe vay descrevendo as propriedades, e ponderando as accoens, que parece falla á letra da Magestade serenissima. Todas eraõ muito dignas de reparo, porém eu reparo sómente na ultima accaõ: *Sindonem fecit, & vendidit:* Fez huma mortalha, e vendo-a. Esta he a ultima accaõ da Rainha: huma mortalha parece nos está profundo, não dada, senaõ vendida; porque vay a interelar nosso desengano com esta mortalha. Oh se esta mortalha nos custara algum desengano! Se com estes despojos da morte se interessara o desengano de nossas vidas! Oh se de entre as sombras daquelle tumulo amanhecessem luzes ao nosso desengano!

Mas quem deixará de reparar na inconstancia de nossa vida, pondo os olhos nos estragos desta morte! Morre o Raquel; e não carece de mysterio, que Jacob a sepultasse no caminho: *Mortua est ergo Rachel, & sepulta est in via.* Os que viensem da Corte, e atravessassem aquelles valles, pondo os olhos naquella sepultura, não deixariaõ de suspender os passos para reparar naquelles despojos da morte, reliquias daquella antiga Raquel. Porém se lá a vista de huma Raquel sepultada servia de suspensaõ; lá suspendiaõse o caminho; e cá deveramos suspendermos muito de assento. E se não reparem na diferença, que vay de Raquel a Raquel; se lá suspendiaõ aos caminhantes as cinzas da mayor formosura, quanto mais nos pôde servir de suspensaõ ver sepultadas juntamente a mayor gentileza, e a mayor Magestade! Para que os que passavaõ, se suspendessem á vista daquelle tumulo, não só o collocou Jacob em huma estrada publica, mas levantou tambem huma pedra, em que escreveo o epitafio de Raquel: *Erexit Jacob titulum super sepulchrum ejus.* Passaria de força o caminhante para ler o titulo daquelle sepultura, e nesse leria juntamente desenganos de sua vida; porém quanto vay de titulo a titulo! Se lá se via huma pedra levantada em titulo, cá se vê o mayor titulo sepultado em pedra: pois se lá suspendia aquelle titulo erigido, quanto

quanto mais nos pôde confundir o mayor titulo sepultado! Se coube em huma sepultura a mayor grandeza, qual de nós deixará de caber em huma sepultura?

He a morte castigo vindo do Ceo; e assim se haõ os castigos do Ceo, como as aguas, que cahem sobre a terra: as aguas primeiro chovem sobre os mais altos montes; porém dos montes se derivaõ aos valles. Temaõ ver se afogados os valles, quando sentirem padecer os montes; e temaõ acabar os pequenos, quando a morte dá pelos grandes. Na ultima mortandade do mundo, diz Christo, que haõ de cahir humas casas sobre as outras: *Domus supra domum cadet.* Notem: Se humas casas haõ de cahir sobre as outras, segue se que todas haõ de cahir, humas arruinadas, outras opprimidas. He verdade, que a ruina ha de começar pelas grandes, pois ellas haõ de cahir sobre as pequenas; porém he consequencia infallivel, que haõ de cahir as pequenas, pois sobre elles se haõ de arruinar as grandes. Esta propriedade acompanha a morte dos grandes, e Monarcas do mundo; naõ sey se he lisonja, se consequencia: tanto que morrem os grandes, he preciso que morraõ os pequenos; tanto que acaba o Rey, he infallivel que acabem os vassallos. Que bem que entendia David esta consequencia da morte! Quiz elle dar em terra com o gigante, e fez-lhe o tiro á cabeça; e rendida a cabeça, toda a maquina do corpo se rendeo. Saõ as Magestades cabeças das Monarquias; e para a morte prostrar todo o corpo das Monarquias, basta que faça o tiro ás cabeças. He a natureza humana hum pomar de diversos frutos: *Emissiones tuæ paradisus malorum punicorum cum pomorum fructibus:* neste pomar se levantaõ os troncos da nobreza, as arvores da prosapia, os ramos da successão; aqui ornada de flores a vaidade florecem os brios, as formosuras, e as riquezas; porém como toda esta pompa vã tem as raizes fundadas na terra, neste pomar entra a morte a colher os frutos da vida, e os primeiros frutos, e as primeiras vidas, que neste pomar se osterece á morte, saõ as romans frutos coroados: *Paradisus malorum punicorum.* Mas quando para a morte estaõ sazonadas as romans, he consequente, que estaõ tambem os demais frutos: *Cum pumorum fructibus.* Naõ acha a morte os frutos pomos coroados, sem que colha tambem frutos de todo

do o pomar: naō rende as cabeças, sem que prostre os corpos; nem leva as Magestades, sem que córte pelas Respublicas.

Todavia se bem á morte do Rey infallivelmente se segue em qualquér Monarquia a morte dos vassallos; acho eu, que he inais infallivel esta consequencia na morte da Rainha. No dia do Juizo universal primeiro se ha de escurecer o Sol, depois a Lua, ultimamente cahiráō as estrellas: *Sol obscurabitur, Luna non dabit lumen suum, & stellæ cadent de cælo.* De sorte que depois do eclipse do Sol ainda estarão fixas as estrellas, mas seguirseha o eclipse da Lua; porém depois do eclipse da Lua seguirseha infallivelmente a ruina das estrellas. He o Sol Monarca das luces, a Lua a Rainha, as estrellas vassallos; e se he possivel, que eclipsandose o Rey, persistaō os vassallos, he força que cayaō os vassallos eclipsandose a Rainha: *Luna non dabit lumen suum, & stellæ cadent de cælo.* Assim vay procedendo a morte no Reyno de Portugal: chegou o seu occaso á Magestade del Rey D. Joaō o IV. eclipsouse aquelle Sol da Lusitania; e ficaraō as estrellas fixas. Eclipsouse depois a Magestade da Rainha nosla Senhora, esa lustrosa Lua de Portugal: pois desenganemse os vassallos; segue se agora, que dê com si go em terra toda a demais Republica das estrellas: *Stellæ cadent de cælo.* Todos reparão na brevidade da rosa; e naō sey se reparão na causa della. Que taō brevemente dure o mayor mimo dos bosques! A mayor lisonja dos prados! delicia da Aurora, primeira ostentaçāo da Primavera! Que tanta belleza, e magestade iapenas nasça, quando espira! Qual pôde ser a razão de taō acelerada morte? A razão he, para que se desenganem as mais flores. Poderaō facilmente desvanecerse as mais flores, e fiadas na grandeza de sua formosura prometterse eternidades em sua duraçāo; pois para que ás flores se desenganem, anorra primeiro a Rainha das flores he a rosa; e vendo-as demais flores, que sua propria Rainha no mesmo dia, em que amanhece flor, anoitece cadaver; vendo equivocados em hum mesmo dia o thalamo com o tumulo, as purpuras com as mortalhas, o trono com a sepultura; vendose ludibrio do tempo toda aquella olorosa pompa, toda a magestade; vendo finalmente morrer a sua propria Rainha: como deixaráō de persuadirse a morrer! Assim se murcha a rosa para cautela das flores; assim

assim se eclipsa a Lua para aviso das estrellas. Flores, e estrelas todas de verá desenganarfe na morte de sua Rainha. Naó se desvaneça o mais florente da idade, pois se murchou a rosa; naó se engane o mais lustroso da vida, pois se eclipsou a Lua; persuadaõse a morrer os vassallos, pois he falecida a Rainha.

Tentou o demonio a Eva com o pomo da morte; e repaõ muitos, porque naó tentou primeiro a Adaõ? Varias taõ as respostas deste reparo. Eu venerando a todos, dou a minha. O intento do demonio foy fazer a todos os homens tributarios da morte, veneno, que dissimulava naquelle antigo bocado; e para fazer tributarios da morte a todos os homens, havia de começar pelas cabeças. Era Adaõ Rey de todo o Universto; Eva a Rainha; seus descendentes todos seus vassallos: pois para o demonio sujeitar á morte todos os vassallos de Adaõ, julgou que naó era taõ seguro fazer tributario da morte ao Rey, como á Rainha. Por isto deo primeiro o pomo da morte á Rainha, para que della infallivelmente se derivasle a morte a todos os vassallos da Rainha do mundo. He certo, que ha de succeder o mesmo aos vassallos da Rainha de Portugal: morta a Rainha, quem duvida ha de abranger a morte aos vassallos? Se a morte naó respeitasse a tanta soberania, e o que mais ha, a tanta santidade; se se eclipsou taõ luminoso Planeta; se se cortou taõ bella flor; se se desfez taõ prospéra fortuna; se se arruinou taõ eminente edificio; se cahio taõ alta Magestade; se se desbaratou tanta grandeza, e se rendeo tanto poder: que se pôde daqui seguir, senaõ certas evidencias de nossa mortalidade? Que se pôde seguir, mais que temores da morte, e desenganos da vida?

Já reparei no luto, que vestio a terra na morte de Christo; agora reparo no tremor. Diz o Texto, que tremera a terra: *Terra mota est.* E porque causa tremor a terra na morte de Christo? Eu differe, que desenganada tremor: vestio luto de sentimento, e tremor de desengano. Vio a terra na morte de Christo, que se atrevia a morrer a hum Deos, a hum Rey, a hum inocente, e a hum Redemptor: vio, que naó respeitava a morrer nem á Deidade, nem á coroa, nem á innocencia, nem á redempçao; e vendo na morte de Christo tanta liberdade da morte,

morte, resolveose finalmente, e desenganoute, que tambem morreria; a assim se vestio de lutos com sentimentos da morte: *Tenebræ factæ sunt*; padeceo tremores com desenganos da vida: *Terra mota est*. Vendo pois o Reyno de Portugal na morte da Rainha noſta Senhora, que se atreveo a morte a huma deidade, a huma coroa, a huma innocencia, e a huma causa de noſta redempçao; que lhe restaõ, senaõ tremores, e lutos; Vista lutos de sentimentos, mas padeça tremores de desenganos. As outras mortes podem desenganarnos por advertencia; mas esta por imperio; as outras persuadindo, esta mandando, Obedeçamos pois a taõ soberano preceito; desenganemonos á vista desse tumulo, que em muda sim, mas poderosa eloquencia, nos esta intimando desenganos. Alli se vê, que saõ as honras exequias, as pompas lutos, os titulos epitafios, as dignidades officios, os brazoens cinzas, o trono ataúde, a coroa remate. Alli se vê, que as mayores prosperidades do mundo saõ illusão da vaidade, engano da fantasia, sonho da imaginação; que tudo se ha de reduzir naquellas cinzas, tudo se ha de cobrir daquellas sombras, tudo ha de vir a parar naquelle tumulo, naquelle sepultura. E que tendo nós estes desenganos de noſta mortalidade, assim vivamos, como se foramos eternos! Oh se melhorassemos as vidas com taõ certos desenganos! Das outras obrigaçoens, em que nos poe a vida da Rainha noſta Senhora, fizemos arguimento para lamentar a sua morte; desta ultima obrigaçao, em que nos poe a sua morte, tiremos motivo para chorar noſtas vidas. Sirvaõ de regular noſtas vidas estas evidencias da morte: desenganemonos desta vez, para que deste modo a exemplo, e em companhia do bem, que perdemos, depois de viver ao tempo, vivamos á eternidade.

E vós, ó alma ditosa da Mageſtade mais Augusta; vós, que merecendo melhor ſolio, voastes a melhor imperio, recebei em gratificaçao do que vos devemos, estas memorias, que vos consagramos, esta inçtuosa pompa, esta urna, este mausoleo, mais obsequios do noſſo amor, que exequias á voſta morte. Sejaõ estes tributos de noſſo ſentimento victimas de noſſa affeção. Esta pyra, e estes lutos sejaõ funestas aras de noſſa eterna lembrança, onde officiosamente entre amorosos incendios se

se sacrifique a dor, e te immortalize a pena. Estas affeçõens eternas, estas immortaes saudades nos devereis sempre, ó alma venturosa; que o prazer de qualquer boa fortuna já mais fará esquecer o pezar desta desgraça. Haverá quem supra vos-  
sa presença, mas não quem substitua a vosla pessoa. E como he impossivel, que se restaure a vosla perda, impossivel he,  
que se remitta a nosla dor. Esta dor, esta pena vivirá em nós eternamente, bem que tanto amor nos mereceis, que facilmente nos compomos com a nosla ingrata fortuna pelo inter-  
esse de que gozeis essa eterna felicidade. Oh como estais mais digna de parabens pelo Reyno, a que subistes, que de lastima pelo que deixastes! Merecendo vós taõ cabalmente a coroa de Portugal, quanto mais justamente mereceste a coroa da Gloria! Gozai pois, ó espirito gentil, gozai embora do premio, e da coroa, que mereceste nesse Reyno de luz, a que subistes. E vivendo amorosamente por saudade em noslos coraçõens, vivey venturoſamente em gloria por toda a eter-  
nidade.



# TARDES DAS DOMINGAS DA QUARESMA, P R E G A D A S

Na Parochial Igreja da Magdalena.

## I. DOMINGA.

*Verumtamen vani filii hominum, mendaces filii hominum in statenis. Ex Psalm. 61. v. 10.*



Uem cuidára, que os annos naõ haviaõ de ter as propriedades do anno? Ha no anno Primavera, e ha Outono; primeiro se veste de Primavera de flores, depois brota no Outono de frutos. Cónfórmé este costume do anno, parece, que haviaõ de abrir agora os annos em flores, e guardar para mais tarde os frutos. Assim parece. Mas onde se encontraõ com os estylos do tempo os dictâmes da razaõ, bem he, que prevaleça a razaõ contra o tempo. Refere S. Marcos a fineza, com que aquellas santas mulheres se desvelaraõ para ungir o cadaver de Christo; e diz que foraõ ao sepulcro muito de manhã: *Valde mane*, porém que já era nascido o Sol: *Orto jam Sole*. Mysterioso dizer! Muy de manhã, nascido já o Sol. Pois senaõ era tempo de hascer o Sol, como tinha já o Sol nascido?

Marc. cap  
ultim. v.  
2.

Eu o direi. Aguardava Christo pelo nascimento do Sol, para despir horrores de defunto, e trajar glorias de resuscitado:

do: o tempo embargava ao Sol os rayos, por ser ainda jurisdicçāo da noite: a razaō pedia luzes ao Sol, porque as esperava seu Creador: e entre os vagares do tempo, e esperanças da razaō, que faz o Sol? Apreslou as luzes, como pedia a razaō, e naō retardou os rayos, como embargava o tempo. Que airosamente Chrysologo! *Anbelabat Creatori servire, non tempori.* Os annos solicitaō galantarias deflores, a razaō demanda utilidades de frutos; porque he a Quaresma o Outono do Ceo. Pois se o Sol he huma creatura sem juizo; e obedeceo á razaō, e naō ao tempo, porque obedeceraō os homens ao tempo, e naō á razaō? Nem imaginem, que conciliaráo meus agrado os frutos por virem na conjunçāo das flores.

Quando o Esposo convidou a Esposa a sahir do campo para recrearse, por ser já passado o Inverno, e entrada a Primavera, de todas as arvores só a figueira lhe roubou o affeito: *Ficus protulit grossos suos.* E porque empregou mais sua <sup>Cant. 2. v.</sup> affeição na figueira, quando as demais arvores a excedem no aprazivel da vista, e no copado da rama? Sabem porque? Porque sendo a Primavera: *Hiems transiit*, propria das flores: <sup>Ibid. v.</sup> *Flores apparuerunt*, vejo a figueira singularmente com frutos: <sup>Ibid. v.</sup> *Ficus protulit grossos suos.* Que naō desagradaō frutos, ainda <sup>ut sup.</sup> que venhaō no tempo das flores. As demais arvores abriaō em flores, como pedia a conjunçāo do anno: a figueira brotou em frutos contra a razaō do tempo, e grangeou por frutifica as estimaçoens, que as outras podiaō esperar por floridas. Pois se os frutos tem sua graça na occasião das flores; em lugar das flores, que promettiaō os annos, acodiremos com frutos, que solicita a razaō.

Para a colheita destes me pareceraō accommodadas as palavras, que citei, do Psalmo sessenta, e hum de David, nem a brevidade do tempo me deo lugar a melhor escolha. Diz pois o Real Profeta, que todos os homens saō falsos, e mentirosos no pezo das couzas: *Mendaces, & Forte opposiçāo, mas verdadeira,* diz Basilio: *Quia perverse de rebus judicant, neque rationis momento; rite liberant temporalia, & eterna, ficta, & vera.* Porque a balança humana he o juizo; e neste tomaō os homens taō mal o pezo ás couzas, que estimaō o temporal, e fingido, como muy pezado, e desprezaō o eterno, e verdadeira-

D. Basil.  
in eum-  
dem Ps.

dadeiro, como muy leve. Sirva de prova Esaú.

Pezou Esaú o morgado de Isaac, symbolo das coufas eternas, com huma escudela das lentinhas, figura das terrenas: *En morior, quid mibi proderunt primogenita?* E achou, que mais pezava a escudela, que o morgado: *Et vendidit primogenita.* Bem sey, que disle hum dos mayores sujeitos deste seculo, que Esaú naõ pezara, por isto vendera. Mas com licença desse Sol dos engenhos, aquella perplexidade, aquelle reparo de Esaú em mayor: *Quid mibi, &c.* pezo de razaõ parece. Isto suposto, pergunto: Hum morgado, os bens do Ceo saõ mais leves, que huma escudela, que os bens do mundo? Claro está, que naõ. Pois como sahe a Esaú a escudela, e os bens do mundo tanto mais pezados, que o morgado, e os bens do Ceo, que vende este; e estes por aquelle, e por aquelles? Porque assim costumaõ pezar os homens.

Posta a balança, e grossaria de hum manjar, e as riquezas de hum morgado, naõ duvida Esaú vender o morgado pelo manjar. Oh que Esaús ha no mundo! Pela brutalidade de hum appetite troca o sensual os deleites da gloria! Pela baixeza dos bens da terra despreza o ambicioso os bens, e os thesouros do Ceo! Pelo regalo do corpo se descuidaõ muitos do bem da alma! Pela commodidade da vida desestimaõ todos a eternidade da outra! Ah mal considerado pezo! Lá virá tempo, em que nos peze bem do mal, que agora pezamos: e senão queremos, que entaõ nos peze, tomemos esta Quaresma a balança, e pezemos fielmente as coufas, para que os que atégora vivemos enganados com a falsidade de seu pezo, nos desenganemos com a verdade delle. E porque a primeira coufa, em cujo pezo andão falsos os homens, he o Ceo com o mundo, pezemos hoje o mundo, e o Ceo.

*AVE MARIA.*

**C**omecemos a pezar, e comecemos pelo mundo. Este mundo com parecer de tanto pezo a muitos, he huma coufa, que peza muito pouco. Demos a primeira prova. Aquella taõ repetida, e prodigiosa estatua de Nabucodonosor, constava de luzidos metaes: a cabeça fino ouro, o peito brunhida prata,

ta, o demais forte bronze, e duro ferro, só se terminava em barro. E quando promettia firmeza, e alegurava consistencias, no pequeno golpe de huma pedra se reduzio igualmente ouro, prata, bronze, e barro a poucas cinzas, que arrebatadas brevemente desappareceraõ: *Hujus statuæ caput ex auro optimo* Dan. 2. v. *erat: pectus autem, & brachia de argento: porro venter, &* 32. 33. & *femora ex ære: tibia autem ferrea: pedum quædam pars erat* 34. *ferrea, quædam autem fætilis. Videbas ita, donec abscissus est* *lapidis de monte sine manibus: & precussit statuam in pedibus* *ejus ferreis, & fætilibus, & comminuit eos, &c.* Que o barro se tornasse cinzas, avante; mas que ao leve toque de huma pedra despedida sem maõs se desfaçaõ em pó metaes tão fortes, como póde ser? Como? Porque toda essa materia não era verdadeira, senão fantastica. De maneira, que toda aquella maquina soberba, toda aquella grandeza estranha, bem apertada, eraõ cinzas, e pareciaõ metaes. E com ser isto assim, notai agora. Com ser esta pompa apparente, diz, ou affirma com tudo o Profeta Daniel, que significava o mundo com suas mais formosas Monarquias. Pois como? Hum pequeno de pó, huma pequena de cinza disfarçada he o retrato do mundo? Sim. Porque todo o mundo, e todas suas magestades, vistas a boa luz, saõ os que aquella estatua era, cinzas na realidade, e metaes na apparence.

E senão dizeime: De todos aquelles Imperios, que estavaõ figurados naquella estatua, ha já hoje alguma cosa no mundo? Que he feito da Monarquia dos Assyrios? Que he feito do Senhorio dos Persas? Que he feito do Reyno dos Gregos? Que he feito do Imperio dos Romanos? Eraõ cinza, consumiraõse, eraõ pó, desappareceraõ. Alegurava a Monarquia dos Assyrios, significada no ouro da cabeça, duraçoens. Promettia o Senhorio dos Pesas, representando na prata do peito, permanencias. Mas era prata fingida, não permaneceo. Mostrava o Reyno dos Gregos, figurado no bronze do ventre, perseverança. Mas era bronze fantastico, não perseverou. Insinuava o Imperio dos Romanos, symbolizado no ferro das pernas, consistencias. Mas era ferro apparente, não consistio. Aca-barraõse como pó, que eraõ, não persistiraõ como metaes, que pareciaõ. Ah mundo, como es enganoso! Ah grandezas do mundo

mundo, como sois falias! Offereceis aos olhos luizimentos de ouro, e prata, e sois huma pequena de cinza! Lisongeais com firmezas de bronze, e ferro, e passais como hum pouco de pó!

Agora entendo eu, com quanta razaõ chamou S. Paulo a este mundo, figura do theatro: *Præterit enim figura hujus mundi. Vedes?* Entra hum homem no theatro, parecemos no apparato, grande, no respeito Senhor, nas roupas Principe, na magestade Rey. Examinais curiosamente, quem he, e achais, que naõ he Rey, como a magestade representa, nem Principe, como as roupas insinuaõ, nem Senhor, como o respeito dissimula, nem grande, como o apparato publica; senaõ hum homem muy ordinario, e baixo. Pois eis-ahi, o que he o mundo, figura de theatro. Vemos suas soberanias, suas honras, suas grandezas, seus faustos, suas magestades; todos nos admiramos, todos pasmamos, todos nos persuadimos, que he huma cousa de muito ser. Apertai ora com tudo isto, buscai a substancia deste luizimento, e quadrinhai a realidade dessa pompa: Que achais? Que encontrais? Cinza, e pó. Pó, que com qualquer vento voa; cinza, que per si mesma se gasta. E se me naõ engano, nestes exteriores falsos do mundo, que imaginais, que vedes? Mentiras. Ha cousa no mundo, que concorde no parecer, com o que he? Logo mentira vista he todo o mundo.

As honras parecem seguro da vida, e saõ reclamo da morte. Purpura de Cesár, que entre as settas dos Egypcios o fazia alvo de tiros, e naõ salvava a vida, se naõ despira a purpura. As amizades parecem caricias, e saõ traiçoens. Abraços de Joab, hum braço vos affaga brandamente o pescoço; outro vos

<sup>2. Reg. 20</sup> embebe deshumanamente o punhal: *Dixit itaque Joab ad v. 9. & 10. Amasam: Salve mi frater. Et tenuit manu dextra mentum Amasae, quasi osculans eum. Porro Amasa non observavit gladium, quem habebat Joab, qui percussit eum in latere, & effudit intestina ejus in terram.*

As merces parecem favores, e saõ tyrrannias. Despachos de David, a quem dava Saul os cargos de guerra, para o expor ás lanças dos inimigos: *Amovit ergo eum Saul a se, & fecit eum Tribunum super mille viros.* Os trofeos parecem graça da fortuna, e saõ desgraças, victoria de Eleazar, a quem o triunfo servio de ruina, e o Elefante morto de

<sup>1. Reg. 18. v. 13.</sup> tumu-

tumulo: *Et vidi Eleazar filius Saura innam de bestiis loricatis tam loricis Regis, & erat eminens super cæteras bestias. Et visum est ei, quod in ea esset Rex: Et dedit se, ut liberaret populum suum, & acquireret sibi nomen æternum. Et cucurrit ad eam audacter in medio legionis, interficiens a dextris, & à sinistris, & cadebant ab eo buc, adque illuc. Et ivit sub pedes elephantis, & supposuit se ei, & occidit eum: & cecidit interram super ipsum, & mortuus est illic.* Finalmente todo o mundo he como os pomos de Sodoma, por fóra bizarrias de ouro, por dentro vilezas de pó: *Visa mendacia.* Eis-aqui o mundo, <sup>D. August</sup> mentiras vistas; e eis-aqui o que tanto cativa a vontade: eis-aqui o que tanto nos enfeitiça o coraçāo. Que esperamos de hum mundo, onde tudo saõ apparencias? Que pertenderemos de hum mundo, que naõ pôde dar mais que mentiras? Por apparencias nos cansamos? Por mentiras nos desvelamos? Por hum pouco de pó nos perdemos? Grande miseria!

Parecevos, que ainda está muito abaixo a balança com este pezo do mundo? Pois ainda peza menos. Aquelle fabio Rey Salamaõ, que tanto pezo achou algum tempo ao mundo, pezou-o depois fielmente, e testimunha, que naõ pezava mais, que hum momento: *Quoniam tamquam momentum stateræ, sic est ante te orbis terrarum.* Ora vede, de que momento he o mundo, que naõ chega a pezar mais, que hum momento. Muito faziamos em lhe dar o pezo de huma pouca de cinza, porque já essa fizera pender algum tanto a balança: mas hum momento, que pendor lhe fará? E o que mais he, que naõ só no pezo de Salamaõ he desenganado, mas tambem no pezo do mesmo demonio, que tanto nos engana com o mundo, naõ he mais o mundo, que hum momento.

Quando o demonio mostrou a Christo o mundo no deserto, diz o Euanglista, que lho mostrou em hum momento: *Et duxit illum diabolus in montem excelsum, & ostendit illa omnia Regna orbis terræ in momento temporis.* Pois julga o demonio, que só em hum momento se pôde ver todo o mundo? Sim. Porque até na estimaçāo do démonio naõ he mais o mundo, que hum momento, e para ver hum momento, outro momento basta. Oh mundo, que pouco pezas, pois só hum momento pezas! Oh mundo, que pouca estimaçāo mereces, pois se-

naõ

naõ estende mais tua grandeza , que ao teve pezo de hum momento ! Mas porque razaõ ha de pezar o mundo hum só momento ? No mundo naõ ha seculos ? Naõ ha annos ? Naõ ha mezes ? Naõ ha dias ? Naõ ha horas ? Sim ha . Pois peze o mundo horas , peze dias , peze mezes , peze annos , peze seculos : porém hum momento , porque ? Porque peza o mundo , que se logra , e o mundo naõ se logra mais , que hum momento . Do que passou , só ha memoria : do que ha de vir , só ha esperanças : do que está presente , sómente ha posse : e como o que está presente , naõ seja mais , que hum momento , só nesse momento se logra o mundo .

Onde he de advertir a semrazaõ deste tyranno : para atormentar com a memoria do passado tem annos : para desvelar com a esperança do futuro tem tambem annos : e para deleitar com o pezo do presente só tem momentos . Ha mais injusta desigualdade ! Se o mundo para tudo se limitára a momentos , meios razaõ de queixa nos déra : mas estenderme o tormento do bem , que perdi , e o cuidado do bem que desejo , por annos , e darmo o gosto do bem , que posso , por momentos ! Oh mundo pouco arrazoado ! E que sendo isto assim , nos percamos tanto pelo mundo ! Que arrisquemos por hum momento huma eternidade ! Por hum momento do mundo huma eternidade da Gloria ! Por hum momento de deleite huma eternidade de gostos ! Oh cegueira ! Oh engano ?

E que seria , se arriscassemos essa eternidade , naõ por hum momento , mas por nada ? Se vissemos , que hum homem por nada se expunha a perder muito , naõ o teríamos por pouco considerado ? Pois todos nós somos pouco considerados , que pelo nada do mundo pomos em risco o muito da eternidade . Este mundo pezado com suas maiores glorias na mais ajustada balança , que he a de Deos , que cuidais que he ? He nada . Quando Christo se despedio na ultima cea de seus discípulos , animou-os a que lhe pedissem , com estas notaveis palavras : *Uſque modo non petiſtis quidquam in nomine meo. Petite, & accipietis, ut gaudium vestrum ſit plenum.* Discípulos meus , hora de ausencias he a hora propria de merces entre os que bem se querem : supposto que me ausento , pedi confiadamente , porque atégora naõ haveis pedido nada . Neste nada reparo eu muito .

muito. Joaõ, e Diogo tinhaõ pedido a Christo a mayor privança, os aslentos de hum, e outro lado. Pois se lhe tinhaõ pedido tanto, como diz Christo, que lhe naõ tinhaõ pedido nada? Porque pediraõ bens da terra, pediraõ magestades do mundo: e pedir magestades do mundo, pedir bens da terra he pedir nada. Porque o tudo do mundo, pezado reclamente, tudo he nada.

Para ultimo abono desta verdade, ouvi huma pergunta de Pedro, e huma resposta de Christo. Desejo Pedro de saber o premio, que lhe havia de dar, chega a Christo, e fazlhe esta pergunta: *Quid ergo erit nobis?* Assim perguntou o Santo. <sup>Mat. 19.</sup> como lhe responderia Christo? *Vos, qui secuti estis me, &c. &c. &c.* <sup>v. 27.</sup> <sup>Ibid. v. 28.</sup> *debitis & vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israel.* Vós, que me seguistes, assistireis como Juizes ao juizo do mundo. Naõ reparais na diversidade? Duas razoens apontou o Santo por parte de seu merecimento, deixar tudo: *Reliquimus omnia, e seguir a Christo: Secuti sumus te.* E na resposta de Christo naõ vemos, que falle na primeira; só falla na segunda: *Vos, qui secuti estis me.* Naõ diz: Vós, que deixastes tudo, e me seguistes; sómente diz: Vós, que me seguistes. Pois como assim? Se Pedro allega, que deixou tudo, e seguio a Christo, como faz Christo caso só de que o seguió, e naõ do que deixou? Eu o direi: O tudo, que Pedro deixou, era tudo do mundo, e tudo o do mundo na balança de Deos he nada: e como Pedro deixou nada em deixar tudo; por isto naõ faz Christo mençaõ, senão de que o seguió: *Vos, qui secuti estis me.* Se o mundo fora alguma cousa, permiara Christo a Pedro por deixar o mundo; mas como o mundo he nada, e deixar nada naõ he accão de premio, por isso Christo naõ premea a Pedro pelo que deixa, senão porque o segue.

Mas replicará alguem: Como pôde ser nada o mundo? Tantas Monarquias saõ nada? Tantas grandezas saõ nada? Sim. Porque tudo isto naõ he mais, que nomes fantasicos sem substancia alguma. Vede o desengano naquelle maravilha do mundo, e cabeça de seu Imperio Babylonica. Determinou Deos arruinar Babylonica, e disse assim por Isaias: *Et perdam Babylonis nomen:* Eu destruirei o nome de Babylonica. O nome de Babylonica sómente, Senhor, e o ser, e a substancia porque lhe

Ihe naõ destruis? Oh que em Babylonia naõ ha substancia, que assolar; só ha nome, que destruir. Para acabar de todo Babylonia, basta acabarhe o nome, que naõ tem mais que nome Babylonia: *Et perdam Babylonis nomen.* Eis aqui o mundo, e as Babylonias do mundo, nomes. Que he ser affamado no mundo? He mais, que ser hum titulo? Que he ser grande do mundo? He mais que ter nome? Tivestes nome? Sois affamado. Tivestes titulo? Sois grande. Pois que he isto, se naõ que tudo no mundo he nome, e que suas mais avantajadas glorias saõ mera novidade, saõ nada.

Este he o mundo pezado em fiel balança. Parecevos, que merece ser estimado? Parecevos, que he digno, que nos desvelemos por elle? Ora eu aperto ainda mais, e digo: Que ainda que o mundo fora o que parece, e naõ o que he; ainda que o mundo naõ fora nada, como he; mas fora muito, como parece, ainda entaõ naõ devia grangear para com nosco estimacoens. E isto por dous principios. Porque he sujeito de mudanças, e se logra de passagem. Naõ ha coufa de muito preço, que naõ perca muito de sua estimação, se se acha nella huma de duas condiçoes, ou ser mudavel, ou lograrse como de passo. Comecemos pelo segundo.

<sup>3. Rog.</sup>  
<sup>19.v.13.</sup>  
Ibid. v. 11.

Desejou Elias ver a face de Deos, chega a occasião, escolhe sitio opportuno, onde o viu, vinha já o Senhor a mostrelhe, e diz o Texto, que Elias acodio a cobrir o rosto com a capa: *Operuit vultum suum pallio.* Ha accaõ como esta! Se Elias queria ver, como já naõ quer ver? Se tem diante o objecto de suas ancias; porque naõ faz emprego de seus olhos? Donde tanta tibia, em quem ardiaõ tantos suspiros? Sabem donde? O mesmo texto o disle: *Et ecce Dominus transit:* Vinha o Senhor de passagem, e hum, que se comunica de passagem, ainda que seja o summo bem, como he Deos, julga Elias, que naõ merece levarlhe os olhos: *Operuit;* e tanto desfaz no agrado das coufas a brevidade, com que se gozaõ, que com ser Deos o que passa, naõ emprega Elias a vista em Deos, porque passa: *Et ecce Dominus transit.* Ha coufa, que se logre mais de passagem, que o mundo?

<sup>1. Joan. c.</sup>  
<sup>2. 17.</sup>

Ouvi-o a S. Joaõ: *Mundus transit.* O mundo sempre está em hum perpetuo passo. Porque, como este mundo he temporal,

peia, com a mesma brevidade, com que passa o tempo, passa o mundo: e como o tempo corre perpetuamente a seu fim, sem parar, corre tambem com elle o mundo com o seu, sem se deter. Pois se o mundo se goza taõ de corrida, se o mundo se communica tanto á pressa, como nos cativa o mundo o coração? Que naõ empregue Elias os olhos em Deos, porque via nha passando, e que rendamos nós a vontade ao mundo, cujo ser he passado? Seja embora o mundo causa de muita vallia: sejaõ embora suas grandezas verdadeiras, e naõ apparentes; basta ser o logro de tudo isto passageiro, e breve, para conseguir desprezos, e naõ conciliar aplausos. Assim o assentaraõ consigo David, e Job.

Era David o mais poderoso, e bem afortunado Príncipe, que tiveraõ os Hebreos; Rey de hum Reyno taõ estimado, que abraçava os dous Reynos de Judá, e Israel, taõ abundante de riquezas, que rodava o ouro por sua Corte. Com ser tudo isto assim, diz David: Que tudo isto era nada: *Substantia* Ps. 38. v. 6 *tamquam nibilum ante te.* Fora tambem Job Rey soberano, gozara grandes, e ricas posseſloens, tivera numerosa familia, e tudo mais, que podia desejar o mais ambicioso appetite, e com tudo diz Job: Que em sua vida naõ tivera bem algum: *Non viderunt bonum.* Job 9. v. 25.

Pois David, pois Job, que avaliaçao he esta de couſas? Vese David com o melhor do mundo, com tantos Reynos, com tantos trofeos, com tantas glorias, com tanta fazenda, e chamalhe nada? Vise Job com mageſtade de Senhor, com apparato de criados, com grossura de rendas, favorecido da fortuna, respeitado de todos, e naõ lhe chama bens? Com que razaõ David? Com que fundamento Job? Qualificais por nada, naõ estimais por bem o que he no mundo tudo, o que he precioso no mundo? Antes de lhe chamarem assim, já tinhaõ dito a causa: David no *Mensurabiles posuisti dies meos:* Ps. 38. v. 6. Mediõme estreitamente a vida. Job no *Dies mei transferunt:* Job 17. v. 11. Passaraõ com notavel velocidade meus dias. Muito era o que tinha David, muito fora o que tivera Job: mas via David, que esse muito havia de ser posse de poucos dias. Mais: Via Job, que este muito fora logro de breve tempo: e como o logro fora em Job tanto de corrida: *Dies mei transferunt:* e como

como a posse havia de ser em David tanto de paſſagem: *Mensurabiles*, &c. ainda que as couſas eraõ as mais grandiosas do mundo, a Job naõ lhe pareceraõ bens, e a David parecialhe nada.

Eis-aqui como o mundo, e suas pompas, por ſe concederem a tempo limitado, naõ mereceraõ eſtimaçõens para com estes douſ entendidos Principes. E que David tinha por nada as maiores soberanias do mundo! Antes as havia de poſſuir pouco, ſendo que as poſſuio quaſi cincuenta annos de vida! E que Job naõ qualificalle por bens os maiores luſtres do mundo, porque os lograra brevemente, ſendo que Job os logrou por ceato, e trinta annos! E que tenhamos nós o nada do mundo por muito, quando em muito acabou a poſſe, antes dos cincuenta annos, e quando em nenhum chega aos cem annos o logro! Que com huma hora de boa fortuna conſiga de vós o mundo o valimento, que naõ conseguiu de David, e Job com tantos annos de continua prosperidade?

O certo he, que tudo iſlo faz em nós a falta da conſideraçāo. David tambem imaginava ſua dita por couſa grande: *Quis ego sum Domine Deus, & quæ domus mea, quia adduxisti me hucusque?* &c. *Propter verbum tuum, & secundum cor tuum fecisti omnia magnalia hæc, ita ut notum faceres servo tuo.* Job tambem avaliava ſua felicidade por digna de eſtima: *Quis mibi tribuat, ut ſim juxta menses priſtinos ſecundum dies, quibus Deus cuſtodiebat me?* &c. *Quando lavabam pedes meos butyro; & petra fundebat mibi rivos olei?* Mas iſlo foy em quanto naõ conſideraraõ a pouca dura de ſua felicidade, e deſta dita, que tanto que tiveraõ na lembrança a muita brevidade, com que iſlo acaba, logo deſeſtimaraõ tudo. Consideremos nós, que este mundo naõ he de dura, que tudo nelle acaba, e que todos havemos de acabar, e todos imos acabando, que logo nos deſenganaremos com o mundo, logo naõ pezaremos ſuas couſas como grandes; antes as deſpezaremos como nada.

Naõ ſe deve tambem fazer caſo do mundo por ſua varie‐dade: (e he a ſegunda razāo, que apontavamoſ) ainda que o mundo fora muy precioso, o ſer mudavel he circunſtancia, que lhe tira todo o preço. Aquella mulher, que S. Joaõ viu no Ceo, trazia ſobre a cabeça eſtrellas, e debaixo dos pés a

Lua:

Lua: *Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona stellarum.* Apoc. 12. v. 2.  
 Parece que andou pouco acertada. Se a Lua he Rainha das estrellas, e quanto á vista mais formosa que ellas, porque ha de estar a Lua debaixo dos pés, e as estrellas sobre a cabeça? Porque a Lua admitte mudanças, e as estrellas naõ. As estrelas sempre estaõ no mesmo ser, sempre offerecem aos olhos a mesma luz: a Lua já chea, theatro de formosura: já minguante, despojo da mudança: já reiplandece com toda a roda: já se estreita em pequenas pontas; e Planeta taõ inconstante, e Planeta taõ variavel, ainda que seja mais nobre no posto, e mais avantajado nas luzes, naõ he para se trazer na cabeça, he para se pizar aos pés: *Luna sub pedibus ejus.* Ibid.

Pois onde está mais em seu ser a mudança, que no mundo? Naõ lhe achou por certo Tertulliano outro offício, senaõ mudar-se: e mudase com mais inconstancia, que a Lua. A Lua mudase cada mez, o mundo cada dia, e cada hora se muda. No mesmo dia se ri para vós, e no mesmo dia se ri de vós muitas vezes. Na mesma hora vos mostra o rosto como amigo, e na mesma hora vos dá de rosto como inimigo. Que bem á sua custa o experimentaraõ hum dos maiores privados, Amaõ, e hum dos maiores Monarcas, Balthasar! No mesmo dia, em que o mundo tanto se rio para Amaõ, que o assentou á mesa com El Rey Asluero, nesse mesmo se rio tanto de Amaõ, que o poz ignominiosamente em huma forca: *Intravit itaque Rex, Esther. 7. & Aman, ut biberent cum Regina. Suspensus est itaque Aman in patibulo.* v. 1. Ibid. v. 5. Na mesma hora, em que o mundo mostrava mais rosto de amigo a Balthasar naquelle celebre banquete, e ostentaçao de regalo, nessa mesma lhe deo de rosto como inimigo, e acabou em sentimentos tristes, o que começaraõ com festivaes applausos: *Balthasar Rex fecit grande convivium optimatibus suis mille. In eadem hora apparuerunt digiti, quasi manus hominis scribentis contra candelabrum, &c. Eadem nocte interfectus est Balthasar Rex Chaldaeus.* Dan. 5. v. Ibid. v. 5. Ibid. v.

Esta he a razaõ, que faz o mundo mais digno de desprezo: e por esta sómente, quando naõ houvera outra, o deviamos desestimar todos. Quereis perder a afseição ao mundo? Olhai bem para a sua inconstancia, naõ vos cativeis seus principios, que se saõ prosperos, tem ordinariamente os fins muy tristes:

tristes: e he documento este ainda dos gentios. Pintavaõ elles ao mundo em figura de mulher, em tudo muy perfeita, senaõ nos pés, que eraõ pouco engracados. Nesta punhaõ cinco titulos, hum na cabeça, outro no peito, outro na maõ direita, outro na esquerda, e o ultimo nos pés. O titulo da cabeça dizia: *Mecum pulchritudo*: Em mim está a formosura. O do peito dizia: *Mecum dilectio*: Em mim está o amor. O da maõ direita dizia: *Mecum Regna, & Imperia*: Em mim estaõ os Reynos, e Imperios. O da maõ esquerda dizia: *Mecum divitiae*: Em mim estaõ as riquezas. O dos pés dizia: *Respice finem*. Attentai para o fim.

Como se dislera a discreta gentilidade: Se o mundo vos leva os olhos com tanta galhardia na cabeça, com tanto agra-  
do no peito, com tanta magestade, e riqueza nas maõs, abai-  
xai os olhos a seus pés, e vereis como toda essa graça se re-  
mata em muito dezar. E que julgasle a gentilidade cega, que  
bastava ter o mundo tão desgraçados fins, para senaõ estima-  
rem seus agradaveis principios; e que a todos nós caree a  
o mundo: a huns com a formosura, a outros com o amor, e  
outros com o governo, a outros com as riquezas, sem que afas-  
te a ninguem de si com os pés! Qual será a razão? A razão he-  
Porque ninguem poem nelles os olhos, todos empregaõ a vista  
nos principios, com que engana o mundo, e ninguem nos fins,  
com que desenga.

Se Absalaõ, a quem tanto desvanecia a formosura de seus  
cabellos, attentara para o fim, e vira, que haviaõ de pararem  
laços, o que elle prezava com madeixas, naõ se esvaecera Ab-  
salaõ: *Porro, sicut Absalom, vir non erat pulcher in omni Israel,*  
*& decorus nimis, &c. Tulit ergo tres lanceas in manu sua, &*  
*infixit eas in corde Absalom. Cumque adhuc palpitarer bærens*  
*in quercu, cucurrerunt decem juvenes armigeri Joab, & percu-*  
*tientes interfecerunt eum.* Se Sichem, a quem tanto enfeitiçou  
o amor de Dina, attentara para o fim, e vira, que aquellas set-  
tas brandas, a cujo tiro rendia docemente a alma, se haviaõ  
de mudar em crus espadas, a cujos golpes perdeo infelizmen-

Gen. 34.v  
x.Ibid.  
v6. te a vida. naõ amara Sichem: *Quam cum vidisset Sichem filius*  
*Hemor Hævi, Princeps terræ illius, adamavit eam, &c. He-*  
*mor, & Sichem pariter necaverunt tollentes Dinam de domo*  
*Sichem*

*Sic hem. sororum suam. Se Nabucodonosor, a quem tanto ensoberbcedo o Imperio dos Assyrios, e a copia de suas riquezas, attentará para o fim, e vira que se havia de trocar sua Corte em campo, e sua pefloa em bruto; naõ se ensoberbecera Nabuco: Eadem hora sermo completus est super Nabucodonosor, & ex hominibus abjectus est, & fænum ut bos comedit, & rore cœli corpus ejus infectum est, donec capilli ejus in similitudinem aquilarum crescerent, & ungues ejus quasi avium.*

Abſaloens presumidos, Dinas desvanecidas, que por vossa gentileza vos parece, que andais na cabeça do mundo: *Respicite finem*: Olhai para o fim. Para tanto Sol tem o mundo seu occaso: para tanta rosa sua tarde: para tanta gala de verão seus rigores do Inverno. Inverno, em que desfaz essa gala, tarde em que murcha essa rosa, occaso, em que acaba esse Sol. Sichems amantes, Dinas affeiçoadas, a quem tanto lisongea o mundo com a privança de seu peito: *Respicite finem*: Olhai para o fim. O amor do mundo he huma gloria duvidosa para antes: hum susto certo para logo: e ordinariamente huma ruina para depois. Nabucos soberbos, que por senhores, e ricos julgais, que vos traz o mundo nas palmas das mãos: *Respicite finem*: Olhai para o fim. A mayor fortuna he hum mar inconsstante, e huma roda, que naõ pára. Esta enhente, que agora corre para vós, logo será vazante, e que corra de vós. Esta volta, com que agora vos levanta a roda até ás nuvens, logo se seguirá outra, com que vos abata até o chaõ. Pois quem haverá, que olhe bem para estas mudanças do mundo, que logo naõ julgue, que he digno de todo o desprezo? Bem disse (naõ sei quem,) que o fim era a cabeça das cousas. Porque na verdade assim como os homens se conhecem pelo resto, assim tambem devemos conhecer as cousas por seus fins: e como os do mundo sejaõ taõ pouco appetitiveis; assim tambem se deve appetecer pouco todo o mundo. Naõ se engane ninguem com a formosura da cabeça, com a suavidade do peito, com a soberania, e graça das mãos do mundo. Desenganese com a pouca gaca de seus pés; naõ nos affeicõem seus principios, aboreçamolo por seus fins.

Mas demos já volta á balança. Vimos, quanto peza o mundo; vejamos agora, quanto peza o Ceo. Neste pezo imos

imos todos interessados. O peço do mundo não pertence a muitos; porque ainda, que todos nascemos no mundo, muitos, parece, que não nascem para o mundo. Nasce para o mundo o rico, nasce o grande, nasce o senhor. O peço do Ceo ninguém ha, a que não pertença. O Rey, o vassallo, o senhor, o escravo, o rico, o pobre, todos nascem para o Ceo. Ora vejamos, quanto peza isto, para que todos nascemos. Abranos

*Pf. 101. v. 26.* o caminho David: *Initio tu Domine terram fundasti: Et opera mannum tuarum sunt cœli.* Senhor, vós fizestes o mundo, vós fizestes os Ceos, mas com esta diferença, que na fabrica do mundo não metestes cabedal; porém na fabrica do Ceo, entristes com todo o resto de ambas as mãos. Oh como desce a balança com o peço, e como sobe com o peço do mundo? Obra, onde Deos empenha ambas as mãos, quem poderá pesar sua grandeza?

*Luc. 1. v.* Nasceo o Bautista, e pasmados os vizinhos daquellas montanhas, começaráo a venerar com assombros, e publicar com admiraçoens as grandezas de Joaõ: *Quis, putas, puer iste erit?* Que vos parece, que será este minino? Pois, que ha no Bautista, que tão admiravel o faz a estes homens? Elles mesmos o dizem, ou o Evangelista por elles: *Etenim manus Domini erat cum illo.* Tinha Deos entrado na formaçao do Bautista com huma mão: e creature, em cujo nascimento se empenha huma mão de Deos, he tão notavel, e soberana, que se deixará admirar, mas não comprehender do juizo humano: *Quis, putas, &c.* Se o Bautista com huma só mão de Deos ficou tão grande, que será o Ceo, em cuja creaçao assistio Deos com ambas as mãos? Ambas as mãos de Deos reconhece David na fabrica do Ceo. Porque são tantas as vantagens, que faz o Ceo ao mundo, que sendo ambos obra de Deos, no mundo parece, que entrou só seu poder, porém no Ceo com poder, e com cuidado. E que muito, se fazia o Ceo para si, e o mundo para.

*Pf. 113. v. 16.* *Cælum Cœli Domino: terram autem dedit filiis hominum* Havia se de esmerar mais na tenda, que armava para os homens, que no palacio, que lavrava para si? E se a tenda, que armou para nosso agasalho, he na nosla estimaçao obra de tanto valor, vede, que excessos lhe fará o palacio, que lavrou para sua Corte?

E para

E para que venhamos em perfeito conhecimento destes excessos, e vantagens do Ceo, será bem, que nos informemos de quem assistio, e o gozou. E quem ha de ser? Claro está, que ha de ser o Apostolo S. Paulo, a quem se concedeo esse favor. Pois, que he o Ceo, Doutor das Gentes? He huma cousa, que ainda depois de a ter vista, ficou para mim mysterio: *Sed lo-<sup>1. adCor.</sup> quimur Dei sapientiam in mysterio, quæ abscondita est, quam c. 2. v. 7.* *prædestinavit Deus ante sæcula in gloriam nostram.* E como pôde o Ceo ser mysterio para Paulo, se Paulo tinha visto o Ceo? A evidencia da vista não se compadece com a escuridade do mysterio. Ou não se ha de ver para ser mysterio, ou ha de deixar de ser mysterio, se se vê. Pois como chama Paulo mysterio ao Ceo? Elegantemente Basilio de Seleucia: *Vixa res hæc, Basili vel post visionem manet mysterium.* He cousa tão grande o Ceo, que ainda depois da evidencia dos olhos fica entre escuridade de mysterio. Parece Hyperbole, mas está fundado. Notai.

Paulo viu o Ceo, mas foy, como se o não vira, porque não soube, o que era o Ceo; soube sómente, o que não era, soube, que não era cousa, que os olhos vissem: *Quod oculus non vidit, nem auris audivit, nem o-<sup>1. adCor.</sup> Ibid. entendimento humano imaginasse: Nec in cor hominis ascen-  
dit;* mas não soube, que cousa era: e assim ficava ainda o Ceo mysterio para Paulo pelo que era, supposto que lhe ficasse evidente pelo que era. Ha mais testimonho da grandeza excessiva do Ceo? Que não saiba penetrar hum juizo de hum Paulo o que he o Ceo? Que pare sómente no conhecimento do que não he? E que não seja o Ceo, nem o que os olhos vêm, nem o que os ouvidos ouvem, nem o que o entendimento livre pôde imaginar? Apostolo sagrado, como he possível, que nem se visse, nem se ouvisse, nem se imaginasse o que he o Ceo? Os olhos vem a galantaria das flores, a graça dos diamantes, a formosura da luz, a galhardia do Sol, a belleza das estrellas, e quanto ha estimado ~~no~~ universo; e não he isto o Ceo? *Quod oculus non vidit.* Não he isto o Ceo. Ora se não <sup>Ub. supr.</sup> cabe na esfera dos olhos, ha de caber na esfera dos ouvidos. Que cousas se não contaõ notaveis, e espantosas? Que casas de vidro, que muralhas de esmeralda, que portas, de balsamo, que rios de leite, que fontes de mel não referem os anti-  
gos

gos de seus Elysios? Pois nem isto he os Ceos? *Nec auris audivit* Nem isto he o Ceo. Pelo menos o entendimento humano ha de poder imaginar o que he? Que quimeras ha, que pelo deleitoso, e grande causem admiracaõ, e assombro, que naõ poslamos fingir na estimaçaõ? E nem isto será o Ceo? *Nec in cor hominis ascendit*. Nem isto he o Ceo.

Oh Patria soberana! Que nem te igualaõ fabulas, nem te rastejaõ ficçoes! A exageraõ mais fabulosa he menor, que a verdade de tuas excellencias. Excedes no ser á liberdade de imaginaçaõ no fingir. Ora vede se tem comparaçaõ o mundo com o Ceo? O mundo nem imaginado, nem visto he mysterio. Porque visto, alcançase o que he; imaginado, presume-se mais do que he. O Ceo taõ mysterio he visto, como imaginado. Porque imaginado, cuidase menos do que he; visto, naõ se penetra o que he. O mundo he o que vimos, he o que ouvimos, e naõ he o que podemos imaginar. O Ceo nem he o que vemos, nem he o que ouvimos; he o que naõ podemos imaginar. Que exesso! Mas demos, que o mundo fosse muito mais excellente que o Ceo, ainda entaõ se naõ havia de trocar o Ceo pelo mundo; porque naõ ha comparaçaõ de tempo á eternidade. O mundo he temporal, o Ceo eterno: e todo o eterno, por pequeno que fosse, excede infinitamente ao temporal, por grande que seja. Tanto assim que o mesmo Deos, se fosse seu ser sómente por tempo, o deixaria por outro ser, que fosse eterno. Tanto excede o eterno ao temporal.

Baruch. 3.  
v. 24.

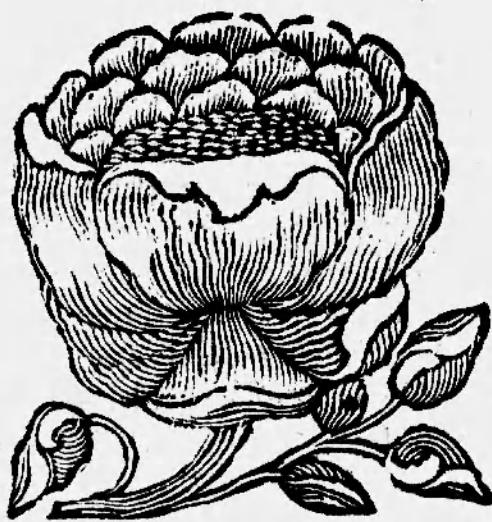
Ibid. v. 25.

Por isto o Profeta Baruch nenhuma outra cousa do Ceo lhe levou os olhos, senaõ sua eternidade. *O Israel, quam magna est domus Dei, & ingens locus possessionis ejus.* Oh que grande he a casa do Senhor, e que notavel o lugar, onde mora! E porque Profeta Santo? *Magnus est, & non habet finem.* Porque naõ tem fim, he eterno: como se dissera o Profeta. Naõ estimo o Ceo pelo que he, senaõ pelo que dura. Sua duraçaõ o faz grande; e naõ seu ser. Logo ainda que o Ceo fora menos, e o mundo fora mais, ainda o Ceo, por ser eterno, era infinitamente melhor que o mundo, por ser temporal. E se ao temporal do mundo se ajusta o ser nada; e se ao eterno do Ceo se ajunta o ser muito, que tem que ver o mundo com o Ceo?

E que sendo isto o Ceo, e que sendo isto o mundo, e que

pezan-

pezando o Ceo tanto, e que pezando o mundo taõ pouco, nos seja o mundo taõ pezado, e o Ceo taõ leve? Oh que falso pezo! Que preceda em nosso juizo o mundo ao Ceo? Que prepondere menos para comosco o Ceo, que o mundo? Oh que mentirosa balança! Que nos agrade o nada do mundo, e nos desagrade o muito do Ceo? Que busquemos o mundo, que ha de acabar, e naõ tratemos do Ceo, que ha de permanecer? Oh que errada estimaçāo! *Mendaces, &c.* He possivel, que <sup>Ub. supr.</sup> deixemos o firme pelo inconstante, o perpetuo pelo transitorio: *Mendaces, &c.* Tudo nasce de pezarmos erradamente. Pezemos o temporal como temporal, o eterno como eterno. Pezemos o Ceo, como he o Ceo, e o mundo, como he o mundo. Pezemos o mundo, como desterro, e o Ceo, como patria. Pezemos o mundo, como carreira, e o Ceo, como estancia. Pezemos o mundo, como hum momento, e o Ceo, como huma eternidade. Pezemos o mundo, como apparente, e fingido, e o Ceo, como verdadeiro, e solido. Pezemos o mundo, como cinza, e pó, que a qualquer vento desapparece, e o Ceo, como obra, em que ambas as maõs de Deos se esmeraõ. Que se nós o pezarmos assim, logo o mundo nos sahirá leve, como aquelle, que naõ tem em si cousa de pezo algum; e o Ceo pelo contrario muy pezado, como aquelle, que encerra em si o eterno pezo da Gloria: *Quam mibi, & vobis, &c.*



## II. DOMINGA.

*Verumtamen vani filii hominum, mendaces filii hominum in statu-  
teris. Ex Psalm. 61. v. 10.*



E o mundo peza taõ pouco, como vimos, que seraõ os pedaços do mundo? E se o Ceo peza tanto, como achamos, que seraõ os pedaços do Ceo? O pezo, ou a levidade de hum todo procede do pezo, ou levidade de suas partes. Se as partes saõ pezadas, naõ pôde ser leve o todo; e se as partes saõ leves, naõ pôde ser o todo pezado. Logo se o mundo he taõ leve, de força haõ de ser leves os pedaços do mundo: e se o Ceo he taõ pezado, necessariamente haõ de ser pezados os pedaços do Ceo. Mas o mal he, que no pezo destes pedaços andaõ ainda mais errados os homens, que no pezo dos todos. O mundo inteiro como naõ toca a ninguem, todos conhecem, quanto mais leve he que o Ceo: os pedaços do mundo como tocaõ a cada hum, por pequenos que sejaõ, pezados mais para comnosco, que os pedaços do Ceo.

Matt. 19.  
v. 6.

Ibid. v.

22.

Ibid. v.

22.

Chega hum mancebo bem afazendado a Christo, pergunta, que havia de fazer para alcançar a vida eterna: *Magiſter bone, quid boni faciam, ut habeam vitam eternam?* Respondele o Senhor, que havia deixar suas riquezas: *Vende, quæ habes, & da pauperibus, & babebis thesaurum in Cælo.* E que se seguió? Trocou hum bem temporal por hum bem eterno, deixou as posseſſoens de pouca dura por huma vida, que nunca ha de acabar? Nada menos: diz o texto: *Abiit tristis: Foyſe ſentido, e quiz antes perder a vida eterna, que dar de maõ a suas riquezas.* Pois valhame Deos! Huma vida eterna, hum bem sem fim se despreza por riquezas caducas, e transitorias? Sim. Que eſſas riquezas saõ huns dos pedaços do mundo, e eſſa vida eterna he hum dos pedaços do Ceo: e na estimação dos homens vale mais qualquer pedaço do mundo, que o mais precioso do Ceo. Ah pedaços do mundo, que pezados sois,

sois, por serdes mal pezados! Ah pedaços do Ceo, que pouco pezo tendes, porque vos tomaõ mal o pezo! Ora para que naõ seja assim, para que os pedaços do Ceo nos naõ pezem taõ pouco, e os do mundo tanto, pezemos hoje o mundo em pedaços, e pezemos em pedaços o Ceo: pezemos estes pedaços do mundo, e estes pedaços do Ceo, e veremos, que leves, e que enganofos saõ os do mundo, e que pezados, e que verdadeiros saõ os do Ceo.

## AVE MARIA.

**T**emos em balança de huma parte os pedaços do mundo, e da outra os pedaços do Ceo. Bem he, que no pezo preceadaõ os do mundo, pois precedem para comnosco no pezo. Que cousas saõ as dignidades, os postos, os lugares altos do mundo, senaõ precipícios? Pede Salamaõ a Deos, que persiga as naçõens, que opprimiraõ a seu querido povo, e pede assim: *Excita furorem, & effunde iram*: Senhor, levantai voslo fu- Ecc. 16. v. 8. ror, e fazei demonstraçao de vosla ira. Em que castigos queris, que brote tanta indignaçao, entendido Rey? Em que? *Extolle adversarium*: Em levantar, em sublimar, e engrande- Ibid. v. 9. cer aos adversarios. Admiravel petiçao por certo! Deseja Salamaõ aos inimigos arruinados, e pôde velos engrandecidos? Isto mais he solicitarlhes felicidades, que pertenderihes infortunios? Assim parece, mas naõ he assim. Vizinha tanto a altura com a ruina, e anda taõ unido o cume da fortuna maior com o precipicio da mayor desgraça, que para Salamaõ ver brevemente os contrarios abatidos, achou, que naõ havia melhor traça, que velos levantados: *Extolle adversarium*. Taõ certo he no mundo succeder a huma subida huma quēda, que para se segurar facilmente essa quēda, se procura huma subida. Naõ tem logo para que se applaudir venturoso, senaõ temerse infeliz, quem se vê nos cumes da dita. Ao cedro mais crescido abraza primeiro o rayo. O monte mais empinado he despique continuo de tempestades. Mais segura he a menor altura, que a mayor. Na menor poderá haver firmeza, na mayor sempre ha quēda.

No dia do Juizo nem o Sol, nem a Lua haõ de cahir do Ceo,

Matt. 24. Ceo, as estrellas sim: *Stellæ cadent de cælo.* E porque haõ de ser menos ditosas as estrellas? Se os douis Planetas ficaráõ firmes em suas esféras, porque se haõ de despênhar as estrellas das suas? Considerai a diferença dos lugares, e logo entende-reis a causa. A Lua reside no primeiro Cco, o Sol no quarto, as estrellas no oitavo: e como as estrellas estaõ no lugar mais alto, por isto estaõ menos seguras as estrellas: o que tem de mais levantadas, isto tem de menos constantes. Naõ cahirá a Lua, que anda no primeiro globo: naõ cahirá o Sol, que anda no quarto; mas cahiráõ as estrellas, que andaõ no oitavo. E notai, que esta queda das estrellas naõ ha de ser obrada por impulso alheyo, senaõ por inclinaçao propria: ninguem as ha de derrubar, elles mesmas haõ de cahir: *Cadent*; que este he o achaque da mayor altura, inclinar para si a ruina. Todo o cume he pouco seguro; porém o mais alto menos firme.

No mar Vermelho, e no rio Jordaõ se vio claramente esta verdade. Dividiose o mar, e dividiose o rio para dar passagem ao povo Hébreo: o mar levantouse em muros: *Erat enim aqua quasi murus à dextra eorum, & lœva*: o rio empinouse em monte: *Steterunt aquæ descendentes in loco uno, & ad instar montis intumescentes apparebant*, Depois de passarem os Israelitas foy neceſſario, que Moysés ferisse o mar com a vara, para que elle perdesse a sua altura: *Cumque extendisset Moyses manum contra mare, reversum est primo diluculo ad priorem locum.* O Jordaõ naõ necessitou de força alguma para cahir, elle per si meímo se abateo, e deixou o cume: *Descenderunt usquequo omnino deficerent.* Pergunto agora: Se saõ neceſſarios golpes para o mar perder a sua altura, porque naõ espera o Jordaõ violencias para perder seu cume? O mar naõ se ha de abater, sem que o obriguem, e o Jordaõ ha de cahir, sem que o violentem? Sim. Que o mar subio menos, e o Jordaõ subio mais. A altura do mar naõ passou de hum muro: *Erat enim aqua quasi murus*: O cume do Jordaõ competio com os montes: *Steterunt aquæ descendentes in loco uno, & ad instar montis*: e como o Jordaõ se levantou mais, e o mar se empinou menos, por isto foy menos permanecente o Jordaõ em seu cume, e mais constante o mar em sua altura: por isto o mar necessitou de violencias para cahir, e o Jordaõ para cahir naõ necessitou

Exod. 14.  
v. 22.

Josue 3. v.  
16.

Exod.  
cod c.v.  
27.

Josue  
Ibid.

sitou de violencias, que quem mais alto sobe, menos se tem no alto.

E se o despenhar anda taõ annexo ao subir, que haveremos de dizer, que he o subir no mundo? Subir, ou despenhar? Se Salamaõ dera nisto seu parecer, dislera: que era despenhar, e naõ subir. Falla elle da luz, quando no plenilunio chega a aperfeiçoar sua roda, e diz assim: *Luminare, quod minuitur in consummatione.* A Lua mingua, quando chega a encher. Como assim fabio Rey? Encher, e minguar saõ cousas encontradas. Minguar diz defeitos nas luzes, encher diz perfeiçao nos resplandores: pois porque razaõ avaliaís a enchente da Lua por minguante? Porque enche a Lua para minguar. E enchente, a que se ha de seguir hum minguante, naõ he enchente, he minguante. *Luminare, quod minuitur in consummatione.* Logo ibid. bem digo eu, que Salamaõ dera seu juizo nestas subidas do mundo, naõ lhe havia chamar subidas, senao quédas. Porque se á enchente da Lua chama minguante, porque a Lua enche para minguar: semelhantemente havia sentenciar por quédas estas subidas, pois se sobem, he para cahir.

Ah alturas do mundo, quaõ enganados vivem com vosco, os que vos imaginaõ thronos, onde luzir, quando sois precipicios para o despenhar! Do alto solio real, em que se presumiaõ Magestades immutaveis, se viraõ precipitados Valeriano em hum cativeiro, Creslo em huma fogueira, Boleslão em huma cozinha, Dionysio em huma escola, Jugurta em hum carcere. Ah cumes levantados, taõ custosos de subir, e taõ faccias de perder! Se tivereis, se quer na subida, a mesma facilidade, que tendes na quéda, ainda entaõ, parece, que havia razaõ, para seres appetecidos. Mas que gaste Ellio setenta annos em vencer degraos para chegar ao alto do Imperio Romano, e que dure nessa fortuna só tres mezes? E que caya della em huma hora? Que tarde tanto no subir, e taõ pouco em se precipitar? Oh cumes mais para desprezados, do que para pertendidos!

A estas magestades bem he que se siga o pezo do amor, que he outro pedaço do mundo, taõ estimado dos homens, que naõ duvidaõ antepollo áquellas, como se vio em Jonatas, que cortou pela magestade de Principe, que era, por naõ fal-

tar ao bem de David, a quem amava. E quizantes perder hum Reyno, que quebrar huma amizade; *Inierunt autem David, & Jonathas fædus: diligebat enim eum quasi animam suam.* Este amor, que tanta valia tem para comnosco, que coufa he, se naõ hum engano? Engano para o amante, engano para o amado. Para o amante; porque ordinariamente no mundo naõ se ama, o que se cuida; o que se naõ cuida, isto sim. Para intelligencia desta verdade havemos de suppor outra naõ menos certa: e he, que o amor nunca propoem as coufas, como saõ em si, sempre as encarece mais, do que saõ, sempre acha no objecto mais excellencia, do que elle tem.

*Testimunha a Esposa de si, que era pouco engraçada na cor, por ser demasiadamente trigueira: Nigra sum: falta que tambem lhe taixaõ as filhas de Jerusalem, de que ella se mostrou taõ sentida, que lhe pedio a naõ quizessem considerar morena; Nolite me considerare, quod fusca sim: e com ser isto assim, attendei agora. Com ter a Esposa este dezar taõ natural, diz com tudo o Esposo: que era toda formosa, e galharda, sem que nella se achasse desdouro algum: Tota pulchra es amica mea, & macula non est in te. Pois como? Se a mesma Esposa nota em si o dezar, que tinha sua formosura, como lhe parece ao esposo estremada com todos os requisitos da gentileza? Naõ advertis, que era querida: Amica mea? Pois como quereis, que sendo toda querida, naõ pareça toda formosa? Tinha embora a Esposa pouca graça na cor, que o amor ha de representalla no Esposo com toda a graça.*

E se a Esposa naõ era toda engraçada, como a fazia parecer o amor, que vinha a amar o Esposo? Amava por ventura, o que cuidava? Nada menos. O que naõ cuidava, isto amava. Cuidava, que amava huma gentileza perfeita, e amava huma formosura imperfeita: imaginava, que queria bellezas de Sol, e queria manchas de Lua. Ha maior engano! Que receba o coraçao a chaga por hum Sol, e que receba as dores por huma Lua! E que de vezes succede isto no coraçao humano! Quantos cuidaõ, que amao perfeiçoes divinas, e amao fealdades humanas? Quantos cuidaõ, que servem por Rachel, e fervem por Lia? Quantos cuidaõ, que adoraõ diamantes de firmeza, e adoraõ vidros de fragilidade?

E se

E se commumente se naõ vê esta deformidade no mundo, he porque, como delgadamente disse Santo Agostinho, os homens trazem o coraçaõ nos olhos: *Cor homines non in corde, sed in oculis habent*: e como o coraçaõ, que he o que ama, esteja uos olhos, que saõ os que vem; claro está, que haõ de ver os olhos, consórme o coraçaõ quizer: e se o coraçaõ ama perfeiçõens, como haõ de ver os olhos defeitos? Se o coraçaõ estima diamantes, como haõ de ver os olhos, que saõ vidros? Assim como o coraçaõ estima a coufa amada em mais do que ella he, vem tambem os olhos mais, do que ha na coufa amada. E esta entendo eu que he a razaõ, porque os antigos pintavaõ cego o amor. Naõ se pinta o amor cego, porque naõ vê, como vulgarmente se cuida: pintase logo o amor cego, porque vê muito. Se o amor descobre gentilezas onde ha faltas, se descobre lealdades onde ha traiçoens, como ha de ser cego, por naõ ver, o amor? Descobrir o que naõ ha, naõ he naõ ver muito. E pois isto he cegueira? Sim he cegueira. Porque assim como he cego, quem naõ vê o que ha; assim tambem he cego, quem vê, o que naõ ha.

Offerecem a Christo hum homem cego, para que lhe restitua a vista; poemlhe o Senhor as maõs sobre os olhos, e perguntalhe, se via alguma coufa. Respondeo, que sim: Que via homens á maneira de arvores: *Et aspiciens ait: Video homines* Marc.8. v. 24. *velut arbores.* Segunda Christo o toque de suas maõs, e diz o Euangeliſta, que entaõ começara a ver: *Deinde iterum impoſuit manus super oculos ejus, & cœpit videre.* Quem naõ repara já no termo do Euangeliſta? Este homem tanto que Christo lhe tocou com as maõs a primeira vez os olhos, logo vio: *Video*: pois como affirma S. Marcos, que começou a ver, depois que segunda vez lhe applicou Christo as maõs? *Cœpit videre.* Se entaõ começou a ver, logo antes naõ tinha visto. Como se ha de verificar, que entaõ começou a ver? A soluçaõ da difficultade está no modo, com que este homem começou a ver as coufas. Ao primeiro toque de Christo he verdade, que vio, mas vio o que naõ havia, vio os homens como arvores, e naõ ha homens como arvores.

Ao segundo toque vio as coufas, como as havia, contõrme o declara o mesmo texto: *Et restitutus est, ita ut clare videret* Ibid. v. 25.   
 P. iv

*deret omnia.* E tanto he cego, quem ve o que naõ ha, que por isto diz o Evangelista, que este homem começo a ver ao segundo toque, como senaõ tivera visto ao primeiro. Porque ao segundo vio, como eraõ as coufas, e ao primeiro tinha visto as coufas, como naõ eraõ: *Video homines velut arbores.* Taõ cego ficou este homem, depois que Christo lhe applicou a primeira vez as maõs, como era, antes que Christo lhas applicasse. Porque, se antes naõ via nos objectos o que havia, depois vio o que naõ havia nos objectos. E tanta cegueira se reputa no juizo de hum Evangelista ver o que naõ ha, como naõ ver o que ha. Eis-aqui a cegueira dos olhos do amor, ver o que naõ ha nas coufas: ver perfeiçoens, onde naõ ha perfeiçoens: ver Soes divinos, onde naõ ha estrellas humanas. E como o amor procede tanto ás cegas na qualificaõ do objecto querido, vede, se he o amor humano, engano para o amante? Pois vos faz amar, o que cuidais, que he, e naõ he, o que cuidais, quando amais.

E se eu amo o que cuido que he, e naõ he o que cuido que amo, engano vem a ser o amor para o amado. Provo. Quem ama defeitos, imagina perfeiçoens, perfeiçoens ama, e naõ defeitos: logo se a pessoa querida naõ tem as perfeiçoens, que se amaõ, bem se segue, que naõ se ama a pessoa, que na verdade he, senaõ a pessoa, que na imaginacão se cuida, amase a pessoa imaginada. Logo enganada vive com tal amor a verdadeira. He tambem o amor engano para o amado; porque no mundo naõ se ama no amigo a pessoa do amigo, mas só o interesse do amante.

Vede-o em Isaac, e vede-o em Eliseo. De Isaac testimunha *Genes 25 v. 28.* a Escritura, que queria bem a Esau: *Isaac amabat Esau:* Mas porque queria bem Isaac a Esau? *Eo quod de venationibus illius vesceretur.* He, porque Esau regalava com a caça a Isaac. Ah sim! Logo Isaac naõ amava a Esau em Esau; mas amava em Esau o seu regalo. Amava o gosto proprio, e naõ a pessoa alheya. Se Esau naõ regalasse a Isaac, naõ se perdera Isaac por Esau. Lá seguia Eliseo com sentidas, e amorosas vozes ao seu Elias: já nomeando-o pay seu: já aclamando-o amparo, e protecção de *4. Reg. 2. v. 12.* Israel: *Videbat, & clamabat: Pater mi, pater mi, currus Israel, & auriga ejus.* Mas quanto duraraõ em Eliseo estes afectos para

para com Elias? Quanto tardou Elias em largar a capa a Eliteo:  
*Et non vidit eum amplius &c. Et levavit pallium Eliæ, quod* Ibid. v. 12  
*cediderat ei.* De maneira, que verse Eliseo com a capa de Elias  
 em as maõs, e acabaremse em Eliseo os amores para com Elias,  
 tudo foy o mesmo.

Pois que he isto, senaõ, que mais eraõ as saudades de  
 Eliseo por amor da capa, que pertendia, do que por amor de  
 Elias, que se ausentava? Se Elias fora a causa dos affectos, cres-  
 ceraõ os sentimentos com a distancia de Elias; mas porque a  
 capa era o motivo dos affagos, cessaraõ as vozes, tanto que se  
 possuio a capa. Este he o amor do mundo taõ enganoso, e fal-  
 so, que só respeita utilidades do amante, e naõ commodos do  
 amado. Naõ ha amizade sem seu porque, ou para que. Ou se  
 ame, porque me daõ, ou porque me querem, ou para que me  
 dem, ou para que me queiraõ. E com tal amor quem duvida,  
 que o querido sou eu, e naõ o querido. E se amo, porque me  
 daõ, ou para que me dem, amo a dadiva, e naõ a pelloa. Se  
 amo, porque me querem, ou para que me queiraõ, amo-me a  
 mim, e naõ ao amigo. E que me pague tanto de hum affecto,  
 que ou seja amante, ou seja amado, sempre me engana! Oh  
 affecto mentiroso, e muito para desprezado! Quem dera os  
 olhos á cegueira do mundo, para conhecer esta verdade, que  
 menos idolatrados faraõ teus enganos! Que me obrigues a  
 amar, o que se conhecera, como he, aborrecera, e naõ ama-  
 ra! Que me infernes a alma com amizade alheya, quando o  
 outro busca nisto seu interesse, e naõ meu bem! Oh tiranno  
 falso, e cruel! Mas deixemos já o amor com suas falsidades,  
 e vejamos, quanto pezaõ os dous pedaços mais pezados do  
 mundo, e formosuras de seus gostos.

Que coufa he a formosura, senaõ boas apparehacias, e boas  
 cores? Assim a diffinio o Filosofo: e assim he: Apparehacias, e  
 cores he toda a gentileza. Ponde os olhos em hum cadaver,  
 que tendo a vida, fosse deposito da mais peregrina belleza; que  
 horror, que asco vos naõ causa? Pois onde está aquelle aga-  
 do primeiro? Onde aquella graça, com que rendia alvedrios?  
 Onde aquella galhardia, com que cativava vontades? Alli naõ  
 está os olhos, a que vossa cegueira chamava Soes? Alli naõ  
 está a boca, que vossa lisonja comparava com a rosa, quando  
 mais

mais bizarra desprega a ambição encarnada de suas folhas? Ali não estão as faces, cuja brancura em vosla estimação errada excedia á mesma neve? Como já agora vos não leva a vista, e que pouco ha vos roubava o coração? Que falta áquelles olhos para ser Soes? Que falta áquella boca para ser rosa? Que falta áquellas faces para ser neve? Nada lhes falta mais, que aparença, e cores. Destruio a morte as apparencias aos olhos, e ciipsaraõse os Soes, mudou as cores a boca, e murchouse a rosa, tirou a resultancia as faces, e desfezse a neve.

Ah gentilezas enganadas, aprendei neste desengano! As que sois Soes, para que vos não desvaneça o que pareceis. Correi essa cortina de accidentes exteriores, que vos enganão, e logo descobrireis a substancia, que vos defengane. A mayor belleza não he mais que huma anatomia de ossos disfarçada com o luzido véo de apparencias: que por isto S. Joaõ Chrysostomo comparou a formosura a hum sepulchro ornado. Porque assim como no sepulchro se occultão horrores de ossos com iuzimentos de ouro, e alvuras de marmore; assim tambem na formosura se rebuçaõ as deformidades de huma caveira com o volante de boas cores. E se estas apparencias, e cores, se esta gentileza humana fora de dura, ainda entaõ, parece, que havia razão alguma para ser estimada: mas não ha coufa mais caduca do que a formosura. A vida com ser tão fragil tem sómente contra si a morte. A formosura antes da morte tem contra si a mesma vida. Ou haja morte, ou haja vida, nunca permanece a formosura. Se morreis, acabase; se viveis, mudase.

Genes.c.  
38.Dan.  
13. per  
tot. Ef-  
ther.c.2.  
v.7. &  
per tot.  
Var.in  
Ioc.Sacr.  
Scriptur.  
ex inter-  
pret. no-  
min. He-  
braorum.

Que bem nos ensinaõ isto os nomes, com que na Escritura se appellaõ as mulheres de mais estremado parecer! Huma das formosuras mais celebres, nas divinas letras, foy a de Thamar, e a de Susanna, e a de Edissa, por outro nome, Esther. E que quer dizer Thamar? Que quer dizer Susanna? Que quer dizer Edissa? Edissa, quer dizer Murta: Susanna, quer dizer Lirio, ou Rosa: Thamar, que dizer Palma. E para que se attribuem á mayor belleza os nomes de arvores, e flores? Para que entendamos a fragilidade da mayor belleza. Toda a graça das flores he breve, toda a louçania das arvores he caduca. A graça das flores he de poucos dias, a iouçania das arvores he de poucos mezes: hum Veraõ orna as arvores, hum Inverno as del-

despoia: hum dia abre as flores, outro dia as murcha. Tal a formosura humana, ou acaba como as flores, ou se muda como as arvores. Debaixo do imperio da morte he flor, que acaba: debaixo da tyrannia dos annos he arvore, que se muda. Entre estes dous accidentes da morte, ou mudança vive toda a formosura. Se a idade se corta em flor, como a Rachel, he formosura morta: se a vida se dilata nos annos, como a Noemi, he formosura mudada. Naõ ha respeito, ou morrer, ou mudar. Se tendes a sorte de Rachel, eclipsavos a morte; se tendes a formosura de Noemi, mudavos o tempo: e destes dous inimigos, morte, e tempo, o mais rigoroso para a formosura he o tempo. Porque a morte talvez perdoa ao eclipse, o tempo nunca a mudança: deixará de haver formosura eclipsada; mas naõ deixará de haver formosura mudada.

Na Lua, que he symbolo da gentileza, se experimenta esta verdade. Ordinariamente se vê resplandecente com toda a pompa, sem que se veja eclipsada; mas nunca se viu chea entre representaçoes de bella, que logo naõ se vise minguante entre desdouros de mudada. Faltalhe muitas vezes a terra com o eclipse; mas nunca lhe falta o tempo com a mudança. E que sendo isto assim, viva a formosura, como se naõ passará o tempo, e naõ voára a morte! Oh formosura cega! Adverti, que ou a morte ha de cortar essas flores da Primavera, ou o tempo ha de transformar essa louçania do Veraõ; esses apparatus da Lua chea cedo serão ou desgraças de eclipsada, ou ludribios de minguante. Naõ vos enganem essas apparencias, que saõ delírio certo dos achaques, e da idade. Desenganevos huma caveira, que he, o que só tem duravel a mayor formosura. Pois os contentamentos, os gostos, que outra cousa saõ, senão profecias dos pezares? O Evangelista desta Dominga nos dará a prova.

Transfigurouse Christo no Thabor, e logo apparecerão ali com o Senhor Moysés, e Elias: *Erant autem Moyses, & Elias, visi in maiestate; & dicebant excessum ejus, quem completerus erat in Ierusalem.* <sup>Luc.9.v.</sup> Ha pratica ao parecer menos acertada? Moysés, e Elias, entre tantos extremos de gostos, para que entremeteis excesso de dores? He possivel, que hum dia, que dá Christo de gosto á sua humanidade, logo lhe haõ de com-

communicar os pezares? Sim, e com muito fundamento. Porque as mesmas alegrias, que os Profetas viraõ, eraõ presagios das penas, em que fallavaõ. De hum excesso infiriaõ outro excesso: dos contentamentos do Thabor arguiaõ os desgostos do Calvario: que naõ ha coufa mais certa nesta vida, que acabaremse os gostos em pezares. Os melhores dias dos homens tem manhã, e tem tarde, manhã de riso, tarde de tristeza. Naõ ha oriente de alegria, sem seu occaso de sentimento. *Diem hominis* (dizia Jeremias) *non disideravi*: Naõ desejei o dia do homem. Que quer dizer o dia do homem? O que cá chamais o vosso dia, o dia de fulano. E hoje commumente dizeis, do dia, em que teve algum contentamento, e gosto. E pois esse dia naõ quer o Profeta? Naõ. Porque sabe muy bem, que naõ ha no mundo bom dia seguro: e que o gosto, que nasce com o dia, naõ chega a rematarse com elle. Que mais apressadas saõ as sombras da tristeza em sepultar alegrias, do que os horrores da noite em esconder ao Sol. Naõ ha delicia, que naõ degenera em amarguras: naõ ha gosto, que naõ traga encadeada huma pena.

*Favos achou Samsaõ na garganta de hum leão morto; que na boca da morte vem atravessados os regalos da vida: Et ecce examen apum in ore leonis erat, ac favus mellis.* Onde cuidais, que se encontrou a primeira vez a morte? Na doçura de hum pomo. Gostaraõ nossos primeiros pays da suavidade do fruto, e logo lhe travou na boca o amargo da mortalidade: *Vidit igitur mulier, quod bonum esset lignum ad vescendum, & pulchrum oculis, aspectuque delectabile: & tulit de fructu illius, & comedit: deditque viro suo, qui comedit, &c.* Aquelle Principe Jonathas huma vez, que gostou hum pouco de mel, logo o gostou na ponta de huma lança, para que se o mel lhe alentasse a vida, a lança lhe ameaçasse a morte. E assim foy, que em deslabores da morte se lhe converteraõ os sabores do favo: *Et ecce ego morior.* Ah gostos do mundo! Ah contentamentos do mundo! Ah deleites do mundo! Todos sois mel em ponta de lanças. Adoçais a boca como favo, e magoais a lingua como ferro; favo para os beiços, ferro para o coração. Finalmente (e concluamos com os pedaços do mundo,) que coufa he a mayor prosperidade, senaõ huma tormenta desfeita?

*Jerem. 17.  
v. 16.*

*Judic. 14.  
v. 6.*

*Gens. 3.v.  
6.*

*2. Reg. e.  
24.v.43.*

feita? Hum a onda vos poem nas nuvens, e logo outra vos desce aos abyssos. Que cousas saõ as galas, senaõ huns sambentos de culpas? Se naõ houvera culpas, naõ houvera galas. E que facamos gala da mayor infamia! Que cousa he a nobreza, senaõ huma vã estimacão do mundo? Hum sangue mais antigo? Que cousa a privança, senaõ huma nuvem de fumo? O mesmo vento, que o levanta, esse mesmo o desfaz. Que cousa saõ os aplausos da fama, senaõ reclamo de odios? Naõ ha trombetas de bom succello, que naõ tenha de batalha os ecos. Que cousa he a gloria mundana, senaõ hum deixar de ser? No mesmo sonho se vio Nabucodonosor soberba estatua, e no mesmo sonho se vio desprezada cinza. Que cousa saõ as pedras <sup>Dan. c. 2.</sup> <sub>1. 3. 2. & seqq.</sub> preciosas, senaõ humas gotas de orvalho congelado? Que cou-  
sa saõ as riquezas, senaõ penas mal entendidas? Se se buscaõ, he com trabalho: se se achaõ, he com desvelo: se se deixaõ, he com desgosto: se se guardaõ, he com temor: se se usaõ, já se naõ possem. Oh que estremado pezo o dos passos do mun-  
do! E que isto nos traga enfeitiçados? Que isto nos roube os coraçoens? Que nisto ponhamos os cuidados? Oh cegueira de nôsso entendimento! Oh desordem de nôsso vontade!

Ponde agora de outra parte os pedaços do Ceo. Que honras, que dignidades taõ subidas, e taõ firmes! Firmes como de asento: *Et super thronos viginti quatuor seniores sedentes*: Apoc. 4<sup>o</sup> subidas como de Reys: *Et in capitibus eorum corone aurea*: <sup>4.</sup> Ibid. Naõ pôde aspirar a mais o mais ambicioso appetite: ser Rey para sempre, oh que gloria! Daqui nasciaõ os paísmos de Da-  
vid: *Quam honorati* (assim lem muitos) *amici tui Deus*. Se-  
nhor, quaõ excessiva he a honra dos vostros. E porque, David? *Nimis confortatus est principatus eorum*. Porque tem seu Reyno muy estableci-  
do, e muy firme. São Príncipes, e Príncipes eternos. Oh que magestade! *Quam honorati sunt*. Comparai agora as honras do mundo, com as honras do Ceo. Ponde na balança de huma par-  
te ser Rey temporal de hum ponto; que isto he o mundo a respeito do Ceo: e ponde da outra ser Rey perpetuamente de hum lugar immenso; que isto he o Ceo a respeito do mundo: qual peza mais, hum Reyno, que se limita a hum ponto, ou hum Reyno, que se estende por huma immensidade? Qual peza <sup>Psalms. 138. v. 17</sup> mais,

mais, hum Reyno de pouca dura, ou hum Reyno de duraçā eterna.

Ajuntase a isto, que toda esta grandeza he em presença do mesmo Deos: *Et ecce sedes posita in Cælo, & supra sedem 2. & seqq. sedens. Et qui sedebat, similis erat aspectu lapidis jaspidis, & sardinis, e Iris erat in circuitu sedis, similis visioni smaradi-*

*næ. Et in circuitu sedis sedilia viginti quatuor, & super thronos viginti quatuor seniores sedentes: &c.* E ser grande diante de Deos, que vantagens faz ao ser grande entre os homens?

Quando o Anjo annuncioi as excellencias do Bautista a seu pay Zacharias, todas cifrou em dizer, que seria grande diante de Deos: *Erit enim magnus coram Domino.* Pois bem: E o Bautista naõ ha de ser tambem grande entre os homens? Porque

diz, que sera grande diante de Deos? E á vista de ser grande o Bautista diante de Deos desapparece o ser grande diante dos homens. E com razaõ, ( notai a vantagem ) o ser grande diante de Deos he ser grande diante de grande: ser grande entre os homens he ser grande entre pequenos: e á vista de ser grande diante de quem he grande, que estimaçā merece ser grande entre quem he pequeno? Que a Lua se diga grande em competencia do Sol: *Duo luminaria magna*, singular elogio da Lua.

*Gen. i. v. 16. Ibid.* Mas que o Sol se applauda grande: *Luminare maius*, quando a Lua se intitula pequena: *Luminare minus*, pouca fidalguia do Sol. Ora vede quanto excede o Ceo nas suas honras ás do mundo. No mundo sois grandes a respeito dos outros, que os naõ saõ: no Ceo sereis grandes a respeito de Deos, que he a summa grandeza. Que excesso! Pois amor assim como no mundo he todo engano, assim no Ceo he verdade todo. No mundo he engano o amor; porque naõ se ama, o que se cuida: que a cousa querida nunca he na imaginaçā, como he na realidade. No Ceo he verdade o amor; porque o que se cuida, isto se ama: que o objecto amado representase ao amante, como he em si. No mundo he engano o amor; porque se hoje sois amado, á manhã podeis ser aborrecido. Diga-o a formosa Thamar, taõ adorada hum tempo, e depois taõ aborrecida de Amnon: *Di-*

*2. Reg. c. 13. v. 4. Ibid. v. 15.* *xitque ei Amnon: Thamar sororem fratris mei Absalom amo, &c. Et exosam eam habuit Amnon odio magno nimis: &c.*

No Ceo he verdade o amor: porque nem os Santos podem deixar

deixar de amar a Deos, nem quererá deixar de amar aos Santos. Os Santos naõ pódem deixar de amar a Deos; porque o amão necessariamente: Deos naõ quererá deixar de amar aos Santos; porque quiz huma vez amallos: que por isto o Evangelista S. Joaõ, quando foy a relatar o motivo, que Christo tivera para amar os seus no fim da vida, naõ disse mais, senaõ que os amou entaõ, porque os amara antes: *Cum dilexisset*: que *Joan. 13.* Deos huma vez amante, sempre continua afleïçoados. *Julgai v. 1.* agora, qual he melhor, se amar huma creatura, e onde naõ ha tantas excellencias, quantas vossa cegueira imagina, ou amar a hum Deos, onde se achaõ mais grandezas, do que o nosso juizo alcança? Qual he melhor, se ser amado de quem á manhã vos aborrecerá, ou de quem nunca vos deixará de querer? Mas quantas vezes para sermos amados de huma creatura breve tempo, elegemos ser aborrecidos de Deos por toda huma eternidade!

A formosura se quereis saber qual he, naõ he mentos que de hum Sol: *Tunc justi fulgebunt sicut Sol in regno Patris eo- Matt. 13.* rum. Nem pôde deixar de ser assim: porque se Moysés para tratar com Deos no monte, naõ com evidencia de olhos, mas entre cortinas de nuvens, tirou resplandores de Lua; os Bem-aventurados, que trataõ com Deos de cara a cara, porque naõ teraõ formosura de Sol? Mais: Os Bemaventurados tem dentro em si por communicaõ inefavel a Deos: e quem tem dentro em si todo o Sol da divindade, necessariamente ha de mostrar por fóra luzimentos de Sol.

Aquella mulher do Apocalypse, diz o texto, que rasgava no interior galhardias de Sol: *Mulier amicta Sole.* Se bem o *Apoc. 12.* considerarmos, parece que naõ havia de ser assim. Esta mulher *v. 1.* era a Virgem Senhora nosla: e naquelle tempo, como nota o mesmo texto, trazia dentro em si o mesmo Sol da divindade, o Verbo Eterno: pois se trazia dentro em si o Sol, como a vio S. Joaõ em rayos de Sol por fóra? Por isto mesmo.. Porque trazia dentro em si o Sol da divindade, por isto gozava por fóra bellezas de Sol. Pois se os Bemaventurados encerraõ em si o Sol da divindade toda, que muito resplandeçaõ no exterior como Soes? E esta formosura nem terá achaque de morta, nem desdouro de mudada. Porque no Ceo, nem ha morte, que a cli-

Apoc. 10. a eclipse, nem tempo, que a mude: *Quia tempus non erit amplius, &c. Et mors ultra non erit, neque luctus & neque clamor, neque dolor erit ultra tempus.* *One 2001*

*Ib. 21. v. 4.* *Naõ saõ menos dignos de estimar os gostos do Ceo, que suas honras, seu amor, e sua formosura.* Diz Christo, que seu Eterno Pay dirá aos Justos, quando os paſſar ao Ceo, que entrem no gosto de seu Senhor: *Intra in gaudium Domini tui.*

*Matt. 25.*  
*v. 21.*

Estranho modo de fallar! Parece, que havia de dizer: Entre o gosto do Senhor em vós, que naõ: Entrai vós em o gosto do Senhor. O gosto entra na alma, que he o que recebe; se a alma naõ entra no gosto, que he, a que recebe, como diz logo Deos, que entrem os Justos nos contentamentos da Gloria, quando os contentamentos da Gloria deviaõ entrar nos Justos? Porque saõ taõ grandes os gostos daquelle celestial Gloria, que naõ cabem elles na alma, a alma cabe nelles. Na terra os gostos entraõ no coraçaõ, porque o coraçaõ he maior que os gostos: no Ceo o coraçaõ entra nos gostos, porque os gostos saõ mayores, que o coraçaõ.

Saõ os Santos entre os jubilos da Gloria como huma esponja entre as aguas do Oceano; e inpapase a esponja, e sobejaõ as aguas; enchemse os Santos, e redundaõ os gostos. E saõ estes de tal qualidade, que se ao mais atormentado, que agora ha no Inferno, lhe fosse concedido o menor gosto dos Bem-aventurados, bastara esse para naõ sentir molestia, nem dor alguma, antes o arrebataria o gosto, e alegria de incomparavel suavidade, com que aquella minima parte da Gloria o enlevaria. Oh quem podéra rastejar a grandeza daquelle deleite, que lançado em taõ grande abysmo de tormentos, os aliviaria todos! Que fôrça seria a daquelle fogo, que com huma faifca fôrmente abrazaſſe todo o Oceano? Pois quaõ fonte he o contentamento da Bemaventurança, que fendo ordinariamente mais fortes as penas para desterrar os gostos, do que os gostos para suspender as penas, com tudo baste elle só para diminuir, e acabar as penas, e mais intensas dores do Inferno.

Que direi das riquezas do Ceo, que naõ tem menos preço do que tem Deos? Pôde haver ouro mais subido, que o Creador do ouro? Que de sua privança, e nobreza? Todos saõ familiares, e taõ illustres, que parecem deoses: *Siquidem sunt dñi*

## da Quaresma.

241

*Dii multi, &c. Domini mulii. Ego dixi: Dii estis, & filii ex-<sup>1. Ad Cor.</sup>  
celsi omnes.* Ou como varios Santos, e expositores dizem? *Quot-<sup>8. v. 6.</sup>  
quot ibi sunt, Dii sunt.* Que de suas galas? Todas saõ corta-<sup>Ps. 8. v. 6.</sup>  
das de luzes. Que de sua fama? He toda verdadeira, como  
dada por Deos: taõ publica, que o saberaõ todos: taõ feliz,  
que a naõ deslustraraõ invejas. Que de suas glorias? He a tab-  
grande, que com ser o Céo huma junta de taõ grandes bens,  
se chama por Antonomasia a Gloria. Que de sua prosperidade?  
Deleites sem fastio, posse sem perda, vida sem morte, feli-  
cidade sem mudança. Este he o pezo dos pedaços do Céo, e  
este he o pezo dos pedaços do mundo. Rezaõ assim na volta  
balança? Direis, que sim. Mas o Céo diz, que naõ: *Viae Sion Thren.  
lupent*: Os caminhos do Céo choraõ. E porque chorais cami-<sup>v. 4.</sup>  
nhos do Céo? *Eo quod non sint, qui veniant ad solemnitatem.* Ibid.  
Porque todos se perdem pelas coufas do mundo, e naõ ha quem  
por nós pertenda os bens do Céo.

Pois que he isto; senaõ que os pedaços do mundo naõ  
tem para comnosco o pezo, que elles tem? Pezaõ as dignida-  
des como solios, e saõ ruinas. Peza o amor como verdade, e  
he engano. Peza a formosura como realidade, e saõ apparen-  
cias. Pezaõ os gostos como deleites, e saõ pezares. Peza a pro-  
peridade como bonança, e he tormento. Pezaõ as galas como  
luzimento, e saõ infamias. Peza a privança como soberania,  
e he fumo. Peza a fama como encomio, e he inveja. Peza a  
gloria como pompa solidia, e he hum pouco de ar. Pezaõ as  
riquezas como descânço, e saõ cuidados. Ha pezo mais falso?  
Ha balança mais enganosa? *Verumtamen mendaces, &c.* Ayaro, <sup>Ub. supra.</sup>  
que andas desalentado atraç de possesloens caduecas: Ambicioõ,  
que bebes os ventos pela vaidade das honras: Delicioõ, que  
tratas de contentamentos, cujos baratos saõ penas: Adonis, que  
tanto te lisonjea o breve astleyo de tua galantaria: Venus, que  
tanto te martyrizas por conseguir huma formosura, que ha de  
ser trofeu da morte, ou da idade: Homens, que tanto traban-  
lhaõ por alcançar huma felicidade transitoria ao Céo com as  
ancias: ao Céo com os coraçõens. Alli tendes altura sem quéda,  
amor sem engano, gentileza sem eclipse, gostos sem penas,  
riquezas sem trabalhos, galas sem desdouro, fama sem emu-  
laçao, privança sem receyo, prosperidade sem mudança, gloria  
sem fim. Amen.

Q

III

# III. DOMINGA.

*Verumtamen vani filii hominum, mendaces filii hominum in flateris. Ex Psalm. 61. v. 10.*



Lerta Christaõs, que entra hoje cada qual de nós em pezo: pezado o mundo grande, o Universo, justo he, que pezemos o mundo pequeno, que he o homem: e como o homem consta de corpo, e alma; alma, e corpo viráõ hoje á balança.

## AVE MARIA.

**Q**ue cousa he corpo humano? Se o considerarmos, quanto aos sucessos varios, que padece, he huma morte viva, hum sensitivo cadáver, huma mentira verdadeira, huma fugitiva sombra, huma fantasma do tempo, hum alvo da fortuna, huma imagem da inconstancia, huma praça de calamidades, hum sonho de acordado, huma idéa de fraqueza, huma faísca, que em hum momento se acaba, huma chamma, que logo se desfaz, huma luz, que no ar se escurece. Assim o testimunha a idade mais florente, ha poucos dias cortada: assim a formosura mais peregrina, em breve tempo afeada: assim a saude mais robusta, em hum instante perdida. Se o considerarmos quanto á sustancia, he huma pouca de terra com melhores accidentes. Terra! Isto foy, e isto ha de ser: mas, em quanto vive, porque se ha de avaliar por terra? Porque isto foy, e isto ha de ser. Ainda que o corpo humano, em quanto vive, seja carne, e essa revestida, de apraziveis cores, com tudo como foy terra, e como ha de ser terra, por isso ainda vivo se ha de avaliar por terra. Porque as cousas não saõ tanto, o que saõ, quanto o que forão, e o que haõ de ser.

Chegaõ Moysés, e Aaraõ a libertar os Hebreos, a quem vencendo a inhumanidade de feras, maltratava a invejosa tytannia: intima Moysés a Faraõ a provisaõ, que trazia, e para

ra que se conheça, que era soberana, faz Aaraõ, que huma vará alente prodigiosamente a vida, e já dragão animado, fulmina contra o barbáro ameaças: *Tulitque Aaron virgam co-ram Pharaone, & servis ejus, qua verba est in colubrum.* Não se rende com tudo o obstinado Monarca: antes ordena aos seus Magos, que arrojem suas varas, as quais deixada a apparencia de troncos, á maneira de serpentes, despregaraõ suas rosas, e atemorizaraõ com os dentes, e escamas: porém diz o texto, que a vara de Aaraõ tragara as varas dos Egípcios: *Sed devoravit virga Aaron virgas eorum.* Este foy o fim do lucelio, e este he o principio do meu reparo. A vara tragou as varas? Esta vara de Aaraõ, quando tragou as fingidas serpentes dos Magos, não era verdadeiro dragão? Sim era. Que assim affirma o texto. E assim era bem que fosse. Porque tragare acção, que pede vida, e mais compete a hum dragão vivo, do que a huma vara morta. Pois se era dragão, porque se ha de chamar vara: *Devoravit virga?*

Porque fora iantes vara, e havia de ser vara depois, responde Santo Agostinho: *Eo nomine appellata res, unde verba est, quia in id etiam reversa est.* Chamase este dragão vara, porque isto tinha sido, e isso havia de ser: que as couzas não saõ tanto o que saõ, como o que forão, e o que haõ de ser; pelo ser passado, e pelo ser futuro se estima o ser presente. Hum dragão feito de huma vara, e que logo se ha de converter em vara, mais propriamente se ha de chamar vara, do que dragão: *Devoravit virga.* Pois se o corpo humano foy terra, e se o corpo humano ha de ser terra; porque se ha de avaliar senão por terra? Nenhuma outra estimação merece, nem para com Deos, nem para com nosco. Para com nosco, porque foy terra; para com Deos, porque ha de ser terra. Notai: Todas as couzas saõ o que forão, e o que haõ de ser. Mas com esta diferença: que para com os homens saõ o que forão, e para com Deos saõ o que ha de ser. Na opiniao dos homens estimaõse as couzas de presente pelo que forão de passado; no juizo de Deos estimaõse as couzas de presente pelo que haõ de ser de futuro. Vejamos huma, e outra couza, e começemos pela segunda.

Entra Christo em caza de hum Principe da Sinagoga para dar

dar vida a huma filha sua, a quem nem a pouca idade, nem a muite nobreza poderaõ isentar da jurisdiçao da morte: que este tyranno, nem respeita magestades, nem annos, tanto se preza de colher frutos sasonados, como tenras flores, com igual respeito sepulta purpuras, e bureis. Achou o Senhor todos os de casa chorosos, e acôdio enternecido a enxugar as lagrimas com humpas palavras dignas de toda a ponderaçao:

*Luc. 8.v. Nolite flere; non est mortua puella, sed dormit:* Naõ choreis, porque esta moça naõ está morta. Naõ reparo na prohibiçao, no motivo sim Naõ choreis, porque esta moça naõ está morta. Como pôde isto ser? Naõ tinha desamparada de todo o vital talento? Naõ tinhaõ experimentado os mais floridos annos o golpe mais mortal? Assim o chora o pay: assim o lamentaõ os criados, *Mortua est filia tua.* Pois se na verdade está morta, Ub. sup., como no conceito de Christo está viva? *Non est mortua.*

Diréi: Esta donzella, que estava morta, havia logo recuperar a vida por imperio do mesmo Christo: *Puella surge. Et reversus est spiritus ejus:* e como havia logo de viver, por isto a naõ julga Christo defunta pelo que de presente era, se naõ viva, pelo que havia de ser de futuro: *Non est mortua.* He verdade que estava actualmente morta: mas porque havia de estar depois viva, por isto está viva na estimação de Christo, ainda quando morta: que as cousas para com Deos saõ de presente o que haõ de ser de futuro: como pelo contrario, para com os homens, o que forao de passado, isto saõ de presente. As cousas na avaliaçao humana, cada qual he o que foy, e naõ o que he.

*Deo Christo Senhor nôsto vista a hum cego de seu nascimento:* e naõ podendo os fariseos crer o milagre, diz o Evangelista S. Jõao, que fizeraõ perguntas ao cego: *Dicunt ergo cæco iterum.* Naõ sey, se reparais na duvida? Se este homem ainda tivera cegueira, que lhe chamarem cego, muito embaraçou, mas se elle estava já saõ, porque lhe haõ de chamar cego? Porque o foy. E para com os homens cada hum he o que foy, e naõ o que he. Foste vós cego algum dia? Pois apareciamos, que ainda que Deos faça milagres, todos os dias de vossa vida vos haõ de tratar como cego: Deos podervosha dar o remedio; mas o nome do achaque naõ volohaõ de perdoar os homens.

Que

Que arrependida chega a Magdalena aos pés de Christo! Que lavava com lagrimas as manchas de suas sensualidades: descompunha os cabellos em castigo de sua idolatrada formosura: quebrava os alabastros em pena de seus profanos affeites: e quando assim chorava culpas, quando assim vingava faltas, lhe chama o Fariseo peccadora: *Quia peccatrix est.* Ha tal juizo? Luc. 7. 4. *Peccatrix est?* Homem, a Magdalena á força de gemidos n'gocea o perdaõ de seus desmanchos: se a Magdalena está já convertida, e santa, como a tens ainda por peccadora? Oh, foy a Magdalena peccadora? Pois sempre o ha de ser na opniaõ dos homens. Por mais que afogue em rios de lagrimas seus erros; por mais que mude de procedimento, naõ lhe haõ de mudar os homens o nome de peccadora já mais. Ainda mal, que taõ experimentada he esta verdade no mundo! Nem vos val a saude presente para perderes o nome da enfermidade pafada: nem vos val a mudança dos costumes para se esquecer da infamia das desordens primeiras. Se fostes cego, haveis de ser cego, ainda que vejais. Se fostes peccador, haveis de ser peccador, ainda quando sois santo.

Pois se as cousas para com os homens saõ, o que forão, e para com Deos saõ, o que haõ de ser, bem se segue, que na nosla opniaõ, e no juizo divino naõ merece o corpo humano mais que estimaçao de terra: na nosla opniaõ, porque foy terra: no juizo divino, porque ha de ser terra. Mas oh pafmo quasi incuravel do entendimento! Oh espessas nevoas do discurso! Quem ha, que se persuada a este desengano? Quem ha, que reconheça esta verdade? Nada ignoramos mais, do que o ser proprio, que temos. Porque enganados com os resplandores da dita nos esquecemos das cinzas de nossa natureza.

Quiz Deos mostrar huma vez ao Imperador de Babylonie, quem era, representoulhe em sonhos huma estatua agigantada, cuja cabeça constava de fino ouro, e os pés de tosco barro. E bem, como se portaria Nabuco, quando vio, que as suás grandezas de Monarca se fundavaõ nas vilezas de hum pouco de pó? Tanto ao nescio, que enganado com o adorno da Magestade, se esqueceo da baixexa do ser, e mandouse retratar em huma estatua toda de ouro: *Nabuchodonosor Rex fecit statuam auream.* Ha accão como esta! Se na estatua, que vistes, e era Dan. 3. 1. retrata-

retratô voslo, havia ouro, e barro, como neste, que fazeis, tudo hê ouro? Aquella cabeça de ouro representava as soberanias do Senhor, que tendes; mas aquelles pés de barro significavaõ a vileza da sustancia, que sois. Pois tanto se vos embraçou a vista nos accidentes da pompa, que naõ attendeis á humildade do ser? Tanto. O ser era pó, era cinza, isto publicavaõ os pés; o ornato era de grande, era de Monarca, isto mostrava a cabeça; e cegouse tanto com o ornato, que se esqueceo totalmente do ser: como a fragilidade do corpo, aformoseada com a magestade da purpura, deixouse levar do engano, e naõ advertio no que era, desvanecido com o que parecia.

Prouvera a Deos, que fora Nabuco sómente cego; porém saõ muitos, os quẽ o imitaõ. Que de parabens se dá á formosura, quando vê sua belleza no cristal de hum espelho! Já lhe parece, inveja o Sol para rayos o ouro de seus cabellos: já se persuade vivem equivocados em suas faces os lirios com as rosas: já presume, pôdem competir seus olhos vantagens com as estrellas. Que desvanecido se gloria o nobre, quando se vê lisongeado da pompa! Na soberania do sangue se imagina hum Jupiter, nos privilegios da pessoa hum Adonix, na excellencia do engenho hum Apelles. Que venturoso se applau-de o rico entre a abundancia de seus bens! Naõ ha regalo, que naõ solicite, naõ ha gala, que naõ rasgue, naõ ha delicia, que naõ logre.

Pois senhora, pois nobre, pois rico, sabes, em que estriba essa gentileza, essa nobreza, essa riqueza? Sim. E tanto, que nunca o poem em esquecimento nosla vaidade. Estriba em hum corpo, em que fez a natureza alarde de seus favores, e a fortuna ostentação de seus poderes. Ah sim, que isto imaginais? Pois muito enganados viveis: que tudo isto se funda em hum pequeno de pó, que isto he o corpo humano. Porque isto foy, e isto ha de ser. Desencadernar-se ha brevemente essa compostura exterior, e parará essa galhardia de feiçõens nas desformidades de huma caveira: essa vaidade de brazoens nos horrores de hum sepulchro, esse adorno de galas na pobreza de huma mortalha: naõ vos enganem esles accidentes lustrosos: naõ vos cegue com seu resplendor vosla dita: o ser he pó, o de mais, sucesso de mais, on menos aprazivel fortuna.

E os

E os que hoje vos admiraõ no fausto, á manhã vos pizaráõ no sepulchro.

Eis-aqui o que he o corpo humano visto á luz do desengano. E se temos a razão tão cega, que avaliando as cousas pelo que forão, não queremos avaliar o corpo pelo que foy, senão pelo que he: seja embora. Assim, avaliemos o corpo pelo que he, que menos pezo lhe havemos de achar, do que pelo que foy, e pelo que ha de ser. Pelo que foy, e pelo que ha de ser tem, ainda que vil, e tosco, alguém ser pelo que he, nenhum ser tem. Pelo que foy, e pelo que ha de ser pezava huma pequena de terra; pelo que he nada peza. Porque he nada. Nada? Parece paradoxo, mas he pensamento fundado. O ser actual do corpo humano he de tal condição, que não ha de ser: esta vistosa organizaõ de membros hase de acabar, e o que hoje he carne, á manhã deixará de ser carne. Pois ser, que se ha de acabar, ser, que não ha de ser, ainda quando he, já não he? Não tenho menos fiador, que hum Anjo.

Vê S. Joaõ aquella monstruosa serpente, sobre a qual vinha pizando huma mulher tão ornada de galas, como afeada de vicios; que galas, e vicios nunca se acharaõ divididos; e admirandose o Evangelista muito do que via, acode hum Anjo a lhe diminuir os pañmos, e diz assim: *Quare miraris? Apoc. 17. & 8. Bestia, quam vidisti, fuit, & non est, & ascensura est de abyssio, & in interitum ibit.* Joaõ, de que vos admirais? Este dragão, que vistes, não he, hase de acabar. Notavel modo de fallar! Se o Anjo distera: Este dragão, que vistes, acabouse, já não he; bem dito estava; que ao acabarse seguese o não ser. Porém já não he, hase de acabar; como se compadecem estes termos? Se ainda se ha de acabar de futuro: *In interitum ibit:* como se pôde dizer, que já não he de presente? *Non est?* Por isto mesmo. Porque o dragão ha de acabar; por isto o Anjo afirma, que já não he. Ser, que ha de parar em não ser, ainda quando he, já se pôde dizer, que não he. E a razão, at meu ver, he esta. Porque aquillo, que tem por termo não ser, quanto tempo he, tanto diminue no ser. Porque assim como vay fendo, vai acabando de ser: logo quando he melhor, se dirá, que não he, pois já começará a não ser. E se no juizo de hum Anjo o que não ha de ser, já não he; porque não affirmarei,

que já naõ he o corpo humano, pois naõ ha de ser o que he: e se quando naõ for, pezará nada, bem se dixa ver, que nada peza, quando he; porque he, como se já naõ fora.

Avaliai agora o corpo humano pelo que quizeres, sempre achareis razoens para o desestimar: se pelo que foy, he terra: se pelo que ha de ser, he tambem terra: se pelo que he de presente, he tambem nada; porque caminha a ser nada. E se taõ pouco he o corpo, como nos leva os cuidados? Como nos prende as vontades? He, porque naõ pezamos fielmente, enganados com este adorno apparente, com este artificio pomposo, com esta galantaria fingida, cuidamos, que he muy outro, do que he. Oh acabemos já algum dia de ser cegos! Vê delicioso, para quem diligenceas os passatemos. Vê avarento, para quem amontoas a fazenda. Vê ambicioso, para quem pertendes as dignidades. Vê desvanecido, para quem inventas os affeites. Para terra, para pó, para cinza, para nada.

Mas deixemos ja o pezo do corpo, e vamos ao pezo da alma. E se nós poderamos ver sua grandeza, assim como cada dia vemos a miseria do corpo, naõ tinharmos necessidade de mais pezo, nem de mais prova. Porém, já que a alma he invisivel aos noslos olhos, informemonos, de quem vê as almas. E quem ha de ser? O mayor amante, e o mayor inimigo das almas. Seja a primeira informaçāo do segundo, que como de inimigo tem o primeiro lugar. Levou o demonio ao cume de hum alto monte a Christo, e mostrandole dalli o mundo inteiro com todos seu Reynos, e Senhorios, com todos sus magestades, e faustos, com todos seus gostos, e haveres, lhe disse assim:

Matt. 4. v. 9. *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.* Tudo isto te darei, se lançado por terra me adorares.

Examinemos o que pede, e o que dá. O que dá, he hum mundo; o que pede, he huma adoraçāo. Pois por taõ pouco, por huma adoraçāo offerece o demonio hum mundo? Sim, responde Novarino a tempo. Nesta adoraçāo naõ comprava o demonio huma alma? Se Christo adorasse, naõ ganhava o demonio a alma de Christo? Claro está. Pois pelo valor de huma alma julga o demonio, que he preço justo hum mundo: *Exiguum pretium æstimat omnia regna pro anima una exhibere.* Rezou o demonio o mundo todo com a alma de Christo, e achou a a alma

a alma tanto mais pezada, que o mundo, que promette liberalmente o mundo, e pede ambicioso a alma: *Hec omnia tibi* Ub. supr. *dabo. Eis-aqui promette o mundo: Si cadens adoraveris me.* Eis-aqui pede a alma. Oh alma preciosa digna de toda a estimação! Assim te apreça o demonio; mas naõ te apreçaõ assim os homens: o demonio dá por ti hûm mundo: os homens nem se quer por hûm mundo te daõ.

Por hûm só Reyno te perdeo Absalaõ: por huma gentileza caduca te desestimou Amnon: por huma ambição vil te vendeo Judas: por huma maçã te desprezou Adaõ: e por hum appetite momentaneo te trocaõ todos. Oh desacerto grande, e muito para chorar! Que tenha nosla alma tanta valia para com o demonio, e que tenha taõ pouco valor para com os homens! Que o demonio para privar noslas almas do Ceo offereça o mundo todo, e nós pela lançarmos no Inferno a demos por pouco mais de nada! Aprendamos se quer do demónio a estimar nosfas almas, e se elle despreza o mundo por elles, desprezemos nós por elles o mundo.

E se para com o demonio, que as aborrece, valem tanto as almas; que valeraõ para com Deos, que as ama? Attendei-me hum pouco, vereis o mais encarecido preço, e pezo de noslas almas. Comecemos por humas palavras do Espírito Santo no Ecclesiastico, que segundo o commento da Glosa se entendem do Eterno Pay, quando mandou o Eterno Verbo a remir o mundo. Dizem elles assim: *Vidit, & dinumeravit, & Eccles. 12. menitus est. Et effudit illam super omnia opera sua.* Confidou o Eterno Pay, pezou, e medio a grandeza de seu Eterno Filho, e mandou-o ao mundo. Confesso, que tropeça minha rudeza em tanta consideração, pezo, e medida. Se o eterno Pay naõ considerára, senaõ pezará, senaõ medira a Magestade do Verbo, naõ me admirara tanto, que o mandasse ao mundo: mas que considerando, que pezando, e que medindo aquelle ser soberano, o mande ao mundo! He coufa, que muito me admira!

Que coufa de tanto valor ha no mundo, para que depois de tomar o pezo taõ de vagar o ser do Verbo, julgue o Eterno Pay, que se pôde dar o Verbo por ella? Que coufa? Vosfas almas, acode diligentemente Abulense, a quem devemos o pen-

pentamento todo: *Quasi collectione facta de hominis anima, infinitum sapientiae suæ thesaurum, tamquam debitum, ac justum pretium effudit.* Considerou o Eterno Pay, pezou, e medio as almas com seu Eterno Filho, e depois de tanta consideraçao, pezo, e medida assentou que naõ era acçao prodiga, senaõ resoluçao prudente, que por ganhar as almas dos homens viesse á terra hum Filho de Deos. Vede que pezo? De maneira, que posta em balança a soberania do Filho de Deos, e a excellencia das almas naõ sahe cara no juizo do Pay, senaõ muy justa a compra das almas, preço do Filho.

Mais sem rodeyos: Explicou o mesmo Pay esta valia das almas, fallando com o mesmo Eterno Verbo: *Num lux tibi est, (assim lê o Hebreo) ut sis mibi servus?* Por ventura he coufa alheya de Vossa Magestade, e indecente a vossa grandeza, que vos façais servo? Mysteriosa pergunta! Pois, Senhor, naõ ha coufa menos competente ao ser do Verbo, que a vileza de servo? Como pôde eltar bem o traje servil a quem veste purpuras da divindade? O mesmo Senhor apontou a razão, quando fez a pergunta: *Ad suscitandas tribus Jacob, & fæces Israel convertendas.* Vós, Filho, diz o Eterno Pay, abateivos a servo por amor das almas, e quando as almas saõ o motivo do vosso abatimento, parecevos que desdizem da excellencia do vosso ser as baixezas de servo? Naõ desdizem. Porque para ganhar almas he muy honroso a hum Deos trajarse ao servil: *Num lux tibi est, ut sis mibi servus?* *Ad suscitandas tribus Jacob, & fæces Israel convertendas.* Oh encarecimento grande do valor de huma alma, que pelo resgate de huma compitaõ á divindade do Verbo humildades de servo! Que se pezada huma alma com o Verbo, seja taõ equivalente o pezo, que entrega o Pay o Verbo por comprar huma alma? Ah fieis! E que vendamos taõ barato ao demonio aquillo, que Deos avalia taõ caro. Isto he fazer a Deos imprudente, e louco mercador. O mais que nos pôde offerecer o demonio por nossas almas, he o que offerêceo a Christo pela sua, o mundo: e se nossas almas valem o que val hum Filho de Deos, que comparaçao tem o mundo com ellas, para que as demos ao demonio, ainda pelo mundo? Reparemos de vagar nisto, que na verdade he vergonha, que nos levem por taõ pouco o que tem taõ subido preço.

Pare-

Parece, que bastante mente eitava encarecido o pezo das almas, pois chegaõ a fazer pezo com a mesma divindade do Verbo: porém passa Deos tanto avante na estimaçao dellas, que sou tambem obrigado a passar avante no pezo. Descreve Christo largamente as condiçoes de hum bom Pastor, e remata com huma sentença, que por sua, e por notavel merecõe toda a estimaçao: *Propterea me diligit Pater, quia ego pono animam meam.* Joan. 10. v. 17.

Meu Pay amame, porque eu dou a vida pela redempçao das almas. Senhor, que dizeis? Como pôde ser, que por esta razaõ vos ame o Pay, porque morreis pelas almas? Entre dous objectos queridos aquelle se ama mais, por cuja causa se ama o outro: se vosso Pay vos ama por causa das almas; logo mais ama as almas, do que vos ama a vós? Que quereis, que diga? Assim o ensina Christo, e havia razoens no Pay para elle o publicar assim. Via Christo a seu Eterno Pay tão satisfeito, de que elle se oftereceste á morte pela salvaçao das almas, que parece, que naõ o amava tanto, porque era filho, quanto, porque morria por ellas: *Propterea me diligit Pater, quia ego pono animam meam.*

E na verdade se naõ houvera recurso á Fé, apertada a coufa pelos indicios, quem senaõ arrojara a crer, que mais amadas eraõ as almas, que o Filho? Se hum pay entregasse seu filho á morte por dar a vida a hum escravo, julgaria por ventura alguem, que o morto era o filho, e o vivo o escravo? Todos haviamos de imaginar, que o escravo vivo era o filho, e o filho morto era o escravo. O Eterno Pay entregou o filho á morte por dar a eterna vida ás almas. Pois quem trata como Pay as almas, o Pay, ou o Filho? Diga o o mesmo Filho a gritos em a Cruz: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Deos Matt. 27. v. 46. meu, porque me desamparastes? Deos meu em occasião de tão

desconsolada queixa? Naõ vinha melhor o nome de Pay, que como nome amorofo mais facilmente o enterneceria para o socorro? Porqne lhe naõ chamou Pay, senaõ Deos.

Antes que respondamos, temos outro reparo, que se bem acrescenta a duvida, faz com tudo para a resposta. Quando este Senhor pedio a seu Pay perdaõ para seus inimigos, chamou-lhe Pay: *Iesus autem dicebat: Pater dimitte illis.* Pois como Luc. 23. v. 34. alli Pay, e acolá Deos? Quando se queixa, he Deos; quando lhe

Ihe pede, he Pay? Sim. Eu direi o porque. Aquella queixa incluia hum alivio para Christo, esta petição continha hum interesse para as almas: e como Christo via, que seu Pay tão desapegadamente o entregava á morte pelo bem das almas; quando negocea para si, chamalhe Deos, quando negocea para as almas, chamalhe Pay. Porque Pay, que tirava a vida a hum Filho por causa das almas, mais parecia Pay das almas, do que Pay do Filho: *Deus meus, Deus meus: &c.*

E para mayor confirmação da resposta não sey, se notais a diversidade, com que lhe chamou Deos, e com que lhe chamou Pay: quando lhe chamou Deos, disse: *Deus meus, Deus meus*: quando lhe chamou Pay, não disse: Pay meu, senão Pay sómente: *Pater*. Pois que mysterio ha nisto? Se o nomea por Deos, porque o não nomea tambem por seu, quando o nomea por Pay? Porque havia razaão para o nomear por seu, quando lhe ~~chama~~ Deos, e havia razaão para o não nomear por seu, quando o intitula Pay. Punha Christo os olhos no Ceo, e descobria no Pay ao mesmo tempo interesses de Deos justo, e afectos de Pay piedoso; punha logo os olhos na terra, e via em si as execuções da justiça, e nas almas os afectos da piedade: e como elle levava as intrevezas da Deos, e as almas os afectos de Pay, que fez, quando houve de dar ao Pay o nome de Deos, particularizou-o assim: Deos meu, Deus meu: quando lhe havia de dar o nome de Pay, não o determinou assim, não disse: Pay meu, senão, Pay absolutamente: *Pater*. Para mostrar com isto, que ainda que seu Pay procedia naquella occasião como Deos de justiça, e como Pay de misericordia, com tudo para com elle era Deos, e para com outrem era Pay: para com elle, que morria, era Deos justo, e para com almas, que se resgatavaõ, era Pay benigno. Ha hyperbole maior do preço das almas, que chegue tal Pay a proceder como Deos severo com tal filho, para tratar como Pay amorofo das almas? Que levem as almas os afectos de Pay a Deos, que se deviaõ a Christo? E que sinta Christo severidades de Deos em seu Pay por amor das almas? Pois chega o mesmo Deos a não parecer Pay de seu Filho, por se mostrar comsigo Pay. Mas demos já com a balança em baixo.

Temos visto as almas mais pezadas que o mundo, quasi iguaes

iguais no peço com o Verbo, e mais estimadas, ao parecer, que elle: Vejamolas agora com realidade antepostas á mesma divindade. E quem nos dará a prova? Claro está, que ha de ser Christo. Que nem eu me atrevera a prometello, se elle não quizesse assim avaliá-las. Tornemos á Cruz. Poem, leus, inimigos a Christo hum partido, em cuja aceitação lhe libavaõ, e offeriaõ as adoraçõens de verdadeiro Deos: *Si Filius Dei as, descendere de Cruce, &c. Si Rex Israel est, descendat nunc de Cruce, & credimus ei.* Concerto feito (dizem os Judeos) se he, que he Christo Filho de Deos, desçase da Cruz, que nós cretremos logo nelle. Ouvio o Senhor o partido, mas não aceitou. Ficouse na Cruz, e nella acabou a vida. E como assim? Não era toda a aancia de Christo, que os Hebreos reconhecessem por Deos? Assim o testimunhaõ os Evangelistas todos. Pois se agora lhe promettem estes reconhecimentos, com tanto que se desça da Cruz, porque não desce? Se o credito de seu ser divino depende de huma condição tão facil de executar a sua divina Omnipotencia, como he despregar-se de hum madeiro, porque senão desprega? A razaõ foy esta.

Esta desida de Christo incluia hum commodo para sua pessoa, e a hum damno para nossas almas. Se Christo descia, acreditava sua divindade: eis ahi o commodo de Christo; mas não se remia o mundo: e eis ahi o damno das almas. E contrangido Christo a cortar por huma de duas, ou pelos créditos de sua divindade, ou pelo remedio de nossas almas; que fez? Ficouse na Cruz para remediar nossas almas, e não deiceo da Cruz para acreditar sua divindade. Considero nesta occasião huma como contenda na alma de Christo por parte de seu amor, contra sua divindade, por parte de sua divindade contra seu amor. Para ficar minha divindade acreditada (dizia o Senhor) não se haõ de remir as almas: para se remirem as almas, não ha de ficar minha divindade acreditada. Dizia a divindade: não se remedee em as almas. Dizia o amor: Não se acredite a divindade. E preponderou tanto, mais para com Christo o remedio de nossas almas, que os créditos de sua divindade; que a divindade ficou sem créditos; porque não desceo; e as almas ficaraõ com o remedio; porque morreo. He isto antepor as almas á divindade? Pois tanto como isto estimavaõ Deos.

Deos as almas. E nós, Fieis, como as estimamos? Quem tem para comosco mais valia, o corpo, ou a alma? Vejamolo por hum exemplo.

Dá Christo saude na alma a hum paralítico, com perdão universal de suas culpas: *Remittuntur tibi peccata tua*: e recebeo o beneficio com tanto silencio, que não mostrou o menor final de agradecimento. Daí que dahi a pouco saude no corpo: *Et abiit (diz o texto) in domum suam magnificans Deum.* Vendose valente, respondeo á merce com grandes louvores de Deos. Pois se assim festeja este homem o segundo favor, porque não festeja também o primeiro? Porque com o primeiro farou na alma, com o segundo farou no corpo: e para com os homens val tanto mais seu corpo, que sua alma, que estimaráo a cura do corpo, mas não agradeceráo a saude da alma.

Grande cegueira por certo! Que antepoñhaõ os homens, digo, que antepoñhamos hum corpo vil a hum espirito soberano! Que pezemos tanto o que tão pouco peza! E que estimemos tão pouco o que tanto peza! *Verumtamen mendacces, &c.* Verdadeiramente, que he manifesto engano de nosso pezo. Huma alma, que compete em duração com a eternidade: huma alma, que compete igualdades com o Verbo: huma alma, por cujo respeito se engeitaõ os aplausos da divindade, tão avultada, tão pouco estimada; e huma tão vil vida, hum corpo, que dura por momentos, hum corpo, que se iguala na vileza com a terra, hum corpo, que corre paradas com o nada, tão engrandecido, e estimado? Grande cegueira outra vez! E nunca esta cegueira esteve mais em seu ponto do que no tempo de hoje. Tanta vaidade nas galas: tanto spendio nos regalos: tanta galantaria nos rostos: tanto cuidado no asleyo, que insinuaõ? Senão, que estimamos o corpo, e não tratamos da alma.

Tanto que a Magdalena se resolveo a tratar de sua alma, que fez? Deixou as galas, quebrou os alabastros, derramou os unguentos, fez os olhos rios. Só isto he estimar a alma. Como pôde ser, que estime sua alma quem faz o contrario de tudo isto? Amor de galas, affeites de rostos, demasia de regalos não se ajustaõ com estimações da alma. Olhai para Christo na Cruz,

Cruz, onde o pez a estimação das almas: os vestidos rasgados:

*Diviserunt vestimenta ejus: as cores perdidas: Non est species ei, neque decor: o gosto mortificado: Et dederunt ei vinum: bibere cum felle missum.* Se a estimação das almas alheyas rasgou a Christo os vestidos, tiroulhe as cores, mortificou-lhe o gosto, que fará a estimação das almas próprias? E senão se rasgão os vestidos, nem se mortifica o gosto, como se estima as almas? Lá virá tempo, em que nos peze bem do mal, que agora pezamos. Não nos vay menos no acerto, ou no erro deste pezo, que hum Ceo, ou hum Inferno. Hum corpo mais pezado que a alma, he pezo, que abate até o Inferno: huma alma mais pezada que o corpo, he pezo, que levanta até o Ceo. Boa experiência temos disto no Calvario.

Ao braço direito da balança da Cruz, em que Christo se pezava com as almas, estava hum ladrão, a quem pezou tanto mais sua alma, que seu corpo, que esquecido do corpo, tratou sómente do bem da alma: *Domine memento mei, cum vineris in Regnum tuum.* Ao braço esquerdo da mesma Cruz estava outro ladrão, a quem pezou tanto mais seu corpo, que sua alma, que esquecido da alma tratou sómente do corpo: *Salvum fac temet ipsum, & nos.* E que succedeo? O ladrão da mão direita, o ladrão, a quem pezou mais a alma, que o corpo, salvouse. Oh que acertado pezo! O ladrão da mão esquerda, o ladrão, a quem pezou mais o corpo, que a alma, perdeose. Oh que desgraçado pezo! Ah Fieis, não erremos pelo amor de Deus, não erremos em pezo de tanto pezo: consideremos de vagar na diversidade destas sortes, e vejamos, qual nos está melhor, se perder a alma, e o corpo por estimar mais o corpo, que a alma, como o ladrão da mão esquerda: se ganhar o corpo, e alma por estimar mais a alma, que o corpo, como o ladrão da mão direita. Denos Deus sua graça, para que escolhamos o segundo, em que se interessa a Glória: *Quam mibi, &c.*

# IV. DOMINGA.

*Verumtamen vani filii hominum, mendaces filii hominum in statu teris. Ex Psalm. 61. v. 10.*



E quizesse Deos, que houvesse algum taõ cuidadoso de sua salvaçāo, que puzesse estes dias na balança seu corpo, e sua alma! Se assim fosse, he certo, achariaõ no pezo dous extremos muito notaveis: se o corpo era mais estimado, que a alma, achareis a alma taõ carregada de peccados, que desceria a balança até ao Inferno: se a alma era mais estimada que o corpo, achareis a alma taõ aliviada de culpas, que subiria a balança até ao Ceo. Espero eu em Deos, que haveria muitas almas, que se achassem subidas ao Ceo. Oh bem afortunadas almas! Permanecei constantes em tanta felicidade, que he a mayor, que se pôde desejar: naõ percais taõ glorioso cumme, que quem posse hum Ceo, naõ tem, que se abaterá terra. E para que o pezo desta vos naõ engaga abaiixo, olhai para ella lá de sima, e vereis, como toda he hum ponto, e quanto nella ha, tudo he vaõ, tudo breve, tudo nada. Mas que diremos nós das almas, que se acháraõ submergidas em vicios? Oh mal aventureadas almas, a quem fora melhor naõ ser! Tanto está no Inferno a alma, que está no peccado, como a que está no Inferno. Só tem esta diferença: A alma, que está em peccado, pôde sahir: a alma, que está no Inferno, naõ pôde sahir, e nisto só he mais venturosa. Esta ventura, que he a que mais devemos procurar todos, hei de facilitar hoje, oferecendo hum meyo muy acommodado para nos resolvirmos a sahir do peccado. A origem toda de noslas culpas he o muito engano, com que pezamos esta, e a outra vida. Quem haverá, que peze fielmente esta vida, e que peze? Quem haverá, que peze direitamente a eternidade, e offendendo a Deos? Ninguem, diz o Espírito Santo: *Memorare novissima tua, &c.* Logo se tanto peccamos, se tanto offendemos a Deos, he, porque

que tomamos falsamente o pezo a estas coufas. Ora Christaos, para que as almas, que pela graca se acharaõ no Ceo, naõ ca-yaõ, e as que pelo peccado se acharaõ no Inferno, sayao delle, pezemos hoje com todo o desengano esta, e a outra vida.

## A V E M A R I A

**C**hamase a morte commumente o desengano da vida: po-rem eu acho, que a vida tem antes da morte outro desengano. E qual será? A mesma vida. He coufa de taõ pouco ser a nosla vida, que pezada attentamente, he o mayor desengano de si mesma. Pezou-a huma vez Salamaõ na balanca de seu grande juizo, e asentou comigo, que naõ era outra coufa, senaõ passo de huma sombra: *Umbræ effim transitus est Sap. 2. v. 5 tempus nostrum.* Naõ de passo, mas de asento nos ponhamos a esta sombra, que se das trévas seitrou *essa luz que ie yê* aos olhos: *Quoniam Deus, qui dixit de tenebris lucem splendet* - 2. AdCor. *cere*, e a noilla vida, que he, senaõ huma coufa fabulosa, huma vida falsa?

Falla S Paulo com os ricos do mundo, e diz assim: *The- ria in- saurizare sibi fundamentum bonum in futurum, ut appreben- mith. c. 6 dant veram vitam:* Os ricos tratem de fazer thesouros para o tempo futuro, para que assim possaõ conseguir a verdadeira vida. Doutor das gentes, que dizeis? Se haõ de alcançar depois da morte a vida verdadeira: logo esta, em que actualmente vivem, naõ he verdadeira vida? Naõ. He vida *mentirosa*, he vida fingida. Oh quem persuadirá isto no mundo? Pois he assim. E se ninguem se quer persuadir, he, porque todos querem enganar. Que verdade tem huma vida, a quem entraquecem as dores, corrompem as delicias, opprimem os cuidados, desvelaõ as riquezas, atormenta a pobreza, desvanece a mocidade, e afflige a velhice? Que verdade tem huma vida, onde os gostos, os passatempos, as honras, as dignidades, os cetros, as coroas, as glotias, as magestades, soõ altos contingentes da fortuna? E se a morte he baixo necessario, onde tudo faz naufragio com a mesma vida, taõ fóra eitá isto de ser verdadeira vida, que nem vida he. Pelo menos humas palavras de Christo nos ensinao *essa verdade.* O. 910.00

Perguntalhe hum mancebo, que faria para conseguir a vida eterna, que nós chamamos communmente salvarse: *Magiſter bone, quid boni faciam, ut babeam vitam aeternam?* Boa questaõ, mas que pouco altercada hoje no mundo! Tudo neste mundo saõ questoens, e perguntas. Pergunta o rico, donde tirará mais ganho: o delicio, onde achará mais regalos: o sensual, onde encontrará melhor objecto: mas ninguem pergunta, por onde caminhará á vida eterna. Grande consulaõ nosla! Ora esta questaõ propoz aquelle mancebo a Christo, e a resposta do Senhor foy esta: *Si autem vis ad vitam ingredi, serva mandata.* Se queres alcançar a vida, guarda os preceitos. Não parece a resposta muy coherente á pergunta. Este homem não pergunta, que fará para possuir a vida, que ha dias que a logra: pela vida eterna pergunta. Pois da vida eterna lhe responde Christo. E como, se disse sómente vida? *Si vis ad vitam ingredi.* Em dizer vida, disse eterna. Porque só esta he vida. Se isto fora vida, acrecentava Christo eterna. Mas porque esta não he vida, por isso disse vida sómente, quando falava da eterna. Pois se não he vida, como se ha de chamar? Hase de chamar morte, que tambem nisto combina com a sombra; porque assim como a sombra se pôde dizer certo genero de noite: assim tambem a vida he certo genero de morte. Ouvi-o a David, conforme duas razoens admiraveis.

P. 9.

Poz David por titulo ao nono Psalmo, (segundo alguns trasladaõ) *De florida etate filii*: Psalmo da vida florente de Absalão: Outros lem: *De morte filii*: Psalmo da morte de Absalão. Cousa notavel! Psalmo da vida, e Psalmo da morte? Sim, diz Theodoreto. E ambas estas verfoens saõ muy confórmes. Como assim? Se huma diz Psalmo da vida, e outra Psalmo da morte, como concordaõ? Porque não he outra cousa esta vida, senão a morte; e assim com muito acerto se diz Psalmo da morte, o que he Psalmo da vida. E senão pergunta o a vós mesmos em vossos gostos, em vossas tristezas, em voslos perigos, em vossas enfermidades, a ver, se distilada pelo pezo da razão fica alguma cousa, que seja vida em alguma esencia, e se fizessemos conceito disto, e se acabassemos de errar com o vulgo ignorante, e conhecessemos, que esta vida não he vida, senão morte, como nos desenganaremos com ella? Pois não

naõ ha que duvidar. Assim o leste hum David entendido, assim o ensina a Sabedoria increada, e assim o dita a razão.

Que se faz na morte? Padecese. E que se faz na vida? Padecese. E por isto disse Santo Agostinho, que naõ era outra cousa viver muito, senão padecer muito: *Quid est diu vivere, nisi diu torqueri?* Pois se na vida se pena, como na morte, porque se naõ reputará por morte a vida? Responderá alguém, que na morte ha padecer, e acabar; mas na vida naõ ha acabar, se ha padecer: e porque na vida se padece sem acabar, por isto naõ se ha de ter a vida por morte. Antes por isto he mais rigorosa que a mesma morte: Porque na morte, se acaba, passa em hum instante o tormento da morte: porque na vida, se naõ acaba, por isto duraõ ás vezes annos inteiros as molestias da vida. E huma pena naõ he taõ grave pelo que he, quanto pelo que dura.

Sentido Jeremias das grandes calamidades dos Israelitas, rompeo compassivo nestas palavras: *Et maior effecta est iniquitas filiae populi mei peccato Sodomorum.* Mayor he a afflicção do Povo de Israel, do que foy a afflicção do povo de Sodoma. Parece, que o muito sentimento embaraçou o discurso ao Profeta. Os Sodomitas perecerão consumidos com hum incendio: os Hebreos padecem sómente hum cativeiro. Pois como pôde ser mayor a molestia dos Hebreos cativos, do que a pena dos Sodomitas abrazados: Que penosa circunstancia tinha em si o cativeiro, para que vencesse o rigor do incendio? O mesmo Profeta o declara: *Quae subversa est in momento.* Ibid. incendio em hum momento consumio aos Sodomitas: o cativeiro lastima dilatadamente aos Hebreos: o tormento do incendio foy passageiro, brevemente se acabou: *In momento:* a molestia do cativeiro he prolongada, vagarosamente atormenta: os Sodomitas com perder a vida na chamma, deixarão de penar: os Hebreos com naõ experimentarem a morte no cativeiro, duraraõ muito no sentir: e cresce tanto a graveza de huma pena pelo que dura, que julga o Profeta entendido, que foy mayor a afflicção dos Hebreos cativos, do que o castigo dos Sodomitas abrazados. Pois se a vida tem suas penas como a morte, e se as penas da vida saõ mais dilatadas, que as da morte, quem duvida que he morte a vida pelas molestias, que

tem, e morte rigorosa, pelo que dura tuas molestias?

Mas quando a vida não mereça o nome de morte, pelos muitos males, de que está cheia; ao menos merece-o pelas muitas mortes, de que se tece. E he outra circunstância, em que a vida se parece com a sombra. A sombra he huma, como mistura de morte, é vida. Lançai os olhos a vossos annos passados; e vereis quantas mortes topais na vida. Que he feito da infancia? Que he feito da puericia? Que he feito da adolescencia? Que he feito da idade juvenil? A infancia acabou, para que viesse a puericia: a puericia espirou, para que entrasse a adolescencia: a adolescencia pereceu, para que gozaeis a idade juvenil: a idade juvenil morreou, para que gozaeis o estado de varaõ; e este acabará com a velhice, a velhice com a idade decrepita, e esta com a sepultura. De maneira, que tantas entradas faz a morte na vida, quantos progressos faz a vida nos annos. Por isto disse hum engenho grande, que a morte, com que se remata de todo a vida, não se havia de dizer unica, senão derradeira. Porque se a vida padece antes do fim tantos fins, e antes da morte tantas mortes; com que razão se ha de dizer huma morte, que se ha de seguir? Ultima sim: porque poem termo á vida: unica não, porque supoem outras mortes na vida. E que com tantas mortes na vida não haja quem com ella se desengane! Sabeis qual he a razão? He, porque todos esperamos a morte ao diante, e ninguem adverte, que lhe fica já muita parte da morte atraç.

Considerou Job em seus primeiros dias, vio, que estava todos em posseião da morte sem esperança alguma de tornar: *Dies mei velocius transferunt, quam à texente tella succiditur, & consumpti sunt absque ulla spe.* E no mesmo ponto exclamou dizendo: *Memento, quia ventus est vita mea.* No mesmo tempo que achou morta a vida passada, avaliou por nada sua vida. Se nós considerarmos, que tudo, o que temos vivido, está já em poder da morte, e que este mesmo dia de hoje o dividimos com ella: oh que poucos se haviaõ de enganar com a vida! Não ha parte da vida, a que não succeda sua parte da morte: e que nos fiemos em tal vida? Não assentaremos connosco, que cada dia imos morrendo, e que o mesmo augmento dos annos he diminuição da vida?

A hum

A hum relogio de agua naõ o esgota a ultima gota sómente; todas quantas gotas antecedentemente cahiraõ, o forão engotando da mesma maneira a ultima hora, em que deixamos de viver, naõ desbarata ella sómente a vida; todas as horas, que até alli passaraõ, o forão destruindo, e acabando: na ultima hora chegamos á morte; mas da primeira hora da vida caminhamos para ella. E que seja esta vida huma jornada para a morte, e que se nos passe o tempo com tanto descuido, sem advertirmos, que passa para naõ tomar! Que cuidais, que temos de vida? Hum só momento. Os annos passados já se acabaõ, e naõ temos delles mais, do que se foramos mortos: os annos vindouros ainda os naõ vivemos, e naõ temos delles mais, do que se naõ houveramos nascido: o dia de ~~hontem~~ já pereceo, o de á manhã naõ sabemos o que será: do de hoje saõ passadas muitas horas, que naõ vivemos, e faltaõ outras, que nenhum de nós sabe se as vivirá.

Pois se nem vivemos o passado, nem o futuro, que nosifica de vida, senaõ hum instante? Que isso he o presente. E este instante, de que pende o merecimento todo da eternidade, taõ mal gasto, em negocios, e pensamentos do mundo! Bem disse Santo Agostinho, que o tempo desta vida se significava no fiado das Parcas, das quaes singio a antiguidade, que fiavaõ a vida humana; o tempo passado era, o que estava recolhido no fuzo: o futuro era, o que ainda restava na róca por fiar: e o presente, qual era? *Quod inter digitos nentis trajicitur*: O que se passava entre os dedos. Por entre os dedos se nos vay o tempo da vida: e que nos naõ apartemos de coisas inuteis para nos occuparmos na gragearia do Ceo! Por entre os dedos nos passaõ os instantes, que vivemos, e que os naõ entreguemos no merecimento da eternidade! Naõ sey, se me queixe da falsidade da vida, que nos lisongea com os annos, e só tem momentos: se me admire do descuido dos homens, que tendo só momentos de vida, os naõ empreguem no ganho da outra vida! Queixome, e admirome

Naõ só pelo que he, senaõ pelo que dura. Se se parece esta vida com a sombra, a duraçao da sombra, quando muito, he hum só dia; começa com a luz da manhã, e acabase com a luz da tarde. Que coufa mais breve, e passageira, que a nossa vida?

Job. 17. v. vida? Diga o Job: *Et solum mibi superest sepulchrum.* Naõ me falta mais, que o sepulcro. Que dizeis, et pelho da pacien-  
 cia? O sepulcro naõ falta a quem respira vivente: falta sim  
 a quem naõ sente cadaver. Pois se estais vivo, como dizeis,  
 Ibid. que ja vós falta o sepulcro? Sabeis, porque o digo? *Dies mei  
 breviabuntur.* Porque corre minha vida tanto a presla para a  
 morte, que atonito, e pasmado de tanta ligeireza me repulo  
 Ub. supr. cadaver, quando ainda me sinto vivo: *Et solum mibi supereft  
 sepulchrum.*

Duzentos, e setenta annos vivo Job, conſórme aos Ex-  
 Job. 42. posidores: *Vixit autem Job post hæc centum quadraginta an-  
 nis.* E se o curlo de duzentos, e setenta annos lhe pâreceo taõ  
 veloz, com que pressa correrão os oitenta, que ha a mayor  
 idade, que se chega hoje a lograr no mundo? Com os olhos nes-  
 ta muita velocidade de nosla vida se lhe equivocaraõ a Sal-  
 Eccl. 3. v. naõ os berços, com os tumulos: *Tempus nascendi,* (diz elle)  
 2. & *tempus moriendi.* Ha tempo de nacer, e ha tempo de mor-  
 rer: e entre nacer, e morrer naõ ha tempo de viver, Sabio  
 Rey, a tento: Apontastes só o tempo, só á vida o naõ assinalis?  
 He possivel, que das mantilhas do berço dais commosco nas  
 mortalhas do tumulo? Do oriente da vida no occaso da morte?  
 Sim. Porque presla com tanta brevidade a vida, que pârece,  
 naõ se atravessa tempo entre viver, e morrer.

Oh que curta he nosla vida, pois este lince dos engenhos  
 naõ descobre tempo algum, que descontinue a sepultura do  
 nascimento! Por isto David lhe chamou flor, que com a ma-  
 R. 89. v. 6 nhã abre, e com a manhã murcha: *Mane floreat, & transeat.*  
 Notai a presla, florecer, e paſlar. Pois que rosa ha taõ breve,  
 que aslucega taõ caduca, que saltando por entre verdes laços  
 ou a neve, ou a purpura de sua gala, naõ lhes fique hum dia  
 inteiro para servirem de vaidade ao Sol, que as alenta, e de  
 pompa ao campo, que as cria? Ah que nas flores humanas he  
 menos consistente a vida: *Mane floreat, & transeat.* Naõ ha  
 mais que nacer, e acabar. Taõ depressa se segue o murchar ao  
 abrir, que a mesma madrugada, em que abrem, parece tarde,  
 Ibid. em que murchaõ.

Mas como havia de fer pezada a vida, se quatro azas se  
 batem para sua ruina? Hum relogio com quatro azas he o sym-  
 bolo

holo da vida, assim se pinta ordinariamente: huma fouce com azas he symbolo da morte, com que corta essa vida: *Et ecce falsa volans Valhame Deos!* Azas no relogio da vida, azas na fouce da morte? Sim: que a vida vay voando em busca da morte, e a morte vem voando em busca da vida. Naõ corre a vida, naõ caminha a morte; vida, e morte ambas voaõ, e com tanta ligeireza, que nem a aguia se arroja mais veloz á preza, nem a setta corta mais accelerada os ares, nem o rayo se precipita mais arrebatado á terra; porque a vida, e a morte correm huma para outra.

Ao mesmo passo, que se movem as estrellas do Firmamento, cuja velocidade he taõ prodigiosa, que o arrojar da aguia, o correr da setta, o precipitar do rayo vem ~~anter~~ em sua comparaçao movimento muy espaçoso, e tardo. Pois que pôde durar huma vida, contra a qual se conjuraõ quatro azas taõ velozes? Alerta, fieis, que voa a vida, alerta, que voa a morte: desde o primeiro instante de nosso ser se extenderão as azas para nos acabar. E se naõ sabemos quanto dista o relogio da fouce, como naõ tememos, e trememos? Naõ nos engane a idade para os imaginarmos distantes: desenganenos a natureza para os sospeitarmos vizinhos. A sombra tanto desapparece pela tarde, como ao meyo dia: a vida tanto pôde acabar na tarde da velhice, como no meyo do dia da mocidade.

He cousa muy ordinaria na Escritura chamar vidro á natureza humana: assim entende hum moderno aquillo de Job, quando tratando da sabedoria divina, disse, que nem o ouro mais fino, nem o vidro mais puro se podia comparar com sua excellencia; *Non adæquabitur ei aurum, vel vitrum.* No ouro <sup>Job.28.v.</sup> se significaõ os Anjos: no vidro se symbolizaõ os homens. Tomai agora hum aparador de vidros, no qual se pužeraõ alguns ha noventa annos, outros ha sincoenta, outros ha vinte, e outros ainda hoje. Pergunto: Qual delles tem mais perigo de quebrar-se? Qual julgais, que quebrará primeiro? Por ventura o que se poz ha noventa annos, e está taõ cuberto de pó, que naõ se vê sua claridade? Ou o que se poz ainda hoje, todo formoso, e transparente? He certo; que tanto risco corre hum, como outro, e taõ pouca segurança tem aquelle, como este; porque saõ todos da mesma massa, taõ fragil huma, como outra.

Pois todo este mappa do mundo he hum aparador, os homens saõ os vidros, huns mais crystallinos, outros mais escuros, huns mais lavrados, outros com menos galantaria, huns grandes, outros pequenos: alguns ha noventa annos, que se puzeraõ nelle, outros ha quarenta, outros dez, outros hontem; outros hoje. Qual se romperá primeiro, qual está nem mayor contingencia? Com verdade, que tanto se podem temeros que entraraõ neste aparador hoje, como os que ha muitos annos entráraõ: e aquelle se quebrará primeiro, a quem primeiro fizer tiro a morte. Lembraisvos da nobilissima familia de Jacob. Quaes forao as primeiras pessoas, que morreraõ naquella casa? A primeira, que morreo, foy Rachel, mulher de Jacob o primeiro filho de Jacob, que morreo, foy Joseph. Pois como? Lia naõ tinha mais annos, que Rachel? Joseph, exceptuando a Benjamim, naõ tinha menos idade, que seus irmãos? Porque morreo Rachel, e fica Lia? Porque morreo Joseph, e ficaõ seus irmãos? Porque ainda que mais novos, eraõ finalmente vidros; fezle a morte tiro, e estaláraõ com a mesma felicidade, com que podiaõ estalar os antigos.

Oh que desengano este para as confianças indiscretas da mocidade! Se nos promette seguranças o vigor dos annos, reparemos na fragilidade do ser, e na desordem da morte. O ser he vidro, que a qualquer toque quebra; a morte he cega, e faz ás cegas o tiro. Se a morte guardára ordem no golpe, ferria primeiro, que a Rachel, a Lia, e primeiro, que a Joseph, a seus irmãos: mas naõ ha cousa mais desordenada, que este tyranno, e seu tiro he acabar a todos, e tanto se lhe dá de cortar pelos annos verdes, como pelos maduros. Hum dos maiores engenhos de nossos tempos advertio, que aquelle cavallo, em que S. Joao vio a morte, na versão de Tertuliano, era verde: de novo vos advirto eu, que segundo o texto Grego, era verde, e amarelo: *Et ecce equus pallidus, & viridis.* Peregrinas cores de cavallo, verde, e amarelo! Mas naõ ha que espartar, que era o cavallo da morte. Fórmá este animal fero a cor dos annos, que atropella; e para mostrar, que igualmente piza o verde desde a mocidade, e o pallido da velhice, veste ao mesmo tempo amarelo, e verde. Oh morte cruel, que cortes tanto na Primavera, como no Outono! Oh vida triste, que

te murches tanto em flor, como em fruto! E que haja, quem se nie na vida! E que haja, quem se não recee da morte! Agora acrecento para ultimo desengano de nossas nescias fezurâncias, que mais se devem temer da morte os mecos, que os velhos. Que annos vos parece, que estaõ mais expoostos ao golpe fatal deste inimigo? Os da mocidade. Ensinemnos esta verdade os mais enganados homens do mundo, aquelles digo, de que falla Salamaõ, tão esquecidos do Ceo, e tão affeçoados á terra, que convidavaõ huns aos outros aos passatempos, e delicias: *Et ut amur creatura* (dizem elles) *tamquam in juventute celeriter*. Usemos das cousas á presla, como quem está na mocidade. Quem não repara já na uniaõ de preslas com mocidade? Preslas com velhice, isto sim. Se disserraõ usemos das cousas á presla, como quem está na ultima idade, isto he facil de entender; porque de velhice á sepultura vay muy pouca distancia; porém usemos das cousas á presla, como quem já está no melhor dos annos, não sey como se posla isto perceber. Que tem que ver preslas com mocidade? Muito mais que com velhice. Porque mais perto está da morte a idade mais florida, que a decrepita. Quereilo ver claramente? Seja por hum discurso fundado na Escritura, que não pôde mentir.

Qual he o caminho por onde vem a morte? O peccado, diz S. Paulo: *Et per peccatum mors*. Qual he a vida mais occasiōnada a peccado? Em que tempo da vida reinaõ mais deforadamente os vicios? Visto está, que na mocidade. Assim o chora David: *Delicta juventutis meæ*; assim o sente Job: *Offa ejus implebuntur vitiis adolescentiæ*; assim o testimunha Job: *Ps. 24. v. 7* *Job 10. v. 11.* todos. Ah sim! Seguese logo infallivelmente, que a morte tem mais patente, e livremente a entrada na mocidade, que a velhice. Não ha que negar; porque sendo verdadeiros os antecentes, como são, colhe com verdade a consequencia. Pois imaginar, que tendo o caminho franco, não se ha de dar presla a correr, he grande engano; quando os peccados lhe abrem a porta, não sabe tardar a morte, apressarla sim.

Irritado Deos com as muitas culpas dos homens, determinou acabar com o mundo: *Delebo, inquit, hominem, quem creavi*. Mas entre tanta razaõ de justiça não se esqueceu de sua

Ibid. v. 3. sua misericordia. Manda intimar por Noe a todos que tardaria o diluvio cento, e vinte annos: *Eruntque dies illius centum viginti annorum*, para que neste meyo tempo, se convertessem todos á penitencia. Esta soy a resoluçao divina. E cumpriose assim? Naõ se cumprio assim. Porque, como prova S. Jeronymo do mesmo texto, apressou a morte tanto aos passos, que havendo de chegar aos cento, e vinte annos, chegou aos cem annos com o diluvio. Pois como he isto? Assim se falta a hum tempo determinado por Deos? Assim se quebra, ao parecer, a palavra divina? Naõ vos espanteis, diz S. Jeronymo, facilitaõ tanto o caminhõ á morte os homens, e puzeraõ lhes tantos estimulos com os muitos delitos, que depois de ouvirem a divina ameaça, commetterao atrevidos, que havendo de tardar cento, e vinte annos a morte com o diluvio, a fizeraõ saltar de huma pancada os vinte, e afogar no fim dos cem annos o mundo: *Quia pœnitentiam agere neglexerunt, viginti annorum spatius amputatis, anno centesimo venit diluvium.*

D. Hieronym. Gen. i. v. 27. Oh mocidade cega, e como vos prometteis taõ confiadamente a vida, se acelerais com tantos crimes a morte! Quao longe estava a morte de Adaõ, quando Deos o creou! Taõ longe estava, que havia em meyo, espaço infinito: de modo, que por mais que a morte voasle, naõ poderia já mais chegar; porque era immortal Adaõ: *Et creavit Deus hominem ad imaginem: &c.* Commette com tudo Adaõ hum peccado: e que succedeo? No mesmo tempo esteve com elle a morte. Dizeime agora, idades floridas, quao longe de vós tendes a morte? Imaginay, que cem annos, (que ainda que raros, ou nenhuns saõ hoje no mundo os que vivem taõ largo) eu volos querer conceder. E que comparaçao tem isto com annos infinitos? Pois se huma só culpa de estender a maõ a huma arvore prohibida, fez andar com tanta velocidade a morte, que alcançou em hum instante a Adaõ, de quem distava huma eternidade: tantos delitos, quantos commetteis lançando cada hora loucamente a maõ a quantas árvores vos tem Deos vedado, e sua Ley, naõ faraõ, que atropelle a morte em hum momento cem annos? Lá o considerai com vosco que he já tempo, que nos passemos á outra vida, e tomemos o pezo á eternidade. Que cousa he a eternidade? He hum continuo circulo, cujo

cujo centro he o sempre; cuja circumferencia he o nunca re-  
cear, que ha já de acabar. Que he a eternidade? He hum Ocea-  
no immenso, cujo fundo seraõ pôde sondar: he hum abysmo  
tenebroso, onde se perde todo a cabedal do entender humano.  
Que he a eternidade? He hum laberinto intricado, donde nin-  
guem pôde sahir: he hum dia sem tarde: he hum anno gran-  
de, que nunca topará com o fim. Que he a eternidade? He hu-  
ma duraçao presente, hum perpetuo hoje, que carece de pas-  
sado, e futuro. Que he a eternidade? Ouvio a S. Boaventura.  
Se hum condenado derramára de cem em cem annos huma  
lagrima sómente, e se fosse guardando cada gota destas, até  
que fossem tantas, que fizessem hum mar ( quantos milhoens  
de seculos seriaõ necessarios para formar hum pequeno rio, quan-  
to mais hum Oceano,) e depois de feito hum mar destas la-  
grimas, podersehia por ventura dizer: Esta he a eternidade?  
Aqui acabou? Nada menos, Tornemse a guardar estas gotas de  
lagrimas taõ tardias desse condenado, façaõse com ellás cem  
mil Oceanos com todas as pauzes, e vagares, que temos dito:  
Acabarsehia entaõ a eternidade? Toparia com o fim? De ne-  
nhuma sorte, mas começaria como ao primeiro dia.

Oh eternidade! Oh eternidade! Oh eternidade! Isto he  
a eternidade pelo que dura. E pelo que he, qual será? Ou gos-  
tos, ou penas: ou gostos sem fim no Ceo, ou penas sem fim  
no Inferno. E como a eternidade corresponde a todo o tempo,  
de sorte que cada instante se sente o gosto, ou se padece a  
pena, que ha de ter, em quanto durar: por isso nunca tem tem-  
po, nem fim, pois he toda juntamente successiva. Estes sim,  
que saõ verdadeiros males; este sim, que saõ verdadeiros bens.  
Os bens, ou males desta vida sentemse successivamente: o de-  
leite, ou tormento, que se ha de ter nos instantes futuros, não  
se sente neste instante presente; porém os bens, e os males da  
outra vida não se experimentaõ por presentes neste instante  
presente, tem a tençao toda, que haõ de ter por huma ex-  
tensaõ immensa de seculos.

Que elegantemente exprimio Christo esta circunstancia  
tremenda da eternidade! *Siquis in me non manferit, mittetur foras sicut palmes, & arefcat, & colligent eum, & in ignem mittent, & ardet.* Eu sou a vide, diz Christo, os homens saõ  
as

Joan. 15.  
v. 6.

as cepas ; quem naõ frutificar em mim , lançar-se ha fóra cepa inutil , secar-se ha , daraõ com ella no fogo do Inferno , e arde . E arderá , parece que havia de dizer . Assim parece . Mas como a eternidade abraça todos os tempos , e cada instanto dā por junto sobre o triste condenado como tormento de todos elles , naõ se ha de dizer , que arde , senaõ que arde . Porque já de presente arde com a intenção , com que arderá de futuro .

Oh terrivel condição da eternidade para os danados ! Oh gostosa condição da eternidade para os Bemaventurados ! Se todos os sabores , que hum banquete esplendido podera dar successivamente , por espaço infinito , se resumiraõ em hum só , e todo esse deseite assim junto se gostasse por tempo eterno ; naõ seria huma delicia incomparavel ? Pois essa he a sorte dos Justos . E se todas as dores , que hum incendio podera causar successivamente por duração interminavel , que citraraõ em huma só , e toda essa pena assim junta se padecesse por seculos sem fim ; naõ seria hum tormento excessivo , e intoleravel ? Pois essa he a desgraça dos peccadores , e condemnados .

Ajunta-se a esta circunstancia da eternidade outra notável , de perseverar sem mudança . De madeira , que nem nos bens , nem nos males , quanto ao essencial , admitte variedade alguma . Os gostos continuaõ sempre os mesmos : as penas permanecem sempre as mesmas . Ha maior dita para os Bemaventurados ! Ha maior infortunio para os reprobos ! Bem sei , que huma cousa , e outra parecerá a alguem arrojamento da imaginação . Hum gosto continuado enfada : hum trabalho mudado em outro tambem atormenta : pois como pôde ser lisonja da dita nos Bemaventurados possuir sempre o mesmo gosto ? Como pôde ser Hyperbole de infortunio nos reprobos naõ variar de trabalhos ? Como pôde ser ? Eu o direi . Os gostos do Ceo , ainda que saõ os mesmos , naõ enfadaõ ; porque se ajunta nelles em venturosa liga a esperança com a posse . Todo o acha que de huma dita he ser sómente esperada . Se toda se espera , naõ se posse , afflige : se de todo se posse , naõ se espera , enfatia . Nos gostos do Ceo nem ha o fastio da posse , nem a molestia da esperança . Porque de tal sorte saõ posuidos , para que naõ molestem , que juntamente saõ esperados , para que naõ enfatiem .

Chama S. Paulo á Glória, eiperada, naõ beatifica, pos-  
suida sim. Logo se ha Glória no Ceo beatifica, como he cer-  
to, segue-se, que he possuida: e se he possuida, como lhe cha-  
ma Paulo, esperada: *Spem?* Porque essa he a ventura dos gos-  
tos do Ceo, que entre as felicidades do possuir, permittem an-  
cias para esperar; para que pelo que tem de possuidos, delei-  
tem, e pelo que tem de eiperados, naõ enfastiem. Logo se o  
gosto da gloria he o mayor, que se pôde imaginar, e entre a  
póle, que dá para a satisfaçao, conserva a esperança para o  
agrado; hem se segue, que he nos Bemaventurados lisonja de  
sua boa sorte, possuir sempre o mesmo gosto. E que a desgra-  
ça dos danados cresça, para estarem sempre na mesma pena,  
he coufa manifesta. Porque he taõ agradavel aos homens a va-  
riedade, que mudar hum tormento em outros lhes causa alivio.

Ouvi-o a Job, que vendose feito alvo da peyor fortuna,  
diz assim a Deos: *Et qui cæpī, ipse me conterat; solvat manum* Job.6.v.9  
*suam, & succidat me?* Já que Deos atégora me atribulou com  
a maõ atada, desate já essa maõ, e opprimame de todo. E que  
interesse tendes nisso Job? Que? Huma consolaçao: *Et bæc  
mibi sit consolatio.* Huma pena grande a que juizo naõ causa  
desattençoens? Os rigores de huma maõ impedida necessaria-  
mente haõ de ser menores, que os castigos dessa maõ desatada.  
Pois, como diz Job, que os castigos dessa maõ impedida? O tormento  
serviaõ de alivio aos rigores dessa maõ impedida? O tormento  
maior pôde aliviar o menor? Sim. Naõ he iñio o passar de hu-  
ma pena a outra pena? Pois na variedade está o alivio de Job.  
Bem sabia elle, que se Deos desatasse a maõ, haviaõ de ser  
maiores suas molestias, das que lhe déra com a maõ atada:  
mas estava taõ apurado seu sentimento com a identidade da  
pena, (porque havia sete annos padecia sempre o mesmo) que  
posto entre a uniformidade de hum tormento, ainda que me-  
nor, e a mudança em outro tormento, ainda que mayor, achou  
que mais consolaçao teria, se passasse a sentir o mayor, do que  
se perseverasse a sentir o menor. E que nem este tentaõ no In-  
ferno os danados! Que depois que cahio naquelle abyfmo aquel-  
le primeiro homem, (e teráõ já passado cinco mil annos) naõ  
experimentasse mudança em sua miseria? Exaggerada desgraça!

No Ceo a companhia de tantos ditosos alegra: no infer-  
no

Threnor.  
2. v. 3.D. Augus-  
tin.Apoc. 9. v.  
6.Matt. 26.  
v. 39.Luc. 23. v.  
42.Joan. 19.  
v. 28.Luc. 16. v.  
14.

no a companhia de tantos malaventurados, atormenta. Ha infelicidade como esta! O Profeta Jeremias para consolar a Jerusalém em seu desamparo, buscalhe igual, e semelhante: *Cui comparabo te? Vel cui assimilabo te, filia Jerusalém? Cui exequabo te, & consolabor te, virgo, filia Sion.* Que na verdade ter companheiros na desgraça, he genero de confolaçāo: e que no inferno até a companhia sirva de molestia! Oh que tremendo lugar! No Ceo quanto se deseja, se logra: *Ibi erit quid volles:* no Inferno naõ se logra, o que se deseja: suspiraõ todos com efficazes ancias pela morte: *Et desiderabunt mori* com estorvo eterno da execuçāo, a vehemencia deste desejo com a impossibilidade do cumprimento, he huma das grandes molestias, que tem aquellas malditas almas; porque naõ ha pena, como desejar aquillo, que senaõ pôde conseguir.

Permitte Christo no Horto ao natural appetite, que faça força e n preservar a vida: *Transeat à me calix iste:* sendo impossivel, segundo os decretos divinos, escutar Christo a morte. E que afflicçōens, que angustias lhe naõ occasionou este desejo? *Et factus est sudor ejus sicut guttae sanguinis.* Se tres horas de aspirar a hum impossivel, he taõ rigoroso tormento, que cuesta a Christo gotas de sangue, anhelar por toda esta eternidade a hum impossivel, que martyrio será? E no Inferno naõ só affligem os males, que actualmente se sofrem, senaõ tambem hum só mal, que falta. Vede que infeliz estado, *Sitio!* onde a ausencia da morte he penetrante lança para o coraçāo! Oh que infame, *Sitio!* No Ceo até o infortunio dos danados serve de augmentar os gostos. Porque ser feliz á vista de tantos desgraçados, he lisonja da dita: no inferno hum dos mais agudos tormentos, he a dita dos Bemaventurados.

Quando o rico Avarento do Inferno, em que estava, pedio alivio a Abraão, naõ pedio que o levasse, aonde estava Lazar, senaõ, que mandasse Lazar, onde elle estava: *Mittit Lazarum.* He digna de reparo esta petiçāo. Além de ser taõ dificultoso o descer hum Bemaventurado ao lugar do tormento, como subir hum condemnado ao lugar do descanso, melhor era para o Avarento subir elle, aonde estava Lazar, que descer Lazar, onde elle assistia. Pois se a dificuldade era igual, e maior a conveniencia de subir; porque naõ pede a Abraão, que

que o leve ao Paraíso, senão que mande Lazaro ao Inferno? Porque mais sentia o Avarento a felicidade de Lazaro, que sua propria delgraça. Tanto mais o atormentava a sorte alheya, dô que o martyrizava seu incendio, que estando na subida seu bem, não trata elle de se sahir do Inferno, só trata, de que perca Lazaro o Paraíso: *Mitte Lazarum*. Este he o pezo da vida presente: este he o pezo da vida futura. Mas não he este o pezo, que tem na balança dos homens.

Convence Deos a Caim de aleivofo, fulmina contra elle a sentença, que sua culpa merecia, e que faz Caim? Sentido de que o privasse dos frutos da terra, se condenna elle mesmo de carecer da vista de Deos: *Et à facie tua abscondar*: e teme-<sup>Gen. 4.v.</sup> roso de perder a vida, solicita com queixas, que lha segure.<sup>14.</sup> Deos: *Omnis igitur, qui invenerit me, occidet me*. Pode haver <sup>Ibid.</sup> mais errada resoluçao? Homem, estás louco? Não sabes, que carecer da vista de Deos he penar para sempre no Inferno? Pois se temes morrer temporalmente nesta vida, como te resolves a morrer eternamente na outra? Taõ leve achas a eternidade, que receando huma morte momentanea, não receas a morte eterna? Oh que loucura! Oh que desacerto! Assim pezou Caim, e achou taõ pezada esta vida, que elle mesmo se desterra de seus gostos para suas penas: *Et à facie tua, &c.* Mas quantos <sup>Ibid.</sup> o imitaõ? Quaõ cheyo de Cains está o mundo? Com que diligencia procuraõ os homens a conservaçao desta vida? Que cautelas para a saude? Que prevençoes para os achaques? E da outra como se descuidaõ tibios? Que generos de peccados, não commettem? Que deformidade de vicios não buscaõ? Pois que he isto, senão ser Cains? Que he isto, lenão estimar esta vida, e fazer pouco caso da outra? Oh eternidade espantosa! Como te não temem os homens? He irremediavel teu damno, se huma vez se erra. E que se descuidem, e que não tremaõ!

Lá disse David, que se anticipára huma vez a velar fóra do costumado: *Anticipaverunt vigilias oculi mei*. E que vos des-<sup>Ps. 76.v.5</sup> pertou santo Rey? Que he o que vos tirou o sono? Hum temor taõ vehemente, que juntamente me deixou atonito, e mudo: *Turbatus sum, & non sum locutus*. E de que nascia esse temor? De considerar nos annos, que já passaraõ, e na eternidade, que resta: *Cogitavi dies antiquos: & annos aeternos in mente* <sup>Ibid.v.6.</sup>

*mente babui.* E que effeito causou em vós este pensamento? *Hu-*  
*Ibid. v 12 ma* mudança extraordinaria da vida: *Et dixi: Nunc cœpi: bæc*  
*mutatio dexteræ Excelsi.* Ah fieis, sabeis porque vivemos com  
 tanto detcuido? He porque naõ pezamos rectamente o que  
 nos fica atraç, e o que nos resta adiante. O pezo do passado dá  
 desenganos para esta vida; o pezo do vindouro dá desenganos  
 para a outra. E hum, e outro pezo deviamos tomar sempre na  
 balança da razaõ.

Ponde os olhos nos tempos passados: Que divizais? Que en-  
 contrais? Que he feito dos Alexandres, dos Cesares, dos Augustos,  
 cuja authoridade, e nome venerava o mundo? Que he feito dos  
 Cressos, dos Attalos, dos Midas, cujas riquezas assombraraõ a  
 antiguidade? Que he feito dos Achilles, dos Heitores, dos Sci-  
 pioens, cujo valor se cevava nas maiores difficultades? Que  
 he feito das Helenas, das Attalantas, das Dianiras, em cuja  
 D. Augusto formosura esmerou a formosura os pinceis? *Nonne omnia pul-*  
*tin.* *Nonne fabula?* Tudo desappareceo, tudo acabou. Pois se  
 tanta gentileza, se tanto esforço, se tanta opulencia, se tantas  
 magestades acabáraõ, e desapareceraõ, naõ será tambem outro  
 tanto de nós? Se elles foraõ o que somos, porque naõ seremos  
 nós o que saõ? Para que nos vangloria o esforço? Para que  
 nos engana a gentileza? Lançai agora os olhos ao vindouro: que  
 que vedes? Hum abyssmo profundo de seculos eternos, onde  
 naõ ha mais que dous extremos, ou de Gloria com Deos no  
 Ceo, ou de pena com Lucifer no Inferno. E quem ha de parar  
 nessa eternidade? Cada qual de nós. E sabele, para que será,  
 se para gozar, se para padecer? Naõ se sabe. Pois como vivemos  
 descuidados? Como dormimos seguros? Esperamos gloria eter-  
 na, ou pena eterna? E os coraçoens taõ atadados ás coisas des-  
 ta vida? Sábemos por ventura, quando nos mandaráõ entrar por  
 esta eternidade? Naõ poderá ser esta semana? Naõ poderá ser  
 á manhã? Naõ poderá ser hoje? Naõ poderá ser nesta hora? Sim  
 poderá ser. E se for? E se for? Como se evitará taõ grân-  
 de mal? O que importa, he que para conseguirmos huma Glo-  
 rria sem fim, nos disponhamos com a graça divina em tal ami-  
 zade de Deos, que ainda estando em a vida, nos façamos me-  
 recedores dessa Gloria eterna: *Quam mibi, & vobis, &c.*

# V. DOMINGA.

*Verumtamen vani filii hominum, mendaces filii hominum in sta-  
teris. Ex Psalm. 61. v. 10.*



Emos pezado o mundo com o Ceo: os pedaços do mundo com os pedaços do Ceo: o corpo com a alma: a vida presente com a futura: e se o pezo foy verdadeiro como foy, mais peza o Ceo, que o mundo: os pedaços do Ceo, que os pedaços do mundo: a alma que o corpo: a vida futura, que a presente; mas o pezo destas cousas he, o em que reparo hoje, e humal duvida, ou admiraçao, que me traz suspenso, depois que começamos a pezar. Se o Ceo, e seus pedaços vencem com tantos excessos ao mundo, e aos seus: se a alma faz tantas vantagens ao corpo: se a vida presente nem pelo que se deleita, nem pelo que afflige, tem comparaçao com a vida futura; como vemos o mundo, o corpo, e esta vida estimada? Como vemos o Ceo, a alma, e a outra vida aborrecidos? A razaõ, que atégora demos, he, porque há engano no pezo: *Mendaces*, Ibid. &c. Mas desta mesma razaõ busco eu hoje a razaõ. E porque se enganaõ os homens no pezo? Não se pôde crer de juizos racionaes, que posponhaõ o mais ao menos, sem que tenhaõ algum motivo ou verdadeiro, ou apparente, pelo qual se arrojém a antepor o menos ao mais.

Quando Esaú vendeo o morgado de Ilaac, que herdava, pela escudela de lentilhas, que pedia, considerou na escudela importancias de sua vida: *Et morior, quid mibi proderunt pri-  
mogenita?* Eu morro, dizia Esaú, de que me serve o morgado? Mais me importa huma tigella de lentilhas, com que evite a morte, do que hum morgado, que naõ me pôde alentar a vida. E como na escudela achou conveniencias para sua vida, e no morgado naõ, por islo vendeo o morgado pela escudela: *Et vendidit primogenita.* Que nunca hum homem com enten- Ibid. v. 32. dimento trocara as riquezas de hum morgado pela grossaria de

## Tardes das Domingas

de nem manjar, se não vira, que o morgado não lhe estorvava a morte, e o manjar lhe conservava a vida. Logo para os homens anteporem o mundo ao Ceo, o corpo á alma, a vida presente á vida futura, hão de ter suas razoens para esse engano? Quaes ellas sejaõ, determino descobrir hoje. Não terá o sermão arrazoado; mas será hum arrazoado o sermão.

## AVE MARIA.

**S**E o Ceo, e seus pedaços saõ melhores que o mundo, e os seus; porque razaõ estimaõ os homens mais o mundo, que o Ceo? Porque no mundo tudo saõ apparencias, no Ceo tudo saõ realidades. Huma das cousas, porque o Ceo se devia antepor ao mundo, he, porque as cousas do Ceo saõ verdadeiras, e as cousas do mundo saõ fingidas: e por esta mesma causa antepoem os homens o mundo ao Ceo. Porque não ha causa, que tanto cative o coraçõ humano, como he hum ser fantastico, hum ser apparente.

Refere S. Lucas huma grande contenda, que tiverão os Apostolos entre si acerca da precedencia, e maioria, e refere-a <sup>Luc. 22. v.</sup> com humas palavras dignas de todo o reparo: *Facta est autem contentio inter eos, quis eorum videretur esse maior.* Altercáõ entre si, sobre qual delles parecia ser maior. Notem: Não contenderaõ sobre o ser, senão sobre o parecer. Não disputaraõ sobre qual delles seria o maior, senão sobre qual delles pareceria o maior. Pois Apostolos, já que ventilais maiorias, porque não aspirais a realidades, senão ás apparencias? Porque não affectais ser, senão parecer mayores? Porque não leva tanto os olhos aos homens o ser, como o parecer. Mais se satisfazem das apparencias, que das realidades. Facilmente sofreriaõ os outros as realidades de grandes, mas as apparencias de soberanos cada qual as queria para si. Não dá cuidado aos Apostolos a sustancia de grandes, senão os exteriores de soberanos; estes lhe roubaõ o affecto, estes lhe rendem a vontade: *Quis eorum videretur esse maior.* He achaque este que começou com o mundo.

Quiz o demonio derrubar a Adão no Paraíso, e com que tentou? Tentou-o com apparencias de Deos: *Eritis sicut dii.* Pois,

## da Quaresma.

Pois, demonio, com apparencias determinas vencer a Adão?  
Naõ era melhor tentallo com a realidade? Naõ cahiria mais  
Facil Adão, se lhe dislesse: Sereis Deos? *Eritis dñi.* Porque: *Ibid.*  
Pareceres Deos? *Eritis sicut dñi.* Se taõ facil te era promet-  
terlhe o ser, como o parecer, porque lhe prometes o parecer,  
e naõ o ser? Porque julgou o demonio, que assim segurava  
mais a vitoria. Se o demonio entendera, que o coraçao huma-  
no se agradava mais das realidades, que das apparencias, ten-  
taria a Adão com realidades, e naõ com apparencias, pois taõ  
pouco lhe custava offerecer aquellas, como estas: mas como  
sabia, que naõ se pagaõ tanto os homens da verdade, quanto  
de semelhanças; por isto fundou a tentaçao, no parecer, e naõ  
no ser Deos: *Eritis sicut dñi.* Oh cegueira grande de nossa von-  
tade! Que seja mais forte tentaçao para nos vencer huma-  
melhança de divino, que huma sustancia divina! Que tenha  
mais força, o que he apparente, para grangeear nossos afféctos,  
do que o que he verdadeiro!

Agora entendo eu a causa, porque Christo Senhor nollo  
querendo affeçao os homens ao Ceo, todo se fundou com o  
descrever por apparencias. Já diz: He o Ceo semelhante ao  
thesouro escondido no campo: *Simile est regnum cælorum* Matt. 3. v.  
44.  
*thesauro abscondito in agro:* Já á rede lançada no mar: *Simile est* v. 47.  
*regnum cælorum sagenæ missæ in mare:* Já ao graõ da mos-  
tarda: *Grano sinapis:* Ao paõ fermentado: *Fermento, quod ac-* v. 31.  
*ceptum mulier abscondit:* A virgens: *Decem virginibus:* Ao  
tratante: *Negotiatori:* Ao lavrador: *Homini, qui seminavit bo-* v. 42.  
*nun semen:* Ao senhor da casa: *Patrifamilias:* Ao homem Rey: Matt. 23.  
*Homini Regi:* Ao homem Juiz, *Homini, qui voluit rationem* Ibid.  
*ponere cum servis suis.*

Valhame Deos! No Ceo naõ ha realidades? Antes tudo  
saõ realidades no Ceo. Pois para que o pinta Christo por ap-  
parencias? Calalhe, o que he, e pintalhe, o que parece? Que  
mysterio haverá nisto? O mysterio he este. Levaõse os homens  
tanto de apparencias, e taõ pouco de realidades, que para ca-  
rear Christo os homens para o Ceo, naõ diz, que tem o Ceo  
ser, só diz, que tem parecer: naõ diz, que tem sustancia,  
só diz, que tem semelhanças. Notavel erro por certo de nos-  
so entendimento; que sejaõ as apparencias incentivos de nos-  
sos

## 216 Tardes das Domingas

fos desejos, e a verdade rémora de nosla affeição! Que julgue Christo, que mais facilmente nos affeicōaremos ao Céo, porque tem semelhanças, do que porque tem realidades! Ha mor motivo para o aborrecimento, que hum ser apparente! Ha mor motivo para a estimação, que hum ser verdadeiro! E que preceda na valia dos homes o apparente ao verdadeiro! Qual será a razão desta sem razão? A razão he. Porque os homens, do que havia de ser razão do agrado, fazem razão do desagrado: e do que havia de ser razão do desagrado, fazem razão do agrado. Vejaõ o primeiro.

*Joan. 11. v. 47.* Fizeraõ os Pontifices, e Fariseos de Jerusalem huma junta sobre Christo, e todo o arrazoado do conselho forão estas palavras: *Quid facimus? Quia hic homo multa signa facit.* Que fazemos, que não matamos este homem? E para que? Que razão ha para matar este homem? *Quia hic homo multa signa facit.* Porque faz muitos milagres: dá vista a cegos, pés a mancos, vida a mortos. Ha razão mais barbara, que esta? Pois porque Christo he remedio universal de toda a Judea, merece odios? Antes por isso devia conciliar afectos. Se Christo arrancára olhos, e fizera cegos; se cortára pés, e fizera mancos; se tirára vidas, e matára homens, então tinheis razão de aborrecer a Christo: mas por farar? Sim. Não era isto causa forçosa, para os Judeos se contentarem muito de Christo? Pois por essa mesma causa se descontentáraõ muito de Christo os Judeos. Não vi mayor motivo de afectos, que fazer milagres, e fazer milagres foy o mayor motivo de aborrecimento: *Quid facimus, &c.* Que assim fazem os homens razão do desagrado; da mayor razão do agrado: e como tambem fazem razão de agrado da mayor razão do desagrado.

*Jerem. 8. v. 5.* Pasmando Jeremias da porfia obstinada, com que o Povo Hebreo deixára a veneração de Deos, e se entregára ao culto dos idolos, sem haver remedio algum, para que depuzesse *secula*, e reconhecesse Ieus erros, rompe nesta pergunta: *Quare ideo aversus est populus iste in Jerusalem aversione contentiosa?* Que razão, que motivo tem este povo, para seguir com tanto empenho os idolos? E apontando a razão, prosegue assim: *Apprehenderunt mendacium, & noluerunt reverti.* Encontráraõ no serviço dos idolos enganos, e por isto não querem redu-

## da Quaresma

eduzirsel. Que dizeis Proterº Santo? Porque topáraõ ifanda-  
des; se haviaõ retirar de Deos, e buscar os ídolos? A mentira  
naõ he motivo de desprezo? O engano naõ he razão de des-  
estimação? Pois como pôde ser, que os Israelitas estimem os  
ídolos, porque acháraõ em seu serviço enganos? Porque nela  
he a perversa condição dos homens, contentarem-se das coisas,  
pelo mesmo princípio, porque se deviaõ descontentar delas.  
Ha couia mais urgente para o aborrecimento, que hum enga-  
no? Ha motivo mais conducente para o desprezo, que huma  
falsidade? E com tudo os Israelitas dedicâse de alento á ve-  
neração dos ídolos, porque acháo, nos ídolos falsidades, e enga-  
nos? Oh sem razão grande de noila razão!

Que tratem os homens dar morte a Christo, porque os  
remedea cuidadoso, e que façao obsequio aos ídolos, porque  
os enganaõ falsos! Pois se este he o genio dos homens, agra-  
dareinse do que se deviaõ descontentar, e descontentarem-se do  
que se deviaõ de agradar: que muito logo seja o apparente pa-  
ra os homens lisonja da vontade, elo verdadeiro tédio, e fântio  
do coração? Que muito estimem o mundo, onde tudo saõ ap-  
parencias, e desprezem o Céo, onde tudo saõ realidades? Se  
a alma faz tantas vantagens ao corpo, porque amaõ os homens  
mais o corpo, que a alma? Porque a alma tem por si a razão,  
e o corpo tem por si os olhos. Ora, que ha alma: vêse, que  
ha corpo: os olhos persuadem excellencias do corpo, a razão  
intima soberanias da alma. E a vontade humana mais se rende  
aos olhos, que á razão: mais força tem para com os homens,  
o que lhe dizem os olhos, do que o que lhe dita a razão.

¶ Pois Deos no Paraíso a mollos primeiros natos de todas  
as arvores, que naquelle sitio respiravaõ fragâncias, e brinda-  
vaõ com doces frutos, lhe vedou sómente huma, asseguran-  
do-os, que entre formidosos agrados disfarçava mortaes vene-  
nos: *Ex omni ligno paradisi comedete de ligno autem scientia boni, & malum ne comedatis.* Entra depois da serpente a tentar a  
Eva, e pergunta lhe pela razão, porque lhaõ comia da arvore  
da ciencia? *Cum præcepit vobis Deus, ut non comederetis ex omni ligno Paradisi?* Responde Eva, que á razão lhera, porque  
entre mentirosas lisonjas de suavidade o escondia conhecidos  
riscos de morte. *Ne forte moriamur.* Iulta a malficosa serpente.

## 8 Tardes das Domingas

Ib. v. 6. te confiando-a, que havia naquelle arvore divindade, e que absterse de seu regalo era malograr muita dita. Remette Eva ao exame dos olhos a bondade do lenho, e cativos estes de sua galantaria, levaõ apoz si o coraçao: *Vidit igitur mulier, quod bonum esset lignum ad vescendum, & pulchrum oculis, aspergente delectabile.*

Ibid. Reparemos agora: Que dizia a razaõ a Eva? Dizialhe, que aquella arvore tinha em si manifestos riscos, pois assim o testimunhara Deos, cuja verdade he infallivel, e immutavel. Que disseraõ os olhos a Eva? Disseraõllhe, que aquella arvore era muy appetitosa para o gosto, e que entre formosura tão aprazivel naõ se podia esconder veneno tão activo. E posta Eva entre o que diziaõ os olhos, e o que ditava a razaõ, que faz? *Tulit de fructu illius, & comedit.* Seguiu aos olhos, e naõ seguio a razaõ. Lançou maõ do pomo, como persuadiraõ os olhos, e naõ se temeo do dñmo, como aconselhava a razaõ. Ainda que aquella arvore no desengano do discurso rebuçava entre doçuras a mortalidade, com tudo como no engano da vista continha sómente galhardias, e offerecia sabores, rendese Eva ao engano da vista, e naõ ao desengano do discurso.

Matt. 28. Esta mesma verdade ensina Christo naquelle diferença grande, com que nos declarou douz mysterios dos mais principaes de nossa santa fé: o mysterio da Trindade, e o mysterio da Eucaristia. Leaõse os Evangelistas todos, naõ se achará, que fallasse Christo no mysterio da Trindade, mais que tres vezes, e entre elas só huma expressamente, que foy, quando constituiuo os Apostolos

v. 19. 7. Prégadoures do mundo todo: *Baptizantes eos in nomine Patris, & Fili, & Spiritus Sancti.* E no mysterio da Eucaristia quantas vezes fallou? Naõ quero, que se lea mais, que o sexto capitulo de S. Joaõ, e acharseha, que nove vezes declarou nelle este inefavel mysterio: *Ego sum panis vita: Ego sum panis vivus: Panis, quem ego dabo, caro mea est: Nisi manducaveris carnem Fili hominis, &c.* Valhame Deos! Para intimar aos homens o mysterio da Trindade tão pouco empenho? Em todo o Evangelho só huma vez se exprime? E para persuadir o mysterio da Eucaristia tanto cuidado? Nove vezes se declara em hum capitulo? Ao contrario parece, que havia de ser? Porque mais dificuldades tem que vencer o mysterio

Joan. 6. por tot. da

## da Quaresma.

da Trindade, que o mysterio da Eucharistia.

O mysterio da Eucharistia he o corpo de Christo em ~~em~~ <sup>259</sup> ~~species~~ sacramentaes, com huma presençā accidentaria, e difinitiva, que indivisivelmente o constitue em lugar, todo em toda a hostia, e todo em qualquer parte della: e isto tudo conhece a razaō ser possivel, fundado só no lume natural. O mysterio da Trindade he huma substancia indistincta de tres pessoas, que tendo a mesma substancia, saõ ~~distintas~~ entre si. Isto tudo, posta de parte a verdade da Fé, julga a razaō ser impossivel. Pois se o mysterio da Trindade tem contra si a razaō toda, e o mysterio da Eucharistia tem a mesma razaō por si; porque tanto empenho em persuadir o mysterio da Eucharistia, e taõ pouco cuidado em intimar o mysterio da Trindade? O porque he facil de alcançar.

O mysterio da Trindade, ainda que tem contra si a razaō, naõ tem contra si os olhos. O mysterio da Eucharistia, ainda que tem por si a razaō, tem contra si os olhos. Porque estes dizem, que he paõ, e hase de crer, que naõ he paõ. E levaõ se os homens tanto mais dos olhos, que da razaō, para crerem hum mysterio, como o da Trindade, que tem contra si a razaō, julgou Christo, que bastava expreſſallo hum só vez: porém para crerem hum mysterio como o da Eucharistia, que tem contra si os olhos, achou, que era necessario persuadillo muitas vezes. Tanto senhorio tem os olhos nos homens, e taõ pouco a razaō, que para cederem do que impugna a razaō, bastará hum testimonho de Deos; porém para cederem do que contrariaõ os olhos, ha mister, que repita Deos testimonhos. A alma tem por si a razaō, mas naõ tem os olhos por si: o corpo naõ tem a razaō por si, mas tem por si os olhos: e como os homens se rendaõ tanto aos olhos, e taõ pouco a razaō; que havia que esperar, senaõ, que a alma com ter por si a razaō se pospuzesse ao corpo, que tem aos olhos por si.

Os olhos saõ os tyrannos, a cuja violencia se sujeita o coração humano: saõ os baixos, onde faz naufragio a liberdade mais senhora. Contra a complacencia da vista naõ ha vontade esquiva; que ninguem se atreve a repudiar com desvio, o que os olhos chegaraõ a ver com agrado. Affeçoaraõ se os olhos de Samsaõ a Dalila: *Placuit oculis meis.* E ainda que a razaō ar- <sup>Judic. 14.</sup> guia <sup>4</sup>

## Tardes das Domingas

gum traíçoens em Dalila, perdeóse com tudo por Dalila Sam-  
Esth. 5. v. 1. São Achou graça Esther nos olhos de Assuero: *Placuit oculis*  
2. *ejus.* E ainda que a razão descobria em Esther desigualdades  
de cativa, amou com tudo Assuero a Esther: para onde tem  
clinação os olhos, para ahi propende o affecto: e para conquis-  
tar o coração a fineza, não na mais, que render os olhos ao  
favor.

Judith 9.  
v. 13.

Resolveoie Judith em tirar a vida a Holofernes, que com  
inhumana tyrannia molestava ao povo de Bethulia, e julgando,  
que para o fazer mais a seu salvo, importava trazello a seu amor,  
(porque entre as confianças da afseição executaria com mais  
desembarço seu intento) fez Judith a Deos esta petição: *Ca-  
piatur laqueo oculorum suorum in me:* Senhor, agrademse de  
mim os olhos do Holofernes. Pois Judith, que petição he esta?  
Deseja Judith tyrannizar o affecto a Holofernes, e pede rou-  
barlhe sómente os olhos rendidos? Se quer o coração conquis-  
tado, para que solicita sómente os olhos? Porque a conquista  
mais fácil do coração he pelo rendimento dos olhos: pren-  
daõse os olhos, que logo se cativa o coração.

1. Reg. 18  
v. 9.

Quando a Escritura quiz dizer, que Saul aborrecia a Da-  
vid, que vos parece, que disse? *Non rectis ergo oculis Saul as-  
piciebat David.* Que David não achava graça nos olhos de Saul.  
Valhame Deos! E quando o ódio nasce do coração, e não dos  
olhos, para nos explicar a Escritura o aborrecimento de Saul,  
nos declara o descontentamento, com que seus olhos viaõ a  
David? Sim. Porque a complacencia, ou displicencia dos olhos  
he o amor, ou desamor do coração. Se parecestes bem aos olhos,  
daivos por amados: se parecestes mal aos olhos, daivos por  
aborrecidos. Na vista está a regra do bem querer: quem che-  
gou a ter por si o favor dos olhos, pôde se jactar de querido:  
quem teve contra si o disfavor da vista, pôde se chamar des-  
prezado. O corpo agrada aos olhos, porque se vê o corpo; e a  
alma não agrada aos olhos, porque se não vê a alma: como  
não há de levar o corpo os affectos, que se deviaõ á alma? Mas  
replicará alguém:

O corpo se tem por si a approvação dos olhos, a alma tem  
por si o testimonho de Deos, em que se funda a Fé, e a razão:  
e se Deos testimunha soberanias da alma, e baixezas do corpo,  
que

que importa, persuadaõ os olhos excellencias do corpo, se não  
grandezas da alma? O abono errado de hum sentido, não he  
possivel prevaleça contra a certeza de huma authoridade divi-  
na. ~~Am~~ havia de ser para boa razão. Porque a alma tem por  
si a verdade de Deos, se havia estimar mais que o corpo, que  
tem por si o engano dos olhos, que por seguir a menos funda-  
da informaõ dos olhos, vacillaõ tal vez na mais qualificada  
verdade do Salvador: mais facilmente se rendem a hum erro  
dos olhos, do que a hum testimonho de Deos.

Achaõse os Apostolos em huma naveta, em que por pe-  
quena se despiçavaõ de seu furor as ondas: que sempre o pe-  
queno foy o despike do poderoso. Compadecendo Christo do  
seu trabalho, e pizando as aguas, que esquecidas de sua natu-  
ral inconstancia venciaõ os montes em firmeza, tratou de lhes  
socegar o medo, certificandolhes, que elle era: *Ego sum*; no-  
Matt. 14. v. 17.  
*lite timere.* Pedro como mais fervoroso lhe pedia licença pa-  
ra ir a ella; mas com humas palavras, que me deraõ muito,  
que reparar: *Domine, si tu es, jube me ad te venire super aquas.* Ibid. v. 28  
Senhor, se he, que vós sois, mandaime ir a vós. Senhor, se  
he, que vós sois? Naõ crê Pedro a Christo? Duvida, se he elle,  
quando Christo testimunha, que elle he? *Ego sum.* Pode ha-  
ver engano em esta voz? Pode haver falsidade neste testimun-  
ho? Claro está, que naõ. Pois como duvida Pedro? *Si tu es.*  
Eu o direi.

Quando Pedro vio a Christo sobre as aguas, diz o texto  
que Christo correra nos olhos de Pedro por fantasma: *Et vi-  
dentes eum super mare ambularem, turbati sunt, dicentes:  
Quia phantasma est.* E como os olhos de Pedro tiveraõ a Christo  
por fantasma; por isto naõ basta testimunhar isto, que  
elle he, para que naõ duvide Pedro, se he elle. Naõ houve er-  
ro menos fundado, que os olhos de Pedro: naõ ha verdade  
mais abonada, que a das palavras de Christo; porém vivem os  
homens tão atados ao que lhes persuade a vista, que pode mais  
com Pedro o erro dos olhos para vacillar, que a verdade de  
Christo para crer; e assim disse: *Si tu es.* Eis aqui a violencia,  
com que os olhos senhoreão o coração humano. Val mais a fal-  
sidade da vista, que a certeza de Deos. E se he assim: que im-  
porta, testimunhe Deos soberanias da alma, e baixezas do cor-  
po.

## 82 Tardes das Domingas

por que os olhos persuadem excellencias do corpo, e naõ vantagens da alma? Ha-se de estimar o corpo, que tem por si o abono dos olhos, e naõ se ha de prezar a alma, que tem por si a approvaçao de Deos.

Se a outra vida excede tanto a esta, por que razaõ trataõ os homens mais desta, que dã outra vida? Porque esta he breve, e a outra he eterna. Tal he a malicia humana, que a fragilidade, que havia ser tibieza da vontade, chega a ser empenhos da affeição. E havendo de desestimar a vida, porque nos foge, a amemos, porque nos deixa: que com nenhuma outra cousa attrahe mais para sua estima, que com durar pouco. Gasta Moysés quarenta dias com Deos no monte em doces, e familiares colloquios: *Fuit ibi quadraginta diebus, & quadraginta noctibus*:

Exod. c. 14. v. ult. e naõ se lê, que rompesse Moysés em acclamações estimadoras do bem, que gozava. Mostraselhe depois o mesmo Senhor, e todo se emprega Moysés em seus louvores:

Exod. 3. 4. v. 6. todo se occupa em seus aplausos: *Quo transeunte coram eo, ait: Dominator Domine Deus, misericors, & clemens, patiens, & multæ miserationis, ac verax.*

Pois Moysés, que diferença he esta? A primeira vez tanto silencio, agora tanto encomio? Se em huma, e outra parte he o favor o mesmo, como nas primeiras vistas vos naõ obriga a vozes, e nas segundas vos empenha em gritos? Se alli andastes taõ calado para o agradecimento, como aqui taõ eloquente para a estima? O mesmo texto deo a razaõ em duas palavras: *Quo transeunte, ait.* A primeira vez, que Moysés teve de Deos favores, foy muy de assento: *Quadraginta diebus: e a segunda vez foy muito de passagem: Quo transeunte:* hia o Senhor partindo. E agrada tanto aos homens a pouca dura das coufas, que mais estimou Moysés a Deos, quando passava, do que quando se detinha. A brevidade do favor, que podera ser rémora da affeição, foy empenho das ancias. Ver, que se comunicava taõ de passo á divindade, solicitou aplausos; quando communicada de assento, naõ conseguiu encomios: que naõ he a duração das coufas incentivo do affecto humano, a brevidade sim.

Qual era a razaõ, que mais incitava aquelles homens indiscretos por deliciosos, de que falla Salamaõ, a colher rosas para

## da Quaresma.

para compor capellas? Qual? A pouca dura das rosas: *Corone* Sap. 2.v.8  
*Coronemus nos rosas, ante quam marcescant.* Ha mayor de satino? Co-  
moemonos de rosas, antes que le murchem. Homens, para que  
vos expondes aos rigores dos espinhos, se entre as maos se vos  
haõ de muchar as rosas? Se durasse muito esta ambiçao en-  
carnada, naõ me espantara, que padecesseis dores por go-  
zar formosuras: mas sabeis, que aquella belleza ha de acabar  
tanto em breve; porque causa vos empenha essa belleza? Por-  
que ha de acabar em breve: *Coronemus nos rosas*, &c. A vida *Ibid.*  
curta das rosas, que havia de ser remedio a seus desenganos,  
chega a ser maior estímulo de seus desejos? Quando deviaõ  
desestimar entendidos o que taõ pouco durava, entaõ se fa-  
tisfazem imprudentes? Porque as rosas perecem á presla, as ha-  
viaõ de desprezar advertidos; e porque perecem á presla as ro-  
sas, as buscaõ obstinados? Oh erro grande do entendimento  
humano, agradarse das cousas, naõ porque duraõ muito, mas  
porque duraõ pouco! E se assim he, naõ ha que admirar pro-  
pender mais para comnosco esta vida, que a outra.

A ultima razaõ de estimarem mais os homens o mundo,  
que o Ceo, os pedaços do mundo, que os pedaços do Ceo, o  
corpo, que a alma, a vida presente, que a futura; querem sa-  
ber qual he? He, porque saõ homens: *Fili hominum.* Do Ier. *¶ 6. v.*  
humano nasce a causa de antepor o menos ao mais. O mundo,  
seus pedaços, o corpo, e a vida presente saõ de menos conta.  
O Ceo, seus pedaços, a alma, e a vida futura saõ de mais va-  
lia. Quem peza huma, e outra coufa, saõ os homens, e he  
achaque taõ proprio de nossa natureza abraçar o peyor, que  
o dizer, que he homem, quem estima o melhor, parece huma  
implicação, ainda na pena de hum Evangelista. Reparei eu  
muito no Evangelho do Domingo passado, em que distelle o  
Evangelista S. Joao, que embarcandose Christo, o seguira hu-  
ma grande multidaõ, sem que explicasse, de que era esta mul-  
tidaõ, que o seguira. Dizem assim as palavras: *Abiit Iesus* *Joan. 6. v.*  
*trans mare Galilæa, quod est Tiberiadis: & sequebatur eum*  
*multitudo magna.*

Notavel modo de dizer! Pergunto: Esta grande multidaõ,  
que seguia a Christo, naõ eraõ homens? Sim eraõ. Pois, por-  
que o naõ diz assim o Evangelista? Se lhe conta a acção, por-  
que

que lhe dissimula o nome? Antes por isto lhe dissimula o nome, porque lhe conta a acção. Ora notem. Tinha relatado S. João huma contenda, que diante desta gente tiverão os Fariseos com Christo: aquellos conjurando a Christo de pouco observante da Ley, e Christo probando efficazmente sua divindade: e como esta multidão ouvindo aos Fariseos, e a Christo, seguiu a Christo, e não aos Fariseos: por isto não quiz dizer, que era multidão dos homens. Porque haver homens, que façam estimação do melhor, e haver homens, que abracem a verdade, quando encontrão mentiras, hé acção rara, e dificultosa, que parece huma implicação para o credito. Estimar o melhor hé taõ pouco usado entre os homens, que por isto não diz S. João, ésta multidão de que era. Porque foy multidão, que estimou o melhor.

Senaõ reduzamos brevemente á exemplos ésta verdade. Veyo huma vez a luz ao mundo: e que fizeraõ os homens? Antepuzeraõ as trevas á luz: *Lux venit in mundum, & dilexerunt homines tenebras quam lucem.* Liberta Deus o Povo Hebreo do cativeiro de Faraó: e que fizeraõ os Hebreos? Suspiravaõ pelo Egypto, choravaõ pelo cativeiro: *Bene nobis erat in Egypto.* Promette Christo a hum mancebo hum thesouro no Ceo, se se desfizesse das riquezas da terra: e que fez o mancebo? Não quiz trocar as riquezas da terra pelo thesouro do Ceo: *Abiit tristis.* Pergunto agora: Ha cousa mais bella, e mais proveitosa que a luz? Ha cousa mais feya, e mais inútil, que as trevas? Pois como se antepoem as trevas á luz? Ha cousa mais agradavel, que a liberdade? Ha cousa mais abominavel, que o cativeiro? Pois como se ama o cativeiro, e se aborreça a liberdade? Ha cousa mais appetitosa, que o thesouro do Ceo? Ha cousa mais caduca, que as riquezas da terra? Pois como se prezão as riquezas da terra, e se desfisma o thesouro do Ceo? He possivel! Porque huma vez, que sãõ homens, os que avaliaõ as cousas, necessariamente ha de preceder o peyor.

As trevas tinhaõ contra si a fealdade: o cativeiro tinha contra si o desagrado: as riquezas da terra tinhaõ contra si a peyoria. Pelo contrario, a luz tinha por si a formosura: a liberdade tinha por si o agrado: o thesouro do Ceo tinha por si o valor: e nem no thesouro o valor, nem na liberdade o agrado,

nem

nem na luz a formosura preponderou mais para com os homens, do que a peyoría nas riquezas, o desagrado no cativeiro, a felicidade nas trévas. As trévas antepozeraõse á luz, o cativeiro á liberdade, as riquezas da terra ao thesouro do Ceo. Ha tal semenzaõ! Ha tal cegueira! Mas donde nascerá este mal tão grande? Sabem donde? Da desordem de nossas potencias. Deo Deos aos homens entendimento, e vontade, e a cada potencia destas apropriou seu officio diverso: ao entendimento de eleger, e á vontade de amar; porém a malicia humana desordeneu tudo, e depondo o entendimento de seu officio, faz, que a vontade sirva o officio do entendimento. Pelo menos assim o sentia S. Paulo.

Escreve elle aos de Efeso, e escreve assim: *Aliquando conversati sumus in desideriis carnis nostræ, facientes voluntatem carnis, & cogitationum.* Algum tempo vivemos fazendo a vontade das imaginações. Embaraçado texto! A vontade imagina? A imaginação quer? O contrario nos ensina a Filosofia. Pois como attribue Paulo o pensamento á vontade, e o querer ao pensamento? Porque nos homens a vontade quer, e a vontade entende: se o entendimento entendera, e a vontade quizesse, não houvera na imaginação querer, nem na vontade imaginar. Mas como a vontade serve ambos os officios, o seu, e o do entendimento; por isto na vontade ha imaginações, que são actos do entendimento, e nas imaginações ha querer, que é acto da vontade. Esta foy tambem sem duvida a causa, porque sendo o erro de Santo Thomé, erro proprio do entendimento, por ser erro da Fé; com tudo Christo achaoulo na vontade: *Noli esse incredulus.* Porque nos homens tem tomado a <sup>Paul. ad Ephes. c. 2. v. 3.</sup> <sup>Joan. 20. v. 27.</sup> jurisdição do entendimento a vontade. Ella he, a que crê, ella he, a que escolhe, ella he, a que imagina, ella he, a que aconselha: e onde a vontade dá conselho, onde a vontade faz eleição, que ha de haver, senão estimar, o que merece ser desprezado, e desprezar, o que merece ser estimado?

Remetteo Pilatos ao parecer dos Judeos a causa de Christo, e a causa de Barrabás: *Quem vultis dimittam vobis: Barabam, an Jesum, qui dicitur Christus?* Quem quereis, que solte: a Barrabás, ou a Jesus, que se diz Christo? E quem foy o condenado? Quem o livre? O livre foy Barrabás, e o condenado

demolido foy Christo. Ha sentença mais injusta, que esta? Quem houverá de imaginar de homens racionaes, resolução tão barbara como esta? Christo não era bemfeitor, deste Povo? Não era remedio commum de suas necessidades? Não era tão inocente, que com lhe buscar a maldade culpas, nunca lhe pode descobrir faltas? Pelo contrario: Barrabás não era hum ladrão publico? Homicida de tantas vidas? Cabeça de tantos martins? Pois he possivel, que homens com razaão estimalem mais a Barrabás, que a Christo?

Nas mesmas palavras de Pilatos está a razaão: *Quem vultis?* Quem quereis? Devolveose esta sentença ao parecer da vontade, e não ao voto do entendimento: e onde a vontade sentenciava, que havia que esperar, senão, que sahisse Christo aborrecido, e Barrabás estimado? Onde vota a vontade, taes como estas saão as avaliaçoens das cousas. Desprezase huma vida, que merece estima; estima-se huma vida, que merece desprezo. Livrase hum Barrabás, e condemnase hum Christo. Pois se he mal da natureza humana; nascido das defordens de suas potencias, estimar o menos, e desprezar o mais, como não havia de sahir no pezo dos homes o Ceo, e seus pedaços, a alma, e a vida futura, que saão o mais, desprezados? E pelo contrario: o mundo, seus pedaços, o corpo, e a vida presente, que saão o menos estimados? Se a natureza fez a vontade cega e esta cega he, a que vota para a estimação, e para o aborrecimento; como ha de ver, o que he para estimado, ou o que he para aborrecido? Ha de aborrecer, o que he para estimar, e ha de estimar, o que he para aborrecer.

Eis-aqui as razoens, porque os homens estimão mais o mundo, que o Ceo, o corpo, que a alma, a vida presente, que a vida futura. Quaõ erradas elles sejaõ, não necessita de prova, que seria alumiar com luzes ao Sol, de remedio necessitaõ. E ainda que achallo a razoens tão enfermas, tem suas dificuldades; com tudo eu lhe descobri hum, que me parece, será mal aceito. E he este: Agradaivos do mundo, e seus bens? Agradaivos do corpo, e desta vida? Pois para lograr tudo isto, tratai do Ceo, e seus bens, tratai da alma, e da vida futura. Hum Moderno, que no discreto, no politico não deve nada aos mais celebrados engenhos, disse, que o mundo era huma som-

sombra do Ceo, o corpo huma sombra da alma, e esta vida huma sombra da outra: *Quidne mundus, & que mundus sapiunt,* D. Augustus. *Asi caeli? At que caelum sapiunt, umbrae.* Quão acertado seja isto. Este juizo, se colhe da ser da sombra. Que he a sombra, senão huma obediencia, ou lisonja escura do gosto, que faz a luz ás consas humanas? E o mando que he, senão huma obediencia dos influxos do Ceo? O corpo que he, senão huma obediencia das accõens, que a seu arbitrio faz a alma? Esta vida que he, senão escura representaçao da outra vida. Logo sombra he tudo? Pois lançar maõ a huma sombra para a deter, ja se vê, que he ociosidade, e ignorancia; porque como naõ temer, naõ se põe segurar por si.

Pois que remedio poderá haver para ter naõ nella? Ter maõ no corpo, que he a causa. Vay correndo hum cavallo despenhado em hum dia de Sol claro; e para quem o vê, he huma parelha a do cavallo, e sua sombra: querer lançar maõ da sombra, será desatino; porque nem fareis parar huma cousa, nem outra. Pegai com tudo, se podeis, da redea ao cavallo, e logo detereis a sombra também. O mundo he sombra do Ceo, o corpo da alma, esta vida da outra: quereis segurar o mundo? Segurai o Ceo. Quereis segurar o corpo? Segurai a alma. Quereis segurar a vida? Segurai a outra. Naõ irateis de lançar maõ do mundo, do corpo, e desta vida, que como saõ sombras, perdereis com o mundo o Ceo, com o corpo a alma, e com esta vida a outra.

Senhor, que para o Ceo nos creastes, naõ permittais, que posponhamos o Ceo ao mundo. Senhores, que naõ fomos criados para o mundo, naõ anteponhamos o mundo ao Ceo. Senhor, a quem tanto custou o remedio de nossas almas, naõ permittais, que percamos as almas, e corpo, por estimarmos mais o corpo, que a alma. Senhores, pois nossas almas valem tanto mais que nossos corpos, ganhemos corpo, e alma, estimando mais a alma, que o corpo. Senhor, que por nos dar vida eterna, perdestes a vida em huma Cruz, naõ permittais, que fiquemos fóra da eterna, por amarmos indiscretamente a temporal. Senhores, já que Deos nos comprou a vida eterna com perda de sua vida, naõ tratemos desta vida com perda irreparável da eterna. Certo estou, Senhor, de que o naõ permitireis

tireis assim: E certo estou tambem, Senhores, de que faremos todos da nosla parte, para que anteponhamos o Ceo ao mundo, o Eterno ao temporal, a vida, que ha de durar para sempre, aquella, que taõ brevemente acaba: nos aprecebamos para este caminho taõ certq, considerando, que a Gloria he patria nosla, para que fomos creados, e o mundo de sterro, onde naõ ha permanente amorada, mas transitoria; porém a habitaçao do Ceo eterna, sem fim, nem termo: onde em compagnia da Santissima Trindade, de Christo, da Virgem Santissima, e dos Santos, gozaremos daquelles gostos eternos, e soberanos dotes, que Deos communica a seus escolhidos: e para que este soberano Senhor naõ permitta sermos privados de taõ grande bem, folicitemos, no entretanto sempre cuidadosos, o favor de sua graça, penhor infallivel da Gloria: *Quam mibi, & vobis præstare dignetur Pater, & Filius, & Spiritus Sanctus. Amen.*



## DE VENERABILI

PATERE

JOANNE  
DE ALMEIDA.

## ORATIO



UCIUS Æmilius; ut fertur, cùm beatam illam  
Ætei Jovis imaginem paulò curiosius inspexisset;  
solum Phidiæ Jovem Homerici Jovis majestatem  
complexum fuisse, suspensæ mentis admiratione  
exclamavit. Ego verò minimè dubitem, huc ip-  
sum de Venerabilissimo Almeida verius affirmare:  
solis quippe potuit tantam, tamque illustrem divinarum vir-  
tutum effigiem, mortalium oculis aspiciendam, in mortali cor-  
pore exhibere. ut illas animo comprehendere nullus, nemo  
dicendo: consequi possit. Quid ergo à me rudit propemodum  
declaratore in tam sublimi dignitati argumento expectandum  
est, nisi ut quæ somma in Almeida sunt, styli mediocritate  
extenuentur; quæ singularia, communi pronuntiati ratione  
reddantur vulgaria; quæ illustria, orationis meæ nebulis in-  
volvantur? Verum quia facerem pietati injuriam, si forte vari  
optimè de Brasilia meriti laudes, & decora silentio omnino  
præterirem, aliquid in illius tenacium utocumque elabora-  
tum prælibandum duco: ac ne longo verborum ambitu, vos  
teneam, accipite quo dirigantur in hodierna actione rationes  
meæ. Dicam igitur Almeidam Religiosissimum, veluti pretio-  
sum quemdam Achatem divinæ gratiæ industriam formatum, om-  
nium in se uno, Divorum excellentias expressisse. Quorum gen-  
dam,

dam, jam tenetis. Antequam rem agam, quæso Achatis lapilli naturam cogitetis; in Achate non tactum; sed veris ex prellum coloribus Almeidæ simulachrum deprehendetis.

Apud Plinium illum naturæ à secretis authorem tam amœna varietate luxuriat lapis Achates, ut omnium lapillorum pulchritudinem includat. Si oculos sursum efferas, ignescit in pyroclini parum pardimetas, atbicit in crystallum: si deorsum deijcas, pallat in chrysiten: si dextorsum inflectas, purpurat in sardonychum: si lævorsum declines, flavet in beryllum: si totum pariter lapillum unico pererres obtutu. Achates est. Nihil certè natum gratiùs effinxit, nihil operata est voluptuosius, sibi per otium videtur indulisse, cum Achati elaborando incubuit. Obstupescitis jucundam lapilli varietatem? Derniramini genium singularem? At non aliud fuisse contendo Almeidæ pretiosissimi ingenium, quidquid in Achate natura lascivivit, præcellentiùs gratia æmulata est in Almeida. Quod ut planè cognoscatis, oculos quæso in orbem universum intendite, quòd retro præcipuis virtutum decoramentis excelluere viri, vobis subiçite contemplandos. Videtis alios tenerrima in Deum pietate colliquescere? Alios inflammata in homines charitate conflagrare? Videtis nonnullos castitatis amore pelleatos, vel inter nives obrigescere, vel inter lentes cruentari? Quamplurimos afflictandi corporis, supra quam credi possit, studiosos ex diuturno rigore attenuatos pallescere? Agite, nunc oculos in Almeidam convertite? Quid? Eluxit in illis virtus, quæ longè gratiùs in Almeida non efflorescat? Absit! Achatis ad instar omnes aliarum gemmarum colores adumbrantis, omnia Divorum ornamenta ad certamen usque expressit. Quis in fornace illa supremi, castissimique amoris perinde æstuavit, ac totus penitus excoquebatur Almeida? Si Deo vacaturus provolvebatur in genua, continuo accendi vultu, manare lacrymis, solvi in lypiria, nequè se ipse capiens, elevato sursum corpore, velut non jam ultra mortaliter emicabat in cœlum. Quam igitur flammesceret intus, qui fortis adeo inflammabatur? Quam liqueficeret in corde, qui sic eliquebatur in oculis? Quam mollesceret in pectore, qui sic emolliebatur in ore? Quam vehementer corriperetur incendio, qui nativa flamarum levitate superas rapiebatur in plagas?

Sed dum hæc attentiùs considero, jam in cordis penetratilia festinantes oculi irreperunt. Venio quò me trahunt, & bone Deus! Quam triūphat in corde amor! Nihil enim cordis in corde, sed totum cor formosioribus Olympi luciferis adoratum vernal in cœlum. Per Apollinem? Per Apollinem? Quid in cœlo? Trinitas? Adeſt in corde Trinitas. Quid in cœlo? Mirabilis illibato virginitatis candore Mater? Deipara candicat in corde. Quid in cœlo? Lucida beatorum sydera nullis terrarum umbris obnoxia, quod suo ſemper apricentur in Sole? Lucent in corde cœlites. Singulis ibi aras ſeorsim suas erexerat ingeniouſus amor, ad quas Almeida ipſe, vel meditulia penetraret, vel littora percurreret, vel maria trajiceret, vel per ſolitudines oberraret, frequenti veneratione devolvebatur. Virtuantis amoris ingenium ſingulare, cuius industria, qui tota vix cœli magnitudine capiuntur, unius cordis ſpatio coarctantur! I nunc, & tuam illam, nescio quam machinam crystallinam, in qua Solis cursus, Lunæ labor, & æternæ micantium ſyderum conversiones cernerentur, posteris jacta potentissime Persarum Rex Cosroa: profectò vidit ſera posteritas brevi unius cordis sphærula infinitum Divinitatis Solem, numquam languescentis candorem Lunæ, nitentiumque ſemper aſtrorum formositatem raro laſcivientis amoris ludo ad ſtuporem circumſcribi.

Jam verò quæ viri pectori fax erat divini amoris affixa, quas flammis in hominum commodum ventilabat? Quo illum mentis impetu animorum beatitudini procurandæ addicebat? Enim verò totus in hoc adeo infudabat, ut datus aliis, ſibi commodatus fuile videatur. Quippe cui volupe ita fuit aliena felicitati invigilare, ut ſaluti indormiret ſuæ. Atque utinam quæ in tabella flammigantem hujus charitatis imaginem possem ut cumque delineare. Quæ charitas ardentior, quam à perpetuis inferorum cruciatibus animas vindicandi ſtudio, per inacceſſa rupium, & horrenda viſu præcipitia ad populos, barbarie ſua magis, quam olim Colchi tauris ignem ſpirantibus, cuſtoditos perreptare? Perreptavit. Quæ charitas ardentior, quam per deniſiſtas ſylvas vepribus horrentes, an fractibus interruptas, cefpitibus damnatas, ad infames Tapuyarum casas humano ſanguine fædius, quam in Ægypto Busiridis aræ, fumantes eluctari? Eluctatus eſt. Quæ charitas ardentior, quam ut mortalium

animos ex effrenis licentiae naufragio portuosum ad cœlum appelleret, debacchantis pelagi furori se ipsum committere? Commisit. Quæ charitas ardenter, quæm ut libidinosum cuiusdam incendium consopiret, aculeato flagello vulneratum sanguine defluere? Defluxit. Quæ charitas ardenter, quæm populos, qui sine baptismo decesserant; ut lustrialibus undis abluerentur, pectori, blanditer admotos iterum ad vitam revocare? Revocavit. **O aslertorem animarum eximum!** Quot tibi coronas civicas debet cœlum, qui tuæ vitæ discrimine tot cives aslervisti? Infolescat Sicinius. Dentatus vinci nescius, & in monumentum suæ virtutis sempiternum, quatuordecim paſsum ostentet coronas, quas à populo Romano propter servatos cives comparaverat: pluribus ~~ane~~ donaberis à Supremo Imperatore Deo, gloriæque tantum amplioris, quæm immortales animas, quas vindicasti, corporibus interituris, quæ Dentatus protexit, longè noscitur antecellere. Ne, quæso, Herculem in detrahendis ab Erebo mortalibus, pèrgas ulteriùs delastare fabularum artifex veruſtas. Almeidæ labor is est; qui per innumeræ periculorum species, miseras Brasiliæ gentes, victimas Tartaro devotas institit eripere, ut Christo stipendiarias faceret, & emancipatas.

Neque tamen animorum dumtaxat saluti incumbebat interminabilis Almeidæ charitas, & corporum solùm incolumentati excubabat. Quid agebas Almeida, tui immemor, aliorum memor, ut omnium sanitati consuleres, quid agebas? Nullus erat dies, ubilis versaretur, in quo ad ægrotos non itaret; quæ potiones diluebat, quæ pharmaca propinabat, fovebat exanimes, levabat afflitos, ciborum appetentiam fastidientibus acuebat; nulli deerat, omnes insolito complexabatur amore. Jam de diversis hominum calamitatibus, quibus integræ sanitatem conferebat; quid dicam, quidve dissimulem? Oculos jucundæ lucis usu destitutos, verbi unius imperio, ab ofusca caligine liberasse? Nemo nescit. Fauces convulsione obſessas, & quominus ubi aliquid caperent interclusas, applicata manu, expedivisse? Non est mirum. Inveteratos quosque morbos salubri manuum contactu abegisse? Quotidianum illi fuit. Instanti in horas cum morte colluctantes, athleticæ, ut aiunt, valetudini restituisse? Omnia stupore decantatum? O vim morborum expultricem! O pietatem planè miraculosam! An dubitare quisquam potest, qui

qui prope Divinat in homines charitate æstuarit Almeida? Ita certè proclamat cœlum, tot animalium margaritis Almeidæ laboribus adornatum: ita buccinatur Brasilia tot beneficiorum affluentia ab Almeida studiose locupletata.

Sed quibus ego jam verbis, qua te voce commendem, Almeida, in pudicitia retinenda laudabiliter pertinacem? Homo erat Almeida, Auditores amplissimi, à quo nihil est humani alienum, titillantem insidiosè cupidinem aliquando in præcordiis persentiscebatur. Verum quid acerrimus continentia propugnator? Renuere? Gemere? Detestari? Nihil hoc, alia ratione illecebrosas insidias declinabat. Quid agebat? Exprompto flagello crudeliter in se ipse desevisiebat? Hirto cilicio confecta ærumnis membra decoquebat? Parum adhuc ad maiora supplicia se damnabat. Quid agebat? Horrentia sese implicabat in dumeta? Hiemales præcipitabat in nives? Adhuc non multum immanior in se erat. Quid agebat? Arreptâ forfice, Deus immortalis! partes corporis delicatores inhumanus sui carnifex minutatim resecabat. O rem anteactis sæculis inauditam, venturis numquam satis decantandam! In se irruit Almeida, Belator maximus, ne obruatur: se oppugnat, ne expugnetur: sibi manus admovet, ne det manus: se cædit, ne hosti cedat. Quàm novum pugnæ genus! Quàm beatum! O te fortem, palæstritam, & unicum! Qui proprio sanguine non oleo commadescis; ut in laborioso castitatis gymnasio adversarium eludas. Quàm feliciter candidum in te puritatis lilyum, non impudico inficiente cruce, sed pudico sanguine colorante, quem divinus amor elicuit, puniceam purpurascit in rosam. Hinc inter rosas deliciosius; quàm inter lilia divinum amorem pasci crediderim: siquidem dum lilyum es, patitur hamatis illetricis voluptatis sentibus convulnari, ut vulnera pudicitia erubescens, per vulnera pudicitia cruentaris in rosam. At, at, quæ prodigiosa oculis oberrat imago! Quàm vultu tenuis! Quàm exhausta corpore! Quàm metuenda habitu! Almeida, ita credo, Almeida is est. Neque enim cuiquam præter Almeidam talis consonaret species. Bene est Almeida, bene est: properanti jam oratori ad studium illud incredibile, quo macerando corpori incubueras, impeditus occurris; tua enim in te rigiditas, quod omnem arborum ornatum superet, adorari potest, non potest explicari.

cari. Ad sis igitur, & religioso oculorum obtutu paterem aliquan-  
tis percollustrari. Annuit; & vos ego spectatores adesse nunc  
jubeo, non adjutores, nolo a me Almeidam sanctissimum se im-  
maniter afflignantem audiatis, quippe cui facilius fuit, quæ  
cumque patravit in se tortor, patrare; quam mihi Oratori, quæ  
ab ipso patrata fuerunt, recensere. Spectetis volo, ut per oculos  
tam inusitatæ macerationis influat in animos admiratio.

Ecce velum reduco, & miseram sui tragædiam inchoat Al-  
meida. Spectate: Rigent oculi a vigiliis, evalescunt genua a pre-  
cibus, marcent genæ a lacrymis, pectus ægrescit a singultibus.  
Spectate: Ecce vultu pallet a jejunio, vertigine capitur ab ine-  
dia, membris arescit a siti, languet viribus ab æruminis. Specta-  
te: Ecce ferreæ septem crucis cuspidibus introrsos acuminatae  
cavant pectus, reticuli ex chalybe plicatiles mordent brachia,  
horrida setarum capillamenta pungunt femora, ferratum cili-  
cium stringit suras. Spectate: Ecce nudatum corpus inclemen-  
ter pererrant verbera, terga vibicibus inscribunt, plagi exar-  
rant, fluit non guttatum, sed ubertim emanat sanguis, quo  
circumstagnat solum, parietes consperguntur. Actum est. O  
novum spectaculum, sed vilendum! O magnum mundi mira-  
culum, Almeida! Qui solus in urbium frequentia, non in syl-  
varum recessu, inter profligatos hominum mores, non inter  
stridulos belluarum sibilos, talem vivendi asperitatem potuit  
amplexari.

Sed quæratis fortasse, quotam anni partem teneret accer-  
tria afflictatio? Integrum annum in quatuor partes dividite,  
vix unam invenietis jejunio vacuam abiisse. At cœnæ non erant  
sine sanguine, ut aiunt. Quid in cibum adhibehat? Nihil. Ni-  
hil? Rem dicas incredibilem: nec panem quidem? Neque. Ne-  
que aquam? Neque. Tandem nihil. Tres integras anni partes?  
Integras. Qua ætate? Septuagenaria. Quibus viribus? Attritus.  
O portentum! O prodigium! At saltem vacabat interim a cili-  
cio, temperabat a flagello? Apagite; nullus ibat dies, in quo ci-  
lico non horreret, flagello non sonaret. Quid validus cessaret  
a cruciatu, qui animam propè agens verberibus non abstinuit?  
Rem attendite planè inauditam.

Extrema laborabat ægritudine, & malo indies invalescen-  
te, mens stupet, hebetantur oculi, torpet lingua, tabescunt ar-  
tus,

tus, totus denique subrepentis mortis consopitur imagine. Quid Almeida? Ad dira in te asperitate feriari? Alio fervida illius virtus impellebat. Quid igitur? Dextrâ in flagelli formam compo-  
fitâ marcidum corpus vicissatim petere, quatere, tundere, ha-  
cerare. O rem novam! Quis non hæreat attonitus? Quis admi-  
ratione defixus non obstupescat? Devolate cœli. Quirites tanto  
facinori affuturi; nullo fuit usquam fabula dignior spectatore  
cœlo. Contuemini virum ante morientem sibi, quām flagris  
ante exhalantem animam, quām parcentem corpori: ante de-  
turbatum mente, quām destitutum pœnitentia. O te unum in-  
ter delirantis errores fortunatissimum Almeidam! Quem supra  
omnium hominum conditionem veneror assurgentem, cum in-  
fra omnium hominum rationem deprehendo constitutum: quod  
enim in aliis faceret mens sana, hoc in te fecit insana. Tuum  
utique deliramentum summa foret aliorum sanctitas; neque in  
illis plus aptaretur ad laudem, quām tua debiles per artus er-  
rantis manus inclemens. In quo igitur sanctus non es, qui  
sanctus in deliriis est? Quæratur in aliis rerum gestarum copia,  
ut in eorum encomia tumidum eloquentiæ flumen exuberet, ti-  
bi sufficit ista manus, ut nulla de tuis laudibus sterilescat oratio.  
Et cujusvis fortunam, si datur, ex manu conjectari, quas tibi fe-  
licitates non sperem tam felici manu protendi. Flagellum ma-  
nus est? Cœlum tibi afferet, flagellis venale cœlum est. Cor-  
pus asperè contundit? Terrarum ergaflulo te maiorem designat,  
siquidem ut ad summam cœlestis patriæ libertatem citius evo-  
les, objecta carnis vincula assiduo tentat ictu pertrumpere.  
Sed jam diu me detinet hæc manus. Ecce vero tam pro-  
digiosa manu alligari, cordi non es? Ad vos modo redeo,  
Auditores humanissimi, & meum me dirigo ad scopum, in quem  
primo collimavit oratio. Nonne quod in Achate natura lusit,  
in Almeida expressisse gratiam contuemini? Hoc si quis non vi-  
det, cœcutit: si quis non sentit, obdormit: si quis non sapit,  
insanit. Quid Achates? Omnibus aliorum gemmarum nitoribus  
venustatur? Almeida omnibus aliorum Herorum ornamenti in-  
clarescit. Vidistis alios æstuanti in Deum amore effervescere?  
Efferbuit & Almeida. Alios insignie in homines charitate ex-  
descere? Exarsit & Almeida. Nonnullos ad castitatem fer-  
randam laudabiliter obstinare? Obstinavit & Almeida. Quam-  
pluri-

plurimos pia in se ipsos rigiditate excandescere? Excanduit  
 & Almeida. Quid præterea Achates? Si colores illius seorsim  
 considerenur, gemmæ aliæ, non Achates, ante oculos obver-  
 sati, existimantur? Porro in Almeida si spæctetis cordatos erga  
 Deum aniores, an non alterum Antiochiae Præsulem? Si in ex-  
 plebilem barathro ereptas cœlo inferendi animas contentionem,  
 an non Apostolorum aliquem? Si studium indefesum de can-  
 dido puritatis flore, non Benedictum alterum, alterum ve Fran-  
 cicum? Si miseram in se ipsum carnificinam, an non Egyptiæ  
 solitudinis incolarum aliquem jure optimo dicetis? Maneat igi-  
 tur, quod Achates inter gemmas, hoc esse Almeidam inter bea-  
 toes, & quemadmodum Achates voluptuosius otiantis naturæ  
 monstrum deprædicatur, Almeida prodigiösius indulgentis gra-  
 tiæ miraculum proclametur.

At me incautum Oratorem! Qui cùm suscepserint Almei-  
 dam oratione illustrandum obscuravi, & cùm possem immen-  
 sa illius decora prædicare, attigi propè nulla! Nulla? Tantum-  
 dem. Dixi singulas mortalium virtutes ab Almeida exhiberi  
 nihil dixi. Quò se ulterius tua sanctitas, rò Almeida, extendit?  
 Est amplius, quod referas? Est ultra mortales, quod mortalis  
 effingas? Quidquid supra homines est, aut Angeli, aut Deus  
 est. Et quid Angelos expressisti? Deum adumbrasti. Ita sane:  
 neque aliter variam Achatis venustatem imitaretur ad vivum;  
 cuius lapilli ea est dignitas, ut uni omnium aliarum gemma-  
 rum colores non sufficiant: ille ipse supinatur in colles, pro-  
 cubat in valles, ridet in prata, gemmascit in flores, liquatur in  
 fontes, aspergit in arbores, horret in feras, plumescit in aves.  
 Haud dissimiliter Almeida diffusa per tot heroas decoramen-  
 ta complexus, humanæ naturæ angustiarum impatiens, cœlos  
 penetravit, & beatas illas mentes, Deumque ipsum in se uno  
 delineavit. Mirum narras, & incredibile: in Almeida quid An-  
 gelicum in Divinum: quid in Almeida? Oraculum: nisi proferas,  
 non sequeturs audientium fides Oratorem. Audite, non Dodona-  
 næum, sed Davidicum: Qui facis Angelos tuos spiritus, & mi-  
 nistros tuos ignem: urentem. Quid autem est Angelos esse, nisi  
 velocias, & alatos? Quid est spiritus esse, nisi a terræ conta-  
 gione: emotissimus? Quid igitur esse urentem, nisi evitorum  
 consumendi desiderio restuare? Qui ergo super pennas vento-  
 rum

rum ambulet, qui inter hominum flagitia tuto versetur, qui sancte peccata omnia populetur, Angelus erit? Aiqui huc in Almeida, quis ignoret? Nonne praesentiam tuam non remisit duobus locis, & multarum leucarum itinere a se distitis simul exhibuit, ita egressus subito, & reversus, ut absuile nemini crederetur? Alatus erat, ventos praevolabat. Nonne inter Barbarorum inquinamenta ambulavit, quin illius virtuti magis damno essent, quam lumen Soli, quod illustrari ab eo cum posset, nitori tamen illius afflare quidquam sui non potest? Spiritus erat, nihil corporis patiebatur. Nonne Thyelea Brasilearum convivia evertit, consopita præstigiarum fascino ingenio excitavit, diffluentes luxuria stitit, quo cumque irruerit, quidquid non castum, quidquid non pium planè abolevit? Ignis erat, scelerata omnia helluabatur. Liceat hic igitur exclamare: Homo Ales, novum spectaculum? Homo inquinari nescius. portentum infolens? Homo igneus, speciosum monstrum? Verbo. Homo Angelus, miraculum inauditum? Verum quam inauditum aliis miraculum, tam familiare Almeidæ prodigium: qui tamquam Achates divinæ gratiæ coclo perpolita, & exteram Angelorum dignitatem in se reddidit inspectandam.

Jam verò divinorum vatum antesignani, Isaiae oraculum accipite, ut in Almeida supremum divinitatis schema remini delineatum: Annuntiate quæ ventura sunt, & sciemus, quia Dii estis vos. Itane Deum sapit, quisquis in futuris pronuntiandis non desipit? Itane. O Almeidam! Procul absit, ut veniam tibi deitatem fabulosus adscribam adulator, ast numen adumbratitum, quis sanæ mentis audeat inficiari, cum tibi nihil magis quotidianum fuerit, quam quæ latebant in secessu temporum aperire? Quis, amabo, Loandam urbem Batavorum sub armis diu ingentem, à Lusitanis receptam iri præscivit? Almeida. Quis futuram solentium navigatorum ruinam deploavit? Almeida. Quis mortalium non paucis desperata jam valitudine ad extrema se accingentibus vitam prædixit? Almeida. Quis & si leviter decumbentibus aliis obitum est ominatus? Almeida. Quid multa? Eluctari mihi ex alto facilius sit, quam citò emergere ex hoc immenso vaticinationum Oceano. Rideat jam, quæ olim demirabatur Delphici Tripodis comadentia responsa temere credula mortalitas. Apolline certior

tor Almeida, velut in quadam sublimioris naturæ specula constitutus, non Phrytrhiæ Corcinæ adytis inclusus fundit oracula. Farce quoque, parce vetus fabula Phæbadas vaticinia redditus impiè dementare; sine dementia tandem ventura quæque, eloquitur Almeida. O virum planè maximum! Quem te dicam jam supra homines asflurgentem, cùm Angelorum præstantiam fortiris, jam supra Angelos evolantem, cùm Dei perspicaciam emularis? Dicam te Achatem multò quam Pirrheam pretiosiorrem; siquidem in illa novem Musas cum Apolline artificiosa opificis impresterat industria, in te verò novem Angelorum chochos, cùm Deo ipso, liberale gratiæ expressit ingenium.

Exulta igitur actor, & amplius gloriare societas in Brasilia, quæ tali, tamque præclara gemma meruisti. Jocupletari: Aureum te dixit annulum, cuius gemma eslet Anchieta, Leitanus Brasiliensis Antistes: jam verò non una, sed gemma dupli prodigiorum utraque ingentium patratrix, nobilius quam Gygis, annulus sua illa miraculorum effictrice gemma condecorans. Jacta te quoque Beatum Anchieta in quem hæc omnis gloria, velut fontem refunditur. Te formante conglaciavit hæc gemma. Te poliente sine ullo deformitatis nævo inclaruit. Te cælante omnium virtutum luminibus transluxit. Neque tanto illa nitore fulguraret, nisi à te ipso, qui gemma eras, perpoliretur. Gemmæ facilius gemmis excolluntur, & pulchrius. Ergo Beatissime Lapille Almeida, unum jam illum superaddas cumulum beneficio: Divinæ gratiæ, quo baccatus suaviter concrevisti, rorem hodie nobis instilla, ut additæ tibi aliquando gemmæ aureum Societatis annulum feliciter exornemus.

F I N I S.

IN-

# ÍNDICE

Os numeros mostrão a pagina.

**A** Adaõ. Fey desgraça da soberba humana naõ haver mais que hum Adaõ, pag. 4.

**A** Aguas. He propriedade das águas quando descem reduzidas ou a apertos, ou a clausuras, que quanto mais descem, mais sobem, pag. 197.

**A** Alma. Para huma alma ser penitente na de se fazet com o arrependimento o que fez com a culpa, pag. 2.

He de taõ excessivo preço huma alma, que naõ rejeita o demonio offerecer por ella hum mundo, pag. 248. 249.

**O** demomio dá por huma alma hum mundo: os homens nem se quer por hum mundo daõ huma alma, pag. 249.

E se para com o demonio, que as aborrece, valem tanto as almas, que valerão para com Deos, que as ama? pag. 249.

Diz Christo, que o ama seu Pay Eterno, porque dá a vida pela redempçao das almas, pag. 250. 251.

**E** na verdade se naõ houvera recurso á fé, quem se naõ arrojara a crer, que mais amadas eraõ de Deos as almas, que o Filho, pag. 251.

Vejamos agora com realidade antepostas as almas á mesma Divindade, pag. 253.

E para com os homens tem mais valia o corpo, que a alma, pag. 254.

Tanta vaidade nas galas, tanto dispendio nos regalos, que insinuaõ, senõ que estimamos o corpo, é naõ tratâmos da alma, pag. 254.

Huma alma mais pezada que o corpo he pezo, que levanta até o Ceo, pag. 255.

**A** Altura. Mais segura he a menor altura que a maior: na menor

- poderá haver firmeza, na maior sempre ha queda pag. 227.
- T**odo o cume he pouco seguro; porém o mais alto menos firme, pag. 228.
- A**mante. Nunca melhor atina com os creditos de abrazado, como quando parece, que ama sem tino, pag. 60.
- A**mor. Quem quer amar, lembra-se, quem se esquece, não quer amar, pag. 2.
- H**e hum inferno com fogo sem eternidade, pag. 8.
- A**ntepoem os homens o amor ás Magestades, pag. 229.
- O** amor nunca propoem as cousas como saõ em si, sempre as encareça mais do que saõ; sempre acha no objecto mais excellencias do que elle tem, pag. 230.
- Quantos cuidão que adoraõ diamantes de firmeza, e adoraõ vidro de fragilidade, pag. 230.
- Pintase o amor cego, porque assim como he cego quem não vê o que ha, assim tambem he cego quem vê o que não ha, pag. 231.
- No mundo não se ama no amigo a pessoa do amigo, mas só o interesse do amante, pag. 232.
- No mundo he engano o amor, pag. 238.
- No Céo he verdade o amor, pag. 238.
- A**plausos. Os da fama saõ reclamo de odios, pag. 7.
- A**rrependimento. Na hora da morte mais he arrependimento dos peccados, do que arrependimento do peccador, pag. 18.
- Na outra vida ha se de medir a pena pela culpa, pag. 20.
- A**usencia. A de Maria he para Christo o maior tormento, pag. 87. & 88.
- Na de Christo ainda o mundo parecia mundo; porém na de Maria já o mundo he hum deserto, pag. 96.
- B**ens. Estimar os do proximo he amallos como a nós, e antepor seus males a nóllos bens he amallos mais que a nós, pag. 105.
- B**raços. Achase Christo tanto melhor nos braços de Maria, que será mister como força para admittir o throno do Céo, se o haç

haç de apartar daquelles braços pag. 89. *um levall tripla  
zona* *o* *zism* *o* *meio* *bono* *despacho* *de* *o* *caso* *o* *obo*

**C**astigo. Para que huma Republica seja bem governada ha  
de haver nella premio, e castigo, pag. 137. *um levall tripla  
zona* *o* *zism* *o* *meio* *bono* *despacho* *de* *o* *caso* *o* *obo*

**Ceo.** Para que huma Republica seja bem governada ha  
de haver nella premio, e castigo, pag. 137. *um levall tripla  
zona* *o* *zism* *o* *meio* *bono* *despacho* *de* *o* *caso* *o* *obo*  
Ceo. O mundo pertence a poucos, o Ceo para todos, pag. 232.  
E se a tenda, que Deos armou para noſo agaianno, incia uella  
estimaçao obra de tanto valor, vede que excesso lhe fara o  
palacio, que lavrou para a sua Corte, pag. 222.

Todo o eterno, por pequeno que fosse, excede infinitamente  
ao temporal, por grande que seja, pag. 224. *um levall tripla  
zona* *o* *zism* *o* *meio* *bono* *despacho* *de* *o* *caso* *o* *obo*

Saõ taõ grandes as honras do Ceo, e suas dignidades tao lu-  
garidas, que naõ pode aspirar a mais o mais ambicioso ap-  
petite, pag. 237. *um levall tripla zima* *o* *zism* *o* *meio* *bono* *despacho* *de* *o* *caso* *o* *obo*

A excellencia mayor dò Ceo, que se considera, he, que toda  
esta grandeza seja em presençā do mesmo Deos, pag. 237.

E fer grande diante de Deos, que vantagens faz ao fer gran-  
de entre os homens, pag. 238. *um levall tripla zima* *o* *zism* *o* *meio* *bono* *despacho* *de* *o* *caso* *o* *obo*

E a vista de ser grande diante de quem he grande, que esti-  
maçao merece ser grande quem he pequeno, pag. 238.

A formosura do Ceo naõ he menos, que hum Sol, pag. 239.  
E quem tem dentro em si todo o Sol da divindade, necessaria-  
mente ha de mostrar por fóra luzimentos do Sol, pag. 239.

Naõ saõ menos dignos de estima os goſtos do Ceo, que suas  
honras, seu amor, e sua formosura, pag. 240.

Varias excellencias do Ceo, pag. 240. 241. *um levall tripla zima* *o* *zism* *o* *meio* *bono* *despacho* *de* *o* *caso* *o* *obo*

No Ceo a companhia de tantos ditosos alegra; no Inferno a  
companhia de tantos malaventurados atormenta, pag. 269.  
& 270.

No Ceo o infortunio dos danados serve de augmentar os goſ-  
tos: no Inferno hum dos mais agudos tormentos he a dita  
dos bemaventurados, pag. 270. *um levall tripla zima* *o* *zism* *o* *meio* *bono* *despacho* *de* *o* *caso* *o* *obo*

**Christo.** Todo se empenha em nos amar, pag. 59.

Chegou ao extremo do bem querer, pag. 61. 62.

Tudo ficou suspenso com a esperança da sua morte, pag. 61.

O amor lhe rompeo as maõs, pag. 63.

Ver mais seguro nas mãos de hum demônio pelos ares, do que  
ao lado de homens pela terra, pag. 86.

**M**despedida de Maria foy para Christo o tudo de seus tormentos, pag. 88.

Desde que incarnou até que morreu, não fez outra causa  
mais que obrar finezas por grangear o amor dos homens,  
pag. 22.

Porque na Cruz chamou á Senhora mulher, e naõ Maria, e  
porque naõ lhe chamou Mäy, pag. 92. 93.

Assim como era Santo, também era Rey, pag. 102.

Naõ se queixou da prisaõ, mas do modo della, pag. 100.  
Amou tanto aos homens, que ainda depois de naõ ter alento para vivér, teve alentos para nos favorecer a nós, pag. 115.

Se no Sacramento tomara modo circumscriptivo, sendo repartida a hostia, logo seu corpo ficava partido, e naõ podia ser toda para todos, pag. 163. *Confessores*. Nelles se naõ haõ de admittir validos nem poderem

*Corpo humano. Descrição do corpo humano, pag. 242. O mi-*

O corpo ainda vivo se ha de avaliar por terra. Porque as cousas  
nao ~~so~~ tanto o que sao, quanto o que forao, e o que ha de ser, pag. 242.

Os homens enganados com os resplandores da dita se esquecem das cinzas, e pó da sua natureza, pag. 245.

Q ser do corpo humano he nada! Porque ser, que se ha de acabar, ser, que naõ ha de ser, ainda quando he, já o naõ he, pag. 247.

*Corte. He huma roda arrebatada, onde voltaõ os cortezaõs miseravelmente alegres, pag. 10.*

*Cruz. Diferenças de cruzes a cruzes, pag. 52. Culpas. Deixar aumentar as culpas he querer aumentar as penas.*

As que só a Deos são manifestas, não as publica Deos, pag. 108.

**D**

**D**Eleites. São como a agua do sal, tudo he beber, e tudo he sede, pag. 9.

**D**eos. Não sabe faltar com o gosto, a quem exercitou conta pena, pag. 49.

Conhece as injurias como Deos, e desconhece-as como amante, pag. 90.

Modera os rigores de sua justiça com a benignidade de sua misericordia, pag. 177.

Obra, onde Deos empenha ambas as maos, quem poderá perzar sua grandeza, pag. 222.

**D**esafogo. He morte da pena, pag. 110.

**D**espachos. São hum sim de patrocinados, e hum não de benemeritos, pag. 6.

**D**epedida. A de Maria foy para Christo o tudo de seus tormentos, pag. 88.

**D**ia. Os melhores dias dos homens tem manhã, e tem tarde; manhã de riso, tarde de tristeza, pag. 236.

**D**or. Mais sensivel he a dor de quem se compadece, que a de quem padece, pag. 111.

**E**

**E**ncarnação. Comparase na Escritura ao orvalho, pag. 79.

**E**liquecimento. He morte da affeção, pag. 2.

**E**ternidade. Quem haverá, que peze direitamente a eternidade, e ofenda a Deos? pag. 256.

Que cousa he a eternidade? pag. 266. 267.

Os bens, e os males da outra vida não se experimentão por presentes neste instante presente, tem a tençao toda, que haõ de ter por huma extensão immensa de seculos, pag. 267.

Perservera a eternidade sem mudança, pag. 268.

Que mal pezaõ os homens a vida eterna! pag. 271.

Temor da eternidade, pag. 271. 272.

**Várias consideraçõens da eternidade.** Ibid.

**Excessos.** Porque permite Deos os excessos desordenados, pag.

96.

## F

**Ama.** Devese conservar mais que a vida, pag. 109.

**Formosura.** O que he, pag. 7.

Sua pouca consistencia, pag. 8.

Que cousa he a formosura, senão boas apparencias, e boas cores, pag. 233.

Naõ ha cousa mais caduca, que a formosura, pag. 234.

**Fortunas.** Bastaõ as sonhadas para grangear inimizades verdadeiras, pag. 25.

**Fructos.** Naõ conciliaráõ menos agrado os frutos por virem na conjunçao das ofres, pag. 208.

## G

**Oftos.** Saõ cilada de pezares, pag. 9.

Naõ ha dia de alegria sem sua nuvem, nem flor de contentamento sem seu espinho, Ibid.

Os gostos, e contentamentos, que outra cousa saõ, senão profecias dos pezares, pag. 235.

Naõ ha delicia, que naõ degenera em amarguras; naõ ha gofto, que naõ traga encadeada huma pena, pag. 236.

Nos gostos do Ceo nem ha o fastio da posse, nem a moleſtia da esperança, pag. 168.

**Graça.** He muito facil de alcançar, da-se a quem a quer, pag. 132.

Bem pôde hum homem commetter culpas veniaes, e com tudo ficar em graça de Deos: para perder a graça dos homens, qualquier venialidade basta, Ibid. e 133.

**Efeitos, que causa,** Ibid. & 134.

**H**

**H**omem. Não ha mayor inimigo contra Deos, que o homem, pag. 86.

He o mayor milagre do mundo, pag. 21.

São homens como os rios; assim como estes tem origem no mar, assim os homens tem a origem na terra, pag. 4.

E assim como os rios todos são agua, assim os homens todos são terra, pag. 5.

Todos são mortaes; porém o mais senhor mais mortal que todos, pag. 13.

Na opiniao dos homens estimaõse as couzas de presente pelo que forao de passado; no juizo de Deos estimaõse as couzas de presente pelo que haõ de ser de futuro, pag. 243.

Deos podervos ha dar o remedio, mas o nome do achaque não vo lo haõ de perdoar os homens, pag. 244.

Os homens enganados com os resplandores da dita nos esquecemos das cinzas da nosla natureza, pag. 245.

He tão agradavel aas homens a variedade, que mudar hum tormento em outro lhes causa alivio, pag. 269.

Naõ se pôde crer que os homens naõ tenhaõ algumas razoens para antepor o mundo ao Ceo, pag. 273.

Naõ ha couza que tanto cative o coraçao humano como he ser fantastico hum ser apparente, pag. 274.

He achaque este, que começou com o mundo, pag. 274.

Que tenha mais força o que he apparente para grangear nossos affectos, do que o que he verdadeiro, pag. 275.

Porque os homens do que havia de ser razao do agrado fazem razao do desagrado, pag. 276.

E tambem fazem razao de agrado da mayor razao do desagrado, pag. 276.

Mais força tem para com os homens o que lhe dizem os olhos, do que o que lhe dita a razao, pag. 277.

Mais facilmente se rendem os homens a hum erro dos olhos, do que a hum testimonho de Deos, pag. 281.

Naõ he a duracão das couzas incentivo do affecto humano, a brevir

- brévidade sim, pag. 282.  
 Do ser humano nasce a causa de antepor o menos ao mais, pag. 283.  
 Haver homem, que estime o melhor, he causa muy rara, pag. 284.  
 A malicia humana desordenou tudo, que depondo o entendimento do seu officio faz que a vontade sirva o officio do entendimento, pag. 285.  
 Onde a vontade dá conselho, se estima o que merece ser desprezado, e se despreza o que merece ser estimado, pag. 286.

## I

- I** Greja. Para conseguir de nós o desprezo das cousas da terra, nos traz á memoria a terra do nosso ser, pag. 3.5. 11.  
**Inimigos.** Nelles naõ ha tanto que perdoar, como de que compadecer, pag. 23.  
 Quantas inimizades ha no mundo, todas saõ parto infame da inveja, pag. 27.  
 Os inimigos saõ como as aranhas, que das flores fazem o seu veneno, pag. 27.  
**Injurias.** Saõ mais materia de compaixaõ, que de vingança, pag. 23.  
**Injustiça.** He o veneno, que tempestuosamente revolve o mar das Monarquias, pag. 138.  
**Job.** Se o demonio lhe atara a lingua, teria o mayor tormento em naõ poder queixar-se, pag. 111.  
**S. Josepb.** Grande no Ceo, e soberano na terra, pag. 102.  
 A sua caridade se pareceo com a de Christo, pag. 104.  
 Por isentar a Maria de tormentos offerecesle a trabalhos, pag. 104. 105.  
 Aonde esteve mais fina a sua caridade, pag. 109. 110.  
**Justo.** A morte de hum justo he roubo, pag. 200.  
 Quando a morte leva a hum justo desta vida, como naõ tem direito nelle, faz hum roubo manifesto, leva o que naõ he seu, Ibi.

Maria

**M**

**Maria.** Ab eterno foy prevista para Māy, pag. 73.

Naō tem principio de maternidade, Ibi.

Foy escolhida como o Sol, Ibi.

Naō lhe cabe nunca o nome de Filha, porque sempre he Māy, pag. 74.

Porque lhe calla o Euangelista os pays, pag. 75. 76.

**Ministros.** Apressemse em despachar, para que naō penem os pertendentes em requerer, pag. 173.

**Morte.** Para que nos desenganemos que ha de vir a nosla, naō ha causa mais certa que o passado, pag. 11.

He mais igual em segar, que a natureza em produzir, pag. 12.

Como em matar naō segue a desigualdade da natureza em produzir, da mesma sorte naō guarda com os annos o que a natureza observa com o anno, pag. 15.

A primeira, que houve no mundo, foy a de hum justo, pag. 24.

Nos homens he final de fraqueza, em Deos he abono de sua omnipotencia, pag. 63.

Inclue a vida muitas mortes, e por isto a morte naō se havia de chamar unica, mas derradeira, pag. 260. E que com tantas mortes na vida naō haja quem com ella se desfugane! He porque todos esperamos a morte ao diante, e ninguem adverte que lhe fica já muita parte da morte atraç, pag. 260.

Para ultimo desengano de noslas nescias seguranças mais se se devem temer da morte os moços, que os velhos, pag. 265.

Mais perto está da morte a idade mais florida, que a decrepita, pag. 265.

Quando os peccados abrem a porta, naō sabe tardar a morte, apressarse sim, pag. 267.

**Mudança.** Naō ha causa de muito preço, que naō perca muito de sua estimaçāo, se se acha nella huma de duas condições, ou ser mudavel, ou lograrse como de passo, pag. 216.

**Mundo.** As mayores grandezas do mundo naō passaõ mais que de nome, pag. 6.

Mais facilmente se accomoda com hum máo serviço, do que com huma obrigaçā grande, pag. 43.

Nelle perigaõ mais as grandes obrigaçōes, que os grandes serviços, Ibi.

O mundo com parecer de tanto pézo a muitos, he huma coufa, que peza muito pouco, pag. 210.

He o mundo figura de theatro, pag. 212.

Mentira vista he todo o mundo, pag. 212.

Naõ he mais o mundo que hum momento, pag. 213.

Este mundo pezado com suas mayores glorias na mais ajustada balança, que he a de Deos, que cuidais que he? He nada, pag. 215.

Tantas grandezas, tantas Monarquias do mundo naõ saõ mais que nomes fantaticos sem substancia alguma, pag. 215.

Ha coufa que se logre mais de passagem que o mundo? pag. 216.

Ainda que as grandezas do mundo forao verdadeiras, e naõ apparentes, basta ser o logro de tudo passageiro, e breve para conseguir desprezos, e naõ conciliar aplausos, pag. 217.

Naõ se deve tambem fazer caso do mundo por sua variedade, pag. 218.

Ninguem poem os olhos nos fins do mundo, todos empregaõ a vista nos seus principios, com que engana, e ninguem nos fins, com que desengana, pag. 220.

Os pedaços do mundo como tocaõ a cada hum, por pequenos que sejaõ, pezaõ mais para comnoïco, que os pedaços do Cœo, pag. 226.

Que coufa saõ as dignidades, os postos, os lugares altos do mundo, senaõ precipícios? pag. 227.

O subir no mundo he despenhar, pag. 229.

Que coufa he a mayor prosperidade do mundo, senaõ huma tormenta desfeita? pag. 237.

Engano dos mundanos em pezarem taõ mal o mundo, pag. 241.

## N

**N**ascimento. Em nascer antes, ou depois se distinguem os predestinados da graça, e os predestinados da natureza, pag. 148.

Ser

**Ser mayor.** e nascrantes ha excesso, que faz a natureza, pag. 148.

**Nobreza.** Nas offensas nem ha de ter maos, nem ha de ter vozes, pag. 30.

**Nome.** Assim como nas pedras fundamentaes se costumaõ esculpir letras, em que depois se lem memorias do passado, assim tambem nos grandes homens nos mesmos nomes, que se lhes poem se podem, ler profecias do futuro, pag. 149.

**O**

**Brigaoens.** Com o excesso do merecimento impossibilitaõ a equivalencia do premio, pag. 44.

**Offensa.** Taõ honrados ficaõ os offendidos, quando perdoaõ suas offensas, que naõ saõ filhos de Deos na esfera de humanos, pag. 28.

**Omnipotencia.** Em que se distingue de potencia, pag. 81.

**P**

**Peys.** Os da Senhora porque os calla o Evangelista, pag. 75.

**Peccado.** He como o parto da vibora, pag. 101.

**S. Pedro.** Para passar da rede á mitra, naõ houve mister mais que passar de Simão a Pedro, pag. 6.

**Penas.** Naõ he o mais trabalhoſo ſoffrelas, he o mais terribel callallas, pag. 110.

Naõ ha pena como defesar aquillo, que se naõ pôde conſeguir, pag. 270.

**Penitente.** Ha de o penitente desfazer com o arrependimento o que fez a culpa, pag. 2.

**Pertendente.** Se no pertendente ha meritos, seja o mesmo requerer que alcançar; se naõ ha meritos no pertendente, ſigase o desenganar ao pedir, pag. 174.

**Piedade.** Naõ he bem que seja vulgar a piedade, porque tanta cruidade he perdoar a todos, como naõ perdoar a ninguem, pag. 176.

*Poder.*

- Poder.* A grandeza do poder não está em sujeitar a quem pôde menos, senão pelo menos a quem pôde tanto, pag. 62.
- Portugal.* Tres vezes se mostrou Christo milagroso em favor de Portugal, pag. 155.
- Postos.* São subidas, cujos degraus se vencem a quedas, pag. 7.
- Potencia.* Em que se distingue a potencia de omnipotencia, pag. 81.
- Principe.* Ha de trázer a liberalidade nos olhos, pag. 36.
- O mesmo ha de ser despregar os olhos para ver, que repararem as maos favores para aliviar, Ibid.
- Naõ ha de admittir o Principe á sua graça a quem a quer, senão a quem elle quizer, pag. 123.
- Costumaõ compararse os Principes com o Sol, pag. 130.
- Naõ cuidem que por estarem muito altos, parecem seus vicios mais pequenos, pag. 160.
- Privança.* O que he, pag. 6.
- Procedimento.* Do proprio procedimento se argue muitas vezes o alheyo, pag. 108.
- Prosperidade.* He hum temporal a popa, pag. 7.

## R

- Razaõ.* Onde se encontraõ com os excessos do tempo os dictames da razaõ, bem he que prevaleça a razaõ contra o tempo, pag. 208.
- Vide *Respeito*.
- Republica.* Para ser bem governada ha de haver nella premio, e castigo, pag. 11. 37.
- Respeito.* Mais pôde o respeito que a a razaõ: entregouse Christo á morte, como requeria o respeito, e naõ se conserva a Christo a vida, como aconselhava a razaõ, pag. 184.
- Reys.* Menos ha de gozar hum Rey, do que perderse hum Reyno, pag. 37.
- Como vivem retirados os Reys, o respeito os imagina sempre soberanos, pag. 124.
- Em materia de segredos devem ser mais apertados, que todos, pag. 125.

**Rio.** A grandeza do rio conhecente, na profundidade de suas aguas, pag. 124.

**Riquezas.** São as riquezas marés do Oceano, que para encher as nossas prayas, vaza nas alheas, pag. 9.

**S**egredo. Quanto deve occultarse, pag. 125. 126.

**Sentimento.** Mal pôde discretamente fallar quem chega verdadeiramente a sentir, pag. 189.

**Silencio.** He vida do tormento, pag. 110.

**Sol.** Se o Sol se inclinara sómente a gigante, não fôra Sol, pag. 163.

Quando no Ceo amanhece o Sol, a todos aquenta; quando o Ceo chove, a todos molha, pag. 183.

**V**alidos. Das acçoens dos validos depende sempre a opinião do Rey, pag. 123.

São a base, em que gloriosamente estriba segura a boa fama dos Monarcas, pag. 124.

**Valimento.** No serviço do Ceo pende da vontade propria, pag. 44.

**Vida temporal.** Quem haverá, que peze fielmente a vida, e que peze? Quem haverá, que peze diretamente a eternidade, e ofenda a Deos? pag. 256.

He cousa de tão pouco ser a nosla vida, que pezada attentamente he o mayor desengano de si mesma, pag. 257.

Que he a nosla vida, senão huma cousa fabulosa, huma vida falla? pag. 257.

Tão fôra está de ser verdadeira vida, que nem vida he, pag. 257.

He a vida certo genero de morte, pag. 258.

Porque a vida se não acaba, por isso duraõ annos inteiros as molestias, e huma pena não he tão grave pelo que he,

- quanto pelo que dura, pag. 259.  
 Que cousa mais breve, e passageira, que a nossa vida? pag. 261.  
 David lhe chamou flor, que com a manhã abre, e com a manhã murcha, pag. 262.  
 A vida vay voando em busca da morte, e a morte vem voando em busca da vida, pag. 263.  
 A vida tanto pôde acabar na tarde da velhice, como no meyo dia da mocidade, pag. 263.  
 A vida com nenhuma outra cousa attrahe mais para sua estimação, que com durar pouco, pag. 282.  
**Vingança.** O motivo principal de nosla vingança he sempre o appetite da honta, pag. 28.  
 Só pôde empenharse em vingativo quem se desconhecer autorizado, pag. 30.  
**Vitoria.** Huma vez alcançada a vitoria naõ he profecia infalivel de outras, pag. 152.  
**Vontade.** Aonde vota a vontade, livraõse as culpas, e condenaõse as innocencias, pag. 137.

*Este livro, e os referidos todos saõ modernos, e se vendem na loja de Manoel da Conceição na rna direita do Loreto.*

- H**istoria de Santarem edificada, 2. tom. fol.  
 Dissertações Ecclesiásticas, 2. tom. fol.  
 Memorias Historicas, e descrição de Pariz, 4.  
 Vida da Sereníssima Princeza D. Isabel, 4.  
 Vida do Príncipe D. Theodosio, 4.  
 Vieira abbreviado em discursos moraes, e politicos, 4.  
 Arte legal para estudar a Jurisprudencia, 4.  
 O Secretario Portuguez 3. impressão accrescentado, 4.  
 Elogio do Conde da Ericeira por D. Joseph Barbosa, 4.  
 Vida do Marquez de Louriçal, pelo mesmo Autor, 4.  
 Varios Sermoens, e Elogios pelo mesmo Autor, 4.  
 Lugares communs de letras humanas, 4.  
 Vida do Padre Bartholomeu do Quental, 8.  
 Vida de huma Senhora suavemente regulada, 8.  
 Historia Romana desde a fundação de Roma, 8.  
 Desafio para os mihiños da escola, 8.



